

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Programa de Pós-Graduação em História

Marcelle Danielle de Carvalho Braga

Um mosaico de fatos

Produção e circulação de literatura sobre a escravidão nos Estados
Unidos em meados do XIX - *A Cabana do Pai Tomás* e os romances
anti-tom's

Mariana

2014

Marcelle Danielle de Carvalho Braga

Um mosaico de fatos

Produção e circulação de literatura sobre a escravidão nos Estados Unidos em meados do XIX - *A Cabana do Pai Tomás* e os romances *anti-tom's*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História por Marcelle Danielle de Carvalho Braga. Área de concentração: Ideias, Linguagens e Historiografia

Orientador: Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes

Mariana

2014

B813m

Braga, Marcelle Danielle de Carvalho.

Um mosaico de fatos [manuscrito]: produção e circulação de literatura sobre a escravidão nos Estados Unidos em meados do XIX - *A Cabana do Pai Tomás* e os romances *anti-tom's* / Marcelle Danielle de Carvalho Braga. - 2014. 186f.: il.; color.; grafs.; tabs.; mapas.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História.

Área de concentração: Poder e Linguagens.

1. Escravidão na literatura - Teses. 2. Estados Unidos - História - Teses. 3. Stowe, Harriet Beecher - 1811- 1896 - Teses. I. Fernandes, Venâncio, Luiz Estevam de Oliveira. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 821:326.8

Catálogo: sisbin@sisbin.ufop.br



Marcelle Danielle de Carvalho Braga

"Um mosaico de fatos: Produção e circulação de literatura sobre a escravidão nos Estados Unidos em meados do XIX - A Cabana do Pai Tomás e os romances anti-tom."

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Dr. Luiz Estavam de Oliveira Fernandes
Departamento de História/UFOP

Prof. Dr. Marco Antonio Silveira
Departamento de História/ UFOP

Prof. Dr. Rafael de Bivar Marquese
USP

Agradecimentos

Agradeço ao grande pesquisador, amigo e orientador dessa pesquisa, o prof. Dr. Luiz Estevam. Agradeço por, na graduação, ter aceito minhas ideias vagas e me auxiliado a transformá-las em uma grande bacia hidrográfica, ou seja, destacando objetivos centrais (meu rio principal) e os outros assuntos que contribuem para a pesquisa (os rios afluentes), mas que demandariam outras pesquisas (viagens) para serem explorados como merecem. E agradeço por, no mestrado, ter continuado com a mesma dedicação.

Agradeço a todos os professores que eu tive o prazer de assistir as aulas no ICHS/UFOP. Agradeço ao Departamento de História e à Secretaria de Pós Graduação em História. Agradeço também ao Departamento de Educação, que me acolheu durante o primeiro semestre de 2013.

Agradeço a minha amiga e irmã (Caryne), meus pais, e minha família. Agradeço a meu noivo que teve tanta paciência comigo, principalmente no período da escrita dessa dissertação: por ter me apoiado nos momentos mais difíceis; por todos os momentos alegres. Agradeço aos amigos: Fernanda Bastos, Felipe Alves, Fabricio Pereira e Fabricio Moreira. E agradeço aos amigos tão queridos, que mesmo longe se fizeram tão presente: William Sabino, Bruno Omar, Fábio Baião, Ana Danila Pascoal e Felipe Ferreira.

Agradeço aos professores Dr. Rafael Marquese e Dr. Marco Antonio Silveira, que aceitaram prontamente a solicitação para compor a banca desta dissertação.

Agradeço ainda pelo apoio financeiro da Universidade Federal de Ouro Preto, que possibilitou-nos desenvolver iniciações científicas (na graduação) e a pesquisa de mestrado.

RESUMO

Este trabalho analisou a produção do romance *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, e seu impacto sobre o mercado editorial de meados do século XIX. Para tanto, investigamos, primeiramente, a família Beecher, que já se envolvia com a luta antiescravista e que vivenciou as primeiras discussões sobre o tema com Stowe. Posteriormente, seguimos com a análise do mercado editorial que foi envolvido para a publicação do romance na forma de folhetim e de livro. A análise da obra e de suas publicações permitiu-nos refletir sobre a construção do discurso antiescravista da autora, que agrupamos nos seguintes eixos: questão religiosa e moral, questão biológica e cultural, e questão política e legislativa. Posteriormente, analisamos como a escritora propôs formas de emancipação dos escravos e defendeu a veracidade das histórias que narrava.

O romance causou grande impacto no mercado editorial, estimulando o surgimento de inúmeros romances e outras narrativas que se propuseram a respondê-la. Pensamos a produção desses textos e analisamos o mais vendido entre eles: *Aunt Phillis Cabin*, de Mary Anderson Eastman. E tentamos ler o texto sob os mesmo eixos propostos para o texto de Stowe. Como conclusão, percebemos que tanto o discurso antiescravista quanto o pró-escravista se sustentavam, principalmente, sobre interpretações da Bíblia e sobre a Constituição e a Declaração de Independência.

Palavras-chave: Estados Unidos, romances, escravidão.

Abstract:

This paper analyzed the production of the novel *Uncle Tom 's Cabin*, by Harriet Beecher Stowe, and its impact on the publishing market of the mid-nineteenth century. To this end, we investigate first the Beecher family, already involved with the antislavery struggle and and who experienced the first discussions on the subject with Stowe. Subsequently, we follow the analysis of the publishing market that has been involved for the publication of the novel in the form of serial and book. The analysis of the work and its publications allowed us to reflect on the construction of the discourse of antislavery author, grouped in the following themes: religious and moral issue, biological and cultural issues , and political and legislative issue. Subsequently, we analyze how the writer proposed forms of emancipation of slaves and defended the veracity of the stories narrated.

The novel caused great impact on the publishing market, stimulating the emergence of numerous novels and other narratives that sought to answer it. We think the production of these texts and analyze the best-selling among them: *Aunt Phillis Cabin*, *Mary Anderson Eastman*. And try to read the text under the same axis proposed for text Stowe. In conclusion, we find that both the anti-slavery speech as pro-slavery were sustained mainly on interpretations of the Bible and the Constitution and the Declaration of Independence.

Key-words: United States of America, novels, slavery.

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1: Os Beecher e a abolição.....	14
Capítulo 2 - Mobilizando uma imprensa abolicionista.....	40
Capítulo 3. Atacando a escravidão: um estudo de <i>A Cabana do Pai Tomás</i>	68
Capítulo 4. Surgimento de um comércio	102
Capítulo 5. Adentrando a cabana da tia Phillis.....	126
Considerações finais	155
Referências bibliográficas	160

Introdução

A edição de luxo, fartamente ilustrada, acabara de ficar pronta. *A Cabana Do Pai Tomás* já havia vendido cerca de meio milhão de cópias somente nos EUA e Inglaterra. Ainda assim, apesar do imenso sucesso e repercussão, a autora, Harriet Beecher Stowe, parecia não estar plenamente satisfeita. Pelo contrário, o efeito pedagógico contra as barbáries anticristãs da escravidão que ela havia buscado combater e denunciar com seu folhetim reeditado como livro não fora pleno. Foram publicadas diversas obras que criticavam as ideias propostas no romance, a maior parte delas denunciando como a autora havia distorcido a verdade, falseado os fatos e criado um mundo sulista distante da realidade. Como a verdade estava em jogo, naquele 1853, ela punha o texto *Key to Uncle Tom's Cabin* nas mãos de seu editor, buscando documentar a veracidade do que escrevera nos anos anteriores. O subtítulo era claro nesse sentido: “Apresentando os fatos e documentos originais em que a história foi baseada, juntamente com as demonstrações corroborativas verificando a verdade do trabalho”¹.

Muitas verdades estavam em jogo: o estatuto da escravidão como instituição; o estatuto da verdade em romances; a realidade de vida de um país que se projetava cindido em dois: Sul e Norte. Não era apenas Stowe quem estava discutindo isso. Nas fontes oitocentistas era, por exemplo, recorrente a ideia de que uma linha geográfica delimitaria o predomínio da escravidão nos “estados sulistas” e o predomínio do abolicionismo nos “estados nortistas”. Essa era uma verdade estabelecida muito além do mundo da imprensa. Na legislação nacional, essa linha geográfica existia desde 1787, quando a Ordenança do Noroeste banuiu a escravidão ao norte do rio Ohio e ao leste do rio Mississippi. A prática escravista persistiu nessas áreas proibidas: Nova York só estabeleceu a emancipação final em 1827 e Illinois somente aboliu a instituição em 1848.

O fim da escravidão como instituição no “Norte” era acompanhado de grande tensão em assumir a causa abolicionista. Havia indivíduos no Norte que eram a favor da escravidão e habitantes do Sul que eram contra o escravismo. Principalmente se considerarmos o noroeste, onde havia conflitos constantes. Se-

¹ No original: “Presenting the Original Facts and Documents upon Which the Story Is Founded, Together with Corroborative Statements Verifying the Truth of the Work”.

gundo Luiz Estevam Fernandes e Marcus Vinicius Morais, o território do Kansas (no noroeste) era um espaço de disputa entre esses grupos. E o grupo antiescravista efetivamente negou o Legislativo formado por escravistas, supostamente eleitos ilegalmente, e que foi aprovado pelo presidente. Os opositores da escravidão se separaram, formaram um novo Legislativo e elegeram um novo governador, expondo, assim, uma profunda dissonância dos indivíduos habitantes no estado em relação ao posicionamento do Governo Federal.²

Verdades pétreas para os norte-americanos de meados do século XIX eram matizáveis. O apoio ou a crítica à escravidão ou à abolição eram uma questão mais fluida do que a divisão Norte e Sul deixava entrever. A presença ilegal da escravidão nos estados livres incomodava aos abolicionistas e antiescravistas, mas a ideia de que não haveria um fim previsto para a escravidão nos territórios escravistas desagradava igualmente. Segundo Vitor Izecksohn, a Crise do Missouri (1819-1821) foi um evento importante para perceber um acirramento das tensões entre antiescravistas e pró-escravistas no país. O território do Missouri solicitou sua admissão como Estado escravista em 1819. O pedido em si e a forma como foi feito causaram grande espanto entre os antiescravistas, pois os representantes escravistas sulistas radicalizaram sua defesa da escravidão, deixando o discurso de que a escravidão era um “mal necessário” para defendê-la como um “bem positivo”. Tais eventos alarmaram a opinião pública de que a escravidão não era uma instituição arcaica e não estava condenada a desaparecer. Pelo contrário, seu potencial de expansão se tornava cada vez maior, tanto territorialmente quanto politicamente.³ Conseguimos perceber esse tom na carta de Nicholas Brimblecomb, um leitor de *A Cabana do Pai Tomás*, escrita para Stowe em 1853, que também anseia pela expansão da escravidão:

[...] novas plantações são estabelecidas todos os dias no grande sudoeste [...]. E esta área vasta escravista, espera-se, continuará a aumentar – abarcando não só todo o Texas, mas também todo o Novo México, o imenso território de Utah, juntamente com a metade sul do atual estado livre da Califórnia. Nem é de todo improvável que muitos, se não todos, da República do México,

² FERNANDES, Luiz Estevam de O; MORAIS, Marcos Vinicius de. Os Estados Unidos no século XIX. In: KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam de & MORAIS, Marcus Vinicius. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 130.

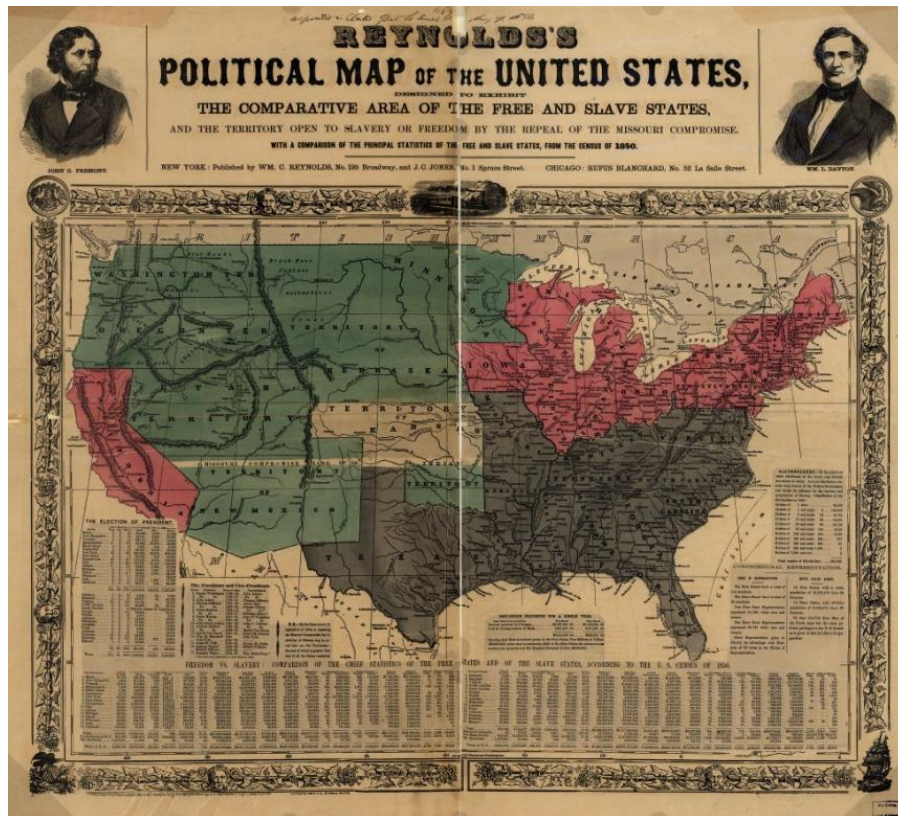
³ IZECKSOHN, Vitor. Escravidão, federalismo e democracia: a luta pelo controle do Estado. In: *Topoi*. Rio de Janeiro, 2003, p. 56-57.

onde a escravidão está agora absurdamente proibida, também todos os outros países do sul da América do Norte, juntamente com Cuba, e outras ilhas das Índias Ocidentais,— irão, num dia não muito distante, ser anexados à nossa república gloriosa; anexação tais tendo como finalidade grandiosa e sublime a propagação e perpetuação dessa instituição feliz [...] ⁴

Stowe tentou problematizar a divisão “Norte e Sul”, pensando o preconceito contra os negros por parte de habitantes da Nova Inglaterra e o antiescravismo de senhores de escravos em Kentucky. Assim, desarranjou de certo modo a delimitação Norte e Sul (como desenvolveremos no capítulo 3). Enquanto alguns pró-escravistas, como Mary Eastman, fortaleceram a ideia de um Norte abolicionista contra um Sul escravista (como veremos no capítulo 5).

Um mapa feito em 1856 pelo recém criado partido republicano, que defendia plataforma antiescravista, foi usado para a campanha presidencialista daquele ano. William Reynolds, o geógrafo que o desenhou, destacou as regiões conforme a distribuição espacial dos estados livres e escravistas. Uma clara delimitação entre um “Norte livre” e um “Sul escravista” é clara, mesmo com a revogação das determinações do Compromisso do Missouri (que aparece como uma linha branca que cruza o mapa em dois no sentido horizontal). O Kansas é destacado pelo autor como um centro de conflito violento sobre a escravidão. Reynolds, ao retratar as áreas livres e as escravas, incluiu tábuas estatísticas para cada estado do país, contendo informações do censo nacional de 1850, o resultado da eleição presidencial de 1852, representação no congresso por estado e o número de escravos de cada localidade. Encimando o mapa, retratos de John C. Fremont e William L. Dayton, os candidatos a presidente e vice para o pleito daquele ano.

⁴ BRIMBLECOMB, Nicholas. *Uncle Tom's Cabin in ruins: Triumphant defense of Slavery! In Series of letters to Harriet Beecher Stowe*. Boston: Charles Waite, 1853, p. 13-14.



William Reynolds. Mapa político de Reynolds dos Estados Unidos, projetado para expor a área comparativa dos estados livres e escravistas e o território aberto à escravidão ou à liberdade pela revogação do acordo de Missouri.⁵ (Litogravura). New York: Wm. C. Reynolds and J.C. Jones, 1856. Disponível em: <http://www.loc.gov/item/2003627003>. Acessado em 08-07-2013.

Esse documento, trazido apenas como um de muitos exemplos que podíamos apontar, construiu uma verdade sobre os EUA dos anos 1850: A crescente secessão que se percebia na própria época entre duas partes do país.

Portanto, destacamos que aceitar a divisão Norte e Sul é sempre arriscado, pois podemos naturalizar um discurso construído na época que teve consequências trágicas. Não desqualificamos esta separação, mas tentamos lembrar que essas fronteiras eram muito flexíveis, pois os indivíduos circulavam e tinham posicionamentos próprios a respeito de sua adesão ao pró-escravismo ou ao antiescravismo. Muitos estadunidenses, todavia, fortaleciam a ideia de que se delimitava progressivamente uma distinção entre as seções Norte e Sul do país, valendo-se de tal plataforma para ataques mútuos, física e moralmente.

⁵ Título original: *Reynolds's political map of the United States, designed to exhibit the comparative area of the free and slave states and the territory open to slavery or freedom by the repeal of the Missouri Compromise.*

A cabana do pai Tomás surgiu quando essas construções já eram difundidas. O romance foi publicado entre 1851-1852 como coluna do jornal *National Era*. Em 1852, a obra foi publicada na forma de livro, o que possibilitou uma maior difusão nacional e abrangência em âmbito internacional.⁶ Segundo Wendy Hamand, o livro vendeu cerca de três mil cópias no primeiro dia de seu lançamento e ao fim do ano excedeu as 300 mil cópias nos EUA⁷. As proporções de seu alcance foram tamanhas que se tornou a obra mais difundida em território americano, perdendo somente para a Bíblia.⁸

Stowe já publicara textos antes desta obra, mas sem o mesmo prestígio e alcance. Todos os seus textos anteriores tinham uma base religiosa, que era comum à família Beecher (como apontaremos no capítulo 1). Seu pai era um dos pastores mais famosos do país e seus irmãos receberam uma educação religiosa fervorosa, tornando-se professores de seminários e se envolvendo em questões políticas, sociais e morais. Stowe foi professora de moral desde os 14 anos e aos vinte e cinco casou-se com um professor de moral, chamado Calvin Stowe.

Na primeira metade do século XIX, religiões se expandiam através dos territórios do Norte e do Sul. Homens e mulheres, brancos e negros se mobilizaram reinterpretando os valores morais em busca do que acreditavam ser o “melhoramento do mundo”. Diversos grupos acreditavam que a sociedade necessitava de reformas para que se tornasse melhor, essas reformas incluíam: a ampliação dos direitos das mulheres, a expansão da educação feminina, a abolição da escravidão,

⁶ É possível vislumbrar essa recepção internacional por fontes como a *Uma carta carinhosa e cristã de muitas milhares de mulheres da Grã-Bretanha e Irlanda para suas irmãs, as mulheres dos Estados Unidos da América (An Affectionate and Christian Address of Many Thousands of Women of Great Britain and Ireland to Their Sisters, the Women of the United States of America)*. Essa carta articulava o tema da escravidão na América e refletia sobre a responsabilidade da Inglaterra frente a legitimação da instituição – enquanto nação que introduziu esse tipo de trabalho nos Estados Unidos. Segundo Wendy Hamand, tal documento conseguiu reunir meio milhão de assinaturas de mulheres inglesas e não-inglesas. (HAMAND, Wendy F. "No Voice from England": Mrs. Stowe, Mr. Lincoln, and the British in the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 61, No. 1 (Mar., 1988).IN: <http://www.jstor.org/stable/365218>. Acessado em: 10/11/2010, p. 04).

⁷ HAMAND, Wendy F. "No Voice from England": Mrs. Stowe, Mr. Lincoln, and the British in the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 61, No. 1 (Mar., 1988).IN: <http://www.jstor.org/stable/365218>. Acessado em: 10/11/2010, p. 03.

⁸ MALHEIROS, José Victor. O livro que levou ao fim da escravatura americana, de Harriet Beecher Stowe. In: *Colecção Geração: Livros que ajudam a crescer*. 2005. IN: <http://static.publico.elix.pt/sites/coleccaoujuvenil/livros/33.cabanapaitomas/texto3.htm>. Acessado em: 30-04-2010., s/ página.

a redução ou proibição do consumo de bebida alcoólica, a expansão da religião para as novas terras do oeste, entre outras.⁹

Diversos grupos reformistas apoiavam tais causas com métodos ou justificativas que, muitas vezes, os dividiam em subgrupos independentes. Por exemplo, dentro do grupo que se opunha à escravidão encontram-se abolicionistas imediatistas e antiescravistas que defendem a abolição gradual da instituição.¹⁰ Celia Maria Marinho Azevedo (2003) distingue anti-escravismo¹¹ e abolicionismo, sendo que o primeiro seria uma “postura mais generalizada de oposição a escravidão”, que não necessariamente se engajava na luta para sua abolição. Enquanto o segundo teria um cunho mais ativista, envolvendo-se diretamente na crítica à escravidão, almejando a abolição imediata ou gradual.¹² Essa divisão será interessante para diferenciarmos o nível de engajamento dos agentes frente à escravidão ao longo de nosso texto.

Mas, em alguns casos, diante do quadro de reformismo, secessão e debates acirrados que começamos a esboçar, houve indivíduos que oscilaram entre os dois tipos de envolvimento. Harriet Beecher Stowe, por exemplo, escreveu *A cabana do pai Tomás*, falando abertamente da necessidade da abolição e sendo tomado como um documento abolicionista pelo próprio editor do livro (ver capítulo 2). Mas ela própria, como veremos, se recusava a ser chamada como tal, sendo bastante moderada nos meios que considerava legítimos para atingir a meta do fim da escravidão.¹³

Nos Estados Unidos de meados do século, a imprensa aumentava substancialmente sua produção. Religiosos publicavam constantemente suas obras e estimulavam debates políticos já existentes. Os abolicionistas, por exemplo, multipli-

⁹ Entre elas se destacam: Lydia Maria Child (1802-1880), Sojourney Truth (1797-1883), Angelina Grimké (1805-1879), Elizabeth Cady Stanton (1815-1902), Lucretia Coffin Mott (1793-1880), Susan Brownell Anthony (1820-1906), Lucy Stone (1818-1893), Antoinette Brown Blackwell (1825 - 1921), Julia Ward Howe (1819-1910).

¹⁰ Ver: FERNANDES, Luiz Estevam de O; MORAIS, Marcos Vinícius de. Os Estados Unidos no século XIX. In: KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam de & MORAIS, Marcus Vinícius. *Estados Unidos; a formação da nação*. São Paulo: Contexto, 2007; FRANKLIN, John Hope; MOSS, Alfred A. Jr. *Da Escravidão à Liberdade: A História do Negro Americano*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda., 1989; SELLERS, Charles. MAY, Henry. McMILLEN, Neil. *Uma Reavaliação da história dos Estados Unidos: De Colônia a Potência Imperial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

¹¹ O termo pode surgir na historiografia em geral como “antiescravismo” ou “anti-escravismo”.

¹² AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil: uma história comparada* (século XIX). São Paulo: Annablume, 2003, p. 34.

¹³ GRAHAM, Thomas. Harriet Beecher Stowe and the Question of Race. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 46, No. 4 (Dec., 1973), pp. 614-622. IN: <http://www.jstor.org/stable/364818>. Acessado em: 03/02/2011, p. 620.

cavam os debates a respeito das crueldades do tráfico interno de escravos, a insalubridade e a frieza da separação das famílias escravas¹⁴, publicando seus posicionamentos em forma de livros e colunas de jornais.¹⁵ A Sociedade Antiescravista Norte-americana (ASS), fundada em 1833, por exemplo, publicou 122 mil itens em 1834 e 3 milhões de itens até 1840. Em 1838, já havia 1.346 organizações antiescravistas locais no chamado Norte. Somente no ano de 1835 ocorreram 46 tumultos relacionados à escravidão, onde 35 foram contra os abolicionistas, e 11 foram reações aos alarmes de insurreições.¹⁶

E essa politização progressiva dos grupos não se desenvolveu sem resistência. O sentimento anticatólico se tornou forte em alguns lugares da União: em Somerville (Massachusetts), por exemplo, o convento das freiras Ursulinas, sofreu ataques de uma multidão protestante em 1834 e foi incendiado.¹⁷ Muitos editores foram perseguidos e tiveram suas prensas queimadas por sublevações da população. Aqueles que ofereciam palestras contra a escravidão não conseguiam alugar salões facilmente, e a segurança não era garantida. Sendo que nem mesmo as mulheres estavam imunes à reação popular.

O governo federal também não proporcionava auxílio, e, pelo contrário, estabeleceu uma norma que recebia e arquivava as petições contra a escravidão tornando-as pendentes por tempo indeterminado. Essa norma foi estabelecida pela

¹⁴ O tráfico interno era o que realmente abastecia essas *plantations*, principalmente, após a proibição do tráfico internacional de 1807 (lei federal). Segundo Marquese, no período entre 1820 e 1860, ele causou de 60% a 70% do movimento interestadual de escravos no sul, sustentando-se dos cativos em excesso dos estados exportadores: Virginia, Maryland, Kentucky, Carolina do Norte e Carolina do Sul. (MARQUESE, Rafael. *Feitores do corpo, Missionários da Mente: Senhoras, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660- 1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 341) Segundo Ira Berlin, esse comércio interno de escravos gerou tamanha circulação demográfica que reduziu as especificidades regionais, tão característica do século XVII e XVIII, restringindo até mesmo as maiores diferenças do sentido norte-sul. (BERLIN, Ira. *Gerações de cativo: Uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 202)

¹⁵ São inúmeros os livros publicados pelos abolicionistas: John Brown, William L. Garrison, Gerrit Smith, Lydia Maria Child, Sojourner Truth (que tinha nascido na escravidão, com nome Isabela), entre outros. Além de relatos de escravos fugidos ou libertos, como Solomon Northop.

¹⁶ DRESCHER, Seymour. O fim da escravidão na América inglesa. *Abolição*. São Paulo: editora UNESP, 2011, p. 431 e 433.

¹⁷ FRANCHOT, Jenny. *Roads to Rome: The Antebellum Protestant Encounter with Catholicism*. University of California Press, 1994, p. 138. O pai de Harriet, Lyman Beecher, no sábado à noite antes do evento, havia professado três sermões anticatólicos em três igrejas diferentes para grandes públicos em Boston, que ficava perto da cidade do ocorrido.

Câmara de Deputados em 1836 e foi chamada de “Norma da Mordaça” pelos abolicionistas.¹⁸

Conforme Seymour Drescher, os tumultos violentos contra a produção antiescravista e abolicionista não conseguiram extinguir a produção de literatura abolicionista, sendo que muitas vezes serviu para estimular essa produção, como no caso de Edward Beecher, irmão de Harriet Beecher (ver capítulo 1). As publicações abolicionistas e antiescravistas inundavam o Sul e rompiam a linha imaginária entre estados livres e escravistas nesse período, até que uma multidão queimou publicamente a primeira remessa postal dessa literatura nortista em Charleston. Assim, foi estabelecida uma orientação política de que cada estado poderia bloquear a circulação que julgasse ameaçar a ordem pública, alimentando a já existente irritação popular contra a censura.¹⁹

A liberdade de investigação e de expressão nos Estados Unidos estava suspensa naquela metade de século em que Stowe escreveu sua obra magna. Aqueles que se mostraram contrários à escravidão eram frequentemente expulsos dos estados sulistas. As faculdades e os meios de comunicação foram usados para defender veementemente a escravidão. Multiplicavam-se as publicações de ensaios, poemas e canções favoráveis à instituição.²⁰

Para que pudéssemos analisar quais balizas esse romance estruturou para deslegitimar a escravidão, de modo a edificar um discurso que mobilizava elementos já presentes em seu momento histórico, foi preciso considerar os debates que já ocorriam no seio da família Beecher e também no jornal e na editora onde o romance foi publicado. Sendo assim, no capítulo 1, pensamos a família Beecher e sua forma de lidar com a questão da abolição, pois acreditamos que este contato familiar, com indivíduos que possuíam opiniões diferentes sobre as formas de se acabar com a escravidão, auxiliou a autora a pensar a sua própria forma de lidar com o tema. Já no capítulo 2, levantamos a posição política sustentada pelo editor do jornal (Gamaliel Bailey) e pelo editor do livro (John Jewett), buscando também o público alvo das publicações, ou seja, os grupos que constituíam os possíveis leitores de Stowe.

¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 181

¹⁹ DRESCHER, *Op. Cit.*, p. 434.

²⁰ FRANKLIN, John Hope; MOSS, Alfred A. Jr. *Da Escravidão à Liberdade: A História do Negro Americano*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda., 1989, p. 191-192

Retomar as publicações, as posições políticas e os espaços de produção ajuda-nos a pensar o texto de Stowe, pois impactaram a construção dos espaços e dos personagens, e as reflexões levantadas tanto pelo narrador quanto pelos personagens. Nesse sentido, pretendemos recorrer a essas relações, não com a intenção de traçar uma relação causal entre este e o romance, mas a fim de compreender o que circundava a autora e poderia ser interpretado e apropriado em sua escrita. Pois, como todo discurso está fundado no real, os fatores externos são, segundo Michel De Certeau, inapagáveis da construção da escrita:

Certamente não existem considerações (...) nem leituras (...) capazes de apagar a *particularidade* do lugar de onde eu falo e do domínio por onde conduzo uma investigação. Essa marca é indelével. No discurso onde faço representar as questões gerais, essa marca terá a forma *do idiotismo*: meu dialeto demonstra a minha ligação com certo lugar.²¹

A historiografia sobre *A Cabana do Pai Tomás* destaca a valorização da obra pelos grupos antiescravistas, porém é importante pensar que ela foi amplamente lida por pró-escravistas, que perceberam o sucesso do romance e a multiplicação de subprodutos da obra (como a progressiva publicação de resenhas e a constante realização de dramatizações em teatros e menestréis²²). Os adversários de Stowe sentiram a necessidade de se posicionar sobre a “mania de *Uncle Tom*”, como escreveu Sarah Meer (2005). Assim, muitas respostas ao romance e à autora começaram a surgir no país desde 1852.

Essas fontes foram escritas, principalmente, em formato de livros (romances, cartas à autora) e de colunas de jornal (cartas editoriais e cartas de leitores), além de dramatizadas em espaços públicos. Tendo em vista o grande volume de publicações dessa sorte, levantado por esta pesquisa, foi preciso estabelecer recortes. Decidimos trabalhar com as respostas a *A Cabana do Pai Tomás* em forma de romance na década de 1850. Pois as obras literárias poderiam ser vistas como uma forma de aproximação do debate mais amplo que se desenvolvia nos Estados Uni-

²¹ DE CERTEAU, Michel. A operação histórica. In: LE GOFF, J e NORA, P. História: Novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 17.

²² Nos estados Unidos oitocentista, as apresentações teatrais que satirizavam a imagem dos negros eram conhecidos como “Menestréis”. Elas ocorriam, geralmente, em lugares públicos e tinha grande audiência. Os atores pintavam seus corpos de preto, dançavam e cantavam, fortalecendo estereótipos. (Ver mais em: MEER, Sarah. Copycat Critics: the Anti-Tom Novel and the Fugitive Slave. In: *Uncle Tom Mania: Slavery, minstrelsy & Transatlantic Culture in the 1850's*. University of Georgia Press, 2005).

dos oitocentistas: a questão da escravidão e a questão de como a verdade poderia aparecer num texto ficcional. Sem o desejo de se trabalhar com a adequação do discurso, mas a maneira como eles canalizaram esses importantes debates.

E, ainda assim, o volume era muito extenso (mais de duas dezenas de textos) para ser trabalhado no tempo disponível em uma pesquisa de mestrado. Realizamos um levantamento prévio sobre cada romance²³ e fizemos a leitura de alguns deles para podermos verticalizar as análises. Percebemos que muitas obras foram publicadas pelas mesmas editoras. Logo, julgamos que seria interessante e importante pensar esse mercado editorial sobre o qual as obras estavam ancoradas, percebendo o movimento feito pelas editoras para atingir esse mercado tão interessado no romance de Stowe.

Desenvolvendo isso, o nosso interesse de compreender o debate que estava mobilizando toda essa sociedade e esse mercado ficaria parcialmente perdido se não conseguíssemos perceber o romance que mais se destacou entre todos os escritos. E observamos que o texto mais citado na própria época era *Aunt Phillis Cabin* (1852), de Mary Henderson Eastman, que também foi o mais vendido entre eles. E seguimos em uma análise aprofundada de questões semelhantes às que fizemos à obra de Stowe, que seguem no capítulo 5.

No capítulo 3, verticalizaremos a análise da obra *A Cabana do pai Tomás*, segundo sua versão disponibilizada no site *Uncle tom's cabin and the american culture*, que corresponde a 1ª edição do romance no formato de livro. Para que o leitor consiga acompanhar a discussão, traremos, em um primeiro momento, uma sinopse da obra. Posteriormente, pensaremos algumas balizas que Stowe usou para criticar a escravidão: a questão religiosa e moral, a questão da herança biológica e cultural dos negros e dos brancos; a questão política e legislativa; a questão da emancipação dos escravos; as imagens criadas do Sul.

No capítulo 4, pensaremos o comércio editorial que surgiu em torno da obra de Stowe e, principalmente, a série de romances de resposta à autora. No capítulo 5, analisaremos a obra *Aunt Phillis Cabin* (1852), de Mary Henderson Eastman, que se propõe, desde o prefácio, a ser uma resposta a *A Cabana do Pai Tomás*. A autora se propõe a defender o Sul das imagens criadas por Stowe, tendo em vista o sucesso progressivo da nortista. Assim, o capítulo pensa balizas que

²³ Segue no anexo 2 uma tabela com todos os romances levantados.

Eastman fez uso para apoiar a escravidão e se defender dos ataques de Stowe, fazendo uma reflexão sobre os lugares de fala da autora, que envolvem os estados de Minnesota e Virgínia.

Com isso buscamos nessa dissertação compreender um debate que opunha antiescravistas e pró-escravistas nos Estados Unidos em seu momento mais efervescente, através das obras de Stowe e de Eastman e do mundo editorial que as circundava. Lembrando que essas escritoras tentavam defender verdades através do romance, em oposição a um discurso que afirmavam ser falso. Ou seja, Stowe já dialogava com outros pró-escravistas no momento da escrita e apresentava uma verdade. Enquanto Eastman se opunha à verdade colocada por Stowe, grande parte da sociedade oitocentista decidiu acolher o discurso de Stowe como verdadeiro, mas outra parte, embora menor, também se identificou com as defesas de Eastman. Nesse sentido, partimos da premissa do filósofo Michel Foucault que nos lembra que essa delimitação do que é considerado verdade é, em si, uma construção social, na qual estão envolvidas coerções e jogos de poderes. Segundo Foucault:

(...) A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.²⁴

A colocação de Foucault serve bem aos debates entre abolicionistas e pró-escravistas desta primeira metade do século XIX. Pois, apesar das justificativas utilizadas por ambos os lados serem, muitas vezes, baseadas em interpretações bíblicas (defendendo o emprego de leis divinas sobre o mundo dos homens), a forma de usar o texto bíblico é “deste mundo”, ou seja, as autoras partiam de sua posição e suas relações com a escravidão para edificar suas próprias verdades. Nesse período, a sociedade se dividia entre os tipos de discursos que legitimavam como verdadeiros, ou seja, como representantes de seus interesses. E, desta forma,

²⁴ FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2008, p. 10.

cabe-nos pensar que estes textos disputam poder dentro da sociedade e contra uma seção do país, e como romances poderiam fazer parte da enunciação de verdades, ainda que escritos sob o signo da ficção.

Segundo Jacques Rancière, a ficção não precisa ser imitação ou reprodução exata do real, diferente do que afirma a visão aristotélica. Isso não significa uma irrealdade, mas somente “elaborar estruturas inteligíveis”. Ou seja, o autor da literatura articula os atos e linguagens disponíveis em seu momento histórico e oferece um sentido para a interpretação da realidade.²⁵ Assim, é possível compreender a afirmação de Stowe de que *A Cabana do Pai Tomás*:

foi uma coleção e arranjo de incidentes reais, das ações realmente realizadas, de palavras e expressões muito pronunciadas, agrupados com referência à um resultado geral, da mesma forma que os grupos de artistas de mosaico montam seus fragmentos de várias pedras em uma imagem geral. Os deles são mosaicos de pedras preciosas - este é um mosaico de fatos.²⁶ ii

Ao afirmar que seu romance era um “mosaico de fatos”, Stowe admitia que rearranjava acontecimentos, ações e expressões, de modo a oferecer um sentido para todos esses elementos presentes nos Estados Unidos oitocentistas. E para unir todas essas fontes e para amenizar a escravidão procurou refúgio na imaginação, não buscando mentir sobre o que acontecia no Sul, mas tentando demonstrar formas de relações entre senhores e escravos nas fazendas.²⁷

Nesse sentido, como propôs Roger Chartier, para pensar a chamada nova História Cultural, pensaremos como Mary Henderson Eastman, enquanto leitora da obra de Stowe, deu sentido aos textos de que se apropriou. Tentando perceber que a leitura dela e a produção de seu romance também ofereciam formas de compreender o texto de Stowe.²⁸

Considerando que as fontes selecionadas foram produzidas por mulheres, tentamos não trabalhá-las como apartadas da história dos homens, mas ressaltando que a história se fez pelas relações entre todos, homens e mulheres. Tentamos

²⁵ RANCIÈRE, Jacques. Se é preciso concluir que a história é ficção. Dos modos da ficção. *A partilha do sensível*. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009, p. 53.

²⁶ STOWE, Harriet Beecher. *A Key to Uncle Tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett & CO.; Cleveland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington; London: Low and Company, 1853, p. 05.

²⁷ RANCIÈRE, *Op. Cit.*, p 59.

²⁸ CHARTIER, Roger. A nova história cultural existe? In: LOPES, Antônio Herculano; VELLOSO, Mônica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: FCRB/7 Letras, 2006, p. 34-35.

também fugir de essencialismos, para que pudéssemos refletir sobre a multiplicidade existente entre mulheres, como as brancas e mestiças, livres e escravas, pobres e ricas, escravistas e antiescravistas, etc., valorizando as propostas políticas destas enquanto agentes históricos e autoras. Mas sem ignorar que, politicamente, as mulheres brancas propunham e assumiam o papel de estender características que acreditavam ser da maternidade sobre a sociedade, ou seja, assumindo que tinham um dever, diferente do dos homens, de aconselhar e apaziguar tensões entre os Estados, estimulando a paz e as virtudes da nação, como uma mãe faz com seus filhos.²⁹

Por fim, cabe ressaltar que todas citações de fontes ou da historiografia apresentadas no corpo do texto serão traduzidas pela autora da dissertação. Sendo que as fontes serão, sempre que possível, referentes as suas primeiras edições. *A cabana do Pai Tomás* será aqui citada em sua primeira versão na forma de livro, e não do folhetim. Desta forma, o original em inglês seguirá em nota de fim, para que o leitor possa acompanhar as próprias palavras dos autores em sua língua original.

²⁹ SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: editora UNESP, 2011.

Capítulo 1: Os Beecher e a abolição

Lyman Beecher e sua família vivenciaram de perto as discussões acaloradas sobre a abolição da escravidão nos Estados Unidos e se posicionaram publicamente quanto à questão em jornais e em cartas públicas. Antes da questão escravista se tornar tão forte nos Estados Unidos, Lyman Beecher já considerava o tráfico de escravos moralmente repugnante e tinha orgulho de sua região o ter abolido sem derramar sangue, depois da Guerra de Independência.³⁰ Ele estava determinado a agir sobre a nova nação e se tornou um dos mais famosos clérigos anglicanos do início do século XIX.³¹

Lyman teve sete filhos: William, Edward, George, Henry Ward, Charles, Thomas e James; e quatro filhas: Catharine, Harriet, Mary e Isabella. Todos seguiram a carreira de educadores e pastores e publicaram inúmeras obras, sendo que Catharine e Isabella se destacaram nas lutas pela ampliação dos direitos femininos e Henry e Harriet foram os mais famosos na luta pelos direitos dos negros. Assim, os filhos de Lyman Beecher demonstraram em seus trabalhos compartilharem de muitas de suas ideias e serem resistentes a muitas outras.

Posicionamentos sobre a escravidão: Lyman Beecher

De acordo com Earl Thompson Jr., Lyman Beecher assumiu um posicionamento contra a escravidão (antiescravismo) que oscilou entre o radicalismo e uma perspectiva mais moderada, entre a década de 1820 e a década de 1840. Tais mudanças de posicionamento levaram a historiografia a muitos equívocos, enfatizando determinados eventos e negligenciando outros, de modo a torná-lo ou muito radical ou indiferente em relação à causa abolicionista.³²

³⁰ THOMPSON Jr., J. Earl. Lyman Beecher's Long Road to Conservative Abolitionism. In: *Church History*, Vol. 42, No. 1 (Mar., 1973), pp. 89-109. Published by: Cambridge University Press on behalf of the American Society of Church History. IN: <http://www.jstor.org/stable/3165048>. Acesso em: 03/09/2013, p. 93.

³¹ HEDRICK, Joan. Introduction. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe reader*. Ed. Oxford University Press, 1999, p. 2.

³² THOMPSON Jr., *Op. Cit.*, p. 90-91.

Para compreender o envolvimento de Lyman Beecher frente à questão antiescravista, Thompson dividiu a vida de Beecher em 3 fases: 1ª) sua postura como apoiador da colonização; 2ª) como mediador entre abolicionistas e os colonizadores (membros da Sociedade); 3ª) como abolicionista conservador, em Cincinnati, Ohio. Sendo que essas fases não são completamente separadas entre si e se intercalam em vários momentos.

1) Apoiador da colonização

A Sociedade Americana de Colonização está presente em todas as fases da vida de Beecher. Ela foi criada em 1816, e seu objetivo inicial era assentar negros livres dos Estados Unidos na Libéria, África³³, com o consentimento dos negros e com a cooperação do governo federal. Incluiu políticos conhecidos local e nacionalmente³⁴, concedendo prestígio e reconhecimento público à Sociedade.³⁵ De acordo com John H. Franklin e Alfred A. Moss, esta sociedade contou com o auxílio do governo federal e de governos estaduais para a execução das viagens e também para a orientação da opinião pública. Muitos agentes da Sociedade circularam o país em busca de recursos financeiros e tentaram convencer negros libertos dos benefícios da emigração.³⁶ Até 1830, a Sociedade Americana de Colonização havia assentado 1420 negros na Libéria³⁷.

Lyman Beecher fez sua primeira contribuição para a colonização quando era pastor em Litchfield (Connecticut), entre 1810 e 1826, agindo como consultor de um missionário, Samuel J. Mills.³⁸ Mills entrou para Sociedade nos primeiros anos desta, levantando fundos para outros missionários e sociedades benevolentes

³³ YAREMA, Allan E.. Preface and Acknowledgements. In: *American Colonization Society: An Avenue to Freedom?* University Press of America, 2006, p. vii.

³⁴ Como: o Secretário do Tesouro William Crawford, o coronel de Nova York Henry Rutgers, John Eager Howard, Samuel Smith, John C Herbert de Maryland, John Taylor da Carolina, Andrew Jackson do Tennessee. (Idem, ibidem, p. 19)

³⁵ Idem, ibidem, p. 18-19.

³⁶ FRANKLIN, John Hope; MOSS, Alfred A. Jr. *Da Escravidão à Liberdade: A História do Negro Americano*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda., 1989, p. 172-173.

³⁷ Idem, ibidem, p. 173.

³⁸ THOMPSON Jr., *Op. Cit.*, p. 92.

da Nova Inglaterra. Ele estabeleceu auxiliares em Baltimore, Filadélfia e Nova York, os três centros comerciais mais ricos da região nordeste no período.³⁹

Em 1826, Lyman foi para Boston e passou a ter um papel mais ativo no movimento, e se comprometeu a auxiliar a Sociedade Americana de Colonização no estado de Massachusetts.⁴⁰ Em 1832, mudou-se para Cincinnati, Ohio, e, segundo Thompson Jr., continuou pregando em favor da causa até o fim da década de 1840.⁴¹ Ele defendia a colonização como uma forma de abolir gradualmente a escravidão, de modo pacífico e seguro sem ameaçar a propriedade privada. A Libéria seria um lugar que possibilitaria aos negros conquistar sua liberdade civil e religiosa, e, segundo ele, libertá-los-ia da vida miserável que a escravidão lhes impunha. A Sociedade também estimulava que os próprios senhores de escravos manumitissem seus escravos.⁴²

Lyman Beecher afirmava que o tráfico de escravos era “desumano” e “o maior dos males sobre a terra”. Segundo Thompson Jr., o pastor percebia que a escravidão estava destinada a acabar na América e em todos os lugares até o fim do século XIX e, assim, iniciar-se-ia uma nova era. Ele acreditava que havia uma série de elementos econômicos, sociais e políticos que já convergiam para este fim. Entre eles, destacava: “o desenvolvimento científico e liberal, a extensão dos princípios republicanos da sociedade civil, a liberdade religiosa e os avanços do cristianismo protestante através dos missionários”. Ele também acreditava que a Sociedade Americana de Colonização estava exercendo grande impacto na sociedade como um todo e que conseguiria ser a solução para os problemas da falta de lugar para os negros nos EUA.⁴³

Interessante observar que a escravidão realmente foi abolida naquele século. Os últimos países a aboli-la foram Cuba (1886) e Brasil (1888). Portanto, muitos indivíduos do período já percebiam as fraquezas da instituição como fenômeno global, não somente nacional. Mas destacamos que o patriarca da família deixa entrever que a escravidão já estava ameaçada antes mesmo da guerra civil. E com isso Lyman também estava desacreditando na capacidade de expansão da escravidão no país, mesmo que no interior do Sul crescessem vertiginosamente as cultu-

³⁹ YAREMA, *Op. Cit.*, p. 35.

⁴⁰ THOMPSON Jr., *Op. Cit.*, p. 92.

⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 92.

⁴² THOMPSON Jr., *Op. Cit.*, p. 93-94

⁴³ Idem, *ibidem*, p. 93-94

ras de tabaco, açúcar e, principalmente, algodão, alavancando um brutal comércio de escravos⁴⁴. As novas tecnologias intensificavam a plantação. E, com a expansão da cultura algodoeira para Louisiana, Mississippi e Alabama (no sudoeste), havia se formado uma forte economia no denominado *cottonbelts* (cinturões algodoeiros).⁴⁵

O pastor também afirmava que a escravidão era mais cara e menos produtiva do que o trabalho livre.⁴⁶ Essa era uma estratégia comum no período, mas não tem respaldo na historiografia. O historiador Dale Tomich (2004) apontou em seus estudos que a escravidão era um sistema lucrativo, que as tecnologias implantadas para as *plantations*, a instalação de ferrovias e o uso dos navios a vapor tornou o sistema ainda mais próspero. Sendo que entre 1845 e 1860 o interior Sul instalou mais milhas de estrada de ferro do que a Nova Inglaterra e o Sul litorâneo juntos.⁴⁷ Assim, a escravidão se expandia para o interior do sul de modo lucrativo.⁴⁸

O pastor e a Sociedade de Colonização ressaltavam que os libertos viviam em situação miserável no país, vítimas da pobreza, ignorância e corrupção moral. E duvidavam da possibilidade de um futuro digno para os negros na América.⁴⁹ Por outro lado, temiam que o aumento da população de cor, sem a melhoria de sua condição social, pudesse gerar rebeliões. Pois o preconceito racial dos brancos era um obstáculo praticamente intransponível.⁵⁰ O patriarca temia que o sentimento de cautela da população aumentasse, principalmente depois da revolta de Nat Turner⁵¹, acreditando na possibilidade de mais revoltas.⁵²

⁴⁴ Sobre a expansão dos territórios escravistas e o funcionamento da escravidão no Sul dos Estados Unidos: GENOVESE, Eugene D. *O Mundo dos Senhores de Escravos: dois ensaios de interpretação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979; FRANKLIN, John Hope; MOSS, Alfred A. Jr. *Da Escravidão à Liberdade: A História do Negro Americano*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda., 1989; BERLIN, Ira. *Gerações de cativo: Uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Record, 2006; MARQUESE, Rafael. *Feitores do corpo, Missionários da Mente: Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660- 1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁴⁵ MARQUESE, Rafael. *Feitores do corpo, Missionários da Mente: Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660- 1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 337-338.

⁴⁶ THOMPSON Jr., *Op. Cit.*, p. 94.

⁴⁷ Divisões espaciais criadas por Ira Berlin, consultar mapa disponível no Anexo I.

⁴⁸ TOMICH, Dale. A segunda escravidão. In: *Pelo Prisma da Escravidão. Trabalho, capital e economia mundial*. São Paulo: Edusp, 2004, p. 92.

⁴⁹ THOMPSON Jr., *Op. Cit.*, p. 94.

⁵⁰ Idem, *ibidem*, p. 95.

⁵¹ Nat Turner (1800-1831), um escravo no condado Southampton na Virginia. Ele interpretou um eclipse solar como um sinal divino de que deveria liderar um movimento contra seus opressores. Nos dias 21 e 22 de agosto de 1831, quarenta escravos devastaram plantações próximas e mataram

Beecher afirmava que a Providência Divina interveio ao direcionar os europeus para a colonização da África. Em retorno, os estadunidenses deveriam ensinar aos libertos o Evangelho, para que os negros pudessem exportar as instituições e os valores da civilização e dos protestantes.⁵³ Esses pensamentos foram objeto de reflexão em *A Cabana do pai Tomás*, escrito por Stowe (fato que trataremos no capítulo 3).

Mas é importante destacar que essa ideia de libertação dos escravos e do envio destes para a África aparece nos discursos dos Beecher sobre uma imagem de benevolência, de amor cristão. A aparente docilidade do discurso humanitário e de cuidado com o próximo, ao mesmo tempo, excluía os negros da sociedade norte-americana assim que eles deixassem de ser úteis à economia escravista, permitindo que os Estados Unidos fossem um país unicamente para brancos e povoado por cidadãos brancos. Essa ideia mantém uma semelhança direta com a ideia de civilização debatida no século XIX, que, segundo Reginald Horsman, sustentava que o progresso somente seria possível através da dominação de um povo civilizado, sendo necessária uma raça superior que pudesse ensinar os “rudimentos da civilização” para os povos não civilizados. Essa visão defendia a ideia de que Deus traria a civilização através da raça caucasiana.⁵⁴ Pensamento que também sustentou a ideia de que havia uma baixa probabilidade da raça negra conseguir elevar-se na presença da raça branca, ou seja, que, enquanto houvesse brancos, os negros seriam dominados, mesmo que não houvesse mais escravidão.⁵⁵

2) Mediador entre abolicionistas e colonizacionistas

Em Cincinnati, um desentendimento profundo entre colonizacionistas e abolicionistas imediatistas instalou-se no mesmo período em que o pastor mudou-

mais de sessenta brancos. Surgiu um período de terror, onde brancos mataram negros por medo de novas revoltas, cerca de duzentos negros foram mortos em um ano. A rebelião instigou um profundo debate sobre a escravidão. (OATES, Stephen B.. *The Fires of Jubilee: Nat Turner's Fierce Rebellion*. Harper Collins , 2009).

⁵² THOMPSON Jr., *Op. Cit.*, p. 94.

⁵³ Idem, *ibidem*, p. 96.

⁵⁴ HORSMAN, Reginald. *Race and Manifest Destiny*. Harvard University Press , 1981, p. 169

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 274.

se para lá. Depois da publicação de *Thoughts on African Colonization* (Reflexões sobre a Colonização Africana), de 1852, de William Lloyd Garrison, encadeou-se uma troca de críticas severas entre os grupos. Beecher começou a acreditar que o abolicionismo tinha problemas que poderiam fazê-lo perder sua credibilidade pública.⁵⁶

Lyman Beecher considerava o tráfico de escravos “desumano” e “o maior dos males sobre a terra”⁵⁷, mas abandonou esses termos quando tais linguagens tornaram-se diretamente relacionadas com a corrente abolicionista, designada como imediatismo. Assim, tentando se desvencilhar desta associação, Beecher passou a ser mais cauteloso, dizendo que a escravidão era errada, que constituía um grande pecado para toda a nação, e que todos compartilhavam desse pecado.⁵⁸

Ressaltamos que essa ideia de que a escravidão era um pecado, em oposição ao afirmado por Thompson Jr., foi amplamente usada pela ala radical, e foi a base do pensamento de William Lloyd Garrison, por exemplo, considerado radical pela historiografia e por seus contemporâneos. Na “Declaração de Sentimentos” (“Declaration of Sentiment”), publicado no jornal editado por ele, consta: “Nós acreditamos que a escravidão é um pecado – sempre, onde quer que seja, e tão somente um pecado – pecado em si mesmo [...] pecado, na natureza do ato que a cria e nos elementos que a constituem [...]”.⁵⁹ iii Segundo Celia Maria Marinho de Azevedo, esse trecho é parte do documento que foi aprovado pelos abolicionistas que se reuniram em 1835 para organizar a Sociedade Contra a Escravidão de Ohio.⁶⁰

Como a Sociedade Abolicionista publicava pelo jornal *The Philanthropist*, editado por James Birney, em Cincinnati,⁶¹ é muito provável que Lyman e Stowe, que moravam na cidade, tivessem conhecimento de que os abolicionistas usavam a ideia de que a escravidão era um pecado. Por outro lado, vivia-se uma tensão, em que se compartilhavam ideias com os abolicionistas, mas não necessariamente se compartilhava a defesa das medidas a serem tomadas contra a escravidão. E Harriet Beecher também perpetuou a ideia de que a escravidão era errada e consti-

⁵⁶ THOMPSON Jr., *Op. Cit.*, p. 98.

⁵⁷ Idem, *ibidem*, p. 93.

⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 93.

⁵⁹ Declaration of Sentiment. IN: *Liberator*, may 16, 1835, vol 5, n. 1, p. 78. Disponível em: <http://fair-use.org/the-liberator/1835/05/16/the-liberator-05-20.pdf>. Acesso em: 20-02-2014.

⁶⁰ AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil: uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003, p. 43.

⁶¹ http://www.ohiohistorycentral.org/w/Ohio_Anti-Slavery_Society?rec=938.

tuía um grande pecado para toda a nação, pecado o qual todos os estadunidenses responderiam no dia do juízo final (desenvolveremos isto no capítulo 3).

Em 1833, Lyman Beecher tentou mediar os conflitos entre abolicionistas e colonizacionistas, pedindo a cessação das hostilidades. Temia que o conflito pudesse dividir as associações beneficentes, escolas e seminários. Assim, tentou manter a unidade de sua Igreja e escolas, prezando pela harmonia entre os reformadores. Buscou uma cooperação entre os diversos membros do protestantismo evangélico, para que todos lutassem por uma causa comum. Para Beecher, Deus sempre teria intervindo na sociedade por Providência e teria enviado tanto abolicionistas quanto colonizacionistas para libertar os negros.⁶²

De acordo com o historiador Fergus Bordewich (2009), Cincinnati era uma cidade que, até 1834, caracterizava-se por sentimentos pró-sul, ou seja, a favor das convicções políticas dos sulistas – dentre elas a defesa da instituição escravista. Porém, no ano indicado, abolicionistas imediatistas começaram a estabelecer uma base mais organizada para realizar operações de auxílio para fuga de escravos. O Seminário Teológico de Lane⁶³ foi palco das discussões destas movimentações, local onde foi realizado um debate sobre a escravidão que se estendeu por nove dias em 1834. Nessa época, Lyman Beecher era o primeiro presidente do Seminário e também se envolveu nas discussões. Os participantes, segundo Bordewich, convenceram grande parte do corpo discente – incluindo vários filhos de donos de escravos – da necessidade da abolição imediata. Nos debates, estimulavam a formação de escolas e o trabalho social nos bairros da cidade habitados por grande número de negros, visando à criação de uma base de igualdade racial.⁶⁴

Segundo Thompson, Beecher temia que seu Seminário perdesse a boa reputação, perdendo os contribuidores e comprometendo o fluxo de matrículas.⁶⁵ Os alunos começaram a defender que dever-se-ia tratar os negros como pessoas iguais aos brancos, o que, entre outras defesas, estimulou uma tensão crescente na cidade, de parte dos habitantes brancos, que ficaram enfurecidos com o Seminário

⁶² THOMPSON Jr., *Op. Cit.*, p. 98-99.

⁶³ Era uma escola presbiteriana de treinamento para ministros, financiada pelos irmãos Tappan de Nova York, os quais já eram a favor da abolição.

⁶⁴ BORDEWICH, Fergus. *Bound for Canaan*. HarperCollins Publishers, 2009, p. 131.

⁶⁵ THOMPSON Jr., *Op. Cit.*, p. 99-100.

Lane. Nesse período, Lyman teve que viajar para o Leste para levantar dinheiro para o Instituto e o Seminário ficou sob a responsabilidade dos curadores.⁶⁶

Para evitar os perigos iminentes de violência dos habitantes de Cincinnati e reabilitar o Seminário aos olhos do público, os administradores do Lane buscaram reprimir as atividades dos alunos e dos professores frente o tema da abolição.

⁶⁷ Os curadores ordenaram o fim de tais discussões, o que gerou grande incômodo entre os ativistas. Logo, dezenas de estudantes saíram do Seminário e foram para o Oberlin College, mais ao norte de Ohio⁶⁸. Esse instituto era dirigido por um religioso que esteve constantemente em choque com as ideias de Lyman (Charles Finney).⁶⁹ No novo lugar, formou-se o núcleo de uma das mais ardentes comunidades do noroeste dos Apalaches organizadas para auxiliar a fuga de escravos.⁷⁰ Segundo Joan Hedrick, quando Beecher voltou, tentou, em vão, estabelecer uma reconciliação entre as partes.⁷¹

O Seminário ficou com uma reputação muito negativa depois do ocorrido. Os jornais abolicionistas denunciavam as ações dos curadores como um ataque à liberdade de expressão. E, nos anos seguintes, a reputação ficou ainda pior. Em 1835, Lyman Beecher foi acusado de heresia pela ala rigorosa do calvinismo e foi compelido a se defender em um julgamento, interno a esfera eclesiástica, frente ao presbitério de Cincinnati. O principal acusador foi o Reverendo Joshua L. Wilson (da Primeira Igreja Presbiteriana de Cincinnati, líder da expansão da Antiga escola para a região), que questionou a ortodoxia de Beecher. Entre as acusações, destaca-se que ele sustentava a “doutrina da perfeição”.⁷²

A doutrina do perfeccionismo cristão sustentava que os cristãos deveriam se esforçar para a perfeição, em todos os atos, sentimentos e pensamentos.⁷³ Os adeptos do Perfeccionismo cristão afirmavam, entre outras coisas, que todos os males sociais eram atos individuais de egoísmo. Para tanto, o dever do reformador

⁶⁶ HEDRICK, *Op. Cit.*, p. 103.

⁶⁷ THOMPSON Jr., *Op. Cit.*, p. 99-100.

⁶⁸ As discussões ocorridas no Lane Seminary e no Oberlin Seminary geraram documentos que estão disponíveis no link: <http://www.oberlin.edu/external/EOG/LaneDebates/Resources.html>. Acesso em 24/04/2013.

⁶⁹ HEDRICK, *Op. Cit.*, p. 103.

⁷⁰ BORDEWICH, *Op. Cit.*, p. 131.

⁷¹ HEDRICK, Joan. *Harriet Beecher Stowe: a life*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1994, p. 103.

⁷² *The Christian Examiner*, vol. 19, Boston: Charles Bowen; London: Rowland Hunter, and RJ Kennett, 1836, p. 117.

⁷³ APPLGATE, Debby. *The Most Famous Man in America: The Biography of Henry Ward Beecher*. 2007.

era educar os indivíduos nos modelos considerados de bom comportamento. Acreditavam que as pessoas deveriam ser convertidas e deveriam realizar as condutas corretas para que pudessem formar a sociedade perfeita. Os reformadores realizaram conversões em massa por meios educacionais, buscando o autoaperfeiçoamento individual. E quando um número suficiente de pessoas tivesse “visto a luz”, automaticamente todos os problemas sociais do país seriam resolvidos.⁷⁴

Uma das apropriações de Lyman Beecher desta corrente religiosa foi a ênfase na capacidade dos indivíduos de responder ao Evangelho, se opondo a ideia da Antiga Escola, que insistia que homens e mulheres pecadores não tinham essa capacidade espiritual.⁷⁵ A confiança na capacidade de homens e mulheres para escolher a salvação minou a Antiga Escola do calvinismo e, ao mesmo tempo, reforçou um otimismo sobre a possibilidade de melhoria social e religiosa.⁷⁶

Os filhos de Beecher também se apropriaram desta corrente para justificar reformas sociais. Catharine, por exemplo, enfatizava a educação feminina como meio de se alcançar a ampliação do espaço de agência das mulheres na sociedade, com esta meta gerenciava um instituto de educação feminina, o Western Female Institute, aberto em 1833. O julgamento de Lyman e a Revolução no Seminário Lane prejudicaram a instituição, que acabou perdendo alunas. A elite de Cincinnati se afastou e prejudicou o apoio que o instituto recebia. Incapaz de atrair alunos, o instituto de Catharine faliu em 1837.⁷⁷

De acordo com o sociólogo Alvin J. Schmid (2009), Catherine apoiou o pai, mas Harriet apoiou os dissidentes, sendo a favor das ideias de Theodore Weld, marido de Angelina Grimké. Stowe inclusive teria usado, segundo a historiografia, o livro de Weld, intitulado *Escravidão como ela é: testemunho de mil testemunhas*⁷⁸ como fonte para escrever *A Cabana do Pai Tomás*.⁷⁹

⁷⁴ THOMAS, John. Romantic Reform in America, 1815-1865. In: *American Quarterly*, Vol. 17, No. 4 (Winter, 1965), pp. 656-681. Published by: The Johns Hopkins University Press. IN: <http://www.jstor.org/stable/2711125>. Acesso em: 08/10/2013.

⁷⁵ HALL, Timothy L.. *American Religious Leaders*. Infobase Publishing, 2003, p.23.

⁷⁶ HALL, Timothy L.. *American Religious Leaders*. Infobase Publishing, 2003, p.23.

⁷⁷ PORTNOY, Alisse. *Their Right to Speak: Women's Activism in the Indian and Slave Debates*. Harvard University Press. Cambridge, London, 2005, p. 186-187.

⁷⁸ WELD, Theodore. *Slavery as it is; testimony of a Thousand Witnesses*. New York: The American Anti-Slavery Society, 1839.

⁷⁹ SCHMIDT, Alvin J.. *How Christianity Changed the World*. Zondervan, 2009.

3) Abolicionismo conservador

Com a “revolução de Lane”, nome pelo qual o ocorrido ficou conhecido, L. Beecher começa a se questionar se seria possível ser um mediador entre abolicionistas e colonizacionistas e quais os benefícios e malefícios desta posição política para o Seminário. Depois do evento de 1834, passou a tomar medidas contra os imediatistas. E demonstrar ideias que foram posteriormente chamadas por Robert Merideth de “abolicionismo conservador”.⁸⁰ Para Thompson Jr., Lyman Beecher preenche os cinco fatores que o autor considera fundamentais para delimitar o abolicionismo conservador: 1) A cautela de não perturbar o sistema, acreditando na persuasão moral como forma de convencer os senhores de escravos a emancipar seus escravos, de forma gradual e pacífica; 2) Pensar um país racialmente homogêneo, ou porque os negros não conseguiriam desfrutar de um futuro digno ou porque não consideravam os negros iguais aos brancos; 3) Não acreditar que a escravidão era sempre um pecado pessoal, pois o tratamento afetuoso dos escravos redimiria esse pecado; 4) Acreditar que a Bíblia era indubitavelmente um documento antiescravista; 5) a busca pela purificação das igrejas dos efeitos da escravidão, e que, depois de purificadas, as igrejas poderiam abolir a escravidão.

81

Se nós abalizarmos as defesas de Stowe perceberemos que ela também poderia ser compreendida como uma abolicionista conservadora. Thomas Graham aponta que Stowe se recusava a ser chamada de abolicionista e que também incentivava os negros a irem para a África, e lá estimularem o crescimento de uma “civilização cristã”, mantendo uma esperança romântica de liberdade em “terras exóticas”. E ela apontava especificamente para a Libéria como o melhor destino para os negros estadunidenses, assim como a Sociedade Americana de Colonização e seu pai apontavam.⁸²

Em *A Cabana do Pai Tomás*, os personagens negros que foram libertos do cativoiro e que receberam uma boa instrução religiosa foram para a Libéria. No

⁸⁰ THOMPSON Jr., *Op. Cit.*, p.103.

⁸¹ Idem, *ibidem*, p. 104.

⁸² GRAHAM, Thomas. Harriet Beecher Stowe and the Question of Race. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 46, No. 4 (Dec., 1973), pp. 614-622. IN: <http://www.jstor.org/stable/364818>. Acessado em: 03/02/2011, p. 620.

novo país, os libertos passariam o conhecimento religioso adquirido na América para toda a África, levando a civilização, no mesmo sentido em que discutimos acima, de que a raça superior é responsável por levar a civilização às demais. A nova nação não deveria se preocupar em planejar uma nova forma de organização, ou uma nova república. Somente deveria aplicar os virtuosos modelos americanos. O personagem George Harris, escravo fugido de Kentucky, afirmou em carta, no romance:

Uma nação começa, agora, com todos os grandes problemas da vida republicana e da civilização [...] que ela não tem que descobrir, mas apenas aplicar. Vamos todos, então, tomar posse em conjunto [...] e ver o que podemos fazer com esta nova empresa, e com todo o continente esplêndido da África abre diante de nós e de nossos filhos. Nossa nação deve navegar a maré da civilização e do cristianismo ao longo de suas margens, e plantar lá repúblicas poderosas.⁸³

Na década de 1850 a Sociedade Americana de Colonização se dissolveu⁸⁴. Segundo Thompson, a Sociedade percebeu que a causa que defendia era maior do que imaginava e que eles necessitariam de mais recurso financeiro do que conseguiriam angariar.⁸⁵ Assim, em 1851-52, *A Cabana do pai Tomás* lutava por uma causa que já estava enfraquecida, pois a maior organização voltada para este fim já havia se desintegrado. O personagem George Harris oferecia a ideia de que na Libéria os negros estariam entre iguais e possuiriam uma grande missão cristã. O país seria uma possibilidade de formação de uma “nacionalidade africana” aos negros nascidos na América. George afirmou em sua carta:

O desejo [...] da minha alma é o de uma nacionalidade africana. [...]
Onde, então, devo procurar? Nas costas da África, eu vejo uma república [...] Para lá eu desejo ir, e encontrar um povo para mim.
[...] Eu tenho um pregador eloquente do Evangelho sempre ao meu lado [...] O seu espírito suave [...] mantém diante dos meus olhos a vocação cristã e a missão da nossa raça. Como um pa-

⁸³[...] A nation starts, now, with all the great problems of republican life and civilization [...] it has not to discover, but only to apply. Let us, then, all take hold together [...] and see what we can do with this new enterprise, and the whole splendid continent of Africa opens before us and our children. Our nation shall roll the tide of civilization and Christianity along its shores, and plant there mighty republics [...] (STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin, or, life among the lowly*. London: George Routledge & Co., 1852, p. 302).

⁸⁴ FRANKLIN E MOSS, *Op. Cit.*, p. 173-174.

⁸⁵ THOMPSON, *Op. Cit.*, p. 91.

triota cristão, como um professor do cristianismo, eu vou para o meu país, meu escolhido, a minha gloriosa África! [...] ⁸⁶

Harriet e seu pai ou ignoraram ou não sabiam que havia uma antipatia generalizada por parte dos negros contra a ideia da colonização. Na convenção de 1853, por exemplo, os representantes da Sociedade Americana e Estrangeira Anti-escravista apontavam que parte significativa dos libertos do país se sentia parte dos Estados Unidos e não se identificavam com a África. Segundo Rafael Marquese, os escravos do país naquele período eram, majoritariamente, naturais da América, portanto, não se tratava de africanos importados pelo tráfico ilegal a serem repatriados⁸⁷, mas de escravos que estavam há muitas gerações no país, contribuindo para o crescimento deste e nunca haviam visto terras africanas. Segundo Thomas Graham, um dos representantes da Sociedade na convenção pediu a Stowe para que, se ela fosse reescrever o romance, que ela não enviasse os negros livres para a África. Porém, ela escreveu *Dred* em 1856 e novamente defendeu a colonização. ⁸⁸

Portanto, podemos perceber que para os moderados, como Stowe e seu pai, os negros continuavam “africanos”, ou seja, não americanos. E os estadunidenses deveriam ajudá-los por compaixão, não como concidadãos; como seres moralmente superiores pelas circunstâncias históricas, os brancos deveriam ajudar os negros a construírem sua própria nação. Mesmo que a maioria dos escravos nos EUA e no romance *A Cabana do Pai Tomás* tenha nascido e crescido nos EUA.

E, por outro lado, também percebemos que o debate entre colonizacionistas e imediatistas/radicais continuava intenso, com ampla vendagem das obras de Stowe e de Garrison (entre outros), malgrado a Sociedade Americana de Colonização tivesse sido extinta e representantes dos libertos tenham se posicionado contra as ideias de colonizar a Libéria.

⁸⁶"The desire [...] of my soul is for an African *nationality*. [...]

"Where, then, shall I look? On the shores of Africa I see a republic [...] There it is my wish to go, and find myself a people. ⁸⁶

[...] I have an eloquent preacher of the Gospel ever by my side [...] her gentler spirit [...] keeps before my eyes the Christian calling and mission of our race. As a Christian patriot, as a teacher of Christianity, I go to *my country*,—my chosen, my glorious Africa! [...] (STOWE, *Op. Cit.*, p. 304).

⁸⁷ MARQUESE, Rafael. *Feitores do corpo, Missionários da Mente: Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660- 1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 241.

⁸⁸ GRAHAM, *Op. Cit.*, 620-621.

Os irmãos Beecher e a escravidão

A partir deste momento, tentaremos demonstrar algumas coordenações entre os Beecher e a questão da abolição. Destacando que os Beecher estavam cientes das ações e publicações uns dos outros e isso os impactava, fazendo-os refletir sobre sua própria posição frente ao abolicionismo e/ou emancipação gradual.

George Beecher entrou para a Sociedade Americana Antiescravista (SAA) em 1836.⁸⁹ Enquanto Edward Beecher entrou para a SAA depois de um famoso acontecimento que envolveu seu amigo Elijah Lovejoy, em 1837. Lovejoy era editor do jornal *St. Louis Observer*, na cidade de St. Louis (Missouri), que publicava a favor da luta abolicionista. Devido ao descontentamento popular com as publicações de Lovejoy, o editor mudou-se para Alton (Illinois)– e mudou o nome do jornal para *Alton Observer*. Na nova cidade também encontrou forte resistência, suas instalações foram destruídas duas vezes por motins populares. E, nas duas vezes também encontrou suporte popular para reconstruir seu jornal. Quando ele instalava sua terceira gráfica em Alton, emergiu um terceiro e mais violento motim popular contra sua propriedade, no qual os amotinados trocaram tiros com o editor, matando-o baleado.⁹⁰

Frisamos que Illinois era um estado livre e Alton era rota das fugas dos escravos que fugiam pela *Underground Railroad*.⁹¹ Assim, ressaltamos que embora a historiografia ou as próprias fontes criem, muitas vezes, uma polarização entre Norte abolicionista contra Sul escravista, essa interpretação não é justa com os atritos gerados nas regiões. Nem todos os nortistas eram abolicionistas, nem sequer todos os sulistas eram escravistas.

⁸⁹ HEDRICK, Joan. *Harriet Beecher Stowe: a life*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1994, p. 104.

⁹⁰ EMERY, Edwin & EMERY, Michael. *The press and America: an interpretative History of the mass media*. New Jersey, 1984, p. 179.

⁹¹ As cidades Alton, Chester e Quincy – próximas ao Rio Mississipi – eram as três comunidades principais que serviam como pontos de fuga do estado do Missouri. Alton dispunha de várias casas para os fugitivos. John J. Dunphy traça as três rotas mais comuns usadas pelos fugitivos, em: DUNPHY, John J.. *Abolitionism and the Civil War in Southwestern Illinois*. The History Press, 2011, p. 50-52.

Mapa 1

Underground Railroad



Fonte: Underground Railroad. Disponível em: http://jbdnp.org/Sarver/Maps/us_history_maps.htm. acesso em: 08-04-2014.

Edward Beecher havia visto Lovejoy um pouco antes do incidente fatal. Sobre o assunto, o irmão de Harriet Beecher Stowe escreveu o livro *Narrative of riots at Alton*, e foi publicado em Alton. Na obra, Beecher aponta Lovejoy como “o primeiro mártir da América para os grandes princípios da liberdade de expressão e de imprensa”. E contrapõe o evento a imagem do país como uma terra de liberdade e igualdade de direitos.⁹² Ao trazer o incidente ressaltamos o quão arriscado era ser editor de um jornal abolicionista na primeira metade do século XIX, ao mesmo tempo em que destacamos a proximidade do irmão de Harriet Beecher com o abolicionista radical.

⁹² BEECHER, Edward. *Narrative of riots at Alton*. Alton: G. Holton, 1837, p. 04.

Em 1838, Edward se tornou diretor da Sociedade Antiescravista de Illinois.⁹³ Já Harriet e Henry Beecher se posicionaram contra a escravidão depois do motim ocorrido em Cincinnati contra a gráfica de James Birney. Birney era um sulista, morador de Kentucky, que se converteu à abolição e libertou seus escravos no início da década de 1830. Ele entrou para a Sociedade Americana Antiescravista, mas por um período manteve seu apoio em segredo, pois preferiu assumir sua posição somente depois de sair do estado a fim de evitar grandes alarmes. Em 1836, mudou-se para New Richmond, Ohio, e se envolveu com as publicações do jornal *Philantropist*⁹⁴. Mesmo na cidade onde a escravidão era proibida, teve que fugir duas vezes às pressas porque foi ameaçado por parte da população que era pró-escravista. Em abril de 1837, foi para Cincinnati, onde continuou com as publicações antiescravistas. Uma multidão atacou seu escritório em 12 de julho daquele mesmo ano.⁹⁵

Em 21 de julho de 1836, foi publicada uma carta de Stowe, sob o pseudônimo de ‘Franklin’, no jornal *Cincinnati Journal and Luminary*, que estava sob a direção de seu irmão Henry Ward Beecher. Nesta carta fictícia, “Franklin” conta para o editor uma conversa que teve na mesa de jantar com um amigo. Assim segue o diálogo entre um “eu” – que assina como Franklin – e o “Sr. L__”. O último defendia que as publicações de Birney eram atos de radicalismo, que deveriam ser parados, mesmo que fosse com uso de violência. Franklin progressivamente desconstruía as ideias do Sr. L__, de modo a defender que toda a argumentação do Sr. L__ ia de encontro ao direito estabelecido na Constituição de que “todo homem no estado pode falar, escrever, imprimir e publicar seus próprios sentimentos sobre qualquer assunto”⁹⁶. E que nenhuma lei poderia distinguir o que poderia ser dito do que não poderia ser dito. Pois, deste modo, toda instituição e todo ato humano estariam sujeitos à possibilidade de sublevação.⁹⁷

⁹³ HEDRICK, Joan. *Harriet Beecher Stowe: a life*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1994, p. 109.

⁹⁴ Gamaliel Bailey assumiu o jornal *Philantropist* em 1838, quando James Birney desistiu. (HEDRICK, *Op. Cit.*, p. 206). Bailey, posteriormente, tornou-se editor do *National Era* (publicado entre 1847-1860), onde foi publicado *Uncle Tom's Cabin*.

⁹⁵ HEDRICK, *Op. Cit.*, p. 105.

⁹⁶ “every man in the state may speak, write, print and publish his own sentiments on any subject [...]”

⁹⁷ FRANKLIN [Harriet Beecher Stowe]. To the editor of the *Cincinnati Journal and Luminary*. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe reader*. New York. Oxford: Oxford University Press 1999, p. 49-51.

No período dos eventos e da publicação, o marido de Harriet, Calvin Stowe, estava na Inglaterra e a esposa manteve um diário enviado ao marido mensalmente para mantê-lo informado de seu cotidiano. Stowe afirmou no diário que considerava a sua carta no *Cincinnati Journal and Luminary* bastante leve. Afirma ter projetado o diálogo para chamar a atenção para um longo editorial de Henry Ward Beecher, no qual ele adensaria o assunto Assim, a epístola seria uma parte pequena, porém reflexiva, de um todo maior. Assegura em carta que queria que o pai, Lyman Beecher, estivesse presente para poder fazer um de seus sermões.⁹⁸ Stowe escreveu em carta sobre os eventos ocorridos na cidade:

"De minha parte, eu posso ver facilmente como esse processo poderá fazer conversões para o abolicionismo, as minhas simpatias já estão fortemente alistadas para o Sr. Birney, e espero que ele permaneça firme e faça valer os seus direitos. O escritório é à prova de fogo e encerrado por muros altos. Eu gostaria que ele encarasse, com homens armados e visse o que poderia ser feito. Se eu fosse homem, eu iria, sem dúvida, e cuidaria bem de pelo menos uma janela. [...]"⁹⁹

Embora na carta, Stowe aponte para sentimentos abolicionistas, posteriormente ela negou ser uma abolicionista. (trataremos disto mais adiante). Todos os jornais da cidade se silenciaram frente os eventos ocorridos e as questões suscitadas pelo jornal de Henry Beecher, com exceção de *Gazette*. Naquela noite de sábado, a multidão espalhou os pertences da editora, jogou as prensas no rio e voltou para destruir o escritório. A turba se dirigiu, então, para as residências de Bailey e Birney, mas eles não estavam em casa. Stowe ressalta que o prefeito assistiu em silêncio a todos os eventos. O escritório do *Gazette* foi ameaçado e o jornal de Henry B. seria o próximo. Os revoltosos também teriam mencionado o Seminário Teológico Lane como possível ponto de ataque. Na terça feira de manhã, a cidade começou a se mover para abrandar as movimentações, com o mandado legal do prefeito, que aprovava até o uso de violência para pacificar as ruas. Por

⁹⁸ STOWE, Charles Edward (ed.). Chapter IV. *Life of Harriet Beecher Stowe*. Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1890.

⁹⁹ "For my part, I can easily see how such proceedings may make converts to abolitionism, for already my sympathies are strongly enlisted for Mr. Birney, and I hope that he will stand his ground and assert his rights. The office is fire-proof, and inclosed by high walls. I wish he would man it with armed men and see what can be done. If I were a man I would go, for one, and take good care of at least one window. [...]" (STOWE, Charles Edward (ed.). Chapter IV. *Life of Harriet Beecher Stowe*. Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1890)

um dia ou dois foi uma “guerra à faca”, onde até Henry Beecher saiu às ruas para patrulhar. Mas, logo, as movimentações se abrandaram.¹⁰⁰

Em 1838, Stowe teve outro contato com a questão abolicionista. Seu irmão William Beecher e sua esposa Katherine viviam em Putnam, Ohio, cidade que tinha intensa circulação de jornais abolicionistas. Nesse ano, Stowe foi visitar o irmão e pôde ler os jornais abolicionistas que corriam na região, mantendo contato com a Sociedade Feminina Antiescravista, que, segundo Hedrick, ela julgou muito radical, acreditando que a sociedade precisava de algo mais intermediário.¹⁰¹ Porém neste meio tempo ocorrem os debates entre Catharine Beecher, irmã de Harriet Beecher Stowe, e Angelina Grimké.

Debate entre Catharine Beecher e Angelina Grimké

Catharine Beecher e a abolicionista Angelina Grimké¹⁰², esposa de Theodore Weld, foram dois grandes ícones dos Estados Unidos no que diz respeito à luta pela ampliação dos direitos das mulheres. Na segunda metade da década de 1830, elas se envolveram em uma grande discussão na imprensa sobre o papel das mulheres na questão escravista. Devido ao conteúdo dessas discussões, acreditamos que seja importante levantar alguns pontos trabalhados nessas publicações, pois muitos deles retornaram na escrita de Stowe.

Tanto os Beecher quanto Grimké partiam de pressupostos bíblicos para defender determinadas condutas dos homens e das mulheres na sociedade. A forma de interpretar e a ênfase em determinadas passagens possibilitaram apropriações

¹⁰⁰ STOWE, Charles Edward (ed.). Chapter IV. *Life of Harriet Beecher Stowe*. Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1890.

¹⁰¹ HEDRICK, *Op. Cit.*, p. 109.

¹⁰² Angelina Grimké e sua irmã, Sarah Grimké, nasceram na Carolina, filhas de escravistas. Elas se tornaram as únicas mulheres brancas abolicionistas e passaram também a lutar pelos direitos das mulheres. Elas acreditavam que os nortistas mantinham preconceitos fortes contra os negros, pregando que eles eram inferiores, intelectual e fisicamente, aos brancos, sem comprovar tais assertivas. Angelina acreditava que a História comprovava que os negros possuíam as mesmas capacidades dos brancos. E, segundo Gerda Leger, essa crença servia como uma razão para a combater a escravidão em uma sociedade que se dizia cristã e democrática. (LERNER, Gerda. *The Grimke Sisters and the Struggle Against Race Prejudice*. In: *The Journal of Negro History*, Vol. 48, No. 4 (Oct., 1963), pp. 277-291. Published by: Association for the Study of African American Life and History, Inc. IN: <http://www.jstor.org/stable/2716330>. Acessado em: 26/02/2014)

diferentes. A religião é defendida como base para a moral e para a legislação, principalmente na explanação de Grimké. A Bíblia teria oferecido leis para se governar a terra e caberia aos homens utilizá-la com este fim. Assim, a abolicionista destacava que os homens se corrompiam e confrontavam Deus ao manter homens como seus escravos. O historiador Robert Bellah¹⁰³ oferece uma forma de compreender essas interpretações e propostas, ao afirmar que os estadunidenses possuíam uma subjetividade que conferia sentido à vida mundana através de uma interpretação transcendental, combinando esfera pública e a privada. Sua hipótese é a de que havia uma religião diferente da professada nas igrejas, estabelecida e institucionalizada, a qual ele intitula “religião civil”.

Bellah elaborou o conceito de “Religião Civil” a partir do que Jean-Jacques Rousseau já havia abordado na obra *O Contrato Social*. Rousseau elencou os principais dogmas desta religião, que seriam: a existência de Deus, a vida futura, a recompensa da virtude e do castigo do vício e a exclusão da intolerância religiosa. E nós ressaltamos que esses elementos estavam presentes nos debates entre os estadunidenses em geral e, entre os abolicionistas e pró-escravistas em específico. A existência de Deus não é questionada e sua intervenção através da providência é base para a justificação das ações dos homens. Enquanto a vida futura é pensada como consequência do presente, sendo que as ações são recompensadas por Deus. E sempre com vistas a um julgamento final (feito por Deus), tomando-se em conta as condutas dos homens, as virtudes e o castigo de seus vícios (com isso, justificaram muitos movimentos sociais, principalmente contra o consumo de bebida alcoólica, no movimento da temperança). Porém, destacamos que a questão da exclusão da intolerância religiosa é um problema para os EUA, principalmente entre católicos e protestantes (constantemente em conflito).

Bellah apontou que antes da Guerra Civil, algumas vozes vinda do clero articulavam a consciência nacional, ressaltando o quão próximo a cultura secular estava das formas culturais protestantes. Alguns indivíduos, com experiência como ministros de igrejas, transformaram sermões protestantes em uma interpretação secularizada proferindo-os em palestras.¹⁰⁴ E é nesse sentido que ressaltamos

¹⁰³ As seguintes obras de Robert Bellah auxiliam na compreensão da “religião civil”: BELLAH, Robert. Civil religion in America. In: McLOUGHLIN, W.; BELLAH, R. (eds.) *Religion in America*. Boston: Beacon Press, 1968; BELLAH, Robert. *The Broke covenant*. Disponível em: <http://www.religion-online.org/showchapter.asp?title=3042&C=2611>. Acessado em: 1-11-2012.

¹⁰⁴ Idem, ibidem, p. 09.

o cruzamento de ideais religiosos no direcionamento dos discursos políticos de Grimké e de Beecher (e, principalmente, dos discursos abolicionistas e pró-escravistas em geral, mas com ênfase em trechos diferentes da Bíblia), que possuíam contato forte e constante com pastores.

Angelina Grimké escreveu *Apelo à Mulher Cristã do Sul*¹⁰⁵, que foi publicado em setembro de 1836. Nesta publicação usou a Bíblia para defender que Deus não concedeu ao homem o direito de escravizar outro homem e que Cristo havia sido enviado para absolver os pecados dos homens, inclusive o pecado perpetrado por Cam, que muitos defendiam ter instaurado a escravidão. Defendia os abolicionistas e a ideia de que a escravidão era um problema nacional, portanto, que ultrapassava os estados sulistas, alegando que a abolição era uma questão moral e religiosa, usando textos bíblicos para justificar a necessidade de intervenção ativa das mulheres na controvérsia da escravidão.

Grimké apoiava a abolição imediata e utilizava argumentos que C. Beecher (os Beecher em geral, não?) julgava inadequados. No trabalho de 1836, em *Cartas sobre as dificuldades da religião*¹⁰⁶, publicado em Hartford, Catharine definiu o que supunha serem as melhores formas de argumentação para causas sociais, defendendo que a emancipação gradual da escravidão era uma solução mais plausível e segura para ser executada.¹⁰⁷ Beecher acreditava que a colonização traria o fim à escravidão de forma gradual e pacífica, confiando que seus métodos iriam salvar o país, enquanto os métodos dos abolicionistas iriam destruí-lo.¹⁰⁸ Assim, ela já aponta para a tensão que a nação vivia e que era aguçada quando se debatia a questão da abolição da escravidão.

Em 1837, foi publicado, em Nova York, outro texto de Grimké, *Um Apelo às Mulheres dos Nominalmente Estados Livres, Emitido por uma Convenção Antiescravista da Mulher Americana*¹⁰⁹. Nesta obra, ressaltava que discutir sobre a escravidão no Sul impactava os escravistas, tornando-os abolicionistas, pois muitos senhores estavam emancipando seus escravos por se sentirem convencidos

¹⁰⁵ GRIMKÉ, Angelina. Appeal to the Christian Women of the South. In: *The Antislavery Examiner*. Vol. 1, n. 2, 1836.

¹⁰⁶ BEECHER, Catharine E. *Letters on the Difficulties of Religion*. Hartford: BELKNA & Hamersley, 1836.

¹⁰⁷ PORTNOY, *Op. Cit.*, p. 153.

¹⁰⁸ PORTNOY, Alisse. *Their Right to Speak: Women's Activism in the Indian and Slave Debates*. Harvard University Press. Cambridge, London, 2005, p. 204.

¹⁰⁹ GRIMKÉ, Angelina. *An Appeal to the Women of the Nominally Free States, Issued by an Antislavery Convention of American Women*. Nova York: William S. Dorr, Printer, 1837.

pelos argumentos trazidos pelo debate. Assim, defendia que os trabalhos abolicionistas eram bons para os escravistas e também para os escravos, pois os próprios sulistas reconheciam que as ações “despertavam as consciências dos escravistas” e que os escravos, sabendo que a ajuda estava a caminho, se mantinham calmos. Os abolicionistas, para Grimké, recebiam notícias de que alguns sulistas esperavam e rezavam pelo sucesso dos ativistas. ¹¹⁰

A autora defendia que a escravidão era uma questão política para todos os cidadãos, e não somente para o Sul, e que as mulheres não deveriam estar excluídas destes debates e preocupações. Ela criou um texto direcionado para as nortistas buscando motivos que justificavam a necessidade destas se dedicarem ao trabalho abolicionista, afirmando que esse esforço era um dever sagrado “para si mesmas, para os escravos, para os escravistas, para a igreja, para seu país, para o mundo e, acima de tudo, para Deus” ^{111iv}.

Ressaltando que a escravidão era um crime, que alienava o direito de liberdade e impossibilitava que os negros buscassem sua felicidade (direito declarado pela Constituição). Lembra que os códigos escravistas vigentes na Louisiana e Carolina do Sul possuem oito pontos que feriam os mandamentos bíblicos e/ou a Constituição. ¹¹² Essa interpretação serviu de base para a escrita de *A Cabana do Pai Tomás*, e se repete no trabalho escrito por Stowe em 1853, *A key to Uncle Tom's Cabin* (também publicado por John P. Jewett). ¹¹³

Do item I ao IV, Grimké levantou as rupturas que este estabelecia com as leis de Deus, frisando que o Homem, mesmo criado à imagem de Deus, era reduzido a uma mercadoria, tendo seu direito inalienável à liberdade roubado, uma vez que podia ser legalmente mantido em cativeiro perpétuo. Os frutos de seu trabalho eram diariamente roubados pelos escravistas, mesmo que Deus tivesse dito que “o trabalhador é digno do seu soldo”. Destacava que o escravo era proibido de se casar, mesmo que Deus tivesse estabelecido a relação matrimonial e que Cristo

¹¹⁰ Idem, ibidem, p. 03- 05.

¹¹¹ Idem, ibidem, p. 03.

¹¹² Idem, ibidem, p. 08.

¹¹³ *A key to Uncle Tom's Cabin* foi um livro escrito por Stowe para expor e refletir sobre as fontes utilizadas para a escrita de *A Cabana do Pai Tomás*, uma vez que os leitores enviaram muitas cartas para a autora interessados na “realidade” das histórias. (STOWE, Harriet Beecher. *A key to Uncle Tom's Cabin*. Boston: Publish by John P. Jewett & CO. Cleveland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington. London: Low and Company, 1853).

tivesse dito que o homem não poderia separar algo unido por Deus. E o escravista negava esse direito e vários mais estabelecidos por Deus e pela Constituição. ¹¹⁴

No item V, Grimké destacava que os escravos não possuíam direito à Educação, e com isso eram obrigados a desobedecer ao mandamento divino de poder ler as escrituras individualmente. ¹¹⁵ Temos que lembrar que a legislação referente aos escravos tornava-se mais rígida a cada revolta escrava, na tentativa de garantir a pacificação nas plantações. Na década de 1830, uma única rebelião provocou a proibição da educação para os afro-americanos. ¹¹⁶ Portanto, poucos escravos sabiam ler. ¹¹⁷

No item VI, Grimké apontou que não eram somente os negros aqueles submetidos aos homens, mas que as mulheres também eram vítimas de submissão. Elas eram impossibilitadas de se posicionar sobre tais indignidades, podendo ser “punidas com a morte”. ¹¹⁸ No país como um todo, segundo a lei, as mulheres não desfrutavam de uma série de direitos que os homens possuíam: não podiam votar, exercer cargo público, discursar em público, participar de júris e não tinham direito legal sequer sobre suas rendas ou propriedades. Eram subordinadas aos maridos e podiam até mesmo ser agredidas fisicamente por estes. ¹¹⁹

No item VII, Grimké observa que o escravo não possuía nenhuma proteção da lei e seu assassinato era um ato legalizado. Os crimes cometidos por escravos eram punidos com severidade, envolvendo até a condenação à morte. Na Virgínia, havia 71 crimes pelos quais um escravo poderia ser condenado à morte, e 36 na Carolina do Sul. Em todos esses casos, não possuíam o direito do julgamento de um grande júri, o que constituía uma direta violação da Constituição dos Estados Unidos. No item VIII, destaca que não havia qualquer esperança de redenção por parte dos escravos, o que constituía um despotismo republicano, submetendo os negros a uma vida de ignorância, degradação e angústia. Com isso, pedia aos ci-

¹¹⁴ GRIMKÉ, Angelina. *An Appeal to the Women of the Nominally Free States, Issued by an Anti-Slavery Convention of American Women*. Nova York: William S. Dorr, Printer, 1837, p. 08.

¹¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 08.

¹¹⁶ KLEINBERG, S. J.. *Women in the United States, 1830-1945*. Ed. Rutgers University Press, 1999, p. 65.

¹¹⁷ BERLIN, Ira. *Gerações de cativo: Uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 223.

¹¹⁸ GRIMKÉ, *Op. Cit.*, p. 08.

¹¹⁹ SELLERS, Charles. MAY, Henry. McMILLEN, Neil. *Uma Reavaliação da história dos Estados Unidos: De Colônia a Potência Imperial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990, p. 158.

dadãos americanos que ponderassem tudo o que expressara, pois estes eram os responsáveis pelo destino do país.¹²⁰

Ressalta que as mulheres estavam presentes nos mais diversos espaços e condições sociais e lembra aos leitores que a rainha Elizabeth, uma mulher, foi a primeira soberana britânica a legalizar o comércio de escravos africanos. Havia milhões de mulheres trazidas da África e escravizadas. Outra grande parte que era proprietária de escravos. E advertia também que as nortistas usavam diariamente os produtos do trabalho dos escravos, na alimentação (arroz e açúcar) ou nas vestimentas (algodão). Essas mulheres tinham consciência de que tais produtos foram fruto do trabalho escravo e observava que “o recebedor é tão *mau* quanto o ladrão”. Assim destacava a agência das mulheres na construção da história nacional, com papel ativo e importante. E que as mulheres estadunidenses deveriam fazer o que pudessem para exterminar o mal imposto, desfazendo um erro estabelecido e ratificado por outras mulheres.

No mesmo ano, Catharine Beecher escreveu e publicou *Um ensaio sobre a escravidão e o abolicionismo*. No prefácio, Catharine expôs os motivos da escrita. Ela teria recebido um pedido de um amigo para que especificasse razões para não se juntar à Sociedade Abolicionista. Enquanto se dedicava a escrever uma carta para respondê-lo, afirma que Angelina Grimké apresentou a carta pública que defendia a necessidade das mulheres do Norte se juntarem às sociedades abolicionistas (Catharine se referia provavelmente ao “Apelo” indicado acima). Assim, C. Beecher começou a escrever uma carta privada para Grimké. Por fim, ela decidiu unir as duas escritas em um ensaio.¹²¹

No decorrer do ensaio, Catharine apontava que Grimké teria assumido uma postura pública de defensora das medidas abolicionistas e tinha a pretensão de formar sociedades abolicionistas compostas por mulheres. Para Catharine, as ideias da ativista, assim como da Sociedade Abolicionista como um todo, eram “imprudentes e inconvenientes”, pois consistiam em convencer uma parte da sociedade (os nortistas) de que havia um mal a ser combatido.

Catharine afirmava que todos os cristãos nortistas concordavam com a ideia de que os donos de escravos eram obrigados a tratar seus escravos como

¹²⁰ GRIMKÉ, *Op. Cit.*, p. 08.

¹²¹ BEECHER, Catharine. Preface. In: *An Essay on Slavery and abolitionism*. Second edition. Boston: Perkins & Marvin, 1837, p. 03.

seus próprios filhos. Que todos acreditavam que manter escravos unicamente para obter lucros era um pecado. E mesmo que um escravista não pudesse legalmente emancipar seus escravos, ele buscava alterar as leis para emancipá-los e, enquanto tentava realizar tal alteração da lei, tratava seus escravos como se fossem pessoas livres.

Beecher acreditava que todos os nortistas cristãos concordavam com isto, podendo discordar somente no uso de termos para designar tais ideias e práticas, enquanto alguns usavam “emancipação gradual”, os abolicionistas usavam “emancipação imediata”. Não haveria necessidade alguma de tentar convencer as mulheres dos estados não-escravistas da importância da abolição, pois todas concordavam em relação a isso.

Catharine afirmava que a Sociedade Abolicionista era uma associação voluntária que se propunha a “despertar o sentimento público contra o mau moral existente em outra seção do país”, mas que parecia que o principal esforço era somente alargar o número de associados como uma forma de influenciar os nortistas.¹²²

Para ela, os indivíduos que pregavam haver um mal moral em outra seção do país, em lugar de ir até lá e tentar convencê-los de que são culpados de um grande pecado, preferiam mobilizar a “opinião pública” – termo da escritora – de uma seção do país contra a outra para resolver esse mal moral. Os abolicionistas publicavam jornais e tratados e enviavam agentes para os vizinhos nortistas, em vez de para os próprios sulistas.¹²³

Outro motivo se juntar à Sociedade Abolicionista era que pregavam medidas para o fim da escravidão que não eram pacíficas e nem cristãs, mas tendiam a gerar desconforto e conflitos na sociedade.¹²⁴

Catharine acreditava que os abolicionistas, enquanto um coletivo, eram homens de moral pura, de intenções honestas, de benevolência e piedade reais, e que se esforçavam por melhorar a sociedade. Nos esforços para abolir a escravidão, eles tomaram medidas que supunham bem calculadas, como intuito de trazer o menor perigo e sofrimento para o sul. Ela afirma não acreditar que eles pretendessem promover a desunião a insurreição ou atizar conflitos. Mas que as medidas

¹²² BEECHER, Catharine. *An Essay on Slavery and abolitionism*. Second edition. Boston: Perkins & Marvin, 1837, p. 08-09.

¹²³ Idem, *ibidem*, p. 12.

¹²⁴ Idem, *ibidem*, p. 13-14.

que usavam, sem ser de maneira intencional, estimulavam conflitos dentro da sociedade e tais medidas eram, pois, inapropriadas e não cristãs.¹²⁵

Beecher condenou os métodos abolicionistas de Grimké, considerando as intervenções públicas e políticas ilegais, agressivas e inconvenientes. Beecher acreditava que estas intervenções diminuiriam o status das mulheres em todos os domínios da vida pública e privada, enfraquecendo a luta pela educação das mulheres e a feminização das profissões de ensino, prejudicando a imagem das mulheres como representantes da preservação moral da nação.¹²⁶

Angelina Grimké escreveu uma resposta justificando e fortalecendo o pedido, publicado como *Cartas a Catharine E. Beecher em resposta a Um Ensaio sobre a escravidão e Abolicionismo*.¹²⁷ Nela, afirmava que, ao contrário do que Catharine alegava, ela estava “suficientemente informada a respeito dos sentimentos e opiniões das mulheres cristãs do Norte sobre o assunto da escravidão”. Defendia que as mulheres mantinham os mesmos *princípios* que os abolicionistas, embora condenassem suas medidas.

Ela ratificava a ideia já expressa de que um homem não pode legitimamente manter outro homem como propriedade. Defendendo que ter um escravo era roubar-lhe a liberdade.

[...] um homem é um *homem*, e como um homem ele tem direitos *inalienáveis*, entre eles o direito à liberdade. Agora se todo homem tem o direito *inalienável* à liberdade pessoal, segue, que ele não pode legitimamente ser reduzido à escravidão. Mas eu encontro nesses Estados Unidos 2.250.000 homens, mulheres e crianças que tiveram seus direitos inalienáveis roubados.¹²⁸ v
(Grifo no original)

E não importava se o ato do roubo foi feito na África ou na América, mas importava o fato de que se mantinham pessoas em cativeiro. Não importava como o homem se tornou escravo, se por herança ou se foi apreendido na África e trazido para a América. A única diferença para Grimké era que entre aquele que roubou o homem da África cometeu um crime, e que o escravista perpetrava o mesmo crime *continuamente*.¹²⁹ Assim, o escravista roubava primeiro a liberdade do

¹²⁵ BEECHER, *Op. Cit.*, p. 17.

¹²⁶ PORTNOY, *Op. Cit.*, p. 199.

¹²⁷ GRIMKÉ, Angelina. *Letters to Catharine E. Beecher in reply to An Essay on Slavery and Abolitionism*. Boston: printed by Izaak Knapp, 1838.

¹²⁸ Idem, *ibidem*, p. 04.

¹²⁹ Idem, *ibidem*, p. 04.

africano e depois tudo que ele adquiria. Lembrando que sobre o direito de possuir a si mesmo (o direito de liberdade) se assentava todos os demais direitos. Ratificando os princípios dos abolicionistas, uma vez que foi esboçado de algumas formas por Beecher:

Nosso princípio é que *nenhuma circunstância pode nunca justificar* um homem ser mantido como *propriedade*; não importa qual seja o *motivo* que ele possa dar por tal monstruosa violação das leis de Deus. A reivindicação dele como *propriedade* é uma aniquilação de seu direito a si mesmo, que é a base sobre a qual todos os outros direitos se sustentam.^{vi 130}

Grimké adverte que os princípios abolicionistas ultrapassavam a ideia de que era um pecado manter um homem como escravo para *meros fins lucrativos*. Afirmava ainda que a Sociedade de Colonização era uma instituição benevolente, pois não lutava contra o preconceito que havia contra os negros, ou contra a falta de direitos civis, sociais e religiosos. E que mandá-los para a África não era uma forma de combater o “ódio” que os brancos estadunidenses sentiam pelos negros. A autora almejava que os negros ficassem no país e que isto era um desdobramento de seu amor por eles e que se esforçaria para construir um país que fosse bom também para os negros.¹³¹ Segundo a historiadora Gerda Lerner, Grimké insinuava que o gradualismo foi resultado do preconceito racial e que o imediatismo era a única solução a emancipação, que deveria ser seguida de pagamento de salários, educação, direitos legalizados e proteção pela lei, iguais às garantidas aos brancos.

132

Os ocorridos com Elijah Lovejoy fizeram o livro de Catharine Beecher, *Essay on Slavery and Abolitionism*, um documento ultrapassado. A esposa de Edward, Isabella P. Beecher, escreveu em carta para Catharine “mexa-se [...] você está muito atrás do espírito da época, você deve tornar-se uma abolicionista, ou você será deixada em segundo plano. O assassinato em Alton trouxe a todos a

¹³⁰ Idem, *ibidem*, p. 08.

¹³¹ GRIMKÉ, Angelina. *Letters to Catharine E. Beecher in reply to An Essay on Slavery and Abolitionism*. Boston: printed by Izaac Knapp, 1838, p. 40-41.

¹³² LERNER, Gerda. The Grimké Sisters and the Struggle Against Race Prejudice. In: *The Journal of Negro History*, Vol. 48, No. 4 (Oct., 1963), pp. 277-291. Published by: Association for the Study of African American Life and History, Inc. IN: <http://www.jstor.org/stable/2716330>. Acessado em: 26/02/2014, p. 280-281.

fé”.¹³³ Portanto, naquele momento muitos indivíduos estavam pedindo uma posição mais incisiva em relação à escravidão, sendo uma questão cada vez mais presente e que exigia decisão, não cabendo mais a moderação. Ainda assim, como veremos, o debate entre moderados e radicais prosseguiria e dividiria a família.

¹³³ Stir up your stumps, you are quite behind the spirit of the age; you must become an Abolitionist, or you will be left in the background. The Alton murder has brought us all over to the faith. (HEDRICK. Joan D.. *Harriet Beecher Stowe: a life*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1994, p. 109)

Capítulo 2 - Mobilizando uma imprensa abolicionista

Expansão da imprensa e educação

A expansão da educação desde 1776 (Guerra de Independência) foi importante para formar o público leitor do impresso. Até meados do século XIX, houve aumento dos níveis de educação e alfabetização. E as mulheres brancas começaram a ganhar espaço na imprensa, publicando em revistas e jornais, e, no Norte e Oeste, tiveram os mais elevados níveis de instrução. A educação feminina pública para as mulheres brancas expandiu-se, sobretudo no Norte, com a valorização da educação para propósitos religiosos. Já as mulheres negras e mestiças não recebiam nenhum tipo de educação formal.¹³⁴

O fortalecimento de uma ideia cunhada no período pós-independência foi muito importante para a expansão da educação das mulheres brancas: a *Maternidade Republicana*. Esse termo foi criado pela historiadora Linda Eisenmann, e essa filosofia alegava que as mulheres deveriam usar suas habilidades naturais e domésticas para atender à necessidade de virtude cívica da jovem nação.¹³⁵ Entre 1776 e 1820, as mulheres brancas de classe média buscavam o melhoramento individual para moldar a virtude dos futuros cidadãos. Com o tempo, os ativistas tentaram expandir a concepção de modo a justificar maiores espaços de atuação das mulheres em prol da virtude nacional. Sugerindo que uma separação completa entre o mundo doméstico feminino e o mundo político masculino não era mais praticável e que a politização do indivíduo deveria ser trabalhada em casa e em uma educação formal. Fato que enfatizou a melhoria da educação da mulher. Enquanto a vertente conservadora de tal filosofia enfatizava que os limites do envolvimento político das mulheres deveria permanecer no interior das casas.¹³⁶

A família Beecher lutou intensamente para essa expansão da educação das mulheres brancas. Catharine Beecher se destacou entre os familiares nessa inves-

¹³⁴ EMERY, Edwin & EMERY, Michael. *The press and America: an interpretative History of the mass media*. New Jersey, 1984, p. 58-59.

¹³⁵ EISENMANN, Linda. *Historical Dictionary of Women's Education in the United States*. Greenwood Publishing Group, 1998, p. 343.

¹³⁶ Idem, *ibidem*, p. 343.

tida, ela se dedicou à ampliação da educação feminina, oferecendo instrução para as mulheres do nordeste para que estas se tornassem professoras no Oeste. Ela instalou diversos institutos para atender a esse público. Em 1823, estabeleceu o Seminário Feminino de Hartford. Em 1833, abriu o Instituto Feminino do Oeste.

Catharine ressaltava o crescimento da população votante que não era alfabetizada, e que comprometia o crescimento e a melhoria da nação. Acreditando que uma democracia cristã necessitava de educação, virtude e piedade, e que o país estava vacilante nos três. Visando solucionar essa falta, era necessário que as mulheres estivessem equipadas e habilitadas para intervir, fosse para seus filhos ou para a sala de aula.¹³⁷ Suas investidas eram mais voltadas para as mulheres brancas, enquanto a população negra ainda dependia somente da defesa dos abolicionistas mais radicais para o acesso ao direito de educação.

Além disso, ações para restrição e proibição legal da educação dos negros escravos eram constantemente movidas. O brasileiro Francisco de Sales Torres Homem (1812-1876) já tinha conhecimento dessa restrição em 1836. Ele lembrava que em 1800, o estado da Carolina, nos EUA, estabeleceu uma punição de 20 açoites ao escravo encontrado em uma aula de instrução primária; e uma multa de 100 dólares seria imposta ao dono que tentasse ensinar seus escravos a ler ou a escrever. Em 1821, o estado da Virgínia adotou uma lei do mesmo gênero proibindo a reunião de escravos em escolas, e, em caso de violação da lei, o escravo seria punido com vinte açoites. A legislação do estado da Carolina do Norte punia o mesmo crime com 29 açoites e condenava o mestre, ou aquele que vendesse Bíblias a escravos, a pagar uma multa de 500 dólares. Na Geórgia a multa para o mestre e o número de açoites para o escravo seguiam os mesmos números.¹³⁸

Segundo James Machor, na primeira metade do século XIX, houve um crescimento no número de leitores que deve muito ao aumento da circulação da matéria impressa e da expansão da educação, mas não se espalhou de maneira uniforme ou penetrou igualmente em todos os segmentos da sociedade. Ainda que o número de escolas públicas tenha crescido em diversos lugares do país, a maior

¹³⁷ PORTNOY, Alisse. *Their Right to Speak: Women's Activism in the Indian and Slave Debates*. Harvard University Press. Cambridge, London, 2005, p. 188.

¹³⁸ TORRES HOMEM, F. de S. Considerações Econômicas sobre a Escravatura. In: Niterói, Revista Brasiliense. Tomo Primeiro, nº. 1. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1978 (1836), p. 63 *apud* RANGEL, Marcelo. *Poesia, história e economia política nos Suspiros Poéticos e Saudades e na Revista Niterói: Os primeiros Românticos e a civilização do Império do Brasil*. Tese de doutorado. Centro de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2011, pé de pagina 40, p. 277.

parte do aumento foi concentrada nas vilas e cidades. Mesmo quando as escolas estavam disponíveis, a frequência dos alunos foi mais irregular em áreas rurais. Sendo que o acesso a materiais impressos, firmas de impressão, livrarias e bibliotecas eram concentradas em áreas urbanas. Também se pode considerar que a valorização da leitura e o acesso ao impresso concentravam-se na classe média urbana.¹³⁹

Machor compreende esta diferenciação por classe devido ao acesso a educação não era igualmente distribuído entre as cidades e vilas. As crianças pertencentes a famílias de classes menos favorecidas tinham uma frequência menor e por menor tempo nas escolas do que a classe média. Sendo que aquelas famílias precisavam da renda das crianças para sustento.¹⁴⁰

As bibliotecas públicas começaram a aparecer nesta época, mas a maioria das bibliotecas continuavam ligadas a instituições comerciais, exigindo um pagamento anual que poderia variar entre de 4 e 25 dólares. Esse custo estava acima do que os trabalhadores de baixa renda, que recebiam entre 5 e 6 dólares por semana., poderiam pagar. E o preço dos livros em geral mesmo tendo decaído nas décadas de 1830 e 1840, ainda era muito alto para os trabalhadores urbanos. O preço dos livros variava entre 75 cents e 1,50 dólares. Os jornais e periódicos representavam uma alternativa para os interessados na leitura e que possuísem pouco dinheiro para investir. Eles geralmente cobravam uma taxa de um ano de assinatura, que variava entre 2 e 6 dólares, e que conseguiam cobrir um espaço maior do país.¹⁴¹

Na década de 1830 surgiu um novo tipo de imprensa, mais barata e acessível. Segundo Michael e Edwin Emery, o primeiro jornal de sucesso nos Estados Unidos que se propôs a cobrir um público popular surgiu em 1833. Depois desse apareceram outros, conhecidos como jornais de um centavo¹⁴², que possuíam em comum a oferta de notícias sensacionalistas em sua fase inicial.¹⁴³

¹³⁹ MACHOR, James L. *Reading Fiction in Antebellum America: Informed Response and Reception Histories, 1820–1865*. JHU Press, 2011, p. 24-25.

¹⁴⁰ Idem, *ibidem*, 25-26.

¹⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 26-27.

¹⁴² No original o termo utilizado é “penny”, mas como há uma equivalência entre um penny e um centésimo de dólar, nós utilizaremos o termo “centavo”, como foi feito por E. Alkimin Cunha ao traduzir *The Press and America*. (EMERY, Edwin & EMERY, Michael. *História da Imprensa nos Estados Unidos*. Trad: E. Alkimin Cunha. Rio de Janeiro: Editora Lidaador Ltda., 1965).

¹⁴³ EMERY, Edwin & EMERY, Michael. *The press and America: an interpretative History of the mass media*. New Jersey, 1984, p. 139-140.

Segundo David Copeland, a imprensa de um centavo causou uma mudança radical no jornalismo. Os demais jornais geralmente faziam alianças com partidos políticos, que lhes oferecia patrocínio, e isso impactava o tipo de publicação, defendendo um tipo de visão política e divulgando as ações do partido. Com isso, desfrutavam de maior liberdade política e podiam tomar cunho mais radical, pois não necessitavam de patrocínio. A imprensa de um centavo não estabeleceu esse partidarismo e com isso rompeu com o método tradicional de apresentar as informações. Esses jornais funcionavam sobre o princípio de que a quantidade das vendas importava mais que a qualidade da leitura. Venderam dezenas de milhares de cópias, ultrapassando a maioria dos jornais.¹⁴⁴

Esse tipo de jornal teve uma grande circulação e criou uma competição enorme no mercado. Eventualmente, alguns conseguiram circulação nacional. Os proprietários investiram em melhorias, e contrataram maior número de repórteres, editores e impressoras do que os demais jornais. Nova York foi o lugar que mais se destacou com esse tipo de imprensa. Os jornais de um centavo conseguiram cobrir eventos que eram impossíveis na década anterior, enquanto os jornais partidários ainda não conseguiam cobrir o mesmo tanto que os de um centavo, possibilitando levar notícias mais longe e para mais pessoas.¹⁴⁵

As inovações na área da impressão e publicação também serviram para aumentar a abrangência da circulação dos impressos. A substituição da prensa de madeira pela máquina de imprimir reduziu os custos e as dificuldades da publicação. As novas técnicas de impressão e gravação aperfeiçoaram os recursos visuais, barateando as ilustrações e proporcionando um novo perfil às revistas e jornais. O desenvolvimento de novas tecnologias, como o barco a vapor, telégrafo e a ferrovia, aprimorou o transporte e facilitou a difusão de informações.¹⁴⁶

Segundo Fernandes e Moraes, as ferrovias proporcionaram a intensificação da circulação de pessoas e mercadorias, a alteração da percepção de velocidade e distância, além de trazer as marcas da tecnologia e da indústria. E já nos princípios da segunda metade do século, conseguiram completar as vias que conecta-

¹⁴⁴ COPELAND, David. *The Media's Role in Defining the Nation: The Active Voice*. Peter Lang Publishing, 2009, p. 85-86.

¹⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 85-86.

¹⁴⁶ KLEINBERG, S. J.. *Women in the United States, 1830-1945*. Ed. Rutgers University Press, 1999, p. 70-71.

vam o Leste e o Oeste.¹⁴⁷ Assim, as pessoas conseguiam se movimentar melhor e levavam consigo seus livros e seus conhecimentos, bem como a indústria do impresso ampliava seu poder de distribuição.

Harriet Beecher Stowe e sua proposta de romance

Em 1850, Harriet Beecher Stowe mudou-se para Brunswick¹⁴⁸, Maine. O estado se localiza no nordeste dos Estados Unidos, fazendo fronteira com o Canadá e com margem no Oceano Atlântico. No novo estado, Stowe encontrou sentimentos mais aflorados – do que em Cincinnati – contra a escravidão. Segundo Wendy Hamand Venet, a Lei do Escravo Fugitivo (1850) intensificou os debates antiescravistas no nordeste, onde as agitações mobilizavam até mesmo aqueles que tinham uma posição moderada a respeito do tema.¹⁴⁹ Stowe ficou profundamente impactada pela Lei do Escravo Fugitivo e o desejo de denunciar a lei foi um dos principais motivos da escrita *A Cabana do Pai Tomás*. E, segundo Wendy Hamand, há um consenso entre os historiadores sobre o reconhecimento do impacto do romance de Stowe sobre o direcionamento da opinião pública contra a lei e contra a expansão da escravidão para o oeste.¹⁵⁰

Os pesquisadores Hovet, Edmund Wilson e Ellen Moers apontam que *Uncle Tom's Cabin* foi escrito porque Stowe acreditava que quando os americanos percebessem o pecado que consistia a escravidão, eles iriam aboli-la voluntariamente.¹⁵¹ Acreditamos que essa proposta está presente no romance em algumas passagens, não de modo impositivo, mas de uma forma que convoca o leitor a refletir sobre esse “pecado” e seus desdobramentos.

¹⁴⁷ FERNANDES, Luiz Estevam & MORAIS, Marcus Vinícius. Os EUA no século XIX. IN: KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam de & MORAIS, Marcus Vinícius. *Estados Unidos; a formação da nação*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 108.

¹⁴⁸ Stowe muda-se para Brunswick porque Calvin Stowe, seu marido, começa a dar aulas no Bowdoin College. (Chronology. *The Oxford Harriet Beecher Stowe reader*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999).

¹⁴⁹ VENET, Wendy Hamand. *Neither Ballots Nor Bullets: Women Abolitionists and the Civil War*. University of Virginia Press, 1991, p. 68.

¹⁵⁰ HAMAND, Wendy F. "No Voice from England": Mrs. Stowe, Mr. Lincoln, and the British in the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 61, No. 1 (Mar., 1988).IN: <http://www.jstor.org/stable/365218>. Acessado em: 10/11/2010, p. 03.

¹⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 535.

Muitos historiadores afirmam que Stowe também encontrou inspiração na vida de Josiah Henson. Segundo Faith Berry, a escritora se encontrou com Henson em 1850, na casa de Edward Beecher em Boston. Ela já conhecia parte da história de Henson, pois já havia lido o panfleto *The life of Josiah Henson, Formerly a Slave Now an Inhabitant of Canada, as Narrated by Himself* (“A vida de Josiah Henson, primeiramente um escravo e agora um habitante do Canadá, como narrado por ele mesmo”), e pessoalmente teria a oportunidade de trocar informações. Ele não estava fugindo da Lei do Escravo Fugitivo, mas sim indo para a Inglaterra, para negócios. Stowe teria remodelado algumas experiências da vida de Henson como escravo em Kentucky e Nova Orleans, misturando-as a outras narrativas de escravos para escrever *Uncle Tom's Cabin*.¹⁵²

É interessante destacar que Brunswick era caminho da *Underground Railroad*, ou seja, muitos escravos fugidos dos Estados Unidos passavam pela cidade, na rota: Portland, Brunswick, Vassalboro e China Lake, com destino ao Canadá. Um pequeno número de escravos fugidos permanecia no Maine, onde se misturavam a uma pequena população de escravos e libertos. Talvez este contato constante com a instabilidade das vidas dos fugitivos tenha criado uma ligação maior dos habitantes de Maine com os escravos fugidos, mas não podemos afirmar com certeza. Por outro lado, a escravidão também existia no estado.¹⁵³ Assim, provavelmente Stowe teve contato com essa coexistência de escravidão e liberdade através do contato com negros escravizados e escravos em fuga, negros libertos e senhores de escravos.

Stowe publicou quatro textos no jornal de Bailey depois que se mudou para Brunswick antes de *A Cabana do Pai Tomás*.¹⁵⁴ O mais famoso entre eles – o único dos quatro citados na historiografia encontrada – foi *The Freeman's Dream: A Parable*, publicado em agosto de 1850, e escrito depois de um convite de Bailey para que Stowe contribuísse para o jornal.¹⁵⁵ O texto refletia sobre a Lei do Escravo Fugitivo (1850) e girava ao redor de um fazendeiro nortista que obedecia a lei e negava auxílio a uma família de escravos fugitivos (constituída por um casal e dois filhos). A família seguiu sua viagem, mas ainda sob a vista do homem fo-

¹⁵² BERRY, Faith (ed.). *From Bondage to Liberation: Writings by and about Afro-Americans*. Continuum, 2006, p. 205.

¹⁵³ CURTIS, Nancy C.. *Black Heritage Sites: An African American Odyssey and Finder's Guide*. American Library Association, 1996, p. 271.

¹⁵⁴ HEDRICK, *Op. Cit.*, p. 206.

¹⁵⁵ SONNEBORN, Liz. *Harriet Beecher Stowe*. New York: Infobase Publishing, 2009, p. 40.

ram pegos por seus perseguidores, pois estavam sem forças. O homem ouviu os gritos e viu que os homens que os levaram não demonstravam que teriam misericórdia. Em um sonho, ele morre e é julgado por Deus, que o condena por seu ato de negar alimento a quem tinha fome.¹⁵⁶

A parábola escrita por Stowe lembra a história bíblica de Lázaro, no evangelho de Lucas, que prega que Lázaro era um mendigo e que vivia dos restos que sobravam da mesa de um homem rico. Quando o rico e o mendigo morreram, Lázaro foi para o céu e o rico foi para o inferno. E, o fazendeiro nortista, que compartilhava da mesma culpa do rico, que não se preocupou com o próximo, temia compartilhar no futuro do mesmo fim.

Em 9 de março de 1851, Stowe escreveu uma carta propondo a Gamaliel Bailey a oferta de contribuir com um novo romance para o jornal.¹⁵⁷ Bailey aceitou a proposta e ofereceu 100 dólares pela história. Em carta para Gamaliel Bailey em 1851, Stowe afirma:

Eu tenho escrito abarcando uma série de esboços que trazem as luzes e sombras da “instituição patriarcal”, escrito ainda com observação, incidentes que têm ocorrido na esfera do meu conhecimento pessoal, ou de meus amigos. Eu vou mostrar o *melhor lado* da coisa e alguma coisa levemente se aproximando do pior.¹⁵⁸ vii (grifo no original)

O pesquisador Michael Winship ressalta que Stowe nunca havia escrito sobre o tema da escravidão.¹⁵⁹ Mas destacamos que ela havia refletido de certa forma sobre o tema ao escrever a carta sob o pseudônimo de Franklin publicada no *Cincinnati Journal and Luminary* em 1836 (conferir capítulo 1). Na década de 1840 e início de 1850, poucos escritores brancos escreveram sobre o tema da escravidão, pois era considerado um ato de coragem, tendo em vista os conflitos violentos movidos por antiabolicionistas. No encontro de maio de 1852 da Sociedade Americana e Estrangeira Antiescravista somente três mulheres foram celebradas: Stowe, Grace Greenwood (também contribuinte do *National Era*) e Lydia

¹⁵⁶ STOWE, Harriet Beecher. The Freeman's Dream: A Parable. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe Reader*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999, pp. 57-58.

¹⁵⁷ STOWE, H. To Gamaliel Bailey, March 9, 1851. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe Reader*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999.

¹⁵⁸ Carta a Gamaliel Bailey. March 9, 1851.

¹⁵⁹ WINSHIP, Michael. *Uncle Tom's Cabin: History of the Book in the 19th-Century United States*. 2007. In: <http://utc.iath.virginia.edu/interpret/exhibits/winship/winship.html>. Acesso em: 10-10-2013.

Maria Child.¹⁶⁰ Mas devemos ressaltar que elas não eram as únicas mulheres antiescravistas no período.

Mas, como destacamos no capítulo 1, a questão da escravidão era tema recorrente na família Beecher, sendo que alguns de seus irmãos já haviam adotado o abolicionismo (eram membros da Sociedade Americana Antiescravista) e seu pai era abertamente a favor da abolição gradual e era membro da Sociedade Americana de Colonização.

Stowe começou a escrever *A Cabana do Pai Tomás* no final do inverno de 1851. O romance foi publicado entre 5 de junho de 1851 e 1 de abril de 1852. Assim, Stowe tinha que enviar seus escritos do estado do Maine para Washington, tendo que planejar bem seu tempo e sua escrita para enviar os escritos a tempo da publicação (que era semanal). Stowe ainda tinha que conciliar o tempo de escrita com a supervisão de uma escola que Catharine Beecher havia assentado na casa de Stowe em Brunswick.¹⁶¹

Gamaliel Bailey: editor

Gamaliel Bailey era editor do *National Era*, onde Stowe publicou *A Cabana do Pai Tomás*, entre 1851 e 1852. É importante situar alguns eventos nos quais Bailey se envolveu e foi envolvido, na primeira metade do século XIX. Sua vida política foi intensa e acreditamos que a posição que tomava a respeito da escravidão estava diretamente relacionada ao público consumidor de seus impressos e também impactava a percepção de seu jornal pelos estadunidenses.

Bailey era formado em medicina e foi para Cincinnati em 1831, onde atuou em um hospital contra a cólera, momento de auge da doença. *The New American Encyclopaedia* afirma que os eventos no Seminário Lane o fizeram refletir sobre a questão da escravidão e, em 1836, ele se juntou a James Birney para conduzir o primeiro jornal antiescravista do oeste, o *Philanthropist*, que sofreu motim em 1837 (conferir capítulo 1, Parte 1). Enquanto isso, Bailey era secretário cor-

¹⁶⁰ PARFAIT, Claire. *The Publishing history of Uncle Tom's Cabin: 1852-2002*. Ashgate Publishing limited, 2007, p. 16.

¹⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 22.

respondente da Sociedade Antiescravista de Ohio e, depois do motim contra Birney, se tornou editor único do *Philanthropist*. Em 1841, sua imprensa sofreu outra destruição por motim, e somente o uso de violência foi capaz de dispersar as pessoas. Mas esse evento não o intimidou e Bailey continuou suas publicações em Cincinnati.¹⁶²

Posteriormente, Bailey foi convidado a ocupar o cargo de editor em um jornal em Washington¹⁶³ – a capital se localizava no sul dos Estados Unidos (ver anexo 1), onde a escravidão era legalizada (sua abolição foi em 1850)¹⁶⁴. O jornal começou sob o patrocínio da Sociedade Americana e Estrangeira Antiescravista.¹⁶⁵ Bailey decidiu fundir o *Philanthropist* ao *National Era*, com o lançamento em janeiro de 1847. O jornal não cobriu seus gastos no primeiro ano e a Sociedade decidiu interromper a produção. Entretanto, Bailey insistiu na publicação e tornou-se editor único e proprietário do jornal. Em 1848, ele enfrentou outro conflito popular violento contra suas publicações.¹⁶⁶

A capital estava imersa em excitação e centenas de homens brancos antia-bolicionistas marcharam até o escritório do jornal, exigindo que Bailey deixasse o Distrito. O editor se recusou a atender aos pedidos e o grupo começou a atirar pedras no prédio. A polícia e alguns indivíduos bem posicionados na cidade restauraram a ordem antes que a agitação se radicalizasse ainda mais – temendo que a capital fosse transferida para outra cidade, caso o evento resultasse em um fim trágico e concedesse má reputação à cidade.¹⁶⁷

Esse foi o último motim contra a imprensa de Bailey, mas não foi o fim de suas publicações antiescravistas. Ele documentou abundantemente os movimentos

¹⁶² *The New American Encyclopaedia: A Popular Dictionary of General Knowledge*. Vol 2. D. Appleton, 1865, p. 490.

¹⁶³ Idem, ibidem, p. 490.

¹⁶⁴ BANGURA, Abdul Karim. *Historical Political Economy of Washington*, Part 3. University Press of America, 2000, p. 36.

¹⁶⁵ Esta sociedade surgiu a partir do desentendimento entre os membros da Sociedade Americana Antiescravista (SAA), pois no fim da década de 1830, a SAA havia alargado seus objetivos para além da busca da libertação dos escravos, e começou a defender a igualdade dos sexos, opiniões religiosas não convencionais, questionando a autoridade bíblica e o sistema político. Lewis Tappan liderou os dissidentes a formar uma nova sociedade, compondo um grupo abolicionista, baseado principalmente em Nova York, com objetivos mais limitados que a SAA, defendendo métodos mais flexíveis para a abolição da escravidão.¹⁶⁵ (RIPLEY, C. Peter (ed.); FINKENBINE, Roy E. (ed. Associado); HEMBREE, Michael F. (Ed. Assistente); YACOVONE, Donald (Ed. Assistente). *The Black abolitionist papers: The United States, 1830–1846*, vol III. The University of North Carolina Press, Chapel Hill and London, 1991 p. 22)

¹⁶⁶ *The New American Encyclopaedia: A Popular Dictionary of General Knowledge*. Vol 2. D. Appleton, 1865, p. 490.

¹⁶⁷ BURLINGAME, Michael. *Abraham Lincoln: A Life*. JHU Press, 2013, p. 287.

que envolviam o Partido do Solo Livre, servindo como editor principal de suas notícias – embora não fosse membro.¹⁶⁸ Esse partido aceitava a participação ativa das mulheres, defendendo que era certo desrespeitar qualquer lei em prol da moralidade, moldando um discurso que justificava a necessidade imediata da abolição. Segundo o pesquisador Michael D. Pierson, o romance de Stowe, publicado no *National Era*, teria racionalizado ainda mais essa ideia de uma lei maior, acima da lei dos homens, contribuindo para as reivindicações do Partido do Solo Livre.

Desta forma, Pierson ressalta que Stowe deve ser vista como uma escritora do Partido do Solo Livre, mesmo que indiretamente, pois, os escritos de Stowe apareciam em um jornal que se apresentava como a favor do partido. O aparecimento do romance no jornal significa, contextualmente, que Stowe mantinha um papel central na política antiescravista, como definia os editoriais formais.¹⁶⁹ Nós não pretendemos discutir se Stowe foi necessariamente a favor do Partido do Solo Livre. Mas acreditamos, assim como Pierson, que o fato de as contribuições de Stowe coexistir com as ideias daquela agremiação poderia sugerir para os leitores que a autora simpatizava com tais ideias, já que não as contradizia.

Bailey também apoiou os “queimadores de celeiro” (Barnburners) no projeto de lei que propunha abolir a escravidão no Distrito de Columbia. O projeto de lei passou em sua primeira leitura, ganhando de 99 a 88 votos. Mas o projeto de lei foi reconsiderado e negado.¹⁷⁰ Esse grupo, “Democratas queimadores de celeiros” (Barnburner Democrats), era uma parte radical do Partido Democrata, especialmente situado no estado de Nova York. O nome do grupo veio da ideia de um fazendeiro que, tentando se livrar de um rato coloca fogo em todo o celeiro. Alguns democratas acreditavam que este grupo poderia destruir todo o partido, mas outros sustentavam o nome com orgulho.¹⁷¹

Assim destacamos o envolvimento público de Gamaliel Bailey com a política no século XIX. O editor arriscou sua vida ao enfrentar os tumultos contra sua imprensa e permanecendo nas cidades que exigiam sua saída, simpatizava com o

¹⁶⁸ MITCHELL, Thomas G.. *Antislavery Politics in Antebellum and Civil War America*. Greenwood Publishing Group, 2007, p. 54.

¹⁶⁹ PIERSON, Michael D.. *Free Hearts and Free Homes: Gender and American Antislavery Politics*. Univ of North Carolina Press, 2003, s/ p.

¹⁷⁰ MITCHELL, *Op. Cit.*, p. 54-55.

¹⁷¹ MOUNTJOY, Shane. *Manifest Destiny: Westward Expansion*. Infobase Publishing, 2009, p. 2.

Partido do Solo Livre, que possuía ideias imediatistas, e também com os Democratas “queimadores de celeiros”, que eram assumidamente radicais.

O National Era: Materialidade, assinantes e contribuintes

Segundo Claire Parfait, o *National Era*¹⁷² (1847-1860) foi publicado semanalmente, composto por quatro páginas largas, com sete colunas por página. Trazia uma grande diversidade de informações do país e de outras partes do mundo, que poderiam aparecer no formato de cartas entre correspondentes ou reimpressões de outros jornais. Disponibilizavam artigos com matéria de ciência e informações sobre o mercado regional, com preço de bens de consumo. Também tentava manter o leitor informado sobre o lançamento de diversos produtos lançados: como livros, panfletos, roupas, medicamentos, etc.. Trazia também textos literários, como poemas e ficções longas e curtas.¹⁷³ A diversidade de textos oferecida pelo jornal buscava abordar homens, mulheres e crianças.¹⁷⁴

A disposição das colunas e número de páginas era comum a outros jornais – de emissão diária ou semanal. A literatura nos jornais geralmente vinha nas últimas páginas, mas no *Era*, as ficções e poemas vinham na primeira página. Não vinham separadas; misturavam-se a cartas de leitores, debates parlamentares e discursos políticos. A ficção normalmente vinha como uma pausa entre as notícias tensas do dia. Na imprensa abolicionista, a ficção geralmente representava um papel menor, abordando o tema da escravidão. Enquanto no *Era*, a ficção geralmente evitava o tema da escravidão, até emergir a publicação do romance de Stowe. *A Cabana do pai Tomás* dialogava com os outros textos que o circundavam, oferecendo uma perspectiva crítica daquelas informações.¹⁷⁵

¹⁷² As edições originais do jornal durante o período de publicação de *A cabana do pai Tomás* está disponível no site do arquivo: <http://utc.iath.virginia.edu/cocoon/utc/frameset.xml?page=231&view=image>.

¹⁷³ PARFAIT, *Op. Cit.*, p. 17.

¹⁷⁴ HOCHMAN, Barbara. *Uncle Tom's Cabin and the Reading Revolution: Race, Literacy, Childhood, and Fiction, 1851-1911*. Univ. of Massachusetts Press, 2011, p. 31-32.

¹⁷⁵ Idem, *ibidem*, p. 31-32.

Bailey já sabia do gosto dos norte-americanos pela ficção, com sua experiência no *Philanthropist* durante a década de 1840.¹⁷⁶ O *National Era* se destacava por ser um impresso de cunho literário e político, onde tais temas coexistiam, mas não se fundiam. Em novembro de cada ano, Bailey publicava uma “Carta Anual”, destinada aos leitores, estimulando a renovação das assinaturas. E na carta de 1851 declarou sua intenção de ser um jornal literário e também um defensor dos Direitos Humanos. A escravidão foi tema proeminente no jornal em meados do século XIX, se tornando mais recorrente com o aumento do debate acerca da expansão do território para o oeste e com os debates da Lei do Escravo Fugitivo ¹⁷⁷ (1850). ¹⁷⁸

Os assinantes do *National Era* se distribuía por três regiões do país: o Centro-oeste, o Norte e, marginalmente, o Sul. Aproximadamente metade das assinaturas ficava no Centro-oeste, um terço em Nova York, e a maior parte do restante se distribuía por Nova Inglaterra, Nova Jersey, Pensilvânia, e alguns no Sul. Quando Bailey abordava leitores do Sul, ele se concentrava nos estados de fronteira entre o Norte e o Sul: Maryland, Virgínia e Kentucky – onde a opinião abolicionista provavelmente ainda era maleável. ¹⁷⁹

De acordo com o historiador Stanley Harrold, o *National Era* tinha 15 mil assinantes em março de 1851, e era um dos jornais abolicionistas de maior circulação nos EUA, disponibilizando um grande público para o romance de Stowe, que teve início em 5 de junho. Na edição de 22 de janeiro, as assinaturas aumentaram para 18 mil assinantes. Ao fim da serialização de *Uncle Tom’s Cabin*, 1 de Abril 1852, o jornal tinha cerca de 19 mil assinantes. Sendo que, em 1853, o jornal chegou a 28 mil assinantes. ¹⁸⁰ Um crescimento progressivo e significativo.

¹⁷⁶ PARFAIT, *Op. Cit.*, p. 18.

¹⁷⁷ Essa lei proibia o acolhimento ou auxílio aos escravos fugidos de seus donos, e permitia que os proprietários de escravos fizessem a busca e captura de seus escravos fugidos nos territórios dos Estados Unidos, incluindo os estados onde a escravidão fosse proibida. Determinando que o governo deveria oferecer comissários destinados a ajudar nas buscas, e aqueles que desrespeitassem as determinações seriam submetidos a multas severas. (Fugitive Slave Act, 1850. Disponível em: <http://www.nationalcenter.org/FugitiveSlaveAct.html>. Acesso em: 19-09-2013.

¹⁷⁸ HOCHMAN, *Op. Cit.*, p. 32.

¹⁷⁹ HARROLD, Stanley. Gamaliel Bailey and Antislavery Union. Kent, Ohio: Kent State UP, 1986, p. 139 *apud* RAABE, Wesley Neil. *Harriet Beecher Stowe’s Uncle Tom’s Cabin: an electronic edition of the National Era Version*. Dissertation presented for the Degree of Doctor of Philosophy. (Department of English). University of Virginia, 2006, p. 99.

¹⁸⁰ HARROLD, Stanley. Gamaliel Bailey and Antislavery Union. Kent, Ohio: Kent State UP, 1986, p. 139 *apud* RAABE, *Op. Cit.*, p. 88.

Harrold atribuiu o aumento significativo das assinaturas do jornal em 1852 e 1853 à grande expectativa gerada pela obra de Stowe e a decisão de Bailey de torná-la contribuinte do jornal.¹⁸¹ Mas Wesley Raabe ressalta que devemos ter cautela ao pensar o crescimento do número de assinantes do *Era* relacionando diretamente e unicamente com a obra de Stowe. Pois é difícil distinguir a contribuição de Stowe, frente aos outros fatores que poderiam aumentar o público consumidor do jornal. Ao comparar a taxa média de crescimento anual do público consumidor do jornal nos quatro anos antecedentes à publicação do romance (20%) com a taxa anual de crescimento do jornal durante a serialização da obra de Stowe (27%), Raabe ressalta que o crescimento não foi tão significativo. Sendo que ainda dever-se-ia pesar a proeminência do *Era* como um jornal antiescravista nacional após a aprovação da *Lei do Escravo Fugitivo*. Adicionalmente, no prospecto anual para 1851, Bailey anunciou importantes nomes que contribuiriam para a "Miscelânea Literária". Um parágrafo separado lista Stowe no último entre os colaboradores nomeados, depois de William Elder, Henry B. Stanton, Martha Russell, Mary Irving, e Alice e Phoebe Carey ("Prospecto [...] vol. V-1851" 3).¹⁸²

Percebemos que os contribuintes convidados por Bailey eram, em sua maioria, envolvidos nas atividades de reforma social e, muitos deles, lutavam especificamente contra a escravidão. Bailey convidou John G. Whittier como contribuinte regular, com serviços de poeta e editor correspondente. Whittier lutava contra a escravidão e escreveu muitas obras pela causa abolicionista.¹⁸³ Bailey contratou uma série escrita por E.D.E.N. Southworth (Emma Dorothy Eliza Nevitte Southworth), que foi uma defensora da mudança social e do Movimento pelos Direitos das Mulheres. Segundo Lyde Cullen Sizer, o primeiro romance de Southworth foi "*Retribution*", que se apresentou como uma série no *National Era* (posteriormente publicada em forma de livro em 1846).¹⁸⁴

Fechou contrato com Henry B. Stanton (1805-1887), que era ativo nas lutas abolicionistas e em outras lutas por reforma social, como a luta pelos direitos das mulheres e luta pelo sufrágio universal. Stanton estava ligado a dois grandes

¹⁸¹ RAABE, Wesley Neil. *Harriet Beecher Stowe's Uncle Tom's Cabin: an electronic edition of the National Era Version*. Dissertation presented for the Degree of Doctor of Philosophy. (Department of English). University of Virginia, 2006, p. 88

¹⁸² Idem, *ibidem*, p. 90

¹⁸³ <http://utc.iath.virginia.edu/sentimnt/greenwoodhp.html>.

¹⁸⁴ SIZER, Lyde Cullen. *The Political Work of Northern Women Writers and the Civil War, 1850-1872*. Univ of North Carolina Press, 2000, p. 38-39.

indivíduos do século XIX, era marido de Elizabeth Cady Stanton¹⁸⁵ e primo de Gerrit Smith (envolvido na reforma social e, especificamente, no abolicionismo, servia como filantropo e político). Stanton ajudou a organizar os partidos do Solo Livre (1848) e Partido Republicano (1856) e foi secretário da Sociedade Americana Antiescravista entre 1835 e 1840.

Bailey fez um acordo exclusivo com a Grace Greenwood (pseudônimo de Sarah Jane Clarke, 1823–1904) que escreveu contra a injustiça social. Sua publicação no *Era* concedeu uma má reputação a Greenwood por causa da publicação do romance de Stowe, e os jornais sulistas não aceitaram publicar seus escritos.¹⁸⁶

Quem é radical?

Alguns jornais consideravam o *National Era* de posicionamento político radical, entre eles destaca-se o jornal *Manhattan*, que também considerava as ideias de Stowe radicais. Assim, é interessante pensar qual era a percepção dos radicais da imprensa de Bailey. William Lloyd Garrison, compreendido como radical pela historiografia e durante a sua vida, considerava o jornal bastante moderado.

Garrison alegava que o *Era* possuía uma escrita preocupada em não ofender nenhum leitor quando tratava a questão da escravidão e que o alto número de assinantes e a ampla circulação do periódico de Bailey eram “evidências” de que suas publicações possuíam cunho moderado. Bailey recebeu uma carta do periódico *Manhattan*, criticando a visão de Garrison. Na carta, o *Manhattan* defende o próprio ato de o jornal ter publicado o romance de Stowe como um ato radical e

¹⁸⁵ Elizabeth Cady Stanton organizou, juntamente a Lucretia Mott, a *Convenção de Sêneca Falls*, que é considerada por uma corrente da historiografia como o marco inicial da luta feminista no mundo ocidental. Porém, segundo Andréa Lisly Gonçalves, a Convenção foi um desdobramento de um ocorrido na *Convenção Mundial contra a Escravidão* de 1840, em Londres, onde as mulheres representantes foram impedidas de participar dos debates sobre a escravidão na América. Poderiam somente assistir às discussões. Assim, depois de quase dez anos, as participantes deste evento, as americanas Elizabeth Cady Stanton e Lucretia Mott, organizaram a convenção de 1848. Desta forma, o movimento feminista teria surgido diretamente relacionado com a questão abolicionista. (GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 15-16).

¹⁸⁶ <http://utc.iath.virginia.edu/sentimnt/greenwoodhp.html>.

exaltou a circulação do romance nos estados escravistas.¹⁸⁷ Esta carta foi publicada pelo *National Era* em 17 de abril de 1852.

Stowe reconhecia o radicalismo de Garrison e era contra suas ideias e seus métodos. Em 1853, Garrison convidou Stowe a participar da celebração do vigésimo aniversário da Sociedade Americana Antiescravista (American Anti-Slavery Society), onde muitas mulheres iriam discursar. Stowe recusou o convite e demonstrou seu desconforto com o radicalismo de Garrison em carta particular, direcionada a este. Na carta de 1853, Stowe declarava compartilhar de algumas ideias do editor, mas que discordava em muitos pontos, considerando-as “errôneas, prejudiciais à liberdade e ao progresso da humanidade”. É interessante destacarmos isto para compreendermos que o movimento abolicionista não era um movimento homogêneo e que os abolicionistas não estavam em total harmonia contra a instituição escravista. Havia uma discriminação dentro do próprio movimento, distinguindo moderados e radicais, que era pauta de discussão pública (como vimos na vida de Lyman Beecher no Seminário Teológico de Lane).

Stowe declarou que lia o jornal de Garrison, *Liberator*, mas que temia o uso do jornal por pessoas que não soubessem discriminar bem e mal.¹⁸⁸ É interessante ressaltar o quão recorrente era o discurso do medo dos usos das interpretações abolicionistas na imprensa nesse período. Stowe demonstra receio dos usos que aqueles que não possuíam “mentes bem equilibradas e inteligentes, capazes de discernir entre o bem e mal” podiam fazer do jornal de Garrison. Metaforicamente afirmou: “O que eu temo é que tirem do pobre tio Tom sua Bíblia e deem-lhe nada em seu lugar”^{viii 189}. Ou seja, provavelmente temia que a liberdade fosse a única coisa reivindicada pelos abolicionistas e que os negros ficassem abandonados. Por outro lado, o mesmo discurso do medo do uso instigou os autores da defesa pró-escravista dos anti-tom que escreveram contra Stowe. O medo de pessoas adotarem *A Cabana do Pai Tomás* como verdade e sistema de ideias foi expresso em diversos romances anti-tom, como o de Eastman e no livro de Nicholas Bribblecomb.

¹⁸⁷ "Manhattan". [from] LETTER FROM NEW YORK. NEW YORK, April 17, 1852. In: *The National Era*. Washington, D.C.: 22 April 1852. IN: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar01ut.html>. Acesso em: 28-08-2013.

¹⁸⁸ STOWE, H. B. NOV. 1853. *The Oxford Harriet Beecher Stowe Reader*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 77.

¹⁸⁹ Idem, *ibidem*, p. 77.

Stanley Harrold apontou que alguns historiadores acreditam que o “absolutismo moral e retórico duro” de radicais sociais, como William Lloyd Garrison e seus associados da Nova Inglaterra, aniquilou a sua eficácia. Mas que os grupos mais moderados, evangélicos ou de orientação religiosa foram mais representativos e bem sucedidos na difusão do sentimento antiescravista.¹⁹⁰ Isso faz sentido, ao pensar a proporção da recepção do romance de Stowe frente à recepção das obras de Garrison e o fato deste apontar a abrangência muito ampla da leitura do *Era* como um indicador de sua posição política moderada.

Estratégias de publicidade

Acreditamos que Gamaliel Bailey investiu fortemente em estratégias de publicidade para a divulgação de *A cabana do Pai Tomás*, mas que Stowe também adotou estratégias na construção de seu romance que favoreceu essa divulgação, principalmente ao envolver os principais estados que concentravam leitores do jornal na trama. Acrescentando valores positivos aos estados que possuíam mais leitores e negativos aos que possuíam poucos, como no caso de Kentucky (um lugar de cavalheiros e damas bem educados e religiosos) e Louisiana (que recebe um capítulo intitulado *Lugares sombrios*; no original: *Dark Places*).

Em março de 1851, Stowe entrou em contato com Gamaliel Bailey propondo um romance para o jornal.¹⁹¹ Bailey aceitou a proposta e o anunciou desde 8 de maio, o que permitiu quase um mês de publicidade do romance antes de ser publicado, em 5 de junho. Bailey anunciou a futura publicação de Stowe, buscando a atenção do público e, conseqüentemente, chamando assinantes:

Sra. Stowe é uma das mais talentosas e populares escritoras norte-americanas. Anunciamos sua história com antecedência, para que nenhum dos nossos assinantes perca o começo, e que aqueles que desejam ler a produção, já que vão aparecer em números

¹⁹⁰ HARROLD, Stanley. *American abolitionists*. Harlow, England; New York: Longman, 2001, p. 07.

¹⁹¹ STOWE, H. To Gamaliel Bailey, March 9, 1851. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe Reader*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999.

sucessivos do *Era*, podem nos enviar seus nomes na temporada. (V: 74)¹⁹²

O primeiro e o segundo capítulo preencheram quase meia página do jornal. O espaço ocupado pelo romance de Stowe variou bastante, oscilando entre uma coluna e meia e cinco colunas. E, embora Stowe previsse que a história só se estenderia por três ou quatro números ¹⁹³, o romance foi publicado durante 44 semanas, se estendendo até 1 de abril, sendo que em 3 semanas o jornal apareceu sem a obra de Stowe.¹⁹⁴

Wesley Neil Raabe aponta que os avisos editoriais de Bailey para promover a obra de Stowe foram extremamente eficazes, e que esta estratégia não era nova. Bailey já havia utilizado as mesmas estratégias promovendo outros trabalhos. Além disso, o editor contava com o reconhecimento público das obras da autora. Assim, o editor já esperava pelo sucesso de Stowe.¹⁹⁵

O mesmo autor acredita que o próprio jornal direcionava as notícias para seu público. Stowe estimulava o público consumidor, incluindo os estados dos assinantes na trama de *A Cabana do Pai Tomás*. Ressalta a especificação que Stowe fez no último capítulo do romance ao se referir ao Norte e ao Centro-Oeste, especificando os seguintes estados: Massachusetts, New Hampshire, Vermont, Connecticut, Nova York e Ohio. Assim, o público assinante impactava as escritas de Stowe e sua escolha de espaços geográficos.¹⁹⁶

O *Era* adotou diversas estratégias para incentivar novas assinaturas e manter as antigas. E ainda reforçava a ideia de que, caso cancelassem a assinatura, perderiam parcelas da publicação de Stowe e que poderiam não conseguir refazer sua assinatura, depois de cancelada. Outra estratégia era o pagamento anual da assinatura, reforçando a manutenção do público por um ano inteiro.¹⁹⁷

O grande número de leitores levou o jornal *The New York Evening Post* a acreditar que a publicidade mais importante para o romance de Stowe foi feita

¹⁹² Mrs. Stowe is one of the most gifted and popular of American writers. We announce her story in advance, that none of our subscribers, may lose the beginning of it, and that those who desire to read the production as it may appear in successive numbers of the *Era*, may send us their names in season. (Unsigned Gamaliel Bailey. *The National Era*. Washington, D.C.: 8 May 1851. In: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar01at.html>. Acesso em: 21-08-2013.)

¹⁹³ STOWE, H. To Gamaliel Bailey, March 9, 1851. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe Reader*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999.

¹⁹⁴ PARFAIT, p. 20-21.

¹⁹⁵ RAABE, *Op. Cit.*, p. 91.

¹⁹⁶ Idem, *ibidem*, p. 99-100.

¹⁹⁷ Idem, *ibidem*, p. 92.

pelo público já formado do jornal *National Era*, através de sua publicação semanal. Bailey anunciou que o *The New York Evening Post* explicou da seguinte forma a publicidade de UTC:

"A razão de sua popularidade desde o início é que o livro foi levado ao conhecimento de 15.000 a 20.000 pessoas, todas as semanas através das colunas do jornal, e, portanto, tinha realmente recebido, e sem qualquer custo, mais publicidade antes de ser impresso do que qualquer livro recebe quando publicado na forma ordinária. Esta feliz circunstância criou um mercado nos Estados Unidos para qualquer coisa que esta senhora pudesse escrever [...]." ix 198

A essa publicação de *The New York Evening Post*, o jornal *National Era* respondeu afirmando que o romance foi levado a cerca de sessenta ou setenta mil pessoas, em vez de 15 ou 20 mil.¹⁹⁹ Esse número não é explicado, mas é possível que Bailey levasse em consideração que os jornais eram lidos para grupos e não apreciados individualmente, portanto o número de pessoas em contato com o romance através do jornal tem que ser significativamente maior que o número de assinantes. Mas também pode ter sido uma estratégia de publicidade de Bailey, que se apresentava como um sucesso, conhecido por todos e em constante crescimento.

Bailey manteve a publicidade no romance de Stowe quando este foi lançado na forma de livro, apontando para a publicação e venda do livro e os números das vendas. Em 1 de abril de 1852, uma semana depois de ter sido publicado a última parte de UTC no *Era*, Bailey publicou que os editores de Boston emitiram uma edição de cinco mil cópias no dia 20 de março e que já havia se esgotado e que mais uma edição de cinco mil cópias já havia aparecido. Destacava a excepcionalidade da recepção da obra, com seu enorme sucesso e o recebimento de milhares de cartas de leitores comentando o romance. O próprio jornal *National Era* vendia o exemplar em seu escritório, aceitando encomendas que poderiam ser enviadas para as casas dos interessados, anunciando inclusive os preços do livro.

200

¹⁹⁸ The New York Evening Post *apud* BAILEY, Gamaliel. *The National Era*. Washington, D.C.: 29 April 1852. IN: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar01vt.html>. Acesso em: 28-08-2013.

¹⁹⁹ BAILEY, Gamaliel. *The National Era*. Washington, D.C.: 29 April 1852. IN: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar01vt.html>. Acesso em: 28-08-2013.

²⁰⁰ Unsigned (Gamaliel Bailey). Uncle Tom's Cabin. In: *The National Era*. Washington, D.C.: 1 April 1852. <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar01et.html>. Acesso em: 28-08-2013.

***A Cabana do Pai Tomás* na editora John P. Jewett & Co.**

A obra *A Cabana do Pai Tomás* foi recusada pela editora de Boston Phillips, Sampson & Co., porque temia perder relações comerciais com o Sul e também por não acreditar que o livro poderia render lucros suficientes para tal risco. Então Stowe buscou a John P. Jewett & Co., que era uma editora consolidada e famosa por publicar obras religiosas. A editora já havia publicado obras de seu irmão, Henry Ward Beecher, e de seu marido, Calvin Stowe.²⁰¹

John P. Jewett (1814-1884) trabalhou como vendedor de livros e editor em Salém (Massachusetts), entre 1836 e 1844. É plausível que, quando viveu alguns meses em Cincinnati, tenha conhecido os Beecher. Jewett voltou para Salém em 1845, e em 1846 abriu uma firma em Boston, que reunia livraria e editora. No início da década de 1850, Jewett tinha começado a publicar ficção e algumas obras antiescravistas. Quando Jewett publicou o romance de Stowe, sua firma ainda era pequena, comparada a outras do período.²⁰²

Robert Darnton, em *O Beijo de Lamourette*, aponta a importância de a pesquisa historiográfica conseguir mapear “como os editores firmavam contratos com autores, [...], tratavam as finanças, os fornecimentos, as remessas e a publicidade”²⁰³ Darnton propõe que “consultando os documentos dos editores, [os historiadores] poderiam fazer incursões mais profundas nos séculos XIX e XX”.²⁰⁴ Nesse sentido, a fim de compreender a produção do romance na forma de livro nós iremos nos pautar na entrevista concedida por John Jewett ao jornal *The Manhattan*, em 1883²⁰⁵.

Nesta entrevista, Jewett afirmou acreditar que o motivo de ter sido chamado para publicar *A Cabana do Pai Tomás* podia ser por dois fatores: o fato de que era um antiescravista radical no período e o fato de ter publicado um livro de Hen-

²⁰¹ WINSHIP, Michael. *Uncle Tom's Cabin: History of the Book in the 19th-Century United States*. 2007. In: <http://utc.iath.virginia.edu/interpret/exhibits/winship/winship.html>

²⁰² PARFAIT, *Op. Cit.*, p. 35

²⁰³ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 124.

²⁰⁴ Idem, *ibidem*, p. 124.

²⁰⁵ FORMAN, William Henry. *The Manhattan*. New York: January 1883. IN: <http://utc.iath.virginia.edu/articles/n2ar37at.html>

ry Ward Beecher²⁰⁶. Ele declara que as outras editoras de Boston, temiam o envolvimento com as produções de cunho abolicionista, pois, na época, havia uma possibilidade de as editoras sofrerem um impacto muito negativo com tais publicações. Depois de ter sido recusada em vários lugares, segundo Jewett, Stowe buscou a editora que já era conhecida como antiescravista. O próprio Jewett era um dos fundadores da Sociedade Antiescravista, em Boston e já havia sofrido perseguições por causa de suas convicções.

Jewett declara que sua única preocupação era se o livro de Stowe conseguiria alcançar vendas suficientes para compensar os gastos. A esposa de Jewett havia lido o romance na versão do *National Era* e afirmava que a obra tinha grande potencial. Jewett se recusou a ler os trechos do romance, indicado pela esposa, para lê-lo somente quando a obra estivesse completa, na forma de livro. E chegou a conclusão de que as vendas da obra poderiam cobrir os gastos com a publicação e ainda gerar lucro. O editor declarou que também admirou o potencial da obra como um forte documento antiescravista.²⁰⁷

Stowe, a princípio, queria vender sua história para a editora de Jewett. Mas o editor a convenceu de que esta opção não seria vantajosa para ela. Stowe foi acompanhada por Catharine Beecher, que havia publicado um livro por um editor de Nova York. O contrato funcionava da seguinte forma: a autora ganharia metade dos lucros do livro depois de supridos os gastos com a publicação. Jewett, segundo sua declaração, tinha forte aversão a esse tipo de contrato, pois o autor da obra não tinha meios de calcular se o livro traria lucro ou prejuízo.

Jewett propôs “Eu me ofereci para pagar dez por cento sobre o preço de venda de cada exemplar vendido por mim, o livro a apareceria em dois volumes sob o preço de \$ 1,50, o conjunto.”^{x 208} Stowe não gostou da proposta. As negociações foram interrompidas por uma viagem que Stowe teve que fazer para o Oeste. Ao retornar, Jewett aconselhou a Stowe que consultasse sujeitos reconhecidos

²⁰⁶ A obra de Henry Ward Beecher chamava *Lectures to Young Men*. E Jewett aceitou o trabalho no período em que estava se mudando para Boston, o editor não tinha condições de publicar a obra naquele momento. O editor de Indianápolis repassou para Jewett, pedindo-lhe que assumisse a publicação, vendendo com comissão ou comprando. Jewett leu a obra e se interessou. Com certo esforço o livro vendeu rapidamente. A única coisa que sabia sobre o autor é que era filho de Lyman Beecher. depois da publicação do livro, Henry Beecher fez palestras sobre o tema da obra em Nova York e em Boston e foi bem recebido. (FORMAN, William Henry. Uncle Tom's Cabin. In: *The Manhattan*. New York: January 1883. In: <http://utc.iath.virginia.edu/articles/n2ar37at.html>. Acessado em 21-08-2013, p. 32)

²⁰⁷ Idem, ibidem, p. 30.

²⁰⁸ Idem, ibidem, p. 30.

do mercado editorial, que fossem de sua confiança. Stowe optou por Philip Greeley (que era irmão da primeira esposa do professor Stowe, e depois se tornou o coletor do porto de Boston), Christopher Columbus Dean (editor do *Massachusetts Sunday School Union*) e T. R. Marvin (na época, um dos principais editores de Boston). E os consultados recomendaram a proposta de Jewett como a melhor para a autora. E assim fecharam o contrato com a proposta de 10% dos lucros. O contrato foi feito em nome de Calvin Stowe, pois Harriet não poderia assinar o contrato, já que as mulheres casadas de Massachusetts não tinham direito a propriedade separada.

Jewett acreditava que Catherine Beecher não se convenceu de que o contrato firmado por Calvin e Harriet Stowe era o melhor, nem mesmo depois do livro ter se tornado um sucesso. O editor afirmava que ela tenha morrido acreditando que Jewett roubou sua irmã em milhares de dólares.²⁰⁹

Segundo o *The Life of Harriet Beecher Stowe*, Calvin Stowe recusou a oferta de dividir metade dos lucros com a editora, desde que iria partilhar com ele as despesas de publicação. Segundo Charles Edward Beecher, Calvin negou porque estava em condições financeiras desfavorecidas para assumir tais riscos, “pobres demais para assumir tais riscos”.²¹⁰ Assinado 13 março de 1852, o acordo com o *National Era* permitia a publicação do texto antes de sua conclusão como uma série. A primeira edição foi emitida no dia vinte do mesmo mês (com 3 mil exemplares).²¹¹ Essa primeira edição se esgotou no primeiro dia de venda. Depois de quatro meses da primeira publicação, o folhetim já tinha rendido a ela 10.000 dólares. Tendo vivido com uma renda pequena para a família, o sucesso do romance elevou a vida financeira da casa. Stowe se tornou rapidamente conhecida e citada.²¹²

O editor afirma que dispensou enorme esforço para divulgação do livro de Stowe. Enviou anúncios, escritos por ele próprio, para jornais do Norte com avisos sobre a publicação. Geralmente estes foram publicados como matéria editorial, impressa conforme o original manuscrito. Antes da primeira cópia do livro, já havia gasto milhares de dólares em publicidade, o que era muito incomum na época.

²⁰⁹ FORMAN, *Op. Cit.*, p. 31.

²¹⁰ STOWE, Charles Edward (ed.). Chapter IV. *Life of Harriet Beecher Stowe*. Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1890, p. 158.

²¹¹ Idem, *ibidem*, p. 159.

²¹² Idem, *ibidem*, p. 160.

ca, principalmente para uma única obra. Muitos amigos do editor acreditavam que ele estava gastando demais e sendo movido unicamente por suas convicções anti-escravistas.

Materialidade, impressão e Vendagens

Na análise da circulação de impressos na França, Roger Chartier e Jean-Yves Mollier oferecem duas formas distintas de apropriação e circulação da cultura dos impressos. Chartier, em *Leituras e Leitores na França do Antigo Regime* (primeira edição em francês em 1987), acredita que não é possível distinguir uma clivagem cultural entre populares e eruditos, chamando a atenção para a fluidez da circulação das obras e as práticas compartilhadas entre pobres e poderosos. Enquanto Jean-Yves Mollier, em *A leitura e seu público no mundo contemporâneo* (primeira edição em francês em 2001), defende a possibilidade de se pensar uma imprensa popular, pois a produção e circulação de muitos impressos foram pensados para abarcar um público com menor poder aquisitivo. Mollier pensa uma cultura de massa, considerando alguns elementos como base material desta na França: o romance-folhetim, os jornais de um centavo, as revistas dos anos 1850-1860 e as coleções de romances a preços baixos. As estações de trem e o desenvolvimento das ferrovias teriam facilitado a circulação das obras e a criação de uma leitura de massa.²¹³

Estas reflexões dos historiadores abrem um leque de questionamento para nossa pesquisa. Seria possível distinguir uma imprensa direcionada para uma leitura em massa nos Estados Unidos oitocentista? Ou os leitores e a produção mesclavam cultura popular e erudita? Havia condições para a grande circulação de impressos? O editor do livro, John Jewett, teria pensado em atingir um público mais amplo ao publicar *A Cabana do Pai Tomás*? Os preços destes possibilitavam uma circulação maior do romance?

Uma série de fatores possibilitou a difusão de *A Cabana do Pai Tomás* na forma de livro. Entre eles destacamos as novas tecnologias na fabricação de livro,

²¹³ MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público leitor: Ensaio sobre História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 08.

a impressão por estereótipos, uma nova tecnologia que surgiu na em meados do século XIX, custava o dobro do valor da forma antiga de impressão, mas possibilitava rápidas reimpressões do mesmo livro. Devido ao grande investimento e ao alto número de impressões, era uma tecnologia destinada a livros que prometessem um grande público. Jewett também utilizou prensas a vapor, que possibilitavam a impressão acelerada, multiplicando o número de folhas que poderiam ser impressas de uma só vez. Mas a encadernação do livro ainda precisava do trabalho manual, e mais de cem encadernadores foram empregados para finalizar a produção de *A Cabana do Pai Tomás*. Desde a década de 1830, a produção e consumo de livros vinham aumentando incrivelmente devido as novas tecnologias de impressão, reduzindo o valor dos livros e aumentando o número de cópias.²¹⁴

Parfait destaca que Jewett direcionava seus impressos à classe média. Em dezembro de 1852, ele ampliou sua estratégia realizando duas edições, uma para a classe média alta e outra para a classe média baixa. Para a historiadora não há dúvida de que esta diferenciação foi pensada para o alargamento do público consumidor do romance.²¹⁵ Uma edição era luxuosa e amplamente ilustrada, com capa dura, colorida e material de qualidade superior. E ofereceu outra edição mais barata, com material semelhante ao de panfletos, sem a decoração em dourado, e muito mais simples do que a outra. A capa frontal era sem ilustração e continha o título, o nome do autor e o nome da editora e o material da capa era flexível.

Conforme Parfait, a primeira edição foi de cinco mil cópias. O preço do livro com capa de papel, que era a versão mais barata, era de um dólar. Esse valor direcionava para o público de classe média, já que um trabalhador ganhava cerca de um dólar por dia, e uma mulher trabalhadora ganhava um quarto deste valor. A edição ainda contava com versões de encadernação em tecido, com capas coloridas, que poderiam variar de um dólar e meio a dois dólares. Portanto, os formatos e materiais do impresso apontavam para públicos pré-selecionados pelo editor. Essa era uma estratégia comum, utilizada por muitos editores no período.²¹⁶

Os exemplares mais caros foram publicados em número reduzido. O estadunidense dispunha de várias cores para a edição de pano. A edição de \$ 1,50 veio

²¹⁴ PARFAIT, Claire. *The Publishing history of Uncle Tom's Cabin: 1852-2002*. Ashgate Publishing limited, 2007p. 67-68.

²¹⁵ PARFAIT, *Op. Cit.*, p. 69.

²¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 69-70.

em roxo, marrom e preto. Enquanto a edição de dois dólares estava disponível nas cores verde, vermelho, lilás, azul e preto. As capas dianteira e traseira foram carimbadas com uma gravura, em ouro na capa, repetida na página de título, e que ilustrava a cabana e seus habitantes. A gravura podia vir enquadrada em um formato retangular ou em formato oval. O cabeceado trazia, em letras de ouro, o título do trabalho, o nome do autor (H. B. Stowe), o número do volume, e o nome do editor (J. P. Jewett & Co.). Em alguns exemplares, o cabeceado não possuía o nome do editor. O pano do cabeceado podia aparecer liso ou com nervuras, e a decoração da parte dianteira e traseira também poderia sofrer alterações de uma cópia para outra. Essas variações são decorrências das várias companhias que Jewett contratou para encadernar o livro, o que sugere relativa liberdade destas para a encadernação.²¹⁷

O público começou a pedir uma edição mais barata, mesmo que de qualidade inferior. Em 15 de abril de 1852, *o National Era* publicou uma carta, sob o pseudônimo “G.”, direcionada a Bailey de um leitor de *UTC*, pedindo para insinuar para o editor do livro, Jewett, que o romance poderia ser publicado em um formato mais barato que teria boa recepção.

DR. BAILEY: Você vai conferir um favor para o público insinuando para os editores do grande trabalho da Sra. Stowe que uma edição barata de "A Cabana do Pai Tomás" seria aceitavelmente recebida. Impressoras práticas dizem-me que uma edição em tipo menor do que o utilizado nos volumes encadernados, em papel cobre, poderia ser oferecida por cerca de trinta e sete e meio centavos de dólar por cópia. Muitos poderiam comprar um exemplar a esse preço, que hesitam em pagar um dólar. É um trabalho que deve ser amplamente divulgado, e uma edição como tal deve ser emitida.²¹⁸

Mas parece que Jewett não conseguiu atender a esta demanda que pedia o exemplar a trinta e sete centavos de dólar, pois a edição com o preço mais baixo que os historiadores têm conhecimento é a encadernada de \$1,00. Há indícios de

²¹⁷ Idem, ibidem, p. 70-71.

²¹⁸ DR. BAILEY: You will confer a favor on the public by hinting to the publishers of Mrs. Stowe's great work that a cheap edition of "Uncle Tom's Cabin" would be acceptably received. Practical printers tell me that an edition in smaller type than that used in the bound volumes, in paper covers, might be afforded about thirty-seven and a half cents per copy. Many would buy one at that price, who hesitate at paying a dollar. It is a work which should be extensively circulated, and such an edition ought to be issued. ("G.". UNCLE TOM'S CABIN. In: *The National Era*. Washington, D.C.: 15 April 1852. IN: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar01aat.html>. Acesso em: 28-08-2013)

que Jewett ordenou uma pequena impressão do romance, no final de 1859, mas nenhuma cópia desta impressão foi localizada pelos historiadores.²¹⁹ Em nome de um público popular, “G” pedia, conscientemente ou não, um movimento que acontecia na França, onde “Reduzindo, recortando, censurando, remanejando”, os editores impunham “formas inéditas, “populares”, a textos que atravessam assim as fronteiras sociais, ganhando aqueles a quem, originalmente, não eram destinados”²²⁰

Em 9 de abril de 1852, *The Liberator* publicou sobre a investida de Jewett em uma enorme produção do romance. Contudo, mesmo com as fábricas de papel e as prensas trabalhando noite e dia, as encomendas da obra superavam a capacidade de produção do romance:

John P. Jewett & Co., os editores, informam aos editores do *The Traveller* que a procura de "A Cabana do Pai Tomás" é tão grande, que, apesar de as três fábricas de papel estarem constantemente empregadas na fabricação do papel, e três prensas de Adams serem mantidas funcionando 24 horas por dia (exceto aos domingos), e 100 livrarias estejam incessantemente exercendo a sua arte, os editores ainda estão algumas milhares de cópias atrás de suas ordens. Quinze mil cópias já foram impressas, e mais cinco mil serão impressas nesta semana – completando 20.000 cópias ou 40 mil volumes, em três semanas.²²¹

Os jornais *Independent*, *Liberator* e o *National Era* se destacaram com as notícias sobre as vendagens. Mantiveram os leitores informados sobre os inúmeros tipos de textos que surgiram em decorrência do romance, textos a favor ou contra as ideias ali apresentadas. Publicaram trechos de comentários de leitores, notícias de respostas pró-escravistas e informações sobre dramatizações do romance. Informavam também sobre as edições estrangeiras e traduções, assim,

²¹⁹ WINSHIP, Michael. *Uncle Tom's Cabin: History of the Book in the 19th-Century United States*. 2007. In: <http://utc.iath.virginia.edu/interpret/exhibits/winship/winship.html>. Acesso em: 10-10-2013.

²²⁰ CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004, 09-10.

²²¹ John P. Jewett & Co., the publishers, inform the editors of *The Traveller* that the demand for "Uncle Tom's Cabin" is so great, that notwithstanding that three paper mills are constantly employed in making the paper, and three of Adams's power presses are kept running 24 hours per day, (Sundays only excepted,) and 100 booksellers are unceasingly plying their art, the publishers are still some thousands of copies behind their orders. *Fifteen thousand* have already been printed, and *five thousand* more will be printed this week—making 20,000 copies or 40,000 volumes, in three weeks. (Unsigned. Extraordinary Demand for 'Uncle Tom's Cabin.' IN: *The Liberator*. Boston: 9 April 1852. In: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar02adt.html>

como comentários de leitores estrangeiros que foram publicados em jornais ingleses.

Jewett vendeu mais de 320 mil conjuntos de dois volumes do romance, no primeiro ano (1852). Segundo o editor, nenhuma publicação superou o número de vendas da obra até 1883 (data que concedeu a entrevista), com exceção do romance *Helen's Babies*²²² (1876), que vendeu mais de 400,000 cópias. Contudo, Jewett não considerava a venda da obra tão significativa, pois seu preço era muito mais acessível às camadas pobres do que o romance de Stowe.²²³

Segundo Sarah Meer, os estudos sobre *A Cabana do Pai Tomás* presumem que a classe média feminina estadunidense formou o principal público leitor do romance.²²⁴ A obra foi lida como uma arma contra a escravidão, mas também para entretenimento. A materialidade atual de alguns exemplares indica que alguns leitores anexavam notícias de jornais que se referiam ao romance: sobre as personagens reais que serviram de inspiração a Stowe, sobre a vida de negros que foram para a Libéria e sobre as encenações do romance.²²⁵

Formas de aquisição do romance

A Cabana do Pai Tomás era vendido no escritório da editora John Jewett & Co., em Boston, e no escritório do *National Era*, em Washington. A editora e o jornal também aceitavam encomendas da obra para que fossem enviadas por correio e Jewett contratou empresas para garantir a distribuição da obra pelas livrarias do país. Assim, o livro circulou com grande rapidez por todo o país.

William Harned, agente de publicidade, que possuía um estoque de publicações abolicionistas, anunciou que *A Cabana do Pai Tomás* poderia ser obtido no Depósito da Sociedade Antiescravista Americana e Estrangeira, em Nova York. Aliás, a sociedade foi fundamental para a circulação do romance fora de

²²² *Helen's Babies* foi um romance escrito por John Habberton, e direcionado ao público infantil. Foi publicado por Loring Publisher, em Boston. O título completo era *Helen's Babies: With Some Account of Their Ways Innocent, Crafty, Angelic, Impish, Witching, and Repulsive, Also, a Partial Record of Their Actions During Ten Days of Their Existence*. Em 1924 se tornou filme.

²²³ FORMAN, *Op. Cit.*, p. 31.

²²⁴ MEER, *Op. Cit.*, p. 11.

²²⁵ PARFAIT, *Op. Cit.*, p. 89.

Nova York. De fato, em 1853, o décimo terceiro relatório anual da Sociedade Antiescravista Americana e Estrangeira apontou para seu próprio sucesso em "promover o bem da causa." Anunciaram que atingiram mais de 10 mil dólares com as vendas do romance. Sendo que a sociedade o vendia como uma arma na luta contra a escravidão, o que também ajuda a explicar seus números de vendas.²²⁶

Jewett mencionou em alguns anúncios que o romance foi vendido por "agentes de prospecção". Esses agentes foram empregados para obter encomendas de livrarias ou para vender o romance para os habitantes de áreas rurais.²²⁷ Assim, a circulação do livro dependeu das empresas de transporte e das vias de transporte dos Estados Unidos oitocentista. Com isso, cabe ressaltar que o transporte, via ferrovias, por exemplo, já estava sofrendo uma grande transformação e ampliação, possibilitando o escoamento de uma grande carga de mercadoria em um curto período de tempo.

O jornal *The Independent*, em 13 de maio de 1853, expressou sua admiração com a eficácia da produção e circulação do romance, as empresas responsáveis pelo transporte do livro para os diversos estados do país apresentavam significativa rapidez, com destaque para Kinleys & Co. e Thompson & Co., que já haviam transportado cem mil volumes (55 toneladas) até a aquela data.²²⁸ Kingsley and Co. entregou os livros em Nova York e Filadélfia. Enquanto Thompson & Co. entregou carregamentos no oeste de Massachusetts, Connecticut, Nova York e no Centro-oeste.²²⁹ A empresa Proctor e Worthington, de Cleveland, tratou todas as vendas a oeste das montanhas Alleghenies, na cordilheira dos Apalaches.²³⁰

Assim o caminho mais comum do livro era: autor, editor e leitor, ou autor, editor, transportador, livreiro e leitor. Além dessas formas, os leitores também poderiam receber o livro de presente de amigos, revezar a leitura com outros leitores – como fizeram os mineiros de São Francisco –, comprar edições contrabandeadas, etc.²³¹ As edições pirateadas do romance representaram uma quantidade

²²⁶ Idem, *ibidem*, 94

²²⁷ Idem, *ibidem*, p. 93

²²⁸ Unsigned Notice. *The Independent*. New York: 13 May 1852. Disponível em: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar12dt.html>. Acesso em: 26-10-2013.

²²⁹ WINSHIP, Michael. *American Literary Publishing*. Cambridge University Press, 2003, p. 151–2

²³⁰ PARFAIT, p. 92.

²³¹ Segundo o jornal *The Independent*, pagaram 25 cents por volume, um preço exorbitante, uma vez que representava um quarto do valor dos dois volumes, na edição mais barata ("Uncle Tom's

significativa com cerca de meio milhão de cópias vendidas na Inglaterra e suas colônias até 1853.²³² *The Independent* publicou que até agosto de 1852, pelo menos quatro edições foram lançadas na Inglaterra e uma no Canadá.²³³

Parfait apontou que a única forma de saber a extensão da circulação de *A Cabana do Pai Tomás* no sul dos Estados Unidos seria por evidências indiretas. É necessário recorrer a cartas pessoais e jornais para mapear essa leitura. Mas ainda assim, é possível afirmar que os sulistas encontraram várias formas de ter acesso ao romance, mesmo depois da proibição de sua circulação no Sul. Viagens de amigos ao Norte ou vendas clandestinas eram recorrentes. Mas também recorreram à leitura para simples distração.²³⁴

Isso aponta para o que Chartier já havia afirmado sobre a França setecentista: que os dispositivos de censura provocam estratégias que o amenizam ou o subvertem.²³⁵ Ou seja, as tentativas de repressão criadas pelos estados sulistas estimulavam novas formas de contato com o romance.

Na Inglaterra, a primeira publicação do romance foi em maio e se tornou um grande sucesso, a aceitação da obra foi ainda maior do que nos Estados Unidos. Os editores de Londres venderam cerca de 10 mil exemplares por dia, durante cerca de quatro semanas. E mais de um milhão de cópias foram vendidas até o fim do ano. Só perdia em vendas para a Bíblia e os livros de oração. Logo surgiram traduções em outros lugares do mundo.²³⁶ Concorrendo com as edições pirateadas do romance, que foram estimadas em cerca de meio milhão de cópias vendidas na Inglaterra e suas colônias até 1853.²³⁷

Cabin”. *The Independent*, 19 august 1852. Disponível em: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar12aft.html>. Acesso em: 26-10-2013).

²³² MEER, p. 04.

²³³ “Uncle Tom’s Cabin”. *The Independent*, 19 august 1852. Disponível em: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar12aft.html>. Acesso em: 26-10-2013.

²³⁴ PARFAIT, *Op. Cit.*, p. 97-98.

²³⁵ CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: editora Unesp, 2004, p. 16.

²³⁶ WINSHIP, Michael. *Uncle Tom's Cabin: History of the Book in the 19th-Century United States*. 2007. In: <http://utc.iath.virginia.edu/interpret/exhibits/winship/winship.html>. Acessado em: 09-04-2014.

²³⁷ MEER, *Op. Cit.*, p. 04.

Capítulo 3. Atacando a escravidão: um estudo de *A Cabana do Pai Tomás*

O romance de Harriet Beecher Stowe se sustentou em diversas balizas para criticar a escravidão. Buscaremos nesse capítulo pensar essa construção textual de seu romance. Refletiremos sobre as seguintes questões: a religiosa e moral, a da herança biológica e cultural de negros e de brancos; a política e legislativa; a da emancipação dos escravos; as imagens criadas do sul. E, para que o leitor consiga acompanhar a discussão, traremos, em um primeiro momento, uma sinopse da obra.

Sinopse do romance

Propomos neste item realizar um breve resumo das principais histórias narradas no romance de Stowe. Resumir um texto tão denso em ideias e cheio de subtramas implica numa redução extrema da complexidade que este possui. E o fato de ser uma dupla tradução (do inglês para o português; do século XIX para o XXI) também acrescenta uma alteração enorme da linguagem de outra época quando vertida para a nossa. Assim, o que se segue não pretende ser um substituto à própria obra, mas somente uma forma de direcionar o leitor para a discussão que pretendemos focar. Como afirmam os tradutores do romance *O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha*, Carlos Nougué e José Luis Sánches:

[...] a tradução ideal seria aquela que estivesse para a obra traduzida assim como o vidro está, numa moldura, para um quadro: pura transparência, puro deixar ver a obra traduzida, e, portanto, puro desaparecer para o leitor a que se dirige.²³⁸

Sabemos que os leitores interpretam as obras de formas diferentes, pois precisam de suas experiências individuais para dar sentido aos textos.²³⁹ E ao escrevermos sobre um texto produzimos outro, aberto a outras interpretações, por isso, não pretendemos dar a última palavra, mas dar continuidade a uma discussão

²³⁸ NOUGUÉ, Carlos & SÁNCHEZ, José Luis. Nota dos tradutores. In: CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha*. São Paulo: Abril, 2010, p. 13.

²³⁹ Ver: CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*. 1991, vol.5, n.11, pp.173-191. IN: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext. Acessado em: 20-12-2010.

já aberta por Stowe.²⁴⁰ Admitimos nossa subjetividade ao reorganizar o texto de Stowe na forma deste resumo, apresentaremos algumas das histórias que surgiram no livro e paralelamente examinaremos a construção textual da fonte. Com a consciência de que não pretendemos esgotar o texto, partiremos assim da versão do livro de 1852, disponível no Arquivo digital *Uncle Tom's Cabin and American Culture*.

Segundo Ian Watt, para que o enredo de um romance incorpore percepções individuais da realidade é necessário que este abarque pessoas específicas em circunstâncias particulares.²⁴¹ Os personagens de *A Cabana do Pai Tomás* possuem vidas bem delimitadas, com características físicas e morais específicas, de modo em que todos possuem identidade e individualidade, que se ratificam nas diversas circunstâncias que envolvem as suas respectivas vidas. Porém, a maioria dos escravos não tem sobrenome, e seus prenomes são curtos, como: Tom, Chloe, Casy, Topsy, etc.. Alguns prenomes se repetem em vários personagens, por exemplo, o escravo George tem o mesmo nome de um filho de um homem branco que exerce um papel importante na história. Enquanto todos os brancos possuem prenomes e sobrenomes, e através destes é possível identificá-los, sem que haja na construção do texto momentos de confusão.²⁴²

Existem personagens em diversos estados da União: Vermont (norte), Indiana (antigo oeste), Kentucky (no centro do país) e Louisiana (sul). E, no que diz respeito ao tempo, não há uma delimitação muito específica, sendo que todos os eventos apontam para o mais próximo possível da aprovação da Lei dos Escravos

²⁴⁰ Sobre a construção e continuidade dos discursos ver: FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.

²⁴¹ WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das letras, 2010, p. 16.

²⁴² Era comum os escravos não possuírem sobrenome, tanto nos EUA como em outras sociedades escravistas. Foi nesse sentido que o ativista Malcolm Little adotou o “X” como incógnita de seus ancestrais que tiveram o nome suprimido e trocado pelo nome de seu proprietário. (KELLER, Kristin Thoennes. *Malcolm X: Force for Change*. Capstone, 2005, p. 16). No Brasil, os escravos somente possuíam o prenome, e em algumas ocasiões eram referidos como preto, pardo ou mulato ou de acordo com a procedência do porto de embarque na África (Guiné, Benguela, Congo, etc.). (MATTOSO, Kátia. Na África: ser vendido como escravo. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982). Para Robert Rowland, que analisa a prática de nomeação em Portugal, os nomes não servem apenas para distinguir as pessoas umas das outras, mas podem relacionar pessoas entre si, remeter a grupos e contribuir na formação de identidades individuais e sociais. (ROWLAND, R. Práticas de nomeação em Portugal durante a Época Moderna: ensaio de aproximação. In: *Etnográfica*, maio 2008, p. 17-43) Assim, a escolha dos nomes não ocorre de modo aleatório. Da mesma forma, Stowe refletiu ao determinar os nomes de seus personagens. A escolha de nomes aponta para a influência da religiosidade, como no caso de Evangeline (que remete ao evangelho).

Fugitivos (1850)²⁴³. Este tema foi motivo de inúmeros conflitos nos Estados Unidos oitocentistas²⁴⁴ e Stowe abalizou-o em sua ficção.

Para apresentar uma perspectiva crítica da escravidão aos seus leitores, Stowe construiu um texto pautado em um narrador onisciente, estimulando a reflexão de questões problemáticas frente à permanência da instituição na sociedade norte-americana. Refletindo questões de fé, moral e as adversidades da escravidão. Ele buscou também oferecer uma riqueza de detalhes sobre as moradias e sobre os personagens, construindo uma narrativa que tentava apresentar ao leitor esse mundo. Deste modo, interfere na narração, dirige-se ao leitor, comenta e faz julgamentos sobre as passagens e personagens.

O personagem que dá nome ao romance, Tom, surge através das falas de seu proprietário, Sr. Shelby, plantador de algodão do Estado de Kentucky. A primeira referência ao escravo apresenta-o como um indivíduo “fora do comum”, devido à sua religiosidade e fidelidade a seus proprietários. Como exemplos destas “qualidades”, o dono cita dois acontecimentos: sob sua ordem, o escravo já havia viajado sozinho até Cincinnati (Ohio), onde a escravidão era proibida, para receber quinhentos dólares e levar para ele. Assim, mesmo provido de dinheiro e com a possibilidade de fugir, Tom optou por voltar para a fazenda. Além disso, ainda segundo seu proprietário, um indivíduo convertido e batizado na cristandade não enganaria seu senhor.

Tom aparece efetivamente somente no capítulo 4 do livro, sentado à mesa, aprendendo a escrever com o filho dos Shelby. O narrador frisa que este era o herói da história e, por isso, a sua fisionomia merecia destaque: “um homem vigoroso, de tórax largo, um rosto de traços verdadeiramente africanos, com muita bondade, benevolência e simplicidade”.²⁴⁵ Tom aprende a ler (ainda que com al-

²⁴³ Essa lei proibia o acolhimento ou auxílio aos escravos fugidos de Kentucky, e permitia que os proprietários de escravos fizessem a busca e captura dos mesmos em qualquer território dos Estados Unidos, incluindo os estados onde a escravidão era proibida. Determinando que o governo deveria oferecer comissários destinados a auxiliar as buscas, e os cidadãos que desrespeitassem as determinações seriam submetidos a multas severas. (UNITED STATES OF AMERICA. Fugitive Slave Act, 1850. Disponível em: <http://www.nationalcenter.org/FugitiveSlaveAct.html>. Acesso em: 19-09-2013).

²⁴⁴ A aprovação da lei aumentou as tensões entre antiescravistas e pró-escravistas e gerou uma série de conflitos. Ver mais em: NIEMAN, Donald G., *Promises to Keep. African-Americans and the Constitutional Order, 1776 to the Present*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1991, pp. 30-49.

²⁴⁵ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 1, 1852, p. 41-42.

gumas dificuldades), mas não a escrever. E, ao longo de todo o romance, seu livro de companhia é a Bíblia.

Tom era casado com a escrava Chloe, com quem possui um número não especificado de filhos. Eles moram em uma construção modesta adornada com flores, onde também cultivam frutas e legumes. Na casa, Tom realiza trabalhos de administrador. Seus donos e a propriedade aparentam uma situação financeira opulenta. Arthur Shelby era casado com Emília, uma mulher religiosa e instruída. O casal possui um filho, George Shelby, que surge ainda jovem na primeira aparição de Tom.

Stowe cria uma vida paradisíaca na casa dos Shelby e demonstra que o sistema escravista ameaça a estabilidade dessa construção. O elemento desestabilizador nesse momento é o endividamento do proprietário da residência. O Sr. Shelby devia uma grande quantia a um comerciante de escravos de Natchez, Sr. Haley, e necessitava de um grande capital para quitá-la. A única alternativa do senhor era conceder ao traficante sua propriedade mais valiosa – nesse caso Tom. E, assim, resolveu ceder o fiel escravo, juntamente a uma criança escrava da casa, Harry. A mãe da criança, a mestiça Elisa, ouve a conversa escondida. Ela era uma escrava doméstica da família Shelby, casada com o mestiço George, um escravo alugado para um produtor de sacos, de uma propriedade vizinha.

Em seu trabalho, George criou uma máquina para preparar cânhamo, que ganhou o reconhecimento de todos os trabalhadores. Seu proprietário, Sr. Harris, não aceita o sucesso do escravo, pois não julgava correto que um escravo adquirisse tamanha relevância. Com a intenção de reduzir as atividades intelectuais do mestiço, leva-o de volta a plantação, onde passa a realizar trabalhos braçais desgastantes. Revoltado, o escravo foge da plantação, com destino ao Canadá. Prometendo a Elisa que trabalharia para conseguir juntar dinheiro para comprá-la de Shelby junto a seu filho. Mas, frente a essas novas circunstâncias, Elisa decide fugir e tentar encontrar o marido no Canadá. No caminho, passa pela cabana de Tom e alerta-o do destino que seu dono lhe reservava. O escravo fica assustado e temeroso, mas recusa-se a abandonar o proprietário. Assim desenvolve-se a história de George e de Elisa paralela à história de Tom.

Na manhã seguinte, quando Sr. Haley vem buscar seus novos escravos, percebe o desaparecimento de Eliza e Harry. E uma verdadeira caçada se inicia. Eliza foge intensamente dos comerciantes que a procuram. Em desespero, sendo

perseguida de perto, cruza o rio pisando sobre blocos de gelo, com a criança nos braços. Com esse ato extraordinário consegue atrasar seus perseguidores, que se recusam a arriscar a vida sobre o rio congelado.

Enquanto isso, a família Shelby fica inconsolada com a decisão de seu patriarca e o filho promete a Tom que lhe restauraria a casa assim que possível. Tom segue viagem com o Sr. Haley pelo Rio Vermelho (afluente do rio Mississippi). No comércio interno de escravos, Tom se sente constantemente humilhado. Outros negros surgem no romance possibilitando vislumbrar o desmembramento sistemático de suas famílias, como uma das consequências das vendas de escravos.²⁴⁶

No barco, Tom é vendido para o Sr. Augustine St. Clare, um plantador de Nova Orleans (Louisiana). St. Clare era um cavalheiro que não violentava fisicamente seus escravos. Pelo contrário, tentava realizar as vontades de seus servos, oferecendo-lhes autonomia para a realização de seus trabalhos e lazer. E segundo a perspectiva de Tom, ele era bom para todos, mas não era bom consigo mesmo, pois exagerava no consumo de bebidas alcoólicas. Casado com Marie, uma mulher egoísta e uma proprietária de escravos severa, St. Clare era pai de Evangeline, uma criança religiosa e com forte posicionamento crítico em relação à escravidão. Era amistosa com todos os escravos e constantemente preocupada com seus sentimentos.

Na casa também passa a residir uma prima de Augustine, Srta. Ophelia, que se muda para a fazenda para auxiliar nos afazeres da casa e na educação da criança. Ela era proveniente de Vermont, na Nova Inglaterra, lugar que havia abolido a escravidão, e onde os habitantes eram contra a mudança desta para Nova Orleans, uma região escravista. Ophelia é contra a escravidão, o que não significava que visse os negros com iguais: quando se muda para a casa ainda guarda sentimentos negativos contra os negros, pregando a distância física destes. Seu posicionamento muda depois que ganha do primo uma criança escrava, chamada

²⁴⁶ O tráfico interno era o que realmente abastecia as *plantations*, principalmente, após a proibição do tráfico internacional de 1807 (lei federal). Segundo Marquese, no período entre 1820 e 1860, ele causou de 60% a 70% do movimento interestadual de escravos no sul, sustentando-se dos cativos em excesso dos estados exportadores: Virginia, Maryland, Kentucky, Carolina do Norte e Carolina do Sul. (MARQUESE, Rafael. *Feitores do corpo, Missionários da Mente: Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660- 1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 341). Conforme Ira Berlin, esse comércio interno de escravos gerou tamanha circulação demográfica que reduziu as especificidades regionais, tão característica do século XVII e XVIII, restringindo até mesmo as maiores diferenças do sentido norte-sul. (BERLIN, Ira. *Gerações de cativo: Uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 202).

Topsy. St. Clare, a convence a instruí-la segundo os mandamentos bíblicos, pois assim ela realizaria o trabalho missionário sobre os negros que os nortistas pregavam. A escrava era insubmissa e se recusou por algum tempo a obedecer às ordens de Ophelia. Mas Evangeline convence Topsy a se tornar mais receptiva às ordens dos demais.

Tom conquista a confiança da família St. Clare e se aproxima muito de Evangeline. Na casa, realiza tarefas de cocheiro e, depois de demonstrar seus conhecimentos de administração recebe a tarefa de administrar as compras dos bens necessários a casa. Paralelamente, Tom convence seu senhor a seguir os princípios bíblicos e parar de beber.

E, novamente, outro fato vem mudar completamente a vida de Tom. Evangeline morre de uma doença não diagnosticada. E seu pai morre pouco tempo depois, tentando apartar uma briga entre dois homens embriagados em uma espécie de cafeteria. Assim, a escravaria fica a sob a responsabilidade de Marie, que decide vender todos os escravos e voltar para a fazenda do pai. Logo, Tom retorna para o terrível comércio interno de escravos.

Paralelamente, Elisa permanece em sua fuga. Ela é acolhida pela esposa de um senador que havia votado a favor da lei *Fugitive Slave Act* (que proibia o acolhimento de escravos fugidos do estado de Kentucky). A mulher era contra aquela legislação, se comove com a história e decide ajudá-la. Quando seu marido chega a casa, o senador muda de opinião ao se deparar com a mestiça em apuros e decide ajudá-la a fugir. Posteriormente, Elisa é acolhida por *quakers*, no estado de Indiana. Enquanto é alojada nesta casa, descobre que seu marido, George, está na cidade e os *quakers* conseguem reunir a família novamente.

De volta à trama de Tom, descobre-se que ele é comprado pelo Sr. Legree, um homem grosseiro, plantador de algodão. Na nova fazenda, o proprietário exige o máximo de trabalho no campo e emprega a violência física como castigo àqueles que não atingem a cota de colheita estipulada. Lá, Tom conhece a escrava Cassy, que já havia passado por vários donos. Ela era filha de uma escrava com um homem branco livre, que lhe ofereceu a educação num convento, onde aprendeu francês e bordado. Seu pai morreu jovem e ela foi incluída no inventário. Logo foi vendida para um homem, com quem desenvolveu uma relação amorosa e teve dois filhos. Com o tempo, a relação enfraqueceu e o homem envolveu-se em dívidas, vendendo Cassy e seus filhos para um primo. Posteriormente, este vendeu

Cassy e seus filhos para donos diferentes. Cassy teve mais um filho, o qual preferiu assassinar a submetê-lo a vida de escravo. Passou por muitos donos até que se tornou propriedade de Legree. Na nova fazenda, tornara-se escrava doméstica e manteve relações com Legree, recebendo inúmeros presentes, mas continuava infeliz. Legree traz Emeline, outra escrava, para assumir, no futuro, o mesmo papel sexual de Cassy.

Na fazenda, havia dois escravos que faziam trabalhos de feitores: Sambo e Quimbo. Dispunham de grande confiança de Legree e consumiam grande quantidade de bebidas alcoólicas junto de seu senhor. Eles eram homens cruéis e eram responsáveis por castigar os escravos que não atingissem as cotas. Seu proprietário os estimulava a agressividade e eles se tornaram violentos, comparados a cães pelo narrador, o qual afirma que as condições que a raça negra era submetida a tornava mais propícia à tirania do que a branca, porque constituíam uma raça que vinha há muito tempo sendo degradada e humilhada.²⁴⁷

Legree não aceita a religiosidade de Tom e tenta colocá-lo como feitor, sabendo que isto era contra os princípios do cativo. Tom se recusou repetidas vezes, as quais foram seguidas de castigos físicos. Cassy tenta convencer Tom a fugir, mas este se recusa e ela foge com Emeline. Em um determinado dia, depois de sofrer uma série de espancamentos, o Sr. George Shelby – como havia prometido no início do livro – encontra a fazenda de Legree e compra seu velho e fiel escravo. Mas Tom não resiste aos ferimentos e morre nos braços do senhor. Assim o narrador cria um tom salvacionista, com a promessa de redenção.

George Shelby fica revoltado, e depois de enterrar Tom promete a Deus que se esforçaria para libertar o país da escravidão. Ele segue viagem de volta para casa e entra em um barco para subir o rio Mississipi, onde conhece Cassy, que Shelby descobre ser mãe de Elisa, e uma nova personagem, Madame Thoux, que descobre ser irmã do escravo fugido George. A partir deste momento, as duas juntas seguem com destino ao Canadá em busca de seus parentes em uma das estações onde eram acolhidos negros fugidos dos Estados Unidos. George e Elisa já viviam livres no novo país há cinco anos, ele com um emprego e o filho em uma boa instituição de ensino. E, com a ajuda de um pastor que se comoveu com as histórias de Cassy e Thoux, a família se reencontra. Depois, seguem viagem para

²⁴⁷ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 2, 1852, p. 181-182.

a França onde George aprimora seus estudos. Devido a agitações políticas no país, a família volta para o Canadá. E a história dos personagens é fechada com uma carta de George contando suas pretensões: pretendia formar, em suas palavras, uma “nacionalidade africana”, afirmava que o Haiti ainda precisaria de muito tempo para melhorar e que a Libéria era o lugar onde encontraria “seu povo”.

Paralelamente, George Shelby chega a sua casa, em Kentucky, e emancipa todos os escravos. Estes se recusam a deixar a fazenda, pois afirmam serem felizes do jeito que são. Assim, o jovem propõe que estes continuem na propriedade e realizem os mesmos trabalhos de antes, porém recebendo salários. E a partir daquele momento nenhum deles correria o risco de ser vendido. E George os ensinaria os novos direitos da vida em liberdade.

A obra possui quarenta e cinco capítulos, que foram divididos em dois volumes na edição original (18 no primeiro volume e 27 no segundo). Sendo o último capítulo (capítulo 45) dedicado a considerações finais, onde o narrador fala da autora na terceira pessoa e explica que todas as histórias foram baseadas em testemunhos diretos ou indiretos. No formato de folhetim, o romance não possuía introdução ou prefácio. Mas na forma de livro ele ganhou um prefácio feito por Stowe. Algumas edições não imprimiram esse prefácio e algumas acrescentaram um prefácio escrito por outro autor, como na versão italiana de 1853 que traz um prefácio escrito pelo tradutor B. Bernani.

Já a edição do Equador de 2007 trouxe um estudo crítico feito pela revista *Vermischte Schriften*, em 1878, e também uma cronologia da vida da autora (outras edições também o fizeram). Em outras, consta uma introdução de outros autores, como Carlos Heitor Cony (na versão brasileira de 1967) ou Juan Manuel Rodriguez (versão do Equador de 1999). Surgiram também muitas versões reduzidas da obra, com menor número de páginas e capítulos, que, muitas vezes, eram destinadas ao público infantil.

I. Questão Religiosa e Moral

a) Senhores formadores de caráter

A religiosidade perpassa o romance de diversas formas, tendo sua expressão mais forte nas personagens femininas. Todas as mulheres brancas diretamente ligadas aos personagens principais eram religiosas: Sra. Emily Shelby, Srta Ophelia, Evangeline, a mãe de Augustine St. Clare, a mãe de Legree. Elas praticavam as crenças que acreditavam e, a partir disso, foram representadas como empenhadas na construção do caráter moral dos demais habitantes da casa. O narrador e o enredo frequentemente relacionavam a presença ou ausência da religiosidade como elemento que orientava as relações entre senhores e escravos.

A senhora Shelby educou os habitantes da casa nos princípios bíblicos, e exerceu uma “boa influência” sobre seus escravos e sobre sua família, o que gerou pessoas como ela (boas pessoas). Contudo, não foram todas as mulheres que conseguiram desdobrar essa religiosidade sobre os demais habitantes da fazenda. O Sr. St. Clare e o Sr. Shelby, por exemplo, eram homens que respeitavam os mandamentos bíblicos, eram bem posicionados socialmente e economicamente, bem educados, mas não demonstravam a inclinação para a instrução dos filhos e escravos, como as boas senhoras faziam. A mãe de St. Clare seguia rigorosamente a Bíblia e Augustine, durante sua infância, também seguiu seus passos. Na fase adulta, a fé de seu filho se enfraquece, mas o personagem não perde sua formação moral, de respeito ao próximo, preocupação com os habitantes de sua casa, valorização da família, e busca pela não perpetuação das crueldades físicas sobre os escravos – todos reforçados pelos ensinamentos da mãe. St. Clare afirma sua preocupação contínua com os escravos da casa:

Eu era um garotinho e nessa época [...] encontrei nas cabanas e entre os campos [...] todos os tipos de queixas e reclamações [...], as quais eu contei para minha mãe, e entre nós, formou-se uma espécie de comitê para reparação de injustiças. Nós impedimos e reprimimos muitas crueldades, e fizemos bem aos escravos [...]²⁴⁸

xi

St. Clare acredita que poderia ter se tornado um cristão mais fervoroso (até mesmo um reformador) se tivesse crescido sob a proteção da mãe. Mas perdeu a mãe aos treze anos de idade. Quando se tornou adulto, Augustine não lia livros

²⁴⁸ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 2, 1852, p. 17.

religiosos, não frequentava a igreja, e frequentava clubes onde bebia em excesso. Augustine não se preocupa com a educação dos escravos, pois acredita que era inútil a instrução de indivíduos que não possuíam a possibilidade de ascensão. Ele não se preocupava com a instrução religiosa destes, embora acreditasse que em outro plano (existente depois da morte) as almas dos negros pudessem ser superiores às dos brancos. Assim, Stowe construiu um homem complexo, muitas vezes contraditório e cheio de culpa, cujo vício em bebida e descrença na possibilidade de mudança o desvirtuava.

Em sua casa, os escravos não apresentavam a organização presente na casa dos Shelby. St. Clare encarava a escravidão como um fardo que tinha que carregar. Era contra a escravidão, mas se sentia responsável pelos escravos que herdou de seu pai. (capítulo 19). A Sra. St. Clare se ausentava dos assuntos domésticos e o Sr. St. Clare não julgava ter habilidades de administrar a organização da casa e dos escravos. Assim, o romance fortalecia a ideia de que a esfera doméstica era um lugar feminino, e que cabia às mulheres a educação religiosa dos escravos e filhos e até mesmo a intervenção nas relações entre seus maridos e os escravos, de modo a reprimir as crueldades sobre os cativos.

Isso se concretiza quando a Srta. Ophelia chega a casa, onde ela se torna a responsável por tais tarefas e, logo, consegue estabelecer a funcionalidade e organização, além de defender a necessidade de os proprietários educarem os escravos. A prima repreende Augustine por não oferecer esse tipo de instrução aos escravos e destaca que os escravistas possuem deveres sobre seus escravos: "Vocês devem educar os seus escravos, e tratá-los como criaturas racionais e semelhantes a vocês – providas de almas imortais" [...] ^{xii} 249

Os indivíduos não necessariamente seguiam o exemplo da mãe, eles poderiam negá-lo completamente. Alfred, irmão de Augustine, e o Sr. Legree tiveram mães religiosas, que os educaram e os levaram à igreja. Mas não seguiram tal caminho; eles reproduziram as características do pai, tornando-se impetuosos e tirânicos. Logo, acima da intervenção da educação havia uma questão natural, contra a qual era impossível ou muito difícil de lutar. Augustine afirma. Sobre a tentativa da mãe de auxiliar na construção moral de seus filhos, que:

²⁴⁹ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 1, 1852, p. 256.

[...] depois de tudo que você diz sobre a educação, as crianças vão crescer substancialmente o que elas são, por natureza, e só isso. Do berço, Alfred era um aristocrata, e com ele cresceu, instintivamente, todas as suas simpatias e todos os seus raciocínios foram nessa linha, e todos os apelos de nossa mãe foi para os ares. Enquanto afundaram profundamente em mim.²⁵⁰ xiii

Esta percepção da mulher como mais propícia à educação das crianças está em sintonia com uma concepção que emergiu no período do pós-guerra de Independência, que defendia que as mulheres deveriam transmitir os valores republicanos às novas gerações e deveriam disciplinar seus maridos dentro destes valores cívicos. Com isso, pregavam a importância das habilidades domésticas femininas para atender a necessidade de uma virtude cívica. Cunhou-se a ideia de que as mulheres possuíam valores naturais que as tornariam mais capazes de estender a cristandade aos filhos. No período, pregavam a limitação das mulheres ao ambiente doméstico, separadas dos espaços públicos que seriam lugares unicamente masculinos, mas, no século XIX, alargava-se esta ideia. A educação feminina foi impulsionada e os reformadores, como Catharine Beecher, ressaltavam a importância das mulheres na educação dos filhos e dos habitantes dos novos territórios do oeste.²⁵¹ A historiadora Linda Kerber, em 1976, nomeou esta ideia como *Maternidade Republicana*.²⁵²

No romance, não há a ilusão de que toda mulher provida de tais virtudes e com disposição para educar seus filhos conseguiriam criar homens que se tornariam cidadãos piedosos com seus escravos. Mesmo as boas senhoras poderiam ter filhos tirânicos. Por exemplo, Alfred foi criado pela mesma mãe piedosa de Augustine, mas pregava a violência e discriminação em relação aos negros.

Na voz de Augustine St. Clare, descobrimos que existem características naturais dos homens que os tornam propícios a serem tirânicos ou democráticos (oposição criada pelo personagem), mas que, em alguns casos, o meio em que vivem consegue sobrepor o elemento natural e definir essa posição. Nesse caso, aponta que seu pai possuía características semelhantes às de seu tio (pai da Srta. Ophelia), mas que, por terem crescido em lugares distintos, construíram valores diferentes em relação ao mundo. Seu pai tornara-se um aristocrata escravista (com

²⁵⁰ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 2, 1852, p. 18.

²⁵¹ EISENMANN, Linda. *Historical Dictionary of Women's Education in the United States*. Greenwood Publishing Group, 1998.

²⁵² KERBER, Linda. The republican Mother: women and the Enlightenment-An American Perspective. In: *American Quarterly*, vol. 28, pp. 187-205, 1976.

quinhentos ou seiscientos escravos). E seu tio, que residia em Vermont, tornara-se diácono da igreja, participando de uma sociedade abolicionista e considerando seus parentes escravistas como pagãos. E aponta:

Quão triste e miserável é a virtude humana! Geralmente não passa de uma questão de latitude e longitude, e posição geográfica, agindo junto à disposição natural. A maior parte não passa de um acidente! Seu pai, por exemplo, [...] é [...] uma duplicata de meu pai.

Um caiu em uma condição onde tudo agiu contra a tendência natural, e o outro onde tudo atuou a favor dela [...]. Se ambos possuíssem plantações em Louisiana, eles seriam exatamente como duas balas velhas feitas no mesmo molde.^{253 xiv}

Legree negou toda a contribuição religiosa que a mãe tentou passar-lhe. E em sua fazenda não havia um exemplo caridoso a ser seguido pelos escravos, pois era proprietário único. Os escravos domésticos seguiram o modelo do senhor (como Sambo e Quimbo). E, neste caso, um senhor corrompido conseguia estender seus valores tirânicos sobre os negros e corrompê-los. Assim os negros poderiam se tornar mais cruéis do que os brancos porque, ao longo do tempo, foram mais violentados do que os brancos. O narrador explica sobre a educação oferecida aos negros:

Legree os tinha treinado em selvageria e brutalidade tão sistematicamente como ele fizera com seus cães e, por muito tempo com dureza e crueldade, [...]. É uma observação comum, [...] que o feitor negro é sempre mais tirânico e cruel que o branco. Isto é simplesmente dizer que a mente negra foi mais esmagada e degenerada que a branca.^{254 xv}

Assim, o enredo do romance ratifica a ideia de que é o modo de tratar e principalmente de educar os escravos que formará a personalidade destes. Os mestiços e negros não seriam *bons* ou *maus* por natureza, mas por terem sofrido inúmeras crueldades poderiam tornar-se maus. Eles tomariam determinadas atitudes ou seriam de determinada forma em resposta às ações dos brancos, como forma de se encaixar no sistema imposto por estes. Os brancos seriam os agentes responsáveis tanto para a formação de um *bom* quanto de um *mau* escravo. Desta forma, os escravos poderiam ser corrompidos ou salvos pelos senhores.

²⁵³ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 2, 1852, p. 19-20

²⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 181-182.

No caso dos brancos, a disposição geográfica, o meio de criação, poderia interferir sobre a formação do caráter, a presença de uma mulher caridosa poderia interferir sobre as ações de seus maridos para garantir a segurança dos escravos e auxiliar na educação das crianças (continuaremos a desenvolver a posição da mulher na esfera doméstica e pública nos próximos itens, segundo temas). No caso dos negros, em um meio sempre adverso, era papel apenas de seus senhores guiá-rem-lhes o caráter.

b) Interpretações religiosas da escravidão

O romance demonstra formas distintas de interpretar a Bíblia, permitindo: 1) a defesa da escravidão; 2) a crítica à instituição; 3) a convivência com a instituição. Indicando uma “verdadeira” interpretação: a segunda.

No sentido da primeira interpretação, Marie St. Clare, Evangeline e Srta. Ophelia frequentavam uma igreja em que o pastor era a favor da escravidão e usava trechos bíblicos para justificar a existência da instituição. Em suas pregações, o pastor afirmava que as distinções sociais seriam predeterminações divinas, que separou classes superiores e inferiores, onde uns deveriam governar e outros obedecer.

Augustine St. Clare acreditava que essa interpretação bíblica era uma justificativa para atos egoístas, sendo que ele mesmo, e outros escravistas, consideravam a escravidão útil e necessária. Para Augustine, a escravidão era semelhante ao consumo de bebida alcoólica e aos jogos – práticas condenadas pelo Segundo Grande Despertar –, ressaltando ser errado usar os princípios bíblicos para justificar tais interesses particulares.

A perspectiva crítica de Augustine se aproxima da expressa pela Sra. Shelby. Ambos concebiam a escravidão como um pecado, pois afirmavam que esta instaurava diversas privações aos escravos e os reduzia a completa submissão às decisões senhoriais, impossibilitando a garantia de benefícios para os escravos. Sugerindo que as leis estadunidenses permitiam uma superexploração dos cativos e a prevalência de um ambiente cruel. Ambos, desde a infância, acreditaram que a escravidão era um pecado, mas alimentavam a esperança de que poderiam intervir

nesse espaço e tornar a instituição melhor que a liberdade. Porém, eles se frustram constantemente. A Sra. Shelby desabafa:

"Esta é uma maldição de Deus sobre a escravidão! [...] uma maldição para o mestre e uma maldição para o escravo! Eu era uma tola ao pensar que poderia fazer algum bem para esse mal tão mortal. É um pecado manter um escravo sob leis como as nossas, [...] Eu comecei a pensar mais fortemente desta forma depois que eu entrei para a igreja, mas eu [...] pensei que, através da bondade, cuidado e instrução, poderia fazer a condição de escravo melhor do que a da liberdade – como fui tola!" ^{255 xvi}

O Sr. Shelby alerta a esposa de que suas palavras assemelhavam-se aos discursos abolicionistas. E, de fato, ao analisarmos o tom da Sra. Shelby e do Sr. St. Clare percebemos profunda semelhança com o de discursos abolicionistas como o de William Garrison, editor do jornal abolicionista radical *The Liberator*:

Acreditamos que a escravidão é um pecado – sempre, onde quer que seja, e somente, um pecado – pecado em si mesmo [...] pecado, na natureza do ato que a cria, e nos elementos que a constitui, pecado porque converte pessoas em coisas, faz dos homens propriedade, mercantilizando a imagem de Deus... [...] ^{256 xvii}

Sobre esse tipo de interpretação bíblica que justifica a escravidão, a Sra. Shelby se assusta e se posiciona contrária a fala de um pastor: “Pastores não podem ajudar o mal, talvez – não podem curá-lo mais do que nós podemos – mas defendê-lo! – isso sempre foi contra meu bom senso [...]” ^{257 xviii}

No capítulo 13, surgem os *quakers*, retratados no romance como o Evangelho vivo, ou seja, como praticantes, por excelência, dos mandamentos bíblicos. Nos vales do estado de Indiana, as personagens femininas *quakers* acolhem a escrava fugida de Kentucky e se emocionam quando conseguem reunir a família escrava. Na casa destas foi a primeira vez que George sentou-se à mesa de um branco, como seu igual. Foi quando também começou a acreditar em Deus e em sua intervenção no cotidiano humano. Com, isso o romance aponta para a ideia de que “o Reino de Deus não consiste em palavras, mas em atos” ²⁵⁸, ou seja, que o

²⁵⁵ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 1, 1852, p.59.

²⁵⁶ “Declaration of sentiment”. In. *The Liberator*, vol. 5, n. 20 (maio 16, 1835). Disponível em: <http://fair-use.org/the-liberator/>. Acesso em: 10-04-2014.

²⁵⁷ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 1, 1852, p. 59

²⁵⁸ 1 Coríntios. Capítulo 4, versículo 20. In: BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

reino de Deus se faz presente na prática de suas leis (que nesse caso era *alimentar os famintos, vestir os nus* e confortar os doentes).

Um dos homens *quakers* é questionado pelo filho sobre o que faria se descobrissem sobre seu auxílio aos escravos fugidos. Ele responde, serenamente, que pagaria a multa, e não admite que o filho desaprove as decisões de seus governantes ou mantenha sentimentos negativos em relação aos senhores de escravos. Segundo ele, Deus dá aos homens bens materiais para que se faça a justiça, mas se os governantes exigem um preço, é necessário pagá-lo (a César o que é de César, a Deus o que é de Deus).

A resposta do *quaker* se apoia no mesmo sentido do trecho bíblico que prega: “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. Assim como Jesus pregava que era necessário que os judeus pagassem impostos ao império romano, era necessário que os religiosos pagassem a multa pedida pelo Estado. Pois, para o *quaker*, o que acontece no mundo é uma intervenção divina, e da mesma forma que era necessário ajudar a família escrava aflita, também era necessário ajudar um senhor de escravos em necessidade, já que não seria por acaso se ele aparecesse em sua porta. Portanto, Elisa e sua família foram enviados por Deus àquela casa e era dever deles ajudar aqueles necessitados, mesmo correndo riscos. Assim, daria a Deus o que é de Deus e conservaria a César o que é de César.

II. Questão biológica e cultural

A questão racial perpassa todo o romance, impactando a posição dos indivíduos na sociedade, trazendo à tona as discussões do século sobre o quão semelhantes ou diferentes são as raças entre si. Grandes naturalistas do século XIX já debatiam esse tema e Stowe trouxe essa problemática para o romance. Os personagens brancos pró-escravistas do romance consideram os negros, por natureza, inferiores aos brancos – destacando-se Marie St. Clare, Sr. Legree e Sr. Haley. Para estes não existem semelhanças entre negros e brancos, tanto no material biológico que os constitui quanto no sentido subjetivo, de seus sentimentos. Sendo

uma ação natural dos brancos distinguirem lugares para brancos e para negros.

Marie afirma sobre os escravos:

[...] “devemos considerá-los como *inferiores* e mantê-los nessa situação de inferioridade. Isso, desde criança, foi sempre natural em mim. [...]. Eu sou *doce* com meus servos – e sempre fui; mas você deve fazê-los saber seu lugar. [...]”²⁵⁹ xix (grifo no original)

Stephen J. Gould pensa duas linhas de pensamentos entre os naturalistas sobre a relação biológica e a escravidão. A “linha dura” defendia que os negros eram inferiores e que, biologicamente, estavam destinados a escravidão e a colonização. Enquanto a “linha branda” acreditava em uma inferioridade biológica dos negros, que os distinguiu principalmente no nível de inteligência, mas que sustentava que o direito à liberdade era superior a essa questão biológica. Assim, os estudiosos de ambas as linhas afirmavam que os negros eram biologicamente diferentes dos brancos.²⁶⁰

Essa compreensão dialogava com uma interpretação oitocentista da Bíblia, que defendia haver uma distinção entre as raças. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento legitimavam tal distinção segundo Mary Eastman (entre outros pró-escravistas). Eastman utilizava o Gênesis e a carta de Paulo a Filemon para sustentar suas defesas. Defendendo que no primeiro foi instaurada a escravidão e no segundo Paulo somente pede para que Filemon aceite seu escravo fugido de volta como um irmão na cristandade, mas sem exigir sua emancipação.

Enquanto no romance de Stowe, tal concepção de inferioridade dos negros é defendida pela igreja sulista, que coloca a submissão destes como uma distinção estabelecida por Deus. Na fala de Marie St. Clare:

[...] [O pastor] mostrou como todas as distinções sociais são de origem divina, e que é certo que alguns sejam superiores e outros inferiores, e que alguns nasceram para mandar e alguns para servir. Ele refutou as calúnias ridículas que se inventam contra a escravidão. E ele provou claramente que a Bíblia estava do nosso lado, e apoiava todas as nossas instituições.[...]”²⁶¹ xx

²⁵⁹ STOWE, 1852, vol. 1, p. 189.

²⁶⁰ GOULD, Stephen. A poligenia americana e a craniometria antes de Darwin. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

²⁶¹ STOWE, 1852, vol. 1, p. 201.

A concepção racializada dos maus senhores compreende que os negros seriam considerados uma raça degradada.^{262 xxi} Segundo Stephen J. Gould, a ideia de que os negros seriam uma raça degenerada é um tipo de interpretação que cruza a proposta bíblica com a proposta de estudos do racismo científico, que pregava que todas as raças humanas seriam derivadas de uma “degeneração da perfeição do Paraíso”, uma degeneração menor nos brancos e maior nos negros. E o clima era o fator mais recorrido para a justificativa da existência desta distinção, mas não havia consenso sobre a possibilidade de se reverter este quadro. Alguns acreditavam que estas alterações eram irreversíveis, como no caso dos senhores maus do romance.²⁶³

Eram conhecidos como poligenistas os cientistas que acreditavam que os homens possuíam mais de uma origem, ou seja, que o homem possuiria vários ancestrais diferentes e não somente um, como na teoria religiosa que sustentava que todos eram descendentes de Adão. A maioria dos poligenistas americanos era nortista, mas nem por isso compunham uma perspectiva homogênea. A ideia de que os negros eram espécie distinta foi diretamente relacionada com a escravidão. Com isso, tiveram ampla aceitação sulista. Mas ainda assim, a ideia de ter mais de uma origem (da poligenia) perdeu força para os argumentos bíblicos. A poligenia pregava a existência de outro ancestral para os negros, ou seja, a existência de mais de um “Adão”, e por isso era incompatível com a Bíblia.²⁶⁴ Mas a ideia de que os negros eram biologicamente diferentes dos brancos perpassa o romance, sem definir especificamente como se distinguiam uma raça da outra.

O personagem Alfred também ressalta que os negros seriam inferiores aos brancos porque não possuíam as qualidades herdadas biologicamente e culturalmente dos anglo-saxões. Mas para seu irmão, Augustine St. Clare, essa teoria não seria mais válida porque, naquele período, os escravos eram, em sua maioria, mestiços. Portanto, teriam as características das duas raças.

²⁶² No diálogo entre Marie e Ophelia:

– Você não acredita que Deus os fez do mesmo sangue que a nós? – Disse Sra. Ophelia, rapidamente.

– Não, de fato eu não acredito! Uma bela história, de verdade! Eles constituem uma raça degradada.

– Você não acredita que eles tenham almas imortais? – disse Sra. Ophelia, com crescente indignação.

– O, bem. – disse Marie, bocejando – isso, é claro – ninguém duvida. Mas supô-los nossos iguais, você sabe, como se fôssemos comparáveis, é impossível! (STOWE, 1852, vol. 1, p. 191-192).

²⁶³ GOULD, *Op. Cit.*, p. 26.

²⁶⁴ Idem, *ibidem*, p. 59-60.

O narrador, a Srta Ophelia e a Sra. Shelby ressaltavam que a educação e um padrão de vida adequada poderiam elevar a posição dos negros. (desenvolver). No livro didático que Stowe escreveu junto com Catharine Beecher, sua irmã, elas afirmam que a África seria constituída de países degenerados porque lhes faltava instrução religiosa, adquirida através da Bíblia:

Este país é o mais degradado e incivilizado de todos os quatro cantos do mundo.

Não há governos republicanos aqui. Os países não conhecem a Bíblia. E o que eu lhe disse sobre os países onde a Bíblia é desconhecida é a verdade de tudo isso. Vício, crueldade, ignorância e preguiça estão em todas estas terras.²⁶⁵ xxii

Em alguns momentos do romance, a questão racial dialogou com a questão de gênero, onde apareceram diferenças entre mulheres brancas e negras. A relação de raça foi colocada de modo a subsidiar a ideia de trabalhos distintos segundo a cor da pele. As mulheres brancas conheciam as discussões políticas e tinham um posicionamento crítico destas. Elas tinham conhecimento para resolver questões financeiras (como no caso da Sra. Shelby que resolve a situação de crise financeira que sua casa sofria), conhecimento de organização e gerencia das casas e da educação dos habitantes. Porém, no que tangia a trabalhos manuais e remunerados, Stowe foi mais restritiva. Em mais de um momento, o trabalho feminino foi apresentado como atividade que rebaixava a mulher branca, mas não degradava as negras.

No capítulo 4, a Sra. Shelby se aventura na cozinha de sua casa, junto à escrava Chloe, tentando fazer folhados. Impaciente, a negra resalta para a senhora as características físicas que as distinguem de modo a justificar uma delimitação de ofícios criada por Deus: as mãos brancas e delicadas da senhora seriam perfeitas para “enfeitar a sala”, enquanto as mãos “negras e fortes” da escrava teriam sido criadas para amassar os folhados.²⁶⁶

Em um segundo momento, no capítulo 21, a Sra. Shelby se propõe a dar aulas de música a fim de arrecadar dinheiro para comprar o escravo Tom novamente. E seu marido se recusa veementemente, com o argumento de que isso a degradaria. Vendo a resposta do senhor, Chloe se propõe a trabalhar como escrava

²⁶⁵ BEECHER, C & BEECHER, H.. LESSON NINETEENTH. Africa. In: *Primary Geography for Children, On an Improved Plan*. Cincinnati: Published by Corey & Fairbank, 1833, p. 73.

²⁶⁶ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 1, 1852, p. 46.

de aluguel em outra cidade para arrecadar o dinheiro. De modo incisivo, afirma: “Eu não quero saber da Senhora dando aulas, nem nada do tipo. O mestre está correto no que diz [...]. Espero que nenhum membro de nossa família tenha que fazer isso, enquanto eu tiver mãos.”^{xxiii} 267. Ou seja, a escrava julgava que o senhor estava certo ao distinguir ofícios segundo raças e que, enquanto estivesse fisicamente capacitada, ninguém da família precisaria trabalhar. E, assim, até mesmo as escravas acreditavam que o trabalho era degradante somente para a mulher branca, mas não o era para as negras.

Destacamos que com a defesa do trabalho dos negros e a crítica do trabalho remunerado dos brancos não há uma defesa sólida da escravidão. Existe uma legitimação da escravidão somente nos casos em que o senhor trata bem o escravo, suprimindo suas necessidades e não explorando em demasia seus esforços. E desta mesma forma, o marido de outra escrava da casa dos Shelby, reforça que é justo que a obediência aos senhores. George afirma para Elisa: “[os seus senhores] te alimentam, te vestem; deram-lhe uma boa educação e podem pretender ter alguns direitos sobre você”^{xxiv} 268. Portanto, a escravidão é legítima enquanto existe essa estabilidade, mas, a partir do momento em que a união de sua família é ameaçada, ela se torna ilegítima.

Pensando que tanto Chloe quanto Elisa são escravas instruídas e cientes dos mandamentos bíblicos, confirma-se a hipótese de que com a educação há uma assimilação da subordinação do cativo aos seus donos, ao mesmo tempo em que aprendem que os negros são os indivíduos que devem realizar serviços e não os brancos.

Desta forma, destacamos que Stowe construiu uma realidade complexa em seu romance, povoada de homens e mulheres diversos. As relações que eles estabeleciam entre si estimulavam a criação de espaços para negros diferentes dos espaços dos brancos. Assim, destacamos que a proposta de uma alteração da lógica social possuía seus limites, pois estava também permeado por preconceitos da parte da autora expressos em seus personagens. Stowe propunha maiores direitos às mulheres e aos negros e, com isso uma ruptura de valores tradicionais, mas que, paralelamente, sem que isso se efetivasse em contradição na época, ainda fortalecia a hierarquia de brancos em detrimento dos negros.

²⁶⁷ Idem. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 2, 1852, p. 59.

²⁶⁸ Idem. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 1, 1852, p. 35.

III. Questão política e legislativa

O romance aborda a questão da escravidão frente à esfera legislativa pela perspectiva do narrador e dos personagens. Na Louisiana, a escravidão estimulava ações tirânicas nos homens brancos, ou seja, concedia tamanho poder ao dono de escravo que os tornavam autoridade máxima dentro de suas terras, sem limites legais ou religiosos. Com isso, tornavam-se exploradores violentos, com decisão sobre a vida e a morte de seus cativos. Mesmo em Kentucky, onde a escravidão “mostrava sua face mais amena”, os proprietários de escravos poderiam recorrer à justiça para garantir seus direitos ilimitados quando pretendessem e certamente seriam acolhidos. Assim, o personagem George ressalta que as decisões do dono poderiam desfazer até mesmo os matrimônios realizados pela igreja, pois não existia lei que oferecesse esse direito aos escravos. George diz para Elisa: “Você não sabe que um escravo não pode se casar? E que não há lei nesse país para isso. E que não posso tê-la como esposa, se o meu senhor quiser nos separar.”^{269xxv}

Segundo St. Clare, os plantadores, pastores e políticos usavam do poder investido na escravidão para buscar prosperar e passavam por cima da ética e da religião para fortalecer sua própria esfera de poder^{270. xxvi}. Assim St. Clare aponta que os poderes dos escravistas eram construções legitimadas por indivíduos presentes em vários cargos, fossem na igreja ou na política. As ações destes indivíduos estavam dentro da lei, mas não eram justas. St. Clare aponta que tentar debater o que era injusto na escravidão era uma tarefa fadada ao fracasso, pois acreditava que o sistema em si era injusto.²⁷¹

O narrador do romance defende que a lei possuía uma falha: o risco que os escravos corriam de se tornarem propriedades de senhores tirânicos. Essa falha deslegitimava a escravidão, pois não garantia direitos aos cativos:

²⁶⁹ STOWE, 1852, vol. 1, p. 27.

²⁷⁰ Plantadores, que têm que fazer dinheiro com ela [a escravidão] – clérigos, que têm plantadores para agradar, – políticos, que querem governar por ela, - podem deformar e dobrar a linguagem e a ética a um grau que pode surpreender o mundo na sua ingenuidade, eles pode pressionar a natureza e a Bíblia, e ninguém sabe o que mais, para o serviço, mas, afinal de contas, não convencem ninguém. [...] (STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 2, 1852, p. 11)

²⁷¹ Idem, *ibidem*, p. 12.

(...) Enquanto a lei considerar todas essas criaturas humanas, que possuem coração batendo e sentimentos, como simples *coisas* pertencentes a um senhor – enquanto [...] obrigá-los a trocar uma vida de proteção e indulgência por outra de miséria e trabalhos – será impossível edificar o que quer que seja de belo ou de desejável na mais perfeita das organizações de escravatura. ²⁷²

xxvii

O Sr. Bird era uma das figuras diretamente relacionadas com a confecção de leis como estas, que favoreciam os escravocratas. Ele ocupa um cargo de senador e vota a favor da lei do escravo fugitivo (lei que proibia o auxílio a escravos fugidos do Estado de Kentucky). Segundo ele, o Senado de Ohio teria aprovado tal lei a fim de tranquilizar os senhores de escravos. A esposa era contra tal decisão e expressava a incredulidade em uma Assembleia cristã aprovar tal lei, pois afirmava que esta contrariava os princípios da religião, fundamentando seu discurso com o mandamento bíblico da obrigação de acolher os famintos, nus e aflitos. “Eu devo alimentar os famintos, vestir os nus, e confortar os desolados.” ²⁷³ ^{xxviii} E questionava o marido se ele realmente teria a coragem de recusar abrigo e comida a uma pessoa em necessidade.

O marido tentou convencer a esposa de que a decisão era em prol dos interesses escravistas, e foi justificada porque traria tranquilidade para os proprietários. Ele admitia a legitimidade do sentimento de inconformidade em não poder ajudar aqueles que precisavam, e até mesmo compartilhava com essa ideia, porém esses sentimentos eram inferiores aos interesses “públicos”, uma vez que defender esses escravos poderia trazer um grande mal para a sociedade (*would involve a great public evil*). Nesse sentido, o público confundia-se com o privado, onde os poderes dos fazendeiros se sobrepunham às vontades dos demais estadunidenses e se apresentavam como de todos. Mas as tentativas de convencimento pelos argumentos racionais foram abafadas pelo calor da religiosidade e moral da Sra. Bird. E a moral da história se coloca quando o senador acaba por acolher uma escrava com seu filho (Eliza e Harry). E ainda arrisca-se ao transportá-los para um lugar seguro.

Para a Sra. Bird, assim como para a maioria dos personagens (pró-escravistas e antiescravistas), o âmbito político deveria ser um desdobramento do

²⁷² STOWE, 1852, vol. 1, p. 17.

²⁷³ STOWE, 1852, vol. 1, p. 92.

religioso – com exceção dos *quakers* (que abordamos no item sobre a questão religiosa). Os personagens com perspectiva antiescravista defendiam que a Bíblia não estava sendo interpretada corretamente, e que a escravidão não era legítima. Portanto, a legislação deveria ser revisitada, de acordo com as “corretas” leituras da Bíblia. Eles desconstruíram as bases do escravismo, ressaltando que a obediência das leis não advinha do fato de serem justas, mas de uma tradição, que não mais fazia sentido. No último capítulo do romance, o narrador – que assume o papel do escritor que fala diretamente com o público leitor – defende a ideia de que os Estados e as igrejas cristãs, juntamente, insistiam em um erro. Ainda havia tempo para que estes se redimissem, e a manutenção da União dependia desta mudança de atitude frente à instituição.

Um dia de graça ainda existe para nós. Norte e do Sul têm sido culpados diante de Deus, e a igreja cristã tem uma conta pesada para responder. Não combinando juntos, para proteger a injustiça e a crueldade, e fazendo um capital comum do pecado, é esta União que deve ser salva – mas por arrependimento, justiça e misericórdia, pois, não há nada mais certo [...] do que lei mais forte que afirma que a injustiça e a crueldade trazem a ira de Deus Todo-poderoso sobre as nações!²⁷⁴ xxix

Essa interpretação se aproximou bastante das reflexões sobre a justiça feitas por Hannah Arendt, no livro *Eichmann em Jerusalém*. Nesta obra, a autora aponta que para que a justiça seja aplicada, é necessário que se pense as ações realizadas pelos indivíduos frente às leis estabelecidas por seus Estados. Os indivíduos deveriam conseguir discernir entre a regra e a “notável exceção à regra” e, caso as leis estejam em desacordo com “seu próprio juízo”, eles deveriam negar-se a realizá-la. Assim, os indivíduos não poderiam agir simplesmente como engrenagens de um grande sistema, mas eles deveriam saber discernir o certo do errado. Logo, a conformidade à norma não se justificaria por si mesma.

Transpondo essas ideias de Arendt para as defesas abolicionistas, como um todo, destacamos que eles defendiam que os escravistas não deveriam manter a escravidão simplesmente por terem herdado escravos de seus pais e por isso serem simplesmente mais um escravista no país – como foi apontado pelo personagem St. Clare no romance de Stowe –, que deveriam ser usar seu próprio juízo e ir contra a permanência da instituição. Para que a justiça fosse realizada, os aboli-

²⁷⁴STOWE, 1852, vol. 2, p. 323.

cionistas afirmavam que dever-se-ia revisitar o direito, as leis, e estabelecer uma nova legislação, pois o que valia para o período abarcado pelo Antigo Testamento não era mais o mesmo de depois da vinda de Cristo. Uma vez que a justiça, tanto para abolicionistas quanto para pró-escravistas, exigia imediatismo, a espera dificultaria a realização da justiça.

Entre estas discussões sobre a legitimidade da escravidão, percebemos que a lei era pensada e praticada como uma força cada vez mais incisiva, adentrando as vidas dos indivíduos e impondo a eles condutas que nem sempre eram as que acreditavam como justas. Os antiescravistas do romance sentiam-se violentados e, por isso, autorizados a transgredir tal lei. Como nos pensamentos de Arendt, muitos deles se recusaram em agir em conformidade com a lei, como meras “engrenagens do sistema”, e, a partir de seu senso de justiça, transgrediram a norma, como foi o caso de George Shelby que libertou seus escravos e empregou-lhes na fazenda mediante pagamento de salários.

Desta forma, a prática do poder ultrapassou a esfera do legislativo e estava difusa por toda a população do romance, que utilizava de suas estratégias para validar ou invalidar as decisões das instancias oficiais de poder. Como escreveu Michel Foucault, “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia , produz coisas, [...], forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social”.²⁷⁵

a) Família e matrimônio: direito divino e ausência de direito mundano

No romance, a família e o matrimônio são instituições sagradas que alguns brancos estendem a seus cativos, como forma de aproximá-los das leis de Deus e também como forma de igualar a importância dos laços constituídos entre os escravos e os laços estabelecidos entre os brancos. A Sra. Shelby – assim como a Srta. Ophelia – acreditava que era dever dos proprietários, enquanto cristãos, instruir seus escravos. Assim, a senhora estimulou o casamento entre sua escrava

²⁷⁵ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 08.

Eliza e o escravo alugado da propriedade vizinha, George. Porém, essas instituições (o casamento e família) eram proibidas aos escravos, e os senhores e os ministros as incentivava a despeito da lei. Nas palavras de George: “Você não sabia que um escravo não pode se casar? Que não há lei neste estado para isso; E que não posso tê-la por mulher, se o meu senhor assim o entender?”^{xxx} (grifo no original).²⁷⁶

Deste modo, a escravidão ameaçava a estabilidade dos mandamentos cristãos. Esse caráter foi apresentado de diversas formas, sendo a venda o maior fator de rompimento com tais instituições, ocorrendo por motivos diversos. Quando o filho de um escravista se casava levava consigo parte da escravaria, como no caso de Marie St. Clare, que separou a escrava Mammy de seus filhos e seu marido, que ficaram na casa do pai de Marie. Quando o proprietário precisava conseguir dinheiro rápido para quitar suas dívidas ele vendia parte de seus escravos, como no caso do Sr. Shelby. Quando o escravo forma família em um período que foi alugado e tem que voltar para a antiga fazenda, como no caso George. Esses diversos casos levavam os negros para o comércio interno de escravos.

O Sr. Haley é contra a configuração de famílias e ressalta que a instabilidade é própria da escravidão, porque os escravos tendem a ficar somente um período com seus senhores. E isto traria somente mais infelicidade para as vidas dos escravos. Assim, reduz ao máximo os cativos à posse de bens móveis, cujos sentimentos devem ser desprezados (ou não estimulados). Consequentemente, não cabia aos escravos os mandamentos cristãos.

Kentucky era onde mais se estimulava a efetivação de tais mandamentos cristãos sobre os escravos, tornando-se o estado mais patriarcal que Stowe representou no romance. Lá os negros conseguiam ter acesso à religião, menor tempo de trabalho e conseguiam estabelecer famílias. Mas Stowe destaca que o fato de os negros serem considerados bens materiais aos olhos da lei – e não como pessoas – rompia com toda a imagem patriarcal construída e o faz por meio do narrador, que afirma:

Quem visitar algumas propriedades lá [em Kentucky], e testemunhar a indulgência bem-humorada de alguns senhores e senhoras, e a lealdade afetiva de alguns escravos, pode ser tentado a sonhar com a lenda poética frequentemente fábula de uma ins-

²⁷⁶ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 1, 1852, p. 37.

tituição patriarcal [...]; mas acima dessa cena paira uma sombra – a sombra da lei.^{xxxii} 277

A ameaça a essas instituições deslegitimava a escravidão, rompendo com os laços afetivos que os negros estabeleciam e reduzindo-os a bens móveis. Além de romper com uma benção divina sobre as uniões matrimoniais e familiares.

IV. Questão da emancipação

a) Futuro nos Estados Unidos

A questão da emancipação dos escravos e da vida destes em liberdade era problemática no período e permeou o romance de Stowe, tornando-se progressivamente mais complexa. Stowe aproximou-se do tema por vários caminhos, buscando refletir sobre o significado da liberdade dos escravos pela perspectiva dos negros e dos brancos. Assim, abordou o que era liberdade para esses escravos e quais eram seus planos para a vida depois da manumissão.

No capítulo 28, o Sr. St. Clare conversa com Tom e expõe para ele que a vida que ele levava como escravo poderia garantir-lhe o sustento e as vestimentas, pois, caso fosse livre não conseguiria receber um salário suficiente para manter-se nessa situação. Com isso acreditava que o negro seria mais feliz como escravo do que como livre. Essa tópica era uma discussão frequente na literatura pró-escravista do país (que será retomado nos críticos do romance). Mas Tom afirma que prefere a liberdade em uma casa simples, apesar das dificuldades, a ser escravo com bons privilégios, em uma boa casa com estabilidade. Ou seja, defende que ser livre é melhor que estar escravizado, em qualquer condição econômica.

No capítulo 37, o escravo fugitivo George ratifica esta defesa de Tom e acrescenta que para ele a liberdade é a possibilidade de ser dono de si mesmo, de ter o direito de se casar e ter filhos que não sejam propriedade de outrem. Tendo o direito de permanecer próximo de sua família. Para George, liberdade é “o direito de proteger e educar o seu filho, o direito de ter uma casa própria, uma religião própria, um caráter próprio, independente da vontade de outrem.”^{xxxiii} Deste mo-

²⁷⁷ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 1, 1852, p. 24-25.

do, a riqueza maior e mais importante para George era poder ficar perto de sua esposa e filho.

O senhor George Shelby (filho do Sr. e Sra. Shelby) concede a liberdade aos seus escravos, mas estes recusam a vida em liberdade longe da fazenda, afirmando que já possuíam liberdade suficiente. E George afirma que não havia necessidade de que eles deixassem a fazenda, pois a plantação necessitava dos mesmos trabalhos de outrora. Mas, a partir daquele momento eles seriam livres e, com isso, não teriam sua estabilidade ameaçada no caso endividamento ou morte dos proprietários. E promete aos escravos que iria ensiná-los a usar os direitos da liberdade que possuiriam. [...] ²⁷⁸ xxxiii

Os escravos de Shelby preferiam ficar na propriedade, onde suas moradias eram acolhedoras e belas, conseguindo desfrutar de uma vida prazerosa e feliz, perto de suas famílias e dos senhores brancos que lhes demonstrava tanta estima. Uma vez que, muitas vezes aparentavam ter uma vida mais agitada e divertida que os próprios senhores. Onde podiam trabalhar em uma plantação com uma rotina não muito intensa. Desta forma, preferiam manter essa escravidão “boa”.

Assim, o Sr. George propõe a mesma alternativa proposta pelo Relatório Anual da Sociedade Contra a Escravidão da Nova Inglaterra, em 1833: o fim da escravidão de modo imediato, mas com os negros permanecendo nas fazendas, recebendo salários, uma vez que o trabalho dos negros no Sul era inestimável para aquela economia. ²⁷⁹ E George acrescenta que ele mesmo seria o responsável por instruir os negros, mas o que ele (ou a lei) considerava como os direitos de *homens e mulheres livres* não foram explorados. ²⁸⁰ Pois o que estava em pauta era menos quais seriam os direitos deles, mas antes a segurança de não serem vendidos (a sacralidade da instituição da família), porque, afinal, eles seriam tutelados por George, que seria leal e disposto a ensinar-lhes o que eles deviam saber. Logo,

²⁷⁸ STOWE, 1852, vol. 2, p. 470.

²⁷⁹ “Extracts from the Annual Report”, in *The Abolitionist*, vol. 1, no. 2 (fevereiro, 1833): 20-22. *Apud*: AZEVEDO, *Op. Cit.*, p. 187.

²⁸⁰ No Brasil os negros que conseguiam alcançar sua liberdade possuíam poucos direitos garantidos em lei. Alguns deles eram: até 1881, poderiam votar nas eleições primárias, que funcionava sob o regime censitário, desde que conseguissem comprovar renda anual de 100 mil reis, o que constituía uma minoria dos libertos. Tinham direito a servir ao exército, a marinha ou a guarda nacional, na posição de soldado. E, embora ganhasse a liberdade, se tornava dependente do antigo proprietário de inúmeras formas, pois precisa de sua cumplicidade ou solidariedade junto à sociedade, por exemplo, o antigo senhor torna-se comprador ou intermediário nas vendas dos artigos produzidos pelo liberto. Ele continua a dever fidelidade e obediência ao velho dono. (MATTOSO, Kátia. *A miragem da liberdade. Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p.205-206).

o que se ratifica é a confiança na bondade dos homens brancos e comprometimento desses em fazer o melhor aos negros, que, por sua vez, continuariam sujeitos ao bom senso do senhor e ao que ele selecionava como o que deveria ensiná-los.

Segundo o sociólogo Orlando Patterson, nas sociedades escravistas como um todo se esperava que o liberto mantivesse esse vínculo com seu ex-proprietário.²⁸¹ A partir do século XVIII, nos Estados Unidos a manumissão mais recorrente era incondicional, ou seja, o escravo não precisava servir por um tempo determinado até ser totalmente livre. Segundo o estudioso, as leis do país eram hostis e o ex-senhor geralmente era a única fonte de proteção.²⁸² Ira Berlin aponta que mesmo que a maioria desejasse romper os vínculos de dependência, a maior parte não conseguia.²⁸³ Nos Estados Unidos, os senhores favoreciam os mais propensos a manter os laços de dependência.²⁸⁴

Mas o romance alertava que aqueles indivíduos não possuíam estabilidade enquanto permanecessem na condição de escravo. A qualquer momento, poderiam ser vendidos por seus donos para o comércio interno, que envolveria violências físicas e psicológicas. As violências psicológicas envolviam principalmente a separação das famílias escravas. Alguns escravos foram separados dos parentes por terem que servir aos filhos dos proprietários que se casam e se mudam para outras cidades, como no caso de Mammy, que foi separada dos 2 filhos e do marido. Outros são vendidos por causa de endividamento do proprietário ou em decorrência da morte destes. De toda forma, acabam passando pelo comércio interno de escravos e se tornando simples mercadorias. Enquanto as cenas de violências físicas são difíceis até mesmo de serem ouvidas, o narrador afirma:

As cenas de sangue e crueldade revoltam-nos. Aquilo que o homem tem coragem de fazer, não tem coragem de ouvir. O que nossos irmãos cristãos têm que sofrer, não pode ser contado a nós, nem em nosso quarto em segredo, pois devasta nossa alma! E ainda assim, oh meu país! Essas coisas são feitas sob a sombra de vossas leis! Oh, Cristo! Vossa igreja os vê quase em silêncio!^{285 xxxiv}

²⁸¹ PATTERSON, Orlando. *Escravidão como processo institucional. Escravidão e morte social*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 342

²⁸² Idem, *ibidem*, p. 348-349.

²⁸³ BERLIN, Ira. *Slaves without masters*. New York, Vintage Books, 1976, p. 53 *apud* PATTERSON, *Op. Cit.*, p. 349.

²⁸⁴ PATTERSON, *Op. Cit.* p. 349.

²⁸⁵ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 2, 1852, p. 274

Toda a sociedade estadunidense aceitava as crueldades feitas pelos senhores contra os escravos, aceitando leis que legitimavam a escravidão e justificando leituras bíblicas que defendiam a permanência da instituição. O narrador alertou seu público de que a injustiça prevalecia e os vários setores da sociedade a ratificavam. A sociedade precisava de uma reforma moral dos indivíduos, da igreja e do Estado. Com isso, o narrador fortalecia a causa abolicionista através da prerrogativa religiosa que pregava a necessidade de os indivíduos devem realizar boas ações para merecer o reino dos céus, presente no Segundo Grande Despertar.

b) Futuro na África

Outra forma que no romance apontava para o destino dos escravos pode ser vista a partir da história do escravo fugitivo George, que conseguiu fugir da escravidão e se mudar para a França. Stowe adicionou uma carta do negro, a qual ele teria escrito de próprio punho e enviado para um de seus amigos, com os planos que traçava para si e sua família. Com essa estratégia Stowe propôs que os leitores avaliassem, por si próprios, os sentimentos e as opiniões do escravo, através do contato com as palavras do fugitivo. Na carta, George declarava que não se identificava com a América e sequer desejava voltar, demonstrava que tinha um lugar que se aproximava mais de sua identidade: a Libéria, na África. Neste lugar conseguiria encontrar uma nacionalidade que estava de acordo com seus sentimentos. O personagem negava o sangue anglo-saxão, proveniente de seu pai, e vislumbrava um destino maior: levar o cristianismo para a África:

Como um patriota cristão, como um professor do cristianismo, eu vou para o *meu país*, -- minha escolhida, minha gloriosa África! [...] Eu vou para a *Libéria*, [...]. Eu espero trabalhar [...] *duro*; trabalhar contra todo tipo de dificuldades e desencorajamentos; e trabalhar até eu morrer. É para isso que eu vou; e para isso eu estou certo de que não irei me desapontar. (grifo no original) ^{xxxv} 286

Mais que isso, George demonstrava que sua ligação era mais forte com o lado de sua mãe (proveniente de africanos, e escrava), que o criou e manteve fortes sentimentos por ele. Enquanto seu pai o tratava como uma simples mercadoria.

²⁸⁶ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 2, 1852, p. 466.

Ele sabia que teria facilidades em se passar por branco, por ter a pele clara, mas ainda assim, não tinha tal intenção. E, dessa forma, ele criou uma imagem bela do africano sobre a imagem cruel da raça anglo-saxã. Com isso, perdia a própria identidade com os americanos.

George se encontrava na França, mas demonstra que não era seu desejo permanecer lá e, pelos motivos explorados acima, não era de voltar para os Estados Unidos. Depois, apontou que o Haiti também não seria uma boa ideia, pelo fato de que não ofereceria os elementos necessários: considerava que a raça que formou o caráter daquela população era corrompida, e demoraria muito tempo para que se adentrasse nos padrões que ele tinha em mente.^{xxxvi} Seu destino seria as costas da África, que acabavam de começar a ser reconhecido pela França e Inglaterra, e para onde levaria o cristianismo e, conseqüentemente, a civilização.

Assim, o romance sugeria que os negros libertos deveriam voltar para a África para realizar uma espécie de projeto de civilização cristã, uma causa nobre, de coragem e de responsabilidade. Pois eles deveriam levar para os africanos o que os americanos lhes ensinaram: o cristianismo. A África seria, para a autora, um lugar belo, mas que seu povo não teria ainda atingido os níveis culturais que suas potencialidades apontavam, no sentido de que no futuro poder-se-ia desenvolver uma raça culta e elevada, onde poder-se-ia desenvolver uma das mais perfeitas formas da vida cristã.^{287 xxxvii}

A escritora recorreu a uma imagem bela do continente, como se nesse lugar de tamanha fertilidade estivesse a potencialidade do desenvolvimento dos frutos da civilização, das artes, do cristianismo, e o negro poderia mostrar toda a sua glória e magnificência, abafadas pela sua condição na América. Segundo Le Beaus, essa ideia foi recebida pelos representantes negros da Sociedade Americana e Estrangeira Antiescravista como uma agressão e condenaram o romance por considerar essa alternativa como uma solução ao problema da emancipação.²⁸⁸

Essa proposta de Stowe não tinha nada de original. Devemos ressaltar que, segundo Franklin e Moss, já em 1714 um americano, possivelmente residente de Nova Jersey, havia sugerido o envio dos negros de volta a África. Até 1830, a Sociedade Norte-Americana de Colonização havia assentado 1420 negros na co-

²⁸⁷ (idem, *ibidem*, p. 197-198)

²⁸⁸ LE BEAUS, Bryan F. Review: She told the story, and the whole Word wept. In: *American Quarterly*. Published by: The Johns Hopkins University Press. Vol. 38, No. 4, 1986. Acessado em: 03/02/2011, p. 671.

lônia na Libéria²⁸⁹, mas essa associação se dissolveu na década de 1850²⁹⁰. Enfim, Stowe vinha tentando solidificar uma ideia que se desmanchava.

E outro destino apontado no romance para os negros no país foi o que ocorreu a Tom: a morte nas mãos dos capatazes. Caso os estadunidenses não parassem para refletir sobre a legitimação da escravidão eles estariam compactuando com a morte de indivíduos inocentes e puros como o protagonista da história. Envolvido em um sistema desumano e cruel, os negros sofriam nas fazendas sob ordens de senhores tirânicos. Era dever dos cristãos libertar o país deste pecado. Caso libertassem esses homens a tempo, poderiam seguir o destino de George e sua família, que foram levar os conhecimentos apreendidos na América para a Libéria. As mulheres libertas auxiliariam seus na cristianização das áreas colonizadas, recarregando as forças e a crença dos homens no Evangelho e na missão de Deus para os convertidos. Nas palavras de George, marido de Elisa:

Confesso que, por vezes, as forças têm me abandonado; mas eu tenho um pregador eloquente do Evangelho sempre ao meu lado, na pessoa de minha linda esposa. Quando eu ando, seu espírito gentil sempre me restaura, e mantém diante dos meus olhos o chamado cristão e a missão da nossa raça.^{xxxviii} ²⁹¹

O futuro dos negros estava diretamente relacionado com o futuro do país, pois a escravidão era uma ameaça à União, além de ser um grande pecado pelo qual todos os estadunidenses iriam pagar no dia do Juízo Final, porque “não há nada mais certo [...] do que lei mais forte que afirma que a injustiça e a crueldade trazem a ira de Deus Todo-poderoso sobre as nações!” ²⁹² xxxix

VI. Defesa da veracidade das histórias

Durante a escrita do romance, Stowe foi questionada a respeito da autenticidade das histórias, e foi acusada de ter construído uma série de mentiras a respeito do estilo de vida sulista. Stowe não ficou quieta com a insatisfação expressa

²⁸⁹ FRANKLIN, John Hope; MOSS, Alfred A. Jr. *Da Escravidão à Liberdade: A História do Negro Americano*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda., 1989, p. 173.

²⁹⁰ Idem, *ibidem*, p. 173-174.

²⁹¹ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 2, 1852, p. 304

²⁹² Idem, *ibidem*, p. 323.

pela imprensa, e dedicou o último capítulo do romance à defesa da veridicidade dos fatos narrados. Neste capítulo, o narrador fala diretamente com o leitor, explicando que o autor (na terceira pessoa) recebeu correspondência questionando a existência de testemunhas que viram ou ouviram os fatos narrados no romance.

Assim, há um paralelo com os estudos feitos por François Hartog sobre as narrativas de viagem (com foco nas obras de Heródoto), sendo que “dizer que se viu com os próprios olhos é, ao mesmo tempo, “provar” a verdade: eu o vi, ele é verdadeiro”.²⁹³ Ouvir é uma garantia menor do que o ver, logo, deve-se assegurar com os próprios olhos sempre que possível e quando não se consegue estendê-los, valer-se dos ouvidos. Sendo ambos objetos de persuasão. Nesse sentido, falar que ouviu, como é menos que ver, relaciona-se à qualidade da pessoa que ouviu: se seu interlocutor é alguém de mérito e o autor também o é, ouvir é quase ver. Mas ouvir algo de alguém de qualidade duvidosa é bem diferente de ver. E este sentido estruturado pelo pesquisador nos auxilia a compreender os usos da percepção nas correspondências dos leitores através das obras de Stowe. O narrador afirma que:

Os diversos incidentes que compõem a narrativa são, em grande medida, autênticos, tendo ocorrido, muitos deles, ou sob sua própria observação, ou a de seus amigos pessoais. [...] e muitas das palavras são, palavra por palavra, como se ouviu, ou foi relatado a ela.^{294 xl}

Neste caso percebe-se que, em primeiro lugar vem o que foi vivenciado pela própria autora e, quando ela não se fez presente, amigos de confiança comprovam a autenticidade das narrativas. Sendo ainda que, no momento da escrita a autora buscou “trazer a realidade como ela era” (nos termos mais comuns da época), ou seja, trazer as palavras conforme foram usadas pelos personagens, sem a intervenção da própria autora. Com isso em mente, ao voltarmos ao romance percebemos que a linguagem usada para os escravos e os brancos não instruídos possuía muitas irregularidades com a gramática da língua inglesa.²⁹⁵

²⁹³ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 274.

²⁹⁴ STOWE, vol. 2, 1852, p. 311.

²⁹⁵ Alguns linguistas reivindicam a qualidade deste trabalho de Stowe, afirmando uma improbabilidade de ela ter realmente escrito o que ouviu, pois há uma variação nos tipos de escrita dos termos. Porém não nos cabe neste momento refletir sobre esse aspecto, tentamos enfatizar sua tentativa de construção de um discurso pautado na verdade e quais foram suas estratégias para legitimá-

No ano seguinte, lança um livro, *A Key to Uncle Tom's Cabin*²⁹⁶(1853), que expunha e refletia sobre a documentação usada para escrever o romance. E defendia que *A Cabana do pai Tomás*

mais, talvez, do que qualquer outra obra de ficção que já foi escrita, foi uma coleção e arranjo de incidentes reais, de ações realmente realizadas, de palavras e expressões muito pronunciadas, agrupados com referência a um resultado geral, da mesma forma que artistas de mosaicos agrupam seus fragmentos de várias pedras em uma imagem geral. O trabalho deles é um mosaico de pedras preciosas - este é um mosaico de fatos.^{297 xli}

Nesta obra, Stowe aumenta as fontes utilizadas para sustentar a veracidade das histórias narradas no romance. Além dos testemunhos diretos e indiretos, adiciona textos jurídicos, registros de tribunais, anúncios e recortes de jornais, enviados do Norte e do Sul. E, no prefácio, declara que um especialista da área legislativa que a auxiliou nas questões jurídicas. Assim, a autoridade deixa o campo estritamente da percepção (do ouvido e dos olhos) e passa a se pautar também em textos escritos, que poderiam ser consultados por pessoas de outros lugares da União.

E convoca os leitores cristãos do norte a orar pelos negros que eram submetidos a esse sistema instável. Dando a eles o dever de instruir os negros, que levariam esse conhecimento para a Libéria:

Encher a Libéria com uma raça inexperiente, barbarizada, ignorante, recém liberta das correntes da escravidão, seria apenas prolongar o período de luta e conflito que frequenta a criação de novas empresas. Deixe a igreja nortista receber esses pobres sofrendores, no espírito de Cristo, recebê-los para as vantagens educativas da sociedade republicana cristã e escolas, até que tenham atingido um pouco de uma maturidade

lo enquanto tal. Para mais informações sobre o dialeto usado por Stowe ver: MCDOWELL, Tremaine. The Use of Negro Dialect by Harriet Beecher Stowe. In: *American Speech*, Vol. 6, No. 5 (Jun., 1931), pp. 322-326. Published by: Duke University Press. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/451478>. Acessado em: 10/11/2010.

²⁹⁶ *A Key to Uncle Tom's Cabin*²⁹⁶ foi dividida em quatro partes. Na Parte I, discorreu acerca dos personagens principais (Haley, Sr. e Sra. Shelby, George Harris, Elisa, Tio Tom, Srta. Ophelia, Marie St. Clare, Augustine St. Clare, Alfred, Legree, os *quakers* e Topsy). Na Parte II, pensa a legislação e a justiça nos EUA. Na parte III, reflete sobre as ações da população frente à escravidão em alguns estados da União. E na parte IV pensa os posicionamentos das igrejas frente a escravidão.

²⁹⁷ STOWE, Harriet Beecher. *A Key to Uncle Tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett & CO.; Cleveland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington; London: Low and Company, 1853, p. 05.

moral e intelectual, e, em seguida, ajudá-los na sua passagem para essas margens, onde eles podem colocar em prática as lições que aprenderam na América. ^{xlii} 298

Stowe não negou que as personagens e as paisagens construídas no romance foram enriquecidos com um pouco de imaginação. Em *A Key to Uncle Tom's Cabin*: "Na escrita fictícia, é possível encontrar refúgio contra o difícil e terrível, inventando cenas e personagens de natureza mais agradável." ²⁹⁹ ^{xliii} Portanto, os fatos foram abalizados para atingir os propósitos da autora. A obra de Stowe condenava a escravidão em geral, mas não os sulistas, pois admitia a cumplicidade e a culpa do Norte. ³⁰⁰

Clare Parfait defende, como muitos outros historiadores, que Harriet Beecher Stowe intentava atacar a escravidão, mas não pretendia criar imagens muito negativas dos senhores de escravos. Até mesmo pela possibilidade de que os sulistas se tornassem mais inflexíveis em relação a abolição da instituição. ³⁰¹ Segundo Sarah Meer, um leitor da obra acusou a escritora, em carta no jornal *Times*, de ter conferido clemência em demasia e indevida aos senhores de escravos. Ela teria mostrado senhores tão bons que seria improvável que conseguisse converter os leitores ao abolicionismo. ³⁰² Portanto, tendo em vista toda a trajetória de Stowe (no capítulo 1) em relação ao movimento abolicionista e a interpretação de Parfait, foi intenção de Stowe não despertar esse sentimento abolicionista, no sentido violento e imediatista. Pois, segundo Theodore Hovet, Stowe acreditava que os americanos, ao ler sua obra, perceberiam que a escravidão era um pecado e tentariam aboli-la voluntariamente. ³⁰³ Portanto, seria uma tentativa de convencer, em especial, os senhores de escravos de que a escravidão era um pecado, e não de tentar converter seu público ao antiescravismo.

²⁹⁸ STOWE, Harriet Beecher. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 2, 1852, p. 319.

²⁹⁹ STOWE, *A Key to Uncle Tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett & CO.; Cleveland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington; London: Low and Company, 1853, p. iii.

³⁰⁰ LE BEAU, *Op. Cit.*, p. 670.

³⁰¹ PARFAIT, *Op. Cit.*, p. 95.

³⁰² MEER, Sarah. *Op. Cit.*, p. 134.

³⁰³ HOVET, Theodore R.. Christian Revolution: Harriet Beecher Stowe's Response to Slavery and the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 47, No. 4 (Dec., 1974), IN: <http://www.jstor.org/stable/364449>. Acessado em: 03/02/2011, p. 535.

Por um tempo, sua estratégia foi bem sucedida. E, segundo Parfait, somente em junho de 1852, Norte e Sul perceberam o tamanho do efeito do romance, e o sul adotou a repressão da circulação do livro.³⁰⁴

Para Stowe, a literatura poderia ser usada para ensinar. Através dela, oferecia exemplos que deveriam ser seguidos para combater o preconceito e discriminação racial. Estimulando a relação de solidariedade entre negros, mestiços e brancos. Ao se dirigir diretamente para as crianças que leram seu livro, estimula a construção de um futuro que acreditava ser mais cristão. Depois do fim da serialização, ela escreveu:

[...] queridas crianças que acompanharam a história [...], em breve vocês serão homens e mulheres, e eu espero que vocês tenham aprendido com essa história a sempre se lembrar e lamentar os pobres e oprimidos. Quando vocês crescerem, mostrem sua piedade, fazendo tudo o que puderem para eles. Nunca, se vocês puderem ajudar, deixem uma criança de cor ser excluída da escola ou tratada com descaso e desprezo por causa de sua cor. Lembrem-se do exemplo da pequena e doce Eva, e tentem sentir o mesmo respeito por tudo o que ela fez. Então, quando vocês crescerem, eu espero que o preconceito tolo e anticristão contra pessoas apenas por conta de sua aparência tenha acabado.³⁰⁵ xliiv

Assim, esperava que as crianças que acompanharam o romance levassem seus ensinamentos para o futuro, auxiliando na construção de uma nação diferente, com maiores preocupações com os pobres e oprimidos e, principalmente, com os negros. Eles teriam um compromisso com a defesa educação de todos, independentemente da cor da pele. Stowe esperava que os personagens, como Evangeline, servissem de referência de conduta para o futuro, crendo que, deste modo, era possível acabar com o preconceito racial.

³⁰⁴ PARFAIT, *Op. Cit.*, p. 95.

³⁰⁵ STOWE, Charles Edward (Ed.). *The Life of Harriet Beecher Stowe*. Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1890, p. 157-158.

Capítulo 4. Surgimento de um comércio

O romance *A Cabana do Pai Tomás* foi comprado, discutido, imitado e citado em uma escala incomum para um romance escrito por uma mulher norte-americana. Virou música, peça de teatro e inspirou a produção de uma vasta série de mercadorias. Inúmeros artigos de luxo surgiram com base na obra: pinturas, quebra-cabeças, cartões, jogos, pratos, colheres, bonecos, papel de parede, estatuetas de porcelana e ornamentos de bronze. Esses subprodutos ficaram conhecidos como “uncle Tomitudes” e suas confecções ocorriam geralmente fora dos Estados Unidos, no norte ou oeste da Europa.³⁰⁶ Paralelas às versões refinadas de *souvenirs* surgiram versões mais baratas. Os empresários envolvidos neste comércio, de peças sofisticadas ou de peças mais grosseiras, geralmente, não retornavam parte dos lucros para Stowe,³⁰⁷ até porque não existia lei internacional de direitos autorais.³⁰⁸

Stowe tentou impedir a publicação não autorizada de seu romance na tradução germânica, mas falhou. Mas, por outro lado, o mesmo fato de não haver uma lei de direitos autorais protegendo as cópias acabou auxiliando no sucesso do romance na Europa, onde se tornou rapidamente um Best-seller. Dezenas de edições não autorizadas somaram mais de 1,5 milhão de cópias impressas na Inglaterra nas primeiras semanas de lançamento.³⁰⁹

Dawn Adiletta, curadora do *Harriet Beecher Stowe Center*, afirma que o romance foi amplamente dramatizado nos Estados Unidos e no exterior, sem que Stowe concedesse aprovação ou recebesse algum lucro.³¹⁰ Tais apresentações serviram para aumentar ainda mais o sucesso da obra. As peças de teatro e as mostras itinerantes alteraram os enredos, simplificaram personagens e incorporaram as tradições dos menestréis, ficando conhecidas como “Tom Shows”. Foram apresentados nos teatros de Baltimore, Boston, Troy, Filadélfia, Nova York, Nova

³⁰⁶ No site do arquivo digital encontram-se os vários subprodutos do romance: <http://utc.iath.virginia.edu/tomituds/tohp.html>. Acesso em: 01-11-2013.

³⁰⁷ ADILETTA, Dawn C. A “Tomitude” Hog River Journal Winter 2003. In: www.hogriver.org. Acesso em: 10-10-2013.

³⁰⁸ HALLORAN, Fiona Deans. *Thomas Nast: The Father of Modern Political Cartoons*. Univ of North Carolina Press, 2013, p. 21.

³⁰⁹ *The Encyclopedia of the Novel*. John Wiley & Sons, 2011, p. 215.

³¹⁰ ADILETTA, Dawn C. A “Tomitude” Hog River Journal Winter 2003. In: www.hogriver.org. Acesso em: 10-10-2013, s/ p..

Orleans, Chicago e Detroit, além do exterior por 75 anos, depois da publicação do livro, em 1852.³¹¹

O livro tornou-se um símbolo e seus personagens se recusaram a morrer. Além da reprodução dos personagens segundo as histórias criadas por Stowe, surgiram histórias paralelas, em que tipos de “Pequenas Evas” e “Topsys” permitiam a criação de novas tramas.³¹² Assim, o romance chegava até a população por diversas formas, fosse em sua versão original, fosse em seus subprodutos. Todas estas formas divulgavam ainda mais a obra e favoreceram seu sucesso, tornando-a conhecida direta ou indiretamente.

Até mesmo os jornais que criticavam a obra de Stowe serviram para incitar seu sucesso, pois os desinteressados buscaram a leitura ainda que somente para compreender as proporções da repercussão e a famosa “má representação dos súditas”.³¹³ Com todos esses desdobramentos de *A Cabana do Pai Tomás*, percebemos que se estruturou um mercado em torno da obra de Stowe, valendo-se de seu sucesso para lucrar paralelamente a ele, um espaço comercial que abarcava diversas áreas, como o comércio de *souvenirs*, a imprensa, os teatros e também os espaços populares – com as apresentações teatrais.

Ao apontarmos que *A Cabana do Pai Tomás* inaugurou um espaço comercial não negamos sua contribuição no direcionamento da opinião pública, seja contra a lei do escravo fugitivo (1850) ou contra a expansão da escravidão para o oeste. Mas ressaltamos que o romance inaugurou um espaço de debate sobre a escravidão, que foi materializado em produtos de consumo e que, por um lado ofereceu entretenimento e, por outro, estimulou os debates internacionais sobre a escravidão americana, instigando novas respostas à obra, fossem positivas ou negativas. O romance criou um público interessado em possuir uma parte do mundo de Tomás, e com isso adornaram suas casas com as imagens e as personagens do livro. E também criou um público ávido por mais experiências que se assemelha-

³¹¹ MEER, Sarah. Copycat Critics: the Anti-Tom Novel and the Fugitive Slave. In: *Uncle Tom Mania: Slavery, minstrelsy & Transatlantic Culture in the 1850's*. University of Georgia Press, 2005, p. 105.

³¹² ROPPOLO, Joseph. Harriet Beecher Stowe and New Orleans: A study in hate. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 30, No. 3 (Sep., 1957), pp. 346-362. IN: <http://www.jstor.org/stable/362991>. Acessado em: 10/11/2010, p. 346

³¹³ PARFAIT, Claire. *The Publishing history of Uncle Tom's Cabin: 1852-2002*. Ashgate Publishing limited, 2007, p. 97-98.

vam às referidas na obra, e com isso tornaram-se os consumidores iniciais dos romances que tinham estrutura semelhante à obra de Stowe.³¹⁴

I. Fomentando o debate da escravidão

Segundo Sarah Meer, os estudos sobre *A Cabana do Pai Tomás* presumem que a classe média feminina estadunidense formou o principal público leitor do romance³¹⁵, mas destacamos que grupos sociais não pertencentes à classe média também o leram ou ouviram ou viram a peça e ajudaram a fortalecer sua fama. Estes escreveram sobre o tema da escravidão e citaram Stowe diretamente. Muitos escravos fugidos de seus donos escreveram e publicaram a narrativa de suas vidas e incluíram algum tipo de referência à obra de Stowe.

Destacamos a narrativa de Solomon Northup (ou Northrop)³¹⁶que, primeiramente, serviu de fonte para Stowe escrever *A Key to Uncle Tom's Cabin* – citado diretamente nesta obra.³¹⁷Posteriormente, Stowe foi lembrada nas primeiras páginas das edições posteriores da obra de Northup, que acrescentou o trecho em que Stowe o citava em *A Key*. Northup se dizia “outra chave” para *A Cabana do pai Tomás* e, logo abaixo do trecho de Stowe, acrescentou a seguinte dedicatória: “Para Harriet Beecher Stowe: cujo nome em todo o mundo é identificado com a grande reforma: esta narrativa oferece outra chave para *A Cabana do Pai Tomás*, a quem é respeitosamente dedicada”.³¹⁸

Assim, Northup e Stowe construía um ciclo de leitura, onde o leitor que lesse a obra de Northup seria direcionado a *A Key*, que se relacionava umbilicalmente à leitura de *A Cabana do Pai Tomás*. Mas não necessariamente nesta or-

³¹⁴ HAMAND, Wendy F. "No Voice from England": Mrs. Stowe, Mr. Lincoln, and the British in the Civil War. *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 61, No. 1 (Mar., 1988).IN: <http://www.jstor.org/stable/365218>. Acessado em: 10/11/2010, p. 03.

³¹⁵ MEER, *Op. Cit.*, p. 11.

³¹⁶ Negro que nasceu livre no norte, foi sequestrado em 1841 e vendido como escravo para plantação de algodão na Louisiana e narrou sua experiência em *Twelve years as slave* (1853). O livro vendeu 30.000 cópias e, com isso, foi logo considerado um best-seller.

³¹⁷ STOWE, Harriet Beecher. *A key to Uncle Tom's cabin*. Boston: John P. Jewett & CO. Cleveland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington. London: Low and Company, 1853, p. 420-422.

³¹⁸ “To Harriet Beecher Stowe: whose name throughout the world, is identified with the great reform: this narrative, affording another key to Uncle Tom's Cabin, in respectfully dedicated”. (NORTHUP, Solomon. *Twelve years as slave*. New York: Miller, Orton & Mulligan, 1855).

dem, como Stowe citava Northup, o leitor poderia partir da leitura de Stowe e chegar a Northup. Essa foi somente uma das pontes que Stowe traçou entre sua obra e a de outros autores em seu livro *A Key to Uncle Tom's Cabin*.

Pessoas reconhecidas do movimento antiescravista leram a obra de Stowe e também perpetuaram este debate. Sojourner Truth visitou Stowe em Andover (Massachusetts)³¹⁹. Truth, envolvida com o movimento abolicionista e também com o movimento feminista, conheceu Stowe em 1853. Ali se estabeleceu um laço. Stowe escreveu a introdução da segunda edição do livro sobre a história de vida de Truth, que foi intitulado *The Narrative*, em 1855. Segundo o pesquisador Jean Lebedun, Stowe, admirada com as histórias de Truth, comentou sobre esta “grande mulher” ao escultor William Wetmore Story, de Roma. Esta descrição serviu de base para o escultor criar a estátua de mármore *The Libyan Sibyl*, que foi exibida em Londres em 1862.³²⁰ Segundo Mary G. Butler, o escultor considerava a escultura “um sermão antiescravista em pedra” (“anti-slavery sermon in stone”).

321

Parece que tudo que Stowe tocava ou comentava se tornava um símbolo antiescravista de sucesso. Suas ideias e escritos começaram a aparecer nas publicações de outros autores, aumentando o desejo de consumo. Em abril de 1863, Stowe utilizou o nome da estátua como título do artigo (*Sojourner truth, the Libyan Sibyl*), onde romantizou a visita de Truth a sua casa.³²² O texto foi publicado no *Atlantic Monthly*, uma das revistas mais respeitadas e lidas do país³²³. Assim, rapidamente, a vida de Sojourner Truth criada por Stowe tornou-se famosa. Como a autora escreveu informações inventadas a fim romantizar a vida desta, alterou bastante as histórias reais, inclusive afirmando a morte da sufragista. Esta construção literária foi objeto de crítica a Stowe, pois Truth não ficou satisfeita com as informações “infieis”.

³¹⁹ Stowe muda-se para Andover em 1852, uma vez que Calvin Stowe, seu marido, torna-se professor no Seminário Teológico daquela cidade. (GRILZ, Andrew. *Faces of Andover*. Andover. Arcadia Publishing, 2008, p. 29).

³²⁰ LEBEDUN, Jean. Harriet Beecher Stowe's Interest in Sojourner Truth, Black Feminist. In: *American Literature*. Published by: Duke University Press. Vol. 46, No. 3 (Nov., 1974), pp. 359-363. IN: <http://www.jstor.org/stable/2924416>. Acessado em: 10/11/2010, p. 362

³²¹ BUTLER, Mary G. *Sojourner Truth: From Slave to Activist for Freedom*. The Rosen Publishing Group, 2003, p. 79.

³²² Disponível aqui: <http://www.sojournertruth.org/Library/Archive/LibyanSibyl.htm>

³²³ BUTLER, *Op. Cit.*, p. 76.

Ressaltamos que a Stowe não escreveu uma biografia de Truth, mas uma ficção. E, como afirma Jacques Rancière, a ficcionalidade “é, antes de mais nada, uma maneira de dar sentido ao universo ‘empírico’ das ações obscuras e dos objetos banais”³²⁴, desta forma, a escritora oferecia uma forma de compreensão dos diversos signos presentes no período, e não buscava necessariamente um registro da “verdade”.

O sucesso da escrita de *A Cabana do Pai Tomás* também agiu sobre as representações das mulheres negras e mestiças do país de uma forma geral. A obra de Stowe contribuiu para a alteração da representação visual destas durante a época da abolição. Até então, estas mulheres somente apareciam nas pinturas e gravuras com homens e mulheres brancos, depois passaram a aparecer com seus próprios filhos.³²⁵ Isto remete a humanização dos negros que Stowe reforçou em seu romance, ressaltando a existência de uma vida social dos escravos que ultrapassava os serviços.

As vendagens e a repercussão nas terras americanas ainda foi menor do que na Inglaterra. Os grupos antiescravistas ingleses foram importantes nesse sentido, pois fortaleceram o debate sobre a ilegitimidade da escravidão. Na Inglaterra, duquesas e condes organizaram e escreveram uma petição que contou com mais de meio milhão de assinaturas de mulheres que pedia que as mulheres estadunidenses se sensibilizassem com as lutas antiescravistas, desenvolvendo uma série de justificativas para a ilegitimidade da instituição. O documento era constituído por vinte e seis volumes encadernados, entregues a Stowe em sua visita a Inglaterra em 7 de maio de 1853.³²⁶ O documento foi chamado *An Affectionate and Christian Address of Many Thousands of Women of Great Britain and Ireland, to Their Sisters, the Women of the United States of America*, clamando pelo fim da instituição, pelo fato de que corrompia a santidade da instituição do casamento, separava famílias e proibia a educação dos negros.³²⁷ O alto número de assinaturas e o esforço para arrecadá-las indicam a enorme proporção da discussão que o tema da abolição atingia naquele período.

³²⁴ RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 55.

³²⁵ MORGAN, Jo-Ann. *Mamy the Huckster: selling the old south for the new century*. *American Art*, Vol. 9, No. 1.. Published by: The University of Chicago Press on behalf of the Smithsonian American Art Museum Stable, 1995. In: <http://www.jstor.org/stable/3109197>. Acesso em: 10/11/2010, p. 92.

³²⁶ HEDRICK, *Op. Cit.*, 244.

³²⁷ HAMAND, *Op. Cit.*, p. 04.

Editores de jornais e escritores ingleses retrataram a obra de Stowe como o maior documento da sociedade americana. Alguns destes usaram a interpretação da sociedade estadunidense oferecida no livro para ajudar a compreender suas próprias experiências no sul dos Estados Unidos, como afirmava Bárbara Bodichon³²⁸. Enquanto Frances Hodson Burnett escreveu que a obra de Stowe ajudou a formar parte da sua simpatia pela Confederação durante a Guerra Civil, portanto, fortaleceu uma imagem positiva dos sulistas.³²⁹ Assim, percebemos o quanto *A Cabana do Pai Tomás* mobilizou uma compreensão dos signos para dar sentido ao debate entre antiescravistas e pró-escravistas. A forma que Stowe utilizou para criar o romance mobilizava a sensibilidade dos leitores de modo a dar sentido a eventos vivenciados e que já eram conhecidos, mas que só foram compreendidos a partir das perspectivas de Stowe. Logo, é interessante observar que a inteligibilidade oferecida por Stowe foi utilizada tanto a favor da causa da União – que Stowe se posicionou a favor mais claramente depois – quanto a favor da Confederação.

II. Resistência e ataque

A Cabana do Pai Tomás formou um público nacional e internacional grande e significativo que simpatizou com as ideias ali expostas, mas, por outro lado, também sofreu a resistência de indivíduos e grupos que se sentiram caluniados com a coordenação dos atos e ideias apresentadas no romance. Contudo, os leitores pró-escravismo tiveram uma perspectiva muito diferente do romance, até mesmo por conhecer de uma forma diferente esse universo cultural.

Segundo Joseph P. Roppolo, quando o primeiro capítulo do romance apareceu em 5 de junho de 1851, no *National Era*, os jornais de Nova Orleans (o *Daily Picayune*, o *Daily Delta*, o *Bee*, entre outros) e da maioria dos seus congêneres

³²⁸ Envolvida na expansão da educação, no movimento sufragista e nas lutas pelos direitos das mulheres. Ver mais em: HERSTEIN, Sheila R.. *A mid-Victorian feminist, Barbara Leigh Smith Bodichon*. New Haven: Yale University Press, 1985; HIRSCH, Pamela. *Barbara Leigh Smith Bodichon: Feminist, Artist and Rebel*. Londres: Chatto & Windus, 1998; LINGWOOD, Stephen. *The Unitarian Life: Voices from the Past and Present*. Londres: Lindsey Press, 2008.

³²⁹ MEER, *Op. Cit.*, p. 03.

do Sul, ficaram em silêncio. Com o fim da serialização em 1 de Abril de 1852, o silêncio ainda permaneceu. Uma história abolicionista em um jornal abolicionista de circulação limitada não foi, aparentemente, motivo de preocupação. A edição em forma de romance, em março de 1852, também parece não ter causado nenhum perigo imediato.³³⁰

De acordo com Roppolo, os vendedores de livros não anunciaram que o livro estava em estoque, mas rapidamente anunciaram as "respostas" ao romance. Estes anúncios, juntamente com as notas editoriais publicadas nos jornais de cunho pró-escravista, quebraram a aparente conspiração de silêncio.³³¹ Assim, é interessante observar que o pesquisador ressaltou que os vendedores de livros ignoraram a repercussão do romance e não investiram na venda, provavelmente, porque eram contra as ideias abolicionistas ou temiam sofrerem repressão.

Essa reação de parte dos sulistas pode ter sido premeditada por Stowe que, a princípio, previa a possibilidade de uma reação negativa à obra e, durante a escrita do romance, buscou atacar a escravidão sem afastar ou hostilizar os plantadores sulistas. Ela sabia que poderia tornar os pró-escravistas ainda mais inflexíveis sobre a causa antiescravista. E Stowe também sabia que as publicações de cunho abolicionista eram mantidas fora do sul, portanto, era melhor adotar um tom mais dócil ao tratar dos senhores de escravos. Parfait afirma que essa estratégia de Stowe funcionou por um tempo.³³² O *The New York Times* publicou em setembro de 1852 que o romance “É comprado e lido quase tão livremente no Sul como no Norte, e não pode deixar de fazer uma profunda impressão na mente do público lá, assim como aqui”³³³. Portanto, a chegada do livro, a princípio, não foi sinal de alarme.

Roppolo aponta que o silêncio inicial em relação à obra foi mudando conforme o aumento da circulação do livro e conforme foram aumentando o número de encenações em teatros no Sul. Parte dos sulistas e muitos editores ressaltavam que o romance era uma grande calúnia contra os sulistas e, especialmente, contra Nova Orleans, a qual Stowe teria atacado diretamente como o centro da escravi-

³³⁰ ROPPOLO, *Op. Cit.*, p. 347.

³³¹ Idem, *ibidem*, p 348.

³³² PARFAIT, *Op. Cit.*, p. 94-95.

³³³ It is bought and read almost as freely at the South as at the North; and cannot fail to make a profound impression upon the public mind there as well as here. (Unsigned Notice. Uncle Tom in England. *The New York Times*. 18 September 1852. Disponível em: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar05kt.html>. Acesso em: 27-10-2013).

dão.³³⁴ O editor do *Daily Picayune* expressou seu descontentamento com a forma adotada para retratar a escravidão e, até mesmo, pelo fato de “tamanha calúnia” ter sido escrita por uma mulher. Assim, além de ser um trabalho calunioso, era proveniente de um gênero que pressupunha domesticidade e não a crítica violenta a um estilo de vida, tomado por ele como dentro dos padrões de moralidade:

É lamentável [...] que uma mulher seja a protagonista neste trabalho de travessuras. Não sabemos nada da Sra. Harriet Beecher Stowe, exceto o seu livro, mas é o suficiente para dar-lhe uma notoriedade odiosa. [...] Ela tem degradado seus trabalhos com imoralidade e travessura, que poderia ter sido útil e graciosamente dedicado a composições delicadas e femininas, [...] ela mergulhou a pena no amargo fel da maldade, e tem escrito um dos livros mais abomináveis que o século já produziu, cheio de toda sorte de calúnias [...]. Tal profanação da natureza da mulher é uma pena e uma visão rara, mesmo nesta época de aspirações femininas e de rivalidade com o homem [...].^{xlv 335}

Assim como o editor do *Daily Picayune*, muitos leitores pró-escravistas acusavam Stowe de ter construído uma imagem do sul pautada em mentiras e invenções. Roppolo trás uma análise feita por um(a) sulista – sob o pseudônimo de Dama da Geórgia – em resposta ao romance de Stowe. Esse exame teria exposto, inconscientemente, um dilema que, provavelmente, confrontou a maioria dos críticos do sul: se o livro de Stowe foi construído sobre a verdade, como Stowe afirmava, então esta não era uma artista, e, conseqüentemente, os argumentos pró-escravistas eram necessariamente infundados. Mas se o livro foi construído sobre mentiras, a causa escravista poderia ser defendida, e, logo, Stowe era uma boa artista.³³⁶ Interessante destacar que todos os romances *anti-tom*³³⁷ que conseguimos levantar e que se referem diretamente a escritora, a acusaram de ter se pautado em mentiras e que eles mostrariam como o sul realmente era. Até mesmo a ideia de mostrar “o Sul como ele é” (*south as it is*) foi expressão constante nas respostas literárias.

A revista *De Bow's Review of the Souther and Western States* publicou inúmeros artigos que buscavam defender a escravidão e, para isso, utilizaram discursos e conteúdos que afirmavam que os escravos eram criaturas felizes em

³³⁴ Idem, ibidem, p. 347-352.

³³⁵ *Daily Picayune*, August 28, 1852 apud ROPPOLO, 1957, p. 348-349.

³³⁶ ROPPOLO, *Op. Cit.*, p. 360.

³³⁷ “Anti-tom” é o termo usado para definir os romances que surgiram em resposta a *A Cabana do Pai Tomás*.

comparação ao operariado nortista.³³⁸ Inúmeros outros jornais sulistas se pronunciavam a favor da escravidão (como os periódicos *New Orleans Noesis* e *Journal of Intellectual Amusement*) e, em muitos casos, contra o romance *A Cabana do Pai Tomás*, diretamente. Porém, as ofensas iam se redirecionando, passando da obra para a autora em si.

Segundo Parfait, no verão de 1852, pró-escravistas dos estados sulistas começaram a tomar medidas contra o romance, usando várias estratégias para tentar reprimir a circulação do romance. Cópias do romance foram queimadas publicamente em Athens, Geórgia, nos meses que seguiram a sua primeira publicação na forma de livro. Com o passar dos anos, a situação foi se tornando mais tensa. Em 1856, um livreiro de Mobile, Alabama, foi expulso da cidade por vender três livros antiescravistas; exemplares de *A Cabana do Pai Tomás* estavam entre eles. Em 1857, em Maryland, um negro livre foi condenado a 10 anos de prisão por ter em seu poder documentos antiescravistas, um dos quais era o romance.³³⁹

Em 1853, em carta pessoal, Stowe afirmou acreditar que a circulação de seu livro foi proibida porque estava causando grande impacto na população, pois a leitura da obra estava convencendo senhores de emancipar seus escravos. Além de ser uma tentativa de abafar os leitores sulistas que possuíam simpatia pelo livro, mas que tinham que se manter em segredo, temendo serem pegos e penalizados. A escritora afirma:

Eles interditarão o meu livro na [maioria] das [Livrarias] do sul e por quê? Porque viram que tocou a consciência – Três casos chegaram ao meu conhecimento onde causou a emancipação imediata dos escravos – esta é a razão pela qual é proibido – por que não há um fim ao abuso amargo dele. Muitos me odeiam, [pobres almas], ignorantemente, porque se eles pudessem ler em silêncio e desapaixonadamente estariam perfeitamente de acordo comigo, mas muitos pensam como eu, e secretamente frequentam o livro e não se atrevem a dizê-lo.³⁴⁰ xlvii

Parfait assinalou que muitas notas de jornais apontavam que escravos, depois de ler ou ouvir o romance, se sentiram encorajados a fugir e assim o fizeram,

³³⁸ Idem, ibidem, p.349.

³³⁹ PARFAIT, *Op. Cit.*, p. 96.

³⁴⁰ Stowe's 7 January 1853 letter to lord Morpeth. Barrett Collection, University of Virginia. In: <http://utc.iath.virginia.edu/proslav/prostowelet2.html>. Acessado em: 15-03-2014.

o que configuraria outro motivo para a proibição da obra.³⁴¹ Segundo o jornal *Provincial Freeman* (Toronto, Ontário), as fugas pela *Underground Railroad* aumentaram significativamente depois da publicação.³⁴² Não podemos afirmar com certeza se essas notícias condiziam ou não com histórias reais, mas também não almejamos analisar isto. Destacamos que a produção e circulação de tais notícias ressaltam o efeito do romance sobre a imprensa, fortalecendo uma ideia de que o livro, em si, possuía um poder sobre os leitores, agindo como instrumento iluminador das mentes e libertador do cativo.

Não foram todos os negros que apreciaram as ideias de Stowe. Os representantes da Sociedade Americana e Estrangeira Antiescravista, em convenção de 1853, condenou o romance por sugerir a colonização da África pelos negros livres.³⁴³ Estes negros se sentiam parte da nação e, provenientes de muitas gerações em cativeiro nos Estados Unidos, não possuíam contato com o continente de origem. Stowe rapidamente aceitou a crítica e, em maio do mesmo ano, declarou no jornal de Frederick Douglas, que “se escrevesse “Tio Tom” de novo, não mandaria George Harris para a Libéria”. Em seu romance *Dred*, nenhum escravo teve a África como destino.³⁴⁴

Também houve uma resistência por alguns grupos na Inglaterra. Com o início da Guerra de Secessão (1861-1865) muitos ingleses se posicionaram a favor da causa sulista e conseqüentemente, contra os nortistas. Seu discurso deslegitimava a ideia de uma “Guerra Sagrada”, que Stowe defendia. A aristocracia inglesa ofereceu forte resistência às ideias da escritora e contra-atacou na imprensa.

A falta de unidade em relação ao tema da abolição da escravidão na Inglaterra era tamanha que os representantes políticos ingleses declararam neutralidade, em maio de 1861, na Guerra.³⁴⁵ Stowe ficou muito ressentida com o posicionamento inglês, segundo a historiadora Wendy Hamand:

Stowe mal podia acreditar que o povo inglês, que a acolhera tão graciosamente em seu país e que tinha enviado uma petição contra a escravidão assinada por mais de meio milhão de mu-

³⁴¹ PARFAIT, *Op. Cit.*, p. 96

³⁴² William still, letter to the editor, *The Provincial Freeman* (Toronto), 6 May 1854, UVa web. *Apud.* PARFAIT, *Op. Cit.*, p. 96.

³⁴³ BEAU, Bryan F. Review: “She Told the story and the whole world wept”. 671.

³⁴⁴ LEVINE, Robert. Introduction. In: STOWE, Harriet Beecher. *Dred: A Tale of the Great Dismal Swamp*. Univ. of North Carolina Press, 2009, p. xvi

³⁴⁵ HAMAND, *Op. Cit.*, p. 06.

lheres, poderia agora estar do lado do sul. "Estamos enviando sangue de nossos próprios corações para fora de nossas casas... para lutar contra esta Babilônia escravista", escreveu ela no *Independent*. "Onde estão as vozes de nossos antigos amigos da Inglaterra?" ³⁴⁶ xlvii

Nos Estados Unidos surgiram ataques no formato de cartas. Um pró-escravista escreveu 27 cartas direcionadas a Stowe e as publicou na forma de um livro sob o pseudônimo de Nicholas Brimblecomb, intitulado *Uncle Tom Cabin in ruins* (A Cabana do Pai Tomás em Ruínas). Sua obra se propunha a desconstruir o romance de Stowe *pari passu* ao desenvolvimento das histórias e personagens. Não encontramos registros de o escrito ter sido publicado em algum jornal ou se circulou na forma de folhetim. Brimblecomb se apresentou como um senhor de escravos, uma parte do sistema escravista e, por isso, considerou-se em posição mais estratégica para falar sobre a escravidão do que a nortista Harriet B. Stowe. Defendeu o direito dos proprietários de escravos acima de qualquer noção de humanidade proposta por Stowe, e até mesmo afirmou a ilegitimidade da constituição de famílias escravas ou do matrimônio entre escravos, defendendo a total liberdade da reprodução da propriedade escrava para fins lucrativos e distribuição desta mão-de-obra para os estados escravistas.

Assim, a obra recebeu, por um lado, um amplo público que adotou o cunho abolicionista de *A Cabana do Pai Tomás* e usou-o como arma contra a instituição escravista e, por outro lado, um amplo público que negou a possibilidade de o romance conseguir representar a sociedade norte-americana. Mas também houve muitos leitores que aproveitaram as representações e os discursos presentes na obra para repensar suas próprias experiências no país e que, com isso, chegaram a percepções diversas da polarização pró-escravista *versus* abolicionista e de Norte *versus* Sul. Desta forma, destacamos que norte e sul não existiam em si e havia muitos matizes entre abolicionismo e escravismo. Depois das inúmeras publicações antiescravistas e antiabolicionistas e de tantas desavenças da década de 1850 e início dos anos 1860, esses polos passaram a se afirmar discursivamente e passaram a se constituir como identidade.

³⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 06.

III. A indústria do livro e os *anti-tom's*

A *Cabana do Pai Tomás* teve que romper várias barreiras para conseguir alcançar tal sucesso inédito na história do livro estadunidense. O mercado de livros americano era dependente em muitas maneiras do mercado de livros inglês.³⁴⁷ Até o lançamento do romance, os estadunidenses liam majoritariamente livros e periódicos ingleses. Poucos escritores americanos eram comentados na Inglaterra, enquanto as obras inglesas eram amplamente lidas e comentadas nos Estados Unidos. Com a obra de Stowe, ingleses e americanos liam e comentavam um livro americano.³⁴⁸

A indústria do livro nos EUA cresceu rápido na primeira metade do século XIX. As casas editoriais mais famosas e duradouras foram fundadas nesse período. Grande parte do crescimento da indústria do livro foi impulsionada pelo rápido crescimento da população e da migração para o oeste. O aumento da população e o surgimento de novas cidades e vilas criaram uma demanda por mais livros e jornais. Segundo John Hruschka, a procura por impressos cresceu mais rapidamente do que a capacidade de produção, sendo que o centro da produção de livros permanecia no nordeste industrial.³⁴⁹

Como a produção permanecia concentrada a concorrência era alta. Segundo Bruce Lauri, na década de 1830, as firmas que trabalhavam com impressão se arriscavam num mercado demasiadamente competitivo, uma vez que várias firmas surgiram produzindo livros baratos. Buscavam economizar contratando trabalhadores que ainda estavam em formação ou mulheres. Em Boston, no início da década de 1850, um editor apontou uma crise provocada pelos descontos no atacado ameaçava a produção dos editores.³⁵⁰ E é interessante observar que nenhum *anti-tom* foi produzido na cidade, embora fosse onde se localizava a editora de Jewett. Conforme o pesquisador Bruce Lauri, em Nova York, 150 editoras possuíam mil e

³⁴⁷ WILLIAMS, Susan S.. Publishing an Emergent “American Literature”. In: CASPER, Scott E.; CHAISON, Joanne; GROVES, D., Jeffrey D. (ed.) *Perspectives on American Book History: Artifacts and Commentary*. Univ. of Massachusetts Press, 2002, p. 165.

³⁴⁸ MEER, *Op. Cit.*, p. 03.

³⁴⁹ HRUSCHKA, John. *How Books Came to America: The Rise of the American Book Trade*. Penn State Press, 2012, p. 61-62.

³⁵⁰ LAURI, Bruce. Labor and Labor Organization. In: CASPER, Scott E. (ed.). *The Industrial Book, 1840-1880*. Univ. of North Carolina Press, 2007, p. 74.

duzentos funcionários – que se dividiam entre responsáveis pela impressão e compositores – e cerca de 800 aprendizes. As reclamações contra a competição desenfreada era reclamação constante do mercado editorial.³⁵¹

Ao contrário do que afirma Roppolo sobre a falta de repercussão do romance, Sarah Meer afirma que já em 1852 muitos periódicos, tanto do Sul quanto do Norte, convidaram seus leitores a responder Harriet Beecher Stowe na forma de romance – como os jornais *Southern Literary Messenger*³⁵², da Virgínia, e *Pennsylvanian*, da Pensilvânia³⁵³. Assim, desde o lançamento de *A Cabana do Pai Tomás* na forma de livro (1852), surgiram muitas respostas pró-escravistas na forma de romances. Autores oriundos do sul ou do norte – que já havia circulado por outros estados – escreveram histórias para opor uma nova imagem do sul a imagem construída por Stowe. Estas obras passaram a constituir o que se tornou um gênero de escrita: os romances *anti-tom*. Estes compunham tanto respostas incisivas, como também algumas mais moderadas às representações de Stowe.

O surgimento de toda uma literatura de resposta à obra de Stowe pode ser um desdobramento da capacidade que os editores de periódicos tinham de impactar os autores e o público nos Estados Unidos oitocentistas. Ian Watt já destacava que na Inglaterra setecentista: “os livreiros tinham grande poder de influência sobre autores e público; assim, cabe examinar se esse poder se relacionou de algum modo com o surgimento do romance.”³⁵⁴ No caso americano, o mercado editorial, e não somente os livreiros, abriu suas portas para a publicação de *anti-tom*'s. Não pretendemos afirmar que isto foi unicamente determinante, mas acreditamos que essa abertura auxiliou no surgimento de tantos romances.

Segundo Watt, “muitas vezes se afirmou que tal influência [dos livreiros] acabou transformando a literatura num produto como qualquer outro.”³⁵⁵ Por um lado, acreditamos que os romances constituíam um produto comercializável. Mas por outro lado, era uma arma de luta a favor ou contra a escravidão. Respondendo ao romance com outros romances, o mercado editorial com certeza lucrou bastante com algumas obras e nem tanto com outras.

³⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 74.

³⁵² O arquivo digital disponibiliza os números deste jornal desde 1834 a 1864: <http://quod.lib.umich.edu/m/moajrnl/browse/journals/sout.html>. Acesso em: 01-11-2013.

³⁵³ MEER, Sarah. Copycat Critics: the Anti-Tom Novel and the Fugitive Slave. In: *Uncle Tom Mania: Slavery, minstrelsy & Transatlantic Culture in the 1850's*. University of Georgia Press, 2005, p. 75.

³⁵⁴ WATT, Ian. *A Ascensão do romance*. São Paulo: Companhia de bolso, 2010, p. 56.

³⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 56.

Roppolo acredita que as "Respostas" Literárias ao romance foram numerosas, mas, em geral, ineficazes. Em Nova Orleans, como em outras partes do Sul, a obra foi criticada na ficção, na poesia e no drama, mas esses ataques literários foram simplesmente ofuscados por *A Cabana do Pai Tomás*. Tais obras também teriam sido direcionadas a uma audiência que, em geral, não precisava de convencimento, os autointitulados sulistas.³⁵⁶ Mas discordamos destas análises de Roppolo em determinados aspectos.

Alguns romances conseguiram significativo destaque: *Aunt Phillis's Cabin* (1852) vendeu entre 20.000 e 30.000 em um ano.³⁵⁷ *Uncle Tom's Cabin as it is* (1852) vendeu 15 mil cópias em quinze dias. *The Master's House* (1854) teve diversas edições.³⁵⁸ *The Lofty and the Lowly* (1853) vendeu 8.000 cópias nas primeiras semanas de publicação.³⁵⁹ Todos conseguiram pouca popularidade quando comparada às 300.000 cópias vendidas do romance de Stowe – nisso concordamos com Roppolo. Mas não podemos desconsiderar a notoriedade que alcançaram.

A localização das casas editoriais nos auxilia a compreender o público alvo desta produção. Segundo nosso levantamento, os romances *anti-tom's* foram publicados nas casas editoriais dos seguintes estados: 8 foram publicados na Pensilvânia, 9 em Nova York, 2 na Virgínia e 1 no Alabama. Assim, é interessante observar que a maioria deles foi publicada por editoras localizadas no norte (ver disposição dos estados conforme Anexo1). Esse alto número de publicações deste gênero no norte implica em duas questões, sendo uma relacionada ao debate anti-escravista *versus* pró-escravista e uma relacionada à obra de Stowe.

Em primeiro lugar, em contraposição a interpretação de Roppolo, acreditamos que o alto número de publicações de *anti-tom's* no norte facilitava a difusão entre os leitores nortistas, pelo fato de a editora estar mais próxima do público nortista, embora saibamos que tais editoras disponibilizassem suas obras em outras regiões, através da distribuição por empresas responsáveis pelo transporte. Outro ponto importante é que os autores afirmavam – segundo seus respectivos prefácios, introdução ou conclusão – que pretendiam mudar as ideias dos nortistas, e não dos sulistas, sobre a escravidão. E, por isso, apresentariam a instituição sob uma perspectiva diferente da usada por Stowe. Os autores assumiram o traba-

³⁵⁶ ROPPOLO, *Op. Cit.*, p. 359.

³⁵⁷ Arquivo digital *Uncle Tom's Cabin and American Culture a multi-media archive*

³⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 77.

³⁵⁹ <http://utc.iath.virginia.edu/proslav/mcintoshhp.html>

lho de apresentar a escravidão pelos olhos dos proprietários de escravo, já que presumiam que essa parcela da população não conhecia a escravidão em seu cotidiano e só possuíam informações desta através da imprensa abolicionista. Portanto, publicando no norte garantiriam que seus escritos atingiriam uma audiência que acreditavam precisar de convencimento, os nortistas.

Uma consequência para a obra de Stowe é que, como já afirmava Sarah Meer, toda essa investida dos pró-escravidão serviu para aumentar ainda mais a repercussão da obra de Stowe. Os leitores e críticos criavam diálogos diretos com os argumentos de Stowe, ao ler, escrever revisões, criticar e refutar o livro ao longo do desenvolvimento das histórias narradas. Assim, a leitura dos romances *anti-tom* exigia, muitas vezes, a leitura de *A Cabana do Pai Tomás*. Sendo que, até mesmo os jornais que revisaram os livros *anti-tom* tiveram que voltar no original para escrever suas críticas. O que contribuiu para a mania de *Uncle Tom*.³⁶⁰ Consequentemente, a venda da obra de Stowe teria que ser muito maior do que as vendas das obras *anti-tom's*.

Mas precisamos ressaltar também que toda essa produção de *anti-tom's* necessitava do espaço que o livro de Stowe abriu no mercado editorial. Como afirma Sarah Meer, Stowe transformou a escravidão em algo vendável.³⁶¹ E, por outro lado, abriu espaço para que outros pensassem os mesmo temas sob aspectos diferentes. Assim, Stowe abriu um campo dentro do mercado editorial, que investiu em mais romances que apresentavam formas de ver e perceber a escravidão. E, em contrapartida, os romances apontavam para aquele que os antecedeu, divulgando que o fez possível, mas tentando se distanciar dele.

IV. Editoras dos romances *anti-tom's*

Várias editoras distribuídas pelos estados da Pensilvânia, Nova York e Virgínia lançaram *anti-tom's*. Nos dois primeiros a escravidão era proibida por lei, e na Virgínia a escravidão era legalizada. Mas sabemos que a proibição da escravidão não significava um sentimento abolicionista (ou mesmo um sentimento

³⁶⁰ MEER, *Op. Cit.*, p. 78-79.

³⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 04.

pró-cidadania dos negros) compartilhado uniformemente por toda a população. E isto também não indicava total distanciamento da experiência da escravidão, pois, muitos nortistas moraram no sul ou circularam por tais terras ou, ao menos, conheciam pessoas que viveram em tais regiões – os próprios autores dos *anti-tom's* indicam em suas obras sua proximidade com o tema.

As empresas eram grandes e, em um período inicial, editaram e publicaram principalmente obras religiosas, como a Lippincott & Company, a Appleton & Company e Harper & Brothers. O comércio de livros religiosos – principalmente Bíblias e livros de oração – era lucrativo na época. Segundo Robert Moore, a American Tract Society em 1827 imprimiu mais de três milhões de itens e, no ano seguinte, imprimiu mais de 5 milhões. A American Bible Society, até o fim da década de 1820 produzira 300.000 edições do Novo Testamento por ano.³⁶² Uma das empresas que produziu *anti-tom* foi importante para o comércio de livros, a Harper and Brothers revolucionou o mercado de Bíblias, transformando-a em vários livros, de diversos preços, de diversos tamanhos, com encadernações de várias cores e diferentes ilustrações.³⁶³

A maioria das empresas trabalhava com a impressão, editoração, publicação e, às vezes, possuía livraria própria. O trabalho de transporte e distribuição dos livros pelas livrarias do país geralmente era terceirizado – ao menos nas empresas que pesquisamos –, mas empresas grandes como a Lippincott & Company comprou a empresa de distribuição de livros Grigg, Elliot & Co. – já consolidada – e, com isso, pode se encarregar deste trabalho.

Somente 3 empresas publicaram mais de um romance do gênero *anti-tom*: J.B. Lippincott & Company (com 4 romances e 1 compilação de cartas), D. Appleton & Co. E a J. W. Randolph (com 2 romances cada). Essas editoras já eram famosas e consolidadas em seu ramo, publicando sobre diversos assuntos. E, entre essas, chama atenção a editora D. Appleton & Co. que, além de lançar um *anti-tom* de McIntosh, publicou 15 outras obras da mesma autora. Estas obras foram lançadas em sedes localizadas nas seguintes cidades: 14 lançadas em Nova York, 3 na Filadélfia e 5 em Londres. Sendo que *The Lofty and the Lowly* foi publicado

³⁶² MOORE, Robert Laurence. *Selling God: American Religion in the Marketplace of Culture*. Oxford University Press, 1995, p. 18.

³⁶³ Idem, *ibidem*, p. 34.

somente em Nova York, embora isso não impeça de ser distribuído por toda a capilarizada rede desses livreiros.

a) J.B. Lippincott & Company

A editora J.B. Lippincott & Company publicou romances *anti-tom's* desde 1852 até 1860³⁶⁴. A empresa de Joshua Ballinger foi fundada em 1836 na Filadélfia (Pensilvânia). Seu foco inicial foi a publicação de Bíblias e livros de oração, tendo lançado dezenas de edições das sagradas escrituras nas décadas de 1850 e 1860.³⁶⁵ Em seguida, expandiu com sucesso em livros com foco em outros assuntos. Em 1849, adquiriu uma grande empresa de distribuição de livros, a Grigg, Elliot & Co.. A aquisição ajudou a tornar a empresa uma das maiores editoras dos Estados Unidos.³⁶⁶ Entre 1850 e meados de 1855, foi brevemente renomeado Lippincott, Grambo & Company, refletindo uma nova parceria, mas, em seguida, retomou o nome J.B. Lippincott, após Grambo se aposentar.³⁶⁷

Em 1852, a editora já havia ampliado bastante seus negócios, investindo em suas operações mais de meio milhão de dólares. Além de suas edições, também vendiam livros de outras editoras em sua loja. Segundo *Godey's Lady's Book*, esta venda ampliada era uma das principais responsáveis por tornar a empresa tão grande e bem sucedida.³⁶⁸

Publicavam sobre uma ampla variedade de assuntos: científicos, históricos, literários, escolares, etc. Na primeira década emitiram mais de cem livros diferen-

³⁶⁴ Os seguintes romances *anti-tom's* foram publicados pela empresa: *Aunt Phillis Cabin: The Sword and the Distaff* (1852), *Mr. Frank: The Underground Mail-Agent* (1853), *Antifanaticism: A Tale of the South* (1853), *The Black Gauntlet: A Tale of Plantation Life in South Carolina* (1860). Além do livro, que é composto por uma série de cartas: *The Slaveholder Abroad; Or, Billy Buck's Visit, with His Master, to England: A Series of Letters from Dr. Pleasant Jones to Major Joseph Jones, of Georgia* (1860).

³⁶⁵ Lippincott Editions. <http://www.manifoldgreatness.org/index.php/late/lippincott-editions/>. Acesso em: 28-10-2013.

³⁶⁶ The Historical Society of Pennsylvania. http://hsp.org/sites/default/files/legacy_files/migrated/3104lippincottinventory.pdf

³⁶⁷ Lippincott Editions. <http://www.manifoldgreatness.org/index.php/late/lippincott-editions/>. Acesso em 28-10-2013.

³⁶⁸ HINKLEY, C.T.. *Godey's Lady's Book*. Philadelphia, November, 1852. Illustrated with pen and graver. Disponível em: <http://bookbinding.com/lippincott-grambo/forwarding.html>. Acesso em 10-04-2014.

tes, muitos dos quais estavam entre os mais caros já lançados no país. A editora possuía as placas estereótipo de mais de duzentos volumes de várias obras, com as quais eles imprimiam constantemente novas edições. Tais placas valiam mais de 250.000 dólares. As vendas de Bíblias e livros de oração eram as maiores, ultrapassando cinquenta mil cópias por ano. A maioria dessas em capas de estilo mais nobre. Por anos, J.B. Lippincott manteve a fama de “o editor da Bíblia do país”.

369

Além da parte de impressão dos livros, possuía uma loja, também com grande número de exemplares e de empregados. Nesta eram empregados vinte e sete pessoas, responsáveis por seus respectivos departamentos, o que representava um amplo número para a época. Havia milhares de volumes nas prateleiras, que necessitava de muitos vendedores, tanto para vender quanto para anotar ordens. O estoque necessitava de um grande capital para ser mantido. Seus livros eram enviados para vários lugares da América e do velho mundo. Mais de duzentas mãos, entre homens e mulheres, trabalhavam em vários ramos da encadernação.³⁷⁰

Lippincott, Grambo, & Co. era uma das maiores fornecedores e compradores no "comércio semi-anual de vendas", ou leilões, que aconteciam em Nova York, Filadélfia e Boston.³⁷¹

b) Empresa J. W. Randolph (Virgínia)

A publicação de livros na Virgínia cresceu sob a supervisão de líderes engajados na política e na educação. Richmond era o principal centro do comércio livreiro para a maior parte do alto sul, e isto, indubitavelmente beneficiou as publicações de J. W. Randolph. Havia mais casas de publicação na cidade do que em outras cidades do estado. J. W. Randolph dominou o comércio de livros na cidade,

³⁶⁹ Idem, *ibidem*, s/p.

³⁷⁰ Idem, *ibidem*, s/p.

³⁷¹ HINKLEY, C.T.. *Godey's Lady's Book*. Philadelphia, November, 1852. Illustrated with pen and graver. Disponível em <http://bookbinding.com/lippincott-grambo/covering.html>. Acesso em 10-04-2014.

lançando livros na área de agricultura e história, buscando atender as necessidades dos leitores da região.³⁷²

A primeira publicação de Randolph apareceu em 1845. Eram poucos trabalhos de assuntos advocatícios, mas seus poucos volumes se tornaram referência. Ele publicou também dois jornais voltados para questões legislativas da Virgínia. Além disso, editou vários catálogos de livros, especializados em: direito, teologia, história americana, política e temas voltados para a Confederação. Com isso, registrou que era publicado e lido na Virginia oitocentista e também forneceu dados bibliográficos valiosos sobre volumes de sua época e outros mais antigos. A empresa de Randolph tornou-se uma das mais ativas do mercado editorial da cidade, envolvendo o trabalho de editora, tipografia, vendedora de livros, encadernador.³⁷³

A editora trabalhava com a publicação e venda de livros e disponibilizava as obras de escritores sulistas e nortistas. Na década de 1850, a firma produziu mais de três mil títulos, o que sugere que os moradores de Richmond tiveram acesso a uma abundância de material impresso. A firma abriu espaço para a literatura sulista, mas o tema da escravidão não era central em suas publicações, tendo lançado somente 3 livros sobre o assunto na primeira metade do século XIX.³⁷⁴ Portanto, a editora não possuía a pretensão de engajamento político com suas produções. E, conseqüentemente, afirmar que *White Acre vs. Black Acre* (1856), de William M. Burwell é um *anti-tom* porque foi publicado pelo mesmo editor de *Uncle Robin in His Cabin in Virginia, and Tom Without One in Boston* (1853), de J. W. Page – um dos primeiros romances do gênero – é uma conclusão precipitada. Já que o mesmo editor não tinha esse engajamento político e poderia publicar o que conviesse para o mercado editorial.

V. O termo *anti-tom*

³⁷² KOPP, Laura Elizabeth. *Teaching the Confederacy: Textbooks in the Civil War South*. ProQuest, 2009, p. 20-21.

³⁷³ STROHM, Robert F. JW Randolph. In: BRYSON William Hamilton. *Virginia Law Books: Essays and Bibliographies*. American Philosophical Society, Vol. 239, 2000, p. 547-548.

³⁷⁴ CASPER, Scott E. (ed.). *The Industrial Book, 1840-1880*. Univ of North Carolina Press, 2007, p. 380.

O arquivo digital *Uncle Tom's Cabin and American Culture* considera dezenove romances como *anti-tom's*, mas instiga o debate sobre a possibilidade de considerá-los estritamente dentro desta categoria, transferindo para o leitor a decisão da classificação. E, da mesma forma, não há consenso na historiografia sobre os romances que se enquadram neste gênero, da mesma forma não há descrição do que seria considerado *anti-tom* e também não há referência de quem teria inaugurado o uso do termo. O que é certo é que já se tornou lugar comum na historiografia, onde os pesquisadores usam sem estabelecer delimitações. E também não encontramos o uso do termo nas obras do período, portanto, provavelmente, é um termo cunhado em algum momento da história da historiografia sobre o tema que foi amplamente adotado. Assim, neste item, tentaremos refletir sobre o uso do termo nas obras levantadas.

A definição de um romance como pertencente ao gênero *anti-tom's* é bastante complexa em muitos casos. Em certas obras não há referência direta a Stowe, nem a seu livro, mas foram consideradas como tais por apresentar uma estrutura semelhante aos romances deste gênero. Outras foram assim consideradas por ter sido publicado pelo mesmo editor de outro *anti-tom* consagrado. Essas delimitações são muito arriscadas, pois se corre o risco de se adicionar tal caráter a um texto que não tinha pretensão de sê-lo.

Alguns editores embarcaram no sucesso de *A Cabana do Pai Tomás* e buscaram alguma ligação com a obra de Stowe, mesmo não sendo da intenção inicial do autor. Ou seja, depois de escrito, alguns romances tiveram seu o título alterado para estabelecer alguma ligação com a obra de Stowe e se valer do público consumidor já estabelecido. Isto ocorreu com o livro *Life at the South: A Companion to Uncle Tom's Cabin*, de Calvin Henderson Wiley, que não cita Stowe e tem pouca relação com o tema da escravidão. E, na verdade, foi lançado dois anos antes de *A Cabana do Pai Tomás* com o nome *The Adventures of Old Dan Tucker*.

375

Em 1849, a empresa T. B. Peterson, da Filadélfia publicou *Roanoke; or, Where Is Utopia?*, de C. H. Wiley. E em 1852, a obra *The Cabin and Parlor; or, Slaves and Masters*, que se tornou um *anti-tom* famoso. No mesmo ano, republicou a obra de Calvin Henderson Wiley, acima mencionada. Mas a única relação

³⁷⁵ MEER, *Op. Cit.*, p. 77.

com a obra de Stowe era no título. Em 1866, publicou a obra novamente sob o título original. Portanto percebemos, com esses exemplos, um mercado editorial que tentava valer-se da fama de Stowe para vender suas obras. Ao mesmo tempo em que percebemos que a escrita de romances que exaltavam a escravidão como um estilo de vida moral não era algo novo.

Desta forma, é difícil delimitar todos os romances apontados na historiografia ou até mesmo no arquivo oficial como estritamente *anti-tom's* levando em consideração somente a editora. O romance *Liberia*, de Sara J. Hale, por exemplo, foi publicado pela editora Harper & Brothers, que foi a mesma que publicou duas obras de Stowe: uma em 1834 (*The Mayflower; or, Sketches of Scenes and Characters Among the Descendants of the Pilgrims*) e outra em 1849 (*The incarnation*). E também publicou duas obras de Maria J. McIntosh (que foi autora do um *anti-tom* famoso *The Lofty and the Lowly, or, Good in All and None All-Good*, de 1853, publicado pela D. Appleton & Co.), uma obra de 1845³⁷⁶ e outra em 1855³⁷⁷. O romance de Hale está na lista dos *anti-tom's* do arquivo digital, mas o próprio arquivo ressalta que não é possível considerá-lo um romance escravista, por excelência.³⁷⁸

T. L. McElrath, de Nova York, e John Cassel, de Londres, publicaram *The Master's House* (1854), de Thomas Bangs Thorpe. O arquivo inclui a obra de Thorpe como pertencente a este gênero, mas transfere para o leitor a decisão de defini-lo como tal. Sua ambivalência chega a sugerir, por vezes, que seja a favor das causas defendidas no romance de Stowe, a única certeza é que foi escrito para respondê-la. Sua obra rendeu diversas edições. Thorpe já era famoso na época, porém não publicou com nome verdadeiro, então o sucesso do livro não pode ser creditado aos leitores usuais deste, mas sim ao tema que tratava.

Assim, acreditamos que se declarar explicitamente contra o romance de Stowe não fosse a questão principal para o sucesso dos textos surgidos de resposta, mas que o fato de fomentar o debate fosse mais importante para atrair leitores.

³⁷⁶ McINTOSH, Maria J. (Maria Jane). *Praise and principle; or, For what shall I live?*. New York, Harper & Brothers, 1845.

³⁷⁷ _____. *Conquest and self-conquest, or Which makes the hero?*. New York, Harper & Brothers, 1855.

³⁷⁸ <http://utc.iath.virginia.edu/proslav/halehp.html>

VI. Autores de *anti-tom's*

Acreditamos que abordar os *anti-tom's* como gênero e como espaço comercial lucrativo sem abordar os autores que lhes deram forma é escrever uma História sem sujeitos. Não pretendemos esgotar o assunto, mas somente mapear alguns elementos que consideramos importantes para compreender a produção destes livros.

Homens e mulheres escreveram *anti-tom's* nos Estados Unidos oitocentistas. Nem a idade e nem o estado de origem foram limites para suas publicações. Pessoas que arriscavam sua primeira escrita, como a adolescente como Martha Haines Butt (1833–1871)³⁷⁹ e escritores de renome no mercado editorial – como Caroline E. Rush, Charles Peterson, Sarah Hale, Thomas Thorpe e William M. Burwell – lançaram obras. A simpatia pelo sistema escravista pode ter sido o motivo principal da escrita de seus romances, mas provavelmente também perceberam a grande possibilidade de sucesso, já que o tema era debatido em todo o mundo, a partir da obra de Stowe. Ou seja, o envolvimento destes indivíduos na imprensa pode ter facilitado a percepção de um espaço comercial aberto por Stowe.

Escritores engajados no mundo político se posicionaram contra Stowe, como Sara J. Hale (1788-1879), que foi uma das mulheres estadunidenses mais importantes da imprensa no século XIX³⁸⁰. Hale, assim como Catharine Beecher, usava a imprensa para promover a educação das mulheres, e escreveu cerca de metade de todo o material das edições da revista *Ladies Magazine and Literary Gazette* (que depois mudou de nome para *American Ladies Magazine*) com este intuito. Também foi editora da revista *Godey's Lady's Book*³⁸¹ e através desta publicou sobre técnicas de escrita e leitura, cursos universitários e publicou constantemente listas de escolas que aceitavam mulheres. Hale trabalhou com incenti-

³⁷⁹ PERRY Carolyn; WEAKS, Mary Louise & WEAKS-BAXTER, Mary (editores). *The history of southern women's literature*. LSU Press, 2002, p. 100

³⁸⁰ Autora também de: *Traits of American Life* (1835) *Sketches of American character* (1838); *The Good Housekeeper* (1839); *Flora's Interpreter; or, The American Book of Flowers and Sentiments* (1853); *The new household receipt-book* (1854); *Women's Record: or, Sketches of all Distinguished Women, from Creation to A. D. 1854* (1855); *Aunt Mary's new Stories for young people* (1849).

³⁸¹ Em 1836, Hale foi convidada para ser editora da revista *Godey's Lady's Book*, que contava com temas diversos, como saúde, beleza, culinária, jardinagem e arquitetura.

vo a caridade, apoiou os esforços das mulheres para se tornarem missionárias no exterior e apoiou diversas instituições de ensino.³⁸²

Outros envolvidos na imprensa, sem histórico de engajamento político explícito, também se posicionaram frente ao romance de Stowe. Caroline E. Rush era editora e vendedora de livros, em uma situação financeira instável, oriunda da Carolina do Sul. Sua primeira produção foi lançada em julho de 1850, cuja primeira edição – de 1000 cópias – esgotou em menos de três meses. Seu segundo e terceiro livro mantiveram boas vendas e seu romance *anti-tom* foi o quarto livro da autora.³⁸³

Maria J. McIntosh³⁸⁴ (1803-1878), autora de *The Lofty and the Lowly* (1852), nasceu na Geórgia, onde passou a maior parte de sua vida. A casa de seu pai era uma antiga mansão senhorial, localizada em um lugar de reunião da nobreza do Estado durante anos. A partir desta vivência, provavelmente, se inspirou para escrever seus romances, que reforçavam a imagem de generosa hospitalidade sulista, de uma sociedade elegante, natureza exuberante.³⁸⁵ A Depressão de 1837 levou suas economias à falência, em Nova York. Posteriormente, publicou uma série de livros³⁸⁶, principalmente infantis, de relativo sucesso no país e na Inglaterra. Sua escrita era profundamente marcada pela religiosidade, em um estilo fácil e agradável.³⁸⁷ Essa experiência de escrita e este tema possivelmente a ajudaram a escrever seu *anti-tom*.

Charles Jacobs Peterson também conhecedor do mercado editorial, irmão dos fundadores da editora já reconhecida T. B. Peterson & Brothers, na Filadélfia, usou um pseudônimo e publicou seu *anti-tom* na editora dos irmãos. Ele próprio

³⁸² Informações disponíveis em: http://www.nwhm.org/online-exhibits/education/Biographies_Hale.htm. Acesso em: 20-04-2013.

³⁸³ *The Mercury* Unsigned Article, Charleston: 21 January 1853. In: <http://utc.iath.virginia.edu/proslav/prar126it.html>. Acessado em: 12/04/2013.

³⁸⁴ McIntosh também escreveu: *Conquest and Self-Conquest* (1844); *Praise and Principle* (1845); *Two Lives, to Seem and to Be* (1846); *Aunt Kitty's Tales* (1847); *Charms and Counter Charms* (1848); *Woman in America: Her Work and Reward* (1850); *Evenings at Donaldson Manor* (1852).

³⁸⁵ HART, John S. *The Female Prose Writers of America*. Philadelphia: Published by E. H. Butler & CO. 1852, p. 63-64. Disponível em: http://en.wikisource.org/wiki/The_Female_Prose_Writers_of_America:_With_Portraits,_Biographical_Notices,_and_Specimens_of_their_Writings. Acessado em: 20/04/2013.

³⁸⁶ Os livros da autora estão disponíveis online, no site *The Online Books Page*: [http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/book/lookupname?key=McIntosh%2C%20Maria%20J.%20\(Maria%20Jane\)%2C%201803-1878](http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/book/lookupname?key=McIntosh%2C%20Maria%20J.%20(Maria%20Jane)%2C%201803-1878).

³⁸⁷ HART, John S.. *Maria J. McIntosh. The female prose writers of America: with portraits, biographical notices, and specimens of their writings*. Philadelphia: Published by E. H. Butler & Co., 1852.

esteve sempre envolvido na imprensa.³⁸⁸ Escreveu muitos esboços e poemas para vários jornais e revistas, além de uma série de obras historiográficas. Vários romances históricos são creditados a ele. Interessante observar que, mesmo tendo uma carreira na imprensa, decidiu usar um pseudônimo para responder a Stowe.

Assim, a defesa da escravidão em resposta a *A Cabana do Pai Tomás* veio de escritores diretamente relacionados com o sistema escravista – como Mary Eastman e Maria J. McIntosh, que eram provenientes da elite plantadora do sul – e também de indivíduos oriundos do Norte, como Sara J. Hale nascida em uma fazenda de New Hampshire em 1788. Assim como esses aqui levantados, a maioria dos escritores dos *anti-tom* já haviam morado tanto em estados não-escravistas como estados escravistas.

³⁸⁸ Em maio de 1839, foi contratado por George R. Graham, que tinha acabado de comprar Atkinson's Casket, como editor associado, ficando em tal cargo até 1840 ou 1841, quando a revista se tornou Revista Graham, em 1840 ou 1841. Em 1840, Peterson adquiriu uma participação de parte do Saturday Evening Post, em que Graham também teve uma parte. No mesmo ano, ele fundou *Lady's World*, mais tarde chamado o *Ladies National Magazine*, e em 1848, a Peterson's Magazine de que ele próprio era o editor até sua morte, quase 50 anos mais tarde. (informações retiradas do site do projeto *The Beadle and Adams Dime Novel Digitization Project*, da Northern Illinois University Libraries, disponível em: http://www.ulib.niu.edu/badndp/peterson_charles.html. Acessado em: 12/04/2013)

Capítulo 5. Adentrando a cabana da tia Phillis

O romance *Aunt Phillis Cabin* escrito por Mary Henderson Eastman foi publicado em 1852. Sua escrita se propõe, desde o prefácio, a ser uma resposta a *A Cabana do Pai Tomás*. Segundo seu prefácio e considerações finais, a autora pretendia defender o sul das imagens criadas pela nortista, uma vez que sua obra ganhava sucesso progressivo e despertava um sentimento de antipatia pela escravidão nos Estados Unidos e no exterior.

O presente capítulo pensará algumas balizas que Eastman usou para apoiar a escravidão e se defender dos ataques de Stowe. Considerando que este foi o romance mais vendido e que possui um diálogo mais forte com Stowe, principalmente no prefácio e considerações finais. Primeiramente faremos uma reflexão sobre os lugares de fala de Mary Henderson Eastman, que envolvem os estados de Minnesota e Virgínia. Posteriormente construiremos um resumo sobre o romance e posteriormente faremos nossa análise da obra. Buscaremos refletir sobre os seguintes assuntos: a disputa que as autoras travavam em relação à verdade, as imagens do sul, a questão religiosa, a questão da herança biológica e cultural, a questão política e legislativa.

I. Um lugar de fala: caminhos de Mary Henderson Eastman

Mary Henderson Eastman (1818-1887) afirmava em seu romance que se pautava em suas experiências pessoais. A historiografia produziu muito pouco sobre ela. Ao pesquisarmos sobre os estados e territórios que Eastman percorreu descobrimos que esta provavelmente teve contato com a escravidão por toda sua vida, até a escrita do romance. Não acreditamos que ela tenha simplesmente criado um reflexo da realidade, mas que sua vivência a possibilitou criar uma “estrutura inteligível” que conferia sentido a acontecimentos e discursos presentes naquela sociedade, dos quais ela possuía uma perspectiva crítica.

Sabemos que nasceu em 1818, em Warrenton, Fauquier County, Virgínia. Era filha de Thomas Henderson, que foi médico e assistente de cirurgião geral no

exército.³⁸⁹ Em 1835 casou-se com Seth Eastman³⁹⁰ (1808-1875), diplomado pela Academia Militar dos Estados Unidos, e instrutor assistente de desenho em West Point. Em 1840, ele fez uma breve viagem à Flórida durante a Segunda Guerra contra os Seminole³⁹¹, mas não sabemos se a esposa o acompanhou. Logo, o casal mudou-se para o Forte Snelling, no alto do rio Mississippi.³⁹² Ela estudou a língua e os costumes dos índios Sioux e escreveu um livro sobre esse estudo, ilustrado pelo marido, publicado em 1849.³⁹³ Neste ano também se mudou para Washington.³⁹⁴

Eastman e seu marido passaram sete anos no Forte Snelling.³⁹⁵ Essa era uma região de fronteira, bem ao norte do país. Segundo Nancy C. Curtis, o Forte foi fundado em 1820 e se localizava na confluência entre os rios Mississippi e Minnesota, servindo como ponto militar, além de estratégico para o transporte e exploração de novas terras. Tornou-se centro comercial, industrial e militar na

³⁸⁹ COSNER, Jennifer & SCANLON, Shaaron. Mary Henderson Eastman. *American Women Historians, 1700s-1990s: A Biographical Dictionary*. Greenwood Publishing Group, 1996, p. 65.

³⁹⁰ A historiografia produziu bastante sobre seu marido, Seth Eastman. Ele nasceu em Brunswick, Maine, e se alinhou ao exército e foi encarregado de realizar inúmeras pinturas dos índios americanos, encomendadas pelo Congresso dos Estados Unidos. (COSNER & SCANLON, *Op. Cit.*, p. 65)

³⁹¹ A Guerra contra os Seminole foi uma das maiores da história estadunidense, e é geralmente dividida em três grandes conflitos. A primeira guerra contra os Seminole ocorreu entre 1814-1819 (mas não há uniformidade na historiografia), esse conflito se iniciou quando os Estados Unidos invadiu a região povoada por indígenas, conhecidos coletivamente como Seminole. Andrew Jackson liderou os ataques e foi bem sucedido. Posteriormente começou a atacar os assentamentos espanhóis. Em 1819, a Espanha negociou um tratado (Tratado de Adams-Onís), que cedeu a Flórida para os Estados Unidos.

Os estadunidenses do norte começaram a entrar em conflito com os Seminole. O governador, estabelecido por Jackson, solicitou que os indígenas se movessem para ceder a região para os colonos. O pedido foi recusado. Em 1823, estabeleceu-se um tratado entre o país e os Seminole (Tratado de Moultrie Creek) que estabelecia que os indígenas se movessem para o sul. Os Seminole mudaram para o sul, porém não se adaptaram às novas terras. Em 1830, Jackson tornou-se presidente e incumbiu-se de mover todos os indígenas para oeste do rio Mississippi. Tentaram estabelecer um novo tratado, que foi assinado pelos chefes indígenas, mas eles alegaram terem sido enganados e se recusaram a sair. Em 1835, iniciou-se a Segunda Guerra contra os Seminole, que terminou em 1842 com o líder preso, muitos indígenas mortos e os Seminole movidos para o oeste. Os grupos restantes no local da reserva ainda resistiram e lutaram com os EUA entre 1855-58. Depois deste último conflito, os indígenas mudaram-se para o Everglades. Ver: (KNETSCH, Joe. *Florida's Seminole Wars, 1817-1858*. Arcadia Publishing, 2003; MAHON, John. *History of the Second Seminole War, 1835-1842*. University Presses of Florida, University of Florida Press, 1991)

³⁹² PALMQUIST, Peter E. *Pioneer Photographers from the Mississippi to the Continental Divide: A Biographical Dictionary, 1839-1865*. Stanford University Press, 2005, p. 222-223.

³⁹³ EASTMAN, Mary Henderson. *Dahcotah, or, Life and legends of the Sioux around Fort Snelling*. New York: John Wiley, 1849.

³⁹⁴ COSNER & SCANLON, *Op. Cit.*, p. 65.

³⁹⁵ Minnesota History Center. *Seth Eastman: Pioneer & painter*. Disponível em: http://www.mnhs.org/library/tips/history_topics/134eastman.htm. Acesso em: 10-04-2014.

região. Assim, a circulação de pessoas era intensa, envolvendo negros livres e escravos (mesmo que a escravidão fosse uma instituição proibida).³⁹⁶

Pelo Compromisso do Missouri, o forte Snelling estava localizado em uma região em que a escravidão havia sido proibida. O caso do escravo Dred Scott se tornou famoso e ocorreu depois deste ter passado parte de sua vida no forte, levado para o forte em 1836³⁹⁷. Depois da morte de seu dono, Dred moveu uma ação judicial a fim de tentar tornar-se livre e reconhecido enquanto tal oficialmente, por ter vivido em terras oficialmente livres. O caso chegou até a Suprema Corte, segundo o historiador Vitor Izecksohn, principalmente porque se referia a uma questão de definição de soberania dos estados acerca da adoção ou abolição da escravidão em seus territórios. A Corte determinou que o pedido fosse negado e que todos os negros do país, em qualquer condição social, não seriam considerados cidadãos e que estavam impedidos de exercer os direitos previstos em Constituição para os homens comuns, independente da região em que se encontrassem.³⁹⁸

Christopher P. Lehman afirma que a escravidão não havia morrido na região. A maioria da população era contra a escravidão, mas uma pequena parte era proprietária de escravos ou somente pró-escravista. A instituição estava presente em vários espaços. Editores lançavam jornais pró-escravistas e senhores circulavam com seus escravos sem ter sua propriedade ameaçada, pois não havia policiamento sobre o uso da mão-de-obra cativa. A maioria dos barcos que circulavam no rio Mississippi empregava o trabalho escravo para as atividades rotineiras. Assim, os escravistas tornavam-se importantes para o comércio local e regional, unindo Baixo e Alto Mississippi. Diante dessa conjuntura, o governo da região chegou a propor que sulistas pudessem passar seis meses por ano com seus escravos nestes territórios sem ter seu domínio ameaçado.³⁹⁹ Candidatos políticos pró-escravistas foram eleitos e apoiados em Minnesota (como Willis A. Gordon e Sylvanus Lowry).⁴⁰⁰

³⁹⁶ CURTIS, Nancy C.. *Black Heritage Sites: An African American Odyssey and Finder's Guide*. American Library Association, 1996, p. 467.

³⁹⁷ HANSEN, Marcus. *Old fort Snelling 1819-1858*. Edição Kindle. P. 66.

³⁹⁸ IZECKSOHN, Vitor. Escravidão, federalismo e democracia: a luta pelo controle do Estado nacional norte-americano antes da Secessão. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, março 2003, p.67.

³⁹⁹ LEHMAN, Christopher P.. *Hoteliers and Local Slaveholders*. In: *Slavery in the Upper Mississippi Valley, 1787-1865: A History of Human Bondage in Illinois, Iowa, Minnesota and Wisconsin*. McFarland, 2011

⁴⁰⁰ Idem, *ibidem*.

Alguns sulistas passavam o período de verão do sul no Centro-oeste e levavam consigo seus escravos, hospedando-se em hotéis. Esses plantadores abastados formavam uma clientela importante da economia, compondo parte significativa da vida financeira de alguns destes estabelecimentos. Havia desacordo sobre a questão dos escravos nessas terras livres. Alguns escravos tentaram conseguir sua liberdade por ter vivido um tempo na região. Alguns brancos acreditavam que enquanto o senhor conseguisse manter sua autoridade sobre o negro, mantendo-o na condição de escravo, tinha o direito de mantê-lo como sua propriedade. Mas, caso o cativo fugisse, o negro seria emancipado.⁴⁰¹

Em 1849, Mary Eastman mudou-se para Washington, D.C., onde escreveu seu *anti-tom*. A capital se localiza entre os estados de Maryland e Virgínia, sendo um espaço já familiar à escritora, uma vez que ela havia nascido (1818) e vivido na Virgínia.⁴⁰² Segundo o historiador Ira Berlin, a região fazia parte de um complexo maior, que desfrutava de uma economia semelhante. O Litoral Sul tinha vivenciado um período de intensa plantação, com uso intensivo e extensivo do trabalho escravo, e que desde fins do século XVIII começava a demonstrar uma redução na produção – em decorrência, principalmente, do desgaste do solo. Esta economia ainda tinha que competir com a produção das novas terras do oeste e a flutuação do mercado internacional, fatores que impactaram e reduziram sua prosperidade econômica. Os investidores sentiram a necessidade de adaptação à nova condição de mercado, e buscavam novas tecnologias, novos produtos e novas formas de organização do trabalho. Em Maryland e Virgínia, houve alteração na agricultura e na produção artesanal para se adaptar a essa nova conjuntura.⁴⁰³

De acordo com Berlin, grande parte da escravaria foi levada pelo tráfico interno para o interior Sul. Assim, a distribuição geográfica da escravidão se alterou profundamente na primeira metade do século. Em 1800, aproximadamente 75% da escravaria se localizavam entre os rios Delaware e Savannah. Em 1820, caiu para menos de dois terços e em 1840 caiu para menos do que a metade. Em 1860, mais de 60% não habitava estados escravistas litorâneo. Desta forma, a região deixava de ser uma sociedade escravista para se tornar uma sociedade com

⁴⁰¹ Idem, *ibidem*.

⁴⁰² COSNER & SCANLON, *Op. Cit.*, p. 65.

⁴⁰³ BERLIN, Ira. *Gerações de cativo: Uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 247.

escravos.⁴⁰⁴ Acreditamos que a redução da escravidão nestas regiões gerou uma impressão até mesmo em Eastman de que a instituição seria naturalmente abolida, como apontou o personagem Arthur no capítulo 6.

Ser vendido era uma constância nessa região e impactava profundamente a vida destes escravos. Geralmente, aqueles que eram absorvidos pelo tráfico interno nunca mais eram vistos pelos familiares, pois se rompia qualquer tipo de contato. A estabilidade da vida escrava estava ameaçada e arrastava comboios cada vez maiores para o interior. A migração do proprietário ou a dissolução da propriedade também surgiram como potenciais separadores de famílias escravas.⁴⁰⁵

II. Resumo de *Aunt Phillis's Cabin*

A maior parte do romance se desenvolve através de diálogos entre os personagens e de narrações de histórias ocorridas com os personagens. Com grande destaque para as descrições de espaços e dos personagens. A obra foca o cotidiano dos escravos e dos senhores em uma fazenda sulista, onde refletem constantemente as ideias abolicionistas. Há um número grande de indivíduos que circula por todo o romance.

O romance começa com uma descrição de uma cidade, Exeter, na Virgínia. O narrador ressalta que, como um padrão do estado, a irregularidade das ruas e falta de similaridade entre as casas poderia gerar uma imagem desfavorável do sul. Mas a mansão da família principal tinha um aspecto de bom gosto. Sr. Weston era o dono da mansão que possuía uma plantação ao lado. O Sr. Weston lia e estudava a Bíblia. Sra. Weston morreu logo após o nascimento do filho, que agora estudava no Colégio de Yale, em New Haven, Connecticut. O filho havia se noivado com a prima Alice, desde a infância. Porém, Alice era apaixonada por Walter Lee, que era órfão e não era visto como um homem adequado para Alice, além de já ser comprometida com o primo.

Na casa vivia também a viúva de seu irmão, que sob o pedido do Sr. Weston, mudou-se para a residência para auxiliar nos assuntos domésticos. A Prima

⁴⁰⁴ Idem, *ibidem*, p. 250-251.

⁴⁰⁵ BERLIN, *Op. Cit.* p. 252-253.

Janet, já idosa, também morava na casa por convite do Sr. Weston, ela ajudou a Sra. Weston nos muitos cuidados que, segundo o romance, são conferidos a dona de uma plantação. Ajudou a ensinar tricô e costura as escravas jovens, e os ensinar os mandamentos religiosos, auxiliando também nas tarefas domésticas. Ela acolhia os escravos quando eles reclamavam de doenças físicas, além de oferecer conforto psicológico. E caso necessitasse também repreendia.

A primeira vez que os servos surgem no romance eles estão sentados no pôr do sol, aproveitando a noite agradável. Eles possuíam cabanas pintadas de branco, com jardins na frente. E não existem cenas deles trabalhando no campo, somente dos mesmos chegando do trabalho. Na maior parte do tempo, conversam, dançam e cantam.

O primeiro escravo que aparece é tio Bacchus (com nome inspirado no Deus Baco), que tinha o hábito de beber em demasia, embora fosse religioso e julgasse errado o consumo exacerbado de álcool. Segundo ele, não era como as pessoas brancas, e não conseguia resistir às tentações. Tio Bacchus era religioso e apresentava discursos religiosos. E era casado com Tia Phillis, que só aparece no capítulo 9. Ela é uma mulata alta e religiosa, mãe de 12 filhos, que havia sido instruída sobre os mandamentos bíblicos. Tinha para si que a escravidão tinha sido estabelecida como uma maldição, mas estava feliz e com os seus senhores. Ela almejava a liberdade, mas se recusava a alcançá-la por qualquer meio que não fosse como presente de seu dono. Mesmo com a proposta de auxílio de abolicionistas, ela não pensou em fugir. A cabana de Phillis era bem organizada e limpa, ornada de flores, que era superior às cabanas dos outros escravos.

Outra escrava dos Weston era a Tia Peggy, que era originária da África. Ela tem 90 anos quando surge no romance. Em um momento ela conta sobre seu sequestro e viagem, caótica e violenta, que impactou seu temperamento, agora sombrio e irregular. A maioria das pessoas tinha medo dela, os escravos a consideravam uma espécie de bruxa. Ela morre sozinha dormindo em sua cabana, depois de uma noite de conversa com tia Phillis. A pedido do Sr. Weston, o clérigo da Igreja Episcopal estava presente no funeral.

Walter Lee vai embora de Exeter e Alice fica doente depois de sua partida. Sua doença progride ao longo do romance e, na esperança de sua melhora, toda a família, com exceção da prima Janet, vai passar o inverno em Washington. Com eles, levam também Ellen Graham, que era parente distante do Sr. Weston, órfã,

que havia perdido o irmão, William, há pouco tempo (capítulo 18). Visitaram os principais pontos históricos da cidade, como Mount Vernon (casa de George Washington).

Em Washington, Bacchus visita uma cadeia onde ficam os escravos fugitivos. Comovido com a história de um dos negros, tenta convencer o Sr. Weston a comprá-lo. Na cadeia encontram também uma mulher chamada Sarah, que foi instigada por abolicionistas a fugir. Segundo o romance, eles a enganaram, lhe prometeram a liberdade e a convenceram de que ela conseguiria renda suficiente no norte e a abandonaram. Mas o real motivo de sua fuga foi porque ela acreditava que o dono de seu marido iria vendê-lo. O senhor havia oferecido a liberdade ao escravo, caso ele pagasse por sua emancipação. O marido trabalhava e conseguiria juntar dinheiro, se ele não consumisse bebida alcoólica em demasia, conseguiria acumular o dinheiro necessário. Frente a essa situação, Sarah decidiu fugir e trabalhar para poupar a quantia solicitada. Mas ela foi pega como escrava fugitiva e presa. Agora ela implorava para que o Sr. Weston a comprasse. Ele, em um gesto de caridade, a compra e a dá a liberdade para tentar reencontrar o marido e comprá-lo.

Enquanto a família estava em Washington, Walter Lee se entregou aos jogos e, em uma discussão acalorada, que se desdobrou em uma briga, assassinou um homem. Alice fica assustada com a notícia e começa a rever seus sentimentos por Walter e por Arthur. E sua doença começa a dar sinais de melhora. O fim da viagem se aproxima e todos retornam para a fazenda. Enquanto em Exeter, Phillis adoece e estava sendo assistida pelo médico, Dr. Lawton. Quando a família Weston chega a Exeter, Phillis já estava com a doença muito avançada. Em seu leito de morte, a escrava pede ao Sr. Weston que mantenha seus filhos na condição de escravos, garantindo-lhes a segurança e cuidados que sempre proporcionou. E que eles permaneçam assim depois de sua morte. Os anjos e Jesus vêm buscar a escrava e levá-la para o céu, destino que foi anunciado pela escrava para se repetir para o Sr. Weston, Jane, Bacchus.

Em uma história paralela, o abolicionista extremista de Vermont, Sr. Kent, vai morar no sul e se torna vizinho do Sr. Weston. Ele se casa, mas é hostil com a esposa e com todos à sua volta. Ele e a esposa se afastam muito e depois de ele tentar agredir um escravo, é proibido de exercer qualquer autoridade sobre os escravos. A Sra. Kent morre e deixa sua propriedade para o marido, e liberta os es-

cravos. Deixando dinheiro para aqueles que quisessem ir para a Libéria e aqueles que quisessem permanecer na Virgínia ficariam com o Sr. Weston, tornando-se como uma espécie de “guardião”. O Sr. Kent mostrou-se exaltado ao ouvir a leitura do testamento. E, segundo narra a prima Janet, ele pretendia voltar para o Norte, e seus 30.000 dólares foi considerado um lucro, pois ele não tinha economias, quando se casou.

Em outra história paralela, no capítulo 4 se desenvolve a história da família Moore, que acontece dois anos antes da história dos Weston. Sra. Moore vivia em um assentamento militar no norte. Ela era sulista, trabalhadora e inteligente antes de conhecer o capitão Moore, segundo o romance. Eles moravam em Vermont, no norte. O capitão Moore era pertencente à Sociedade da temperança. Nessa casa havia duas negras, ambas livres, uma chamada Tia Polly, proveniente das Carolinas, que foi escrava da mãe da Sra. Moore. Agora ela prestava serviço para a Sra. Moore e recebia o salário de seis dólares por mês. A outra negra era Susan, uma mulher de meia idade, nascida na Geórgia, que nasceu escrava e fugiu de seus donos, por ter sido “seduzida” por abolicionistas.

Susan trabalhava pouco no período em que era escrava, se ocupando com leitura para sua senhora e cuidados do bebê desta. Embora amasse a dona e o bebê, ela foi convencida de que era intenção da Providencia Divina que fosse livre e que se mudasse para a “Terra Santa Ocidental” que era Boston. Os abolicionistas haviam pedido para que ela roubasse dinheiro de sua dona, mas ela se recusou. E depois de passar uma noite no que acreditou ser um abrigo, descobriu, pela manhã, que devia pagar pela estadia. Sem dinheiro suficiente, foi obrigada a ceder um xale que havia sido presente da dona e do qual queria guardar de lembrança.

Em seguida, foi levada para a casa de um abolicionista onde foi empregada. Sua viagem foi paga por esse abolicionista que depois descontou em seus salários quatro dólares por mês. Ela tinha inúmeras obrigações e precisou de muitas economias e muito tempo para adquirir suas vestimentas básicas. Sua saúde se enfraqueceu por causa do clima severo e do novo estilo de vida. Ela tentou pedir aumento de salário, visto que uma mulher branca recebia 6 dólares por mês, mas como era negra, a abolicionista afirmava que era mais adequado que recebesse menos. Além de que ela deveria estar disposta a trabalhar por um salário mais baixo visto que seus patrões eram seus amigos, por serem abolicionistas. Ela encontrou tia Polly enquanto fazia compras, e foi convidada para se mudar para a

casa dos Moore. E, no dia em que se mudou para a casa dos Moore ainda sonhava com sua antiga vida na Geórgia, sua antiga dona e o bebê.

III. Questão religiosa: A Bíblia

Assim como Stowe, *Aunt Phillis Cabin* e os romances *anti-tom* se posicionaram frente ao debate pró-escravismo *versus* antiescravismo com argumentos sustentados sobre a interpretação da Bíblia. Ressaltavam a legitimação da instituição que existia desde muito antes da própria América e que foi estabelecida por uma esfera acima dos desígnios terrenos: a interferência divina. Deus, através do documento teria fornecido as leis para governá-la.

Tais escrituras forneceriam o saber necessário aos homens sobre este e qualquer outro assunto. E da mesma forma como tais palavras pregavam que os filhos deveriam obedecer aos pais, todos os homens deveriam obedecer e respeitar a Deus, pai de todos os homens, que significava não questionar as deliberações deste e, conseqüentemente, não questionar a legitimidade da permanência da escravidão, por Ele estabelecida.

A história bíblica pensava a escravidão desde Gênesis. A obra de Eastman recorreu à história de Noé e seu filho Cam, onde o pai tomou vinho em demasia e dormiu nu em sua barraca. O filho teria o visto e contou a cena para os irmãos, Sem e Jafé. Estes logo se prontificaram a cobrir o pai, desviando o olhar para não vê-lo em tais condições. Quando Noé acordou ficou excessivamente irritado com Cam e impôs-lhe uma maldição: “Ele será escravo dos seus irmãos, um escravo miserável.”⁴⁰⁶ E, a partir da interpretação deste trecho, Eastman afirma: “Foi depois de uma criança cometer um ato de desonra a um pai idoso, que a profecia que implica na escravidão como uma maldição sobre uma parte da raça humana foi proferida.”⁴⁰⁷ ^{xlvi}

Segundo o prefácio, todo o continente africano teria sido povoado pelos descendentes de Cam. E as melhores regiões foram contrariamente dominadas, por romanos, sarracenos, e turcos. Sendo que ainda viviam em uma situação

⁴⁰⁶ BÍBLIA SAGRADA, Gênesis 9:25. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

⁴⁰⁷ EASTMAN, *Op. Cit.*, p. 13.

miserável, onde prevalecia a “maldade, ignorância, barbárie e a escravidão”. Sendo vendidos e comprados como mercadorias, de ambos os lados do mundo. Segundo ela, “Deus tem permitido a existência da escravidão em todas as épocas e em quase todas as nações da terra”^{408 xlix}.

Este tipo de justificativa era uma continuidade de uma interpretação já adotada no Velho Mundo. Segundo Robin Blackburn, há séculos esta compreensão foi uma explicação judaica da escravidão e que também foi adotada por muçulmanos e cristãos. Tal interpretação foi reconhecida pela Igreja Católica e aceita em Roma até o século XVIII. Sendo que no século seguinte começou a receber críticas.⁴⁰⁹ Portanto, na visão de Eastman, aqueles que perpetravam a instituição estavam obedecendo às ordens divinas, pois não cabia a eles questionar as vontades supremas e aqueles que alteravam um mandamento bíblico desobedecia ao Pai de todos os homens.⁴¹⁰

Outros autores dos romances *anti-tom* destacaram que a emancipação era um rompimento com a Bíblia, pois esta havia imposto a escravidão como castigo a Cam e os nortistas se viam no direito de questionar a vontade de Deus, emancipando os negros do pecado. Como analisou Mary Howard, em *The Black Gauntlet*:

Esta primitiva inauguração radical da força sobre a fraqueza, continuou daquele dia até hoje, e continuará enquanto este mundo durar, pois Deus quis assim. A infinita sabedoria, e não nossas especulações impertinentes, governa o universo, e determina o que é certo e errado por si só. Todo o nosso dever, então, é se curvar à sua revelação.^{411 1}

Portanto, a escravidão seria um dos castigos de Deus para determinado tipo de pecado e não cabia aos homens questionar suas decisões.⁴¹² Sendo que essa legitimação da instituição foi recorrente ao longo da Bíblia, e Eastman lembrou que Abraão, Isaac e Jacob também eram senhores de escravos. E convidou aqueles que pensassem de forma diferente a abrir a Bíblia cristã e comprovar o que

⁴⁰⁸ Idem, *ibidem*, p. 18.

⁴⁰⁹ BLACKBURN, Robin. *A queda do escravismo colonial: 1776-1848*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 47

⁴¹⁰ EASTMAN, *Op. Cit.*, p. 12.

⁴¹¹ HOWARD, Mary. *The Black Gauntlet: A Tale of Plantation Life in South Carolina*. Philadelphia: J. B. Lippincott & Co., 1860, p. vii.

⁴¹² Eastman, *Op. Cit.*, p. 12.

dizia. Sendo que Jesus Cristo teria vindo para confirmar as leis de Deus, para redimir o pecado, mas não para alterar a organização da sociedade. Nas palavras de Eastman: “Cristo veio, morreu, ascendeu aos céus, e a escravidão ainda existia”.
413 li

Ao defender que Cristo teria vindo para confirmar as leis de Deus, contratabava a leitura da Bíblia realizada pelo revisionismo protestante. Segundo Theodore R. Hovet, os perfeccionistas cristãos afirmavam que a doutrina do pecado inato que se espalhava pelo protestantismo americano era errada. Admitiam que Deus havia feito um pacto com Adão (depois reafirmado com Abraão e Moisés) que fazia o homem escravizado por um pecado inato e preso aos dez Mandamentos, estabelecendo a lei moral. Posteriormente, com o sacrifício de Cristo e a reparação dos pecados dos homens, se constituiu um novo pacto, onde o homem foi liberado do pecado.⁴¹⁴

Esse Novo Acordo seria mantido voluntariamente pelos homens, devido ao amor a Cristo. O Novo Acordo foi primeiramente intencionado para dar ao homem liberdade espiritual, partindo do pressuposto que aquele que conseguisse liberdade espiritual não iria consentir com políticas tirânicas, que pregassem o cativeiro físico, como apontou a escritora e editora Sarah Josepha Hale⁴¹⁵. Essa análise do pecado da escravidão proveu a chave para o ideal religioso que sustentava os argumentos antiescravistas e abolicionistas.⁴¹⁶ Deste modo, a escravidão dos africanos no Sul violava o Novo Acordo.

O prefácio apontou que a legitimação da escravidão pela Bíblia ultrapassava o capítulo Gênesis, ou seja, mesmo que houvesse um novo acordo, todos depois de Cristo continuaram com a escravidão. Diversos capítulos do Novo Testamento também possuíam histórias indicando a escravidão como parte das leis de Deus. Nos últimos capítulos da Bíblia consta a carta de Paulo a Filemon, na qual o

⁴¹³ Idem, *ibidem*, p. 20

⁴¹⁴ HOVET, Theodore R.. Christian Revolution: Harriet Beecher Stowe's Response to Slavery and the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 47, No. 4 (Dec., 1974), IN: <http://www.jstor.org/stable/364449>. Acessado em: 03/02/2011, p. 538- 539.

⁴¹⁵ Ela também escreveu um romance que é considerado anti-tom por alguns historiadores, e considerado como a favor de algumas ideias de Stowe por outros historiadores. Também é creditado à Hale o estabelecimento do dia de Ação de Graças como feriado nos Estados Unidos. Em apoio à proposta de feriado nacional, ela escreveu cartas a cinco Presidentes dos Estados Unidos: Zachary Taylor, Millard Fillmore, Franklin Pierce, James Buchanan, e Abraham Lincoln. Suas cartas iniciais não conseguiram convencer, mas a carta que ela escreveu para Lincoln o convenceu a apoiar a legislação que instituiu o feriado nacional em 1863.

⁴¹⁶ HOVET, *Op. Cit.*, p. 538- 539.

apóstolo pedia ao dono do escravo fugido para aceitá-lo novamente. E convida o leitor a contrastar as palavras do livro com os discursos dos abolicionistas.

Conforme David Brion Davis, os primeiros cristãos, os judeus e os mulçumanos não viam problema moral na escravidão. São Basílio, no século IV, já usava a carta a Filemon, para defender a escravidão de “irmãos de fé” e Santo Ambrósio destacava que os escravos desfrutavam de maior liberdade do que os próprios senhores, desde que fossem fiéis. Teólogos passaram a distinguir escravidão física e espiritual. A obediência, humildade, paciência e resignação foram defendidas como virtudes cristãs.⁴¹⁷

Dentro da trama, Eastman também fez os personagens pensarem na Bíblia como defensora da escravidão. O personagem Arthur Weston ressaltou que na Bíblia havia normas para as relações senhor-escravo. Mas na mesma não havia regimento sobre a libertação dos mesmos, sequer havia algum trecho que afirmava que possuir escravos constituía um pecado, como denunciavam os abolicionistas.⁴¹⁸ Lembrando que em Levítico, Deus disse ao senhor de escravos: “E vós levá-los por herança, para os seus filhos depois de vós, para os herdarem como possessão; eles mesmos serão os vossos escravos para sempre”⁴¹⁹ lii. Assim a legitimação religiosa estava estabelecida para toda a eternidade.

A religião também foi usada para estimular a subordinação dos negros aos brancos. Janet fala para Lydia, escrava da família Weston:

[Deus] ama a todos que o amam, [...], sejam eles pretos ou brancos. [...] Seja trabalhador e diligente em tudo o que você fizer, obedeça a sua mãe, seu pai e seu mestre. Seja sincero e honesto porque Deus odeia um mentiroso, e uma pessoa mentirosa. Ele vai cuidar de você e amá-lo, se você falar a verdade. Às vezes você tenta me enganar... Deus não vai ser seu amigo, se você enganar qualquer pessoa. (...).⁴²⁰ liii

Deus não havia demonstrado para os homens a intenção de se opor a manutenção da escravidão, mas caso isso ocorresse, acreditava que este enviaria sinais para os homens na terra. No capítulo 10, o narrador afirma que quando for a

⁴¹⁷ DAVIS, David Brion. *The problem of slavery in western culture*. Oxford University Press, 1988, p. 87-88

⁴¹⁸ EASTMAN, *Op. Cit.*, p. 77.

⁴¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 135.

⁴²⁰ Idem, *ibidem*, p. 141-142.

vontade de Deus que todos os homens deverão nascer livres e iguais Ele interferiria diretamente na história dos homens, assim como fez ao instaurá-la.⁴²¹ liv

O romance defendia que a vida dos escravos, embora na condição de um castigo divino, não era desagradável para os negros e nem para os brancos. Ressaltando que foram os brancos sulistas quem ensinaram aos escravos o conhecimento religioso, da existência de Deus e Jesus Cristo. Assim, segundo o romance, os senhores de escravos empregavam mais veementemente os princípios cristãos do que os abolicionistas. Eles percebiam que seus escravos se interessavam pela instrução religiosa e eles supriam esta necessidade. Os sulistas teriam mais tempo para se dedicar a um “melhoramento individual” do que os nortistas.

Eastman e os romances *anti-tom* se aproveitaram deste aspecto da instrução com direcionamento religioso, que também era um diálogo com a construção de Stowe, onde o escravo Tom mais religioso do que o senhor, nas três casas por onde passou. Porém, os responsáveis pela instrução foram, geralmente, as próprias senhoras, principalmente a prima Janet, que se assemelha a construção da prima Ophelia de *Uncle Tom's Cabin*.

Segundo Junius P. Rodriguez, já se encontram indícios de esforços organizados para a educação dos escravos desde o século XVII. Alguns senhores, uma minoria, incentivava a instrução pela ideia de que, com esta, o escravo valeria mais, pois seria mais útil. Outros foram movidos por princípios altruístas. Muitos missionários cristãos, majoritariamente anglicanos, defendiam que aquela era fundamental para a salvação religiosa. A leitura da Bíblia era essência para a compreensão da liturgia. Organizações como a Sociedade para a Propagação do Evangelho em partes Estrangeiras fundaram escolas, instruíram professores e ensinaram centenas de escravos a alfabetização básica e os princípios da fé Cristã. Tais engajamentos encontraram algum êxito.⁴²²

No romance construído por Eastman, os abolicionistas não se preocupavam com a situação dos negros depois de fugidos. Eles se empenhavam em convencer os escravos a fugirem e depois não se preocupavam com seu destino. Susan, depois de fugir com o auxílio de um abolicionista, foi empregada, onde ela cozinhou e lavou para 10 membros de uma família, além de limpar toda a casa.

⁴²¹ Idem, *ibidem*, p. 119.

⁴²² RODRIGUEZ, Junius P. (ed.). Education. In: *Slavery in the United States: a social, political and Historical encyclopedia*. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data, 2007, p. 271.

No sábado, tinha que consertar todos os itens de roupas usadas pela família. Segundo o narrador, ela se tornou a própria dona da casa, devido à quantidade de afazeres. Assim, sua situação não teria melhorado, ela teria simplesmente passado de um mestre para outro. Seu salário não era suficiente nem para manter suas vestimentas, muito menos sua saúde, que não conseguia se adaptar ao frio severo do clima nortista.⁴²³

E os senhores de escravos se importavam com os negros até mesmo depois de estes terem os abandonado. A antiga dona da escrava fugitiva Susan envia-lhe dinheiro para que possa comprar remédios e roupas, sendo que esta trabalhava na casa de abolicionistas e estes não se importaram com suas necessidades, acreditando que lhe pagavam um salário suficiente.

Portanto, a atenção para com os negros, segundo o romance de Eastman, se limitava aos senhores de escravos e os abolicionistas somente se importavam com o fim da escravidão, sem se preocuparem com o futuro destes negros livres. Ou seja, o dever moral, com a formação dos libertos, diferente da história de George Shelby (no romance de Stowe), não existia por parte daqueles que queriam o fim da instituição. E somente os escravistas praticavam os mandamentos bíblicos, cuidando do próximo, até a velhice. O sistema, estabelecido pela providência divina, garantia, segundo o narrador, uma harmonia entre brancos e negros.

E, assim como para Stowe, a percepção da religião será a base para pensar as questões biológica, cultural e política que sustentam a defesa da escravidão.

IV. Questão biológica e cultural

A escravidão também foi justificada sobre o princípio da tradição. Os ingleses foram os indivíduos que levaram a escravidão para a América, portanto seriam os primeiros responsáveis por sua existência.⁴²⁴ E os fundadores da nação

⁴²³ EASTMAN, *Op. Cit.*, p. 61.

⁴²⁴ É interessante ressaltar que os próprios ingleses sentiam essa responsabilidade pela escravidão nos Estados Unidos. Em um documento de resposta à Harriet Beecher Stowe, mulheres inglesas apontaram sua vergonha por seus antepassados terem estabelecido tal instituição: “We acknowledge with grief and shame our heavy share in this great sin. We acknowledge that our forefathers introduced, nay, compelled the adoption of slavery in those mighty colonies. We humbly confess it before Almighty God ; and it is because we so deeply feel and so unfeignedly avow our own com-

teriam perpetrado a instituição, reconhecendo-a como uma vontade divina, e legitimando-a em Constituição. Portanto, o fim da escravidão nos estados sulistas viria quando fosse possível ou, caso fosse acabar de forma abrupta, seria por interferência divina, como Eastman apontou em seu prefácio.

A escravidão era, assim, legitimada pela interpretação religiosa. E também servia de base para a ideia de que os negros constituíam uma raça degradada, assim como Stowe apresenta. Tal degradação teria se iniciado com a traição de Cam e continuado entre os seus descendentes. Os filhos de Cam teriam características físicas que justificavam uma degradação racial:

Lá estava ela, com os olhos fixos no céu, sua alma empenhada em resolver essa misteriosa questão. Suas mãozinhas penduradas com indiferença; não havia beleza em seu rosto; a pele negra, os lábios salientes, as características pesadas, a indicavam como pertencente a uma raça degradada.⁴²⁵ lv

Para a personagem Prima Janet, os negros deveriam permanecer na condição que Deus os colocou e seguir as normas bíblicas. Aqueles cativos que fossem obedientes, trabalhadores, prestativos, depois da morte, desfrutariam do reino Deste, assim como os brancos. Com isso, enfatizava a submissão dos negros:

"Ele [deus] ama a todos que o amam", disse Srta. Janet, "se eles forem negros ou brancos. [...]. Seja gentil e prestativo para todos. Seja trabalhador e diligente em tudo o que você tem que fazer, obedeça sua mãe e pai, e seu mestre. Seja sincero e honesto. Deus odeia um mentiroso, e uma pessoa enganadora. Ele não vai cuidar de você e amá-lo, a menos que você fale a verdade. Às vezes você tenta me enganar. Deus não vai ser seu amigo, se você enganar qualquer um. E agora vá para a sua mãe, ela vai colocá-la para a cama." ⁴²⁶ lvi

Deus iria "branquear" aqueles que seguissem os mandamentos bíblicos, bastasse que os negros fossem submissos aos donos. A cor da pele, portanto, tornava-se um indicativo de ascensão espiritual. Prima Janet diz:

plicity, that we now venture to implore your aid to wipe away our common crime and our common dishonour." (STOWE, Harriet Beecher. *A reply to "the affectionate and Christian address of many thousands of women of great Britain and Ireland, to their sisters, the women of the United States of America*. London: Sampson Low, Son, and Co., 1863, p. 06)

⁴²⁵ EASTMAN, *Op. Cit.*, p. 141.

⁴²⁶ Idem, *ibidem*, p. 141-142.

Tu és escrava, Lydia, porém, Deus chamou-te para a liberdade dos filhos que ele ama; tu és negra, ainda que tua alma será lavada e branqueada no sangue do Cordeiro, tu és pobre, ainda que tu serás rica por meio Dele [...].⁴²⁷ lvii

Assim, tanto no romance de Stowe quanto no de Eastman há a ideia de que os brancos eram superiores e que os negros poderiam aprender com eles. Sendo que em *A Cabana do Pai Tomás*, o céu poderia ser ocupado por ambas as raças, porém, no caso de Eastman a ascensão se daria após o branqueamento dos negros. Ambas são interpretações pautadas numa perspectiva racializada, mas para a obra de Eastman a cor também era indicação de pureza. Assim, destacamos que os argumentos pró-escravista, anti-escravistas ou abolicionistas, muitas vezes, podiam partir de julgamentos bastante semelhantes, como civilização, raça, religião, etc.

Em 1834, no Seminário Lane, onde o pai de Stowe era presidente, parte dos alunos se aproximava da corrente abolicionista imediatista, propondo a miscigenação e a educação dos negros. Com o crescimento da força dessas propostas, a população começou a mostrar sinais de resistência. As preocupações se agitaram quando um estudante foi visto saindo da cidade com uma mulher negra e voltando algumas horas depois afirmando que só estava dando informações.⁴²⁸

V. Questão política e legislativa: A Tradição

A questão legislativa, além de ter um fundo religioso, apontava para a adaptação de um sistema segundo sua utilidade. Mary Eastman defendia que no Norte, os homens não tinham a necessidade do trabalho dos escravos e não se importavam em trabalhar ao lado dos negros. Com isso, a escravidão tornou-se inútil e foi abolida. Porém, no Sul era diferente, o trabalho do campo necessitava dos escravos, além de que os brancos não tinham o costume de trabalhar nesse ambiente, por isso ainda era muito importante a permanência da instituição.

⁴²⁷ Idem, *ibidem*, p. 141.

⁴²⁸ WAIT, Eugene M.. *Opposition to Jackson*. In: *The Second Jackson Administration*. Nova Publishers, 2002, p. 113.

No Norte, a escravidão era inútil; ou melhor, era uma desvantagem para a prosperidade de parte da União [...]. No Sul, ainda são necessários: embora um mal, não pode ser dispensado, e aqui eles foram mantidos, e serão mantidos, a menos que Deus manifeste a sua vontade (o que nunca foi feito).^{429lviii}

No trecho percebemos que Eastman consentia com a ideia de que a escravidão era um mal, mas que não podia ser extinto. O historiador Vitor Izecksohn afirma que a partir da crise do Missouri⁴³⁰ (1819-1821), os sulistas deixaram o discurso de que a escravidão fosse um “mal necessário” para adotar a defesa de que a escravidão era um “bem positivo”⁴³¹. Contudo, Eastman, na década de 1850, demonstra que essa defesa ainda era bem aceita entre os estadunidenses, pois conseguiu número significativo de vendagens, tendo essa defesa como uma das bases do romance.

Eastman ainda afirma que a crítica antiescravista, além de ir contra a vontade divina, ia contra as determinações dos fundadores da nação. Assim, os sulistas permaneciam com um modelo organizacional estabelecido por estes e os nortistas quebravam com uma herança cultural da nação, uma vez que rompia a Constituição. Como ponderou Eastman:

Sabendo que o povo do Sul ainda tem os pontos de vista de seus antepassados revolucionários, vemos claramente que muitos do Norte rejeitaram as opiniões deles [...] A nação inteira sancionou a escravidão, adotando a Constituição, que prevê para eles, a sua restauração (quando fugitivo) aos seus proprietários. [...]

⁴³² lix

Eastman ressaltava que os estados nortistas aboliram a escravidão quando julgaram necessário, no momento escolhido por eles. E pedia para que deixassem que os sulistas também pudessem realizar a emancipação quando julgasse necessário e oportuno. Sendo que os nortistas direcionavam suas preocupações para os escravos sulistas, esquecendo-se das necessidades que os negros livres pobres

⁴²⁹ EASTMAN, *Op. Cit.*, p. 22.

⁴³⁰ A crise do Missouri foi quando o estado foi admitido como escravista pela União e os estados antiescravistas consideraram que havia um desequilíbrio de forças na política federal e com esta nova decisão o os sulistas tinham maior representatividade no Congresso. (FERNANDES, Luiz Estevam de O; MORAIS, Marcos Vinícius de. Os Estados Unidos no século XIX. In: KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam de & MORAIS, Marcus Vinícius. *Estados Unidos; a formação da nação*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 110).

⁴³¹ IZECKSOHN, Vitor. Escravidão, federalismo e democracia: a luta pelo controle do Estado. In: *Topoi*. Rio de Janeiro, 2003, p. 56.

⁴³² EASTMAN, *Op. Cit.*, p. 22.

apresentavam nos estados do Norte. O personagem Arthur, sulista estudante em faculdade do Norte, falou sobre a condição miserável dos negros naqueles estados:

Eu conheci um [negro livre] noutra dia, que tinha o estado mais lamentável de coisas para relatar. Ele tinha reumatismo, tosse e cuspiu sangue, e não usava tabaco, estava com fome e dor de dente. Eu dei-lhe vinte e cinco centavos como uma espécie de panaceia, e o aconselhei a viajar para o sul e tentar conseguir um bom mestre. Ele pegou o dinheiro, mas não o conselho. ⁴³³ lx

O personagem Sr. Kent defende que sua missão é libertar os escravos e por isso os abolicionistas não dão dinheiro e sustento para os fugitivos, pois acreditam que eles devam buscar o próprio sustento. E defende que a luta do norte é por essa emancipação.

O tema da vida dos negros livres em estados nortistas ganhou espaço em vários romances *anti-tom's*, que ressaltavam que nessa seção do país não havia leis que prevenissem as dificuldades enfrentadas tanto pelo preconceito racial quanto pelo estado miserável que eram submetidos por não conseguirem empregos que pagassem bons salários. E os abolicionistas não empreendiam projetos para auxílio da vida dos negros em liberdade, mas somente para o incentivo a emancipação dos escravos.

Para além da legislação que unia os negros aos proprietários, os romances *anti tom* defenderam que a escravidão em si era um sistema bom, tanto para o cativo quanto para o senhor e isto compunha também os argumentos de justificativa da manutenção da escravidão. W.L.G. Smith afirmou em seu *anti-tom Life at the South; or, "Uncle Tom's Cabin" As It Is (Vida no Sul; ou A cabana do pai Tomás como ela é)*:

E se [...] o viajante parar para investigar a razão desta servidão, [...] ele provavelmente não falharia em descobrir [...] a existência de uma ligação inesperada entre o senhor e o escravo – que é, de fato, mais difícil de romper, mesmo que os estatutos do estado democrático fossem anulados –, ou seja, o forte cordão de afeto constituído [...] na união dos fios de bondade e apego sinceros firmemente entrelaçados. ^{lx} ⁴³⁴

⁴³³ Idem, *ibidem*, p. 136.

⁴³⁴ SMITH, W. L. G.. *Life at the South; or, "Uncle Tom's Cabin" As It Is*. Buffalo: Geo. H. Derby and Co., 1852, p. 16-17.

Enquanto a escravidão era uma instituição boa para o cativo e para o senhor, a liberdade era uma desvantagem para os negros. E essa relação harmoniosa foi reconhecida pelos próprios fundadores da nação, que instituíram a escravidão e a legitimaram em Constituição. Da mesma forma como muitos deles tinham possuído escravos em suas próprias casas, entre eles, o personagem Arthur cita: Washington, Jefferson, Madison, Marshall, Calhoun, Henry Clay e James. ^{lxii} E, além do reconhecimento da legalidade da instituição nos documentos oficiais, segundo o personagem Arthur, havia leis que obrigavam os escravistas a serem moderados com as cobranças e regulares com o sustento de todos. Essas leis tinham como objetivo proteger as vidas dos cativos.

Além da legislação, segundo o personagem, os escravistas estavam submetidos ao julgo da comunidade, que não tolerava injustiças, e os repreenderiam caso agisse de modo a privar seus escravos dos prazeres do cotidiano (como cuidar de seus pequenos jardins, obrigá-los a trabalhar nos feriados ou à noite, ou até mesmo lhes negasse auxílio na velhice). Assim, a comunidade sulista cobraria determinadas condutas dos indivíduos, enquanto os nortistas não se importavam com as misérias dos libertos nortistas. No norte, a miséria não se limitava aos negros livres, os imigrantes brancos também sofriam com a violência e os baixos salários, chamados por alguns personagens como “crioulos brancos” (white niggers).

Assim, Eastman se defendia de Stowe contrapondo não só a existência de uma legitimação da escravidão nos documentos oficiais e na Bíblia, como uma herança dos fundadores da nação e como uma continuidade bíblica, mas afirmava também que existia uma preocupação generalizada com a segurança e bem-estar dos negros. As relações entre os brancos e negros sulistas eram, portanto, melhores do que as relações entre brancos e negros nortistas, pois havia uma solidariedade maior entre os indivíduos. Esse era um argumento recorrente entre os romances anti-tom's. E segundo o historiador Seymour Drescher, era comum entre os pró-escravistas em geral, onde se destaca o defensor James Hammond que contrastava as condições materiais de seus escravos com as condições de trabalhadores livres no Haiti, Serra Leoa, Índias Ocidentais Britânicas e centros industriais britânicos. ⁴³⁵

⁴³⁵ DRESCHER, *Op. Cit.*, p. 423.

VI. Questão da emancipação

Assim como Harriet Beecher Stowe, Eastman pensou a questão da emancipação dos escravos e da vida destes em liberdade. Ambas aproximaram-se do tema por vários caminhos, buscando refletir sobre o significado da liberdade dos escravos pela perspectiva dos negros e dos brancos. Assim, abordou o que era liberdade para esses escravos e quais eram seus planos para a vida depois da manumissão. Eastman refletiu sobre a condição dos negros livres no Norte e comparou-os com a vida dos escravos no Sul.

O romance utilizou a perspectiva do escravo fugido para pensar a recepção dos negros no norte. Os nortistas compunham uma sociedade preconceituosa, violenta e que pagava baixos salários. Constituindo assim lugares frios, de clima e caráter. A fome e as doenças ganhavam espaço, aproveitando-se desses negros, que não conseguiam poupar dinheiro sequer para necessidades básicas. Desta forma, logo sentiam falta das comodidades oferecidas pelos senhores do sul, onde nunca haviam presenciado nenhuma destas penúrias. O escravo fugido Simon que implora para voltar a ser escravo.

Os escravos fugitivos, apresentados no romance de Eastman, possuíam senhores bons que cobravam trabalhos leves, geralmente domésticos. As fugas destes eram estimuladas pelos abolicionistas que enganavam os negros e os convenciam de que estavam sendo usurpados pelo proprietário. Seus donos, na verdade, ofereciam todos os elementos necessários para o escravo ter uma vida boa na plantação. Para tanto sempre dispunham de: bom alojamento, acompanhamento médico (quando doentes), boa alimentação, espaço e tempo para danças e cantos.

No romance de Vidi, Tom e Suse encontraram homens negros que lhes dizem para não irem para o Canadá, pois a vida para estes lá era ainda pior que nos estados livres dos EUA. Deste modo, Vidi e Smith traziam para o leitor as possibilidades tristes que a emancipação poderia trazer para os negros. Dar a liberdade a estes seria o mesmo que relegá-los a uma condição deplorável, no qual eles não saberiam viver e não teriam o apoio do Estado para defendê-los, e sequer de um senhor bondoso que pudesse levá-los para casa e cuidar de suas necessidades.

O historiador Seymour Drescher destacou que alguns donos de escravos desafiavam os abolicionistas com a comparação dos padrões de vida de seus cativos e de trabalhadores livres, o que foi recorrente no romance *anti-tom* em geral. As comparações dos escravistas possuíam foco no cotidiano dos habitantes livres do Haiti, Serra Leoa, Índias Ocidentais e centros industriais britânicos.⁴³⁶

Essas considerações apontam para o que o historiador Ira Berlin observou sobre os negros no Norte, que sofriam com a pobreza, sendo os empregos raros e precários, e eram constantemente excluídos das igrejas, escolas e fraternidades. Tanto no campo como nas cidades eles tinham que ficar nas áreas menos desejadas, exercendo atividades marginais. Não tinham acesso a sufrágio e, por isso seu papel no sistema político se restringia a de suplicantes. O índice de mortalidade era ainda extremamente alto.⁴³⁷

Por consenso geral, os empregadores brancos baniam os negros livres de atividades que tinham praticado abertamente como escravos, empurrando-os profundamente para a pobreza. Incapazes de conseguir emprego, a não ser como trabalhadores diaristas e domésticos, os negros viam-se então ridicularizados por sua falta de ambição e hábitos de trabalho irregulares.⁴³⁸

Foi comum também o uso de personagens que viajavam pelo país, que serviram para a autora explorar a condição dos negros sem senhores. O Sr. Weston e sua família sulista passaram um tempo no Norte (por motivo de estudos, trabalho, férias, etc.) e viram a realidade triste e fria com que os nortistas tratavam os pobres. Estes eram, em sua maioria, negros livres (com predomínio de escravos fugidos), mas também havia brancos imigrantes, geralmente da Irlanda, que sofriam com o preconceito nortista. E, por outro lado, personagens que eram de origem nortista viajaram para o sul a fim de ver com os próprios olhos como era a “vida dos humildes” sujeitos aos grandes vilões, que eram os senhores de escravos (como o abolicionista Sr. Kent).

As conclusões de Eastman e dos autores *anti-tom* eram, muitas vezes, as mesmas: a vida dos negros era muito boa nas plantações e a vida dos nortistas pobres, brancos ou negros, era muito ruim. Estes não tinham garantias de proteção

⁴³⁶ DRESCHER, Seymour. A contração. *Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo*. São Paulo: editora Unesp, 2011, p. 423.

⁴³⁷ BERLIN, Ira. Gerações de migrantes. In: *Gerações de cativo: Uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 273-282.

⁴³⁸ Idem, *ibidem*, p. 273.

do estado, recebiam salários insuficientes para a sobrevivência. Tópica comum nos romances: *Mr. Frank*, *Antifanaticism*, *Aunt Phillis cabin*, *Life at the South*, entre outros. Vidi apontou, em uma de suas intervenções no romance: Quantos casos de destituição, pobreza, miséria e morte, causados direta ou indiretamente, pela negligência, crueldade e avaréza dos capitalistas do Norte, estão ocorrendo diariamente em nossas grandes cidades! ^{lxiii} Sempre apoiando a ideia de que os benefícios da escravidão superavam os malefícios da vida em liberdade no norte.

O tema do envio dos negros livres para a Libéria, como alternativa para o destino dos negros depois da emancipação, também foi recorrente nos romances. Inclusive um deles, em especial, se dedicou a trabalhá-lo como elemento focal: *Liberia or, Mr. Peyton's Experiments* (1853), de Sara J. Hale. O argumento que sustentava esse envio e o justificava era a ideia de que eles poderiam levar a religião e a civilização para a África, assim como Stowe apontou. Hale destacou que os americanos, que haviam recebido os negros degradados e idólatras, devolveriam para a África, dois séculos depois, indivíduos civilizados.⁴³⁹ E ela defendeu que os negros não possuíam lugar nos Estados Unidos e que a única solução era mandá-los para outro lugar, no caso, a Libéria.

Franklin e Moss apontaram que a ideia da colonização era muito antiga. Já em 1714, o envio de negros de volta a África foi proposto. Sendo que os nortistas sentiam-se indispostos com os negros livres, desacreditando na possibilidade de harmonia entre as raças. Em 1777, Thomas Jefferson presidiu uma comissão legislativa da Virginia, com um projeto de emancipação gradual e deportação. Em 1815, Paul Cuffe transportou com despesas próprias trinta e oito negros, o que tornou a questão ainda mais vívida no país. Em 1817, surgiu a Sociedade Norte-Americana de Colonização, que traçou planos para estabelecimento de uma colônia negra no continente. Esta contou com o auxílio do governo federal e de governos estaduais para o feito e também para a orientação da opinião pública. Muitos agentes circularam o país e conseguiram levantar recursos financeiros e convencerem os negros dos benefícios da emigração. Até 1830, a sociedade conseguiu assentar 1420 negros na colônia.⁴⁴⁰

⁴³⁹ HALE, Sara J.. *Liberia; or, Mr. Peyton's Experiments*. New York: Harper & Brothers, 1853.

⁴⁴⁰ FRANKLIN, John Hope; MOSS, Alfred A. Jr. *Da Escravidão à Liberdade: A História do Negro Americano*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda., 1989, p. 172-173.

É interessante ressaltar que o destino dos negros estava diretamente relacionado ao destino dos Estados Unidos, pois caso ficassem na América qual seria sua posição na sociedade? Quem garantiria que eles saberiam viver em liberdade, sendo que sempre tiveram alguém que administrassem o dinheiro para eles? Os trabalhos que os negros faziam no sul não eram os mesmos necessários no Norte, então quem os ensinaria novos ofícios? Enfim, qual a posição que milhares de negros, parte significativa da população norte-americana, ocupariam no país?

Alguns autores apontaram que muitos proprietários estavam agindo a favor de uma emancipação gradual, oferecendo a liberdade, dinheiro e roupas a alguns de seus escravos. Em *Aunt Phillis Cabin*, o proprietário de Phillis a pergunta o que desejava para seus filhos. E Phillis respondeu, em seu leito de morte que queria que eles permanecessem com o senhor. Mas o Sr. Weston afirmou que pretendia dar-lhes a liberdade, mas que com isso eles não poderiam permanecer na Virgínia, pois era proibida a permanência de negros livres neste estado. Sendo que nos estados centrais e do Norte os negros viviam em condições degradadas. Lá não desfrutavam de direitos, como os que tinham enquanto escravos no sul. Estariam desamparados e sem ninguém para ampará-los casos doentes ou em dificuldades. Situação a qual ela mesma tinha presenciado em visita a Washington. Havia também a possibilidade de ir para a Libéria, mas um de seus filhos já havia afirmado que não tinha tal pretensão, logo, seriam separados. Mas, ainda assim, queria a opinião da mãe dos escravos para dar-lhes o seu destino.⁴⁴¹ E, assim, Phillis pede ao senhor que continuasse como dono de seus filhos, embora soubesse que, um momento ou outro, a liberdade se imporia, pois os filhos do senhor não pretendiam ter filhos.

Eastman apontou que os abolicionistas também poderiam ir aos estados sulistas e comprar a liberdade dos escravos: “Alguma vez ocorreu a ela [Stowe], que os nortistas podem ir ao Sul, e comprar um grande número desses escravos, e alforriá-los?”⁴⁴² ^{lxiv}. Esta afirmativa, que também apareceu em outros romances, também indica uma forma de indenização dos senhores de escravos em prol da causa da emancipação gradual. Mas, segundo Drescher, a indenização foi uma adoção do governo britânico, porém para os Estados Unidos seria impossível. Pois James Henry Hammond, em 1836, na Carolina do Sul, fez as estimativas do quan-

⁴⁴¹ EASTMAN, *Op. Cit.*, p. 261

⁴⁴² Idem, *ibidem*, p. 268.

to o governo teria que desembolsar para realizar isto. Em 1835, e caso os donos de escravos aceitassem receber “60 centavos de cada dólar, o fundo de indenização norte-americano teria que ser 5,5 vezes maior do que o britânico.” Assim, o governo ainda era insuficiente para pagar o aumento natural anual de escravos, sem contar com os gastos para a transferência destes para fora do país.⁴⁴³

A obra de Eastman expressava a ideia de que a escravidão iria acabar num futuro não muito distante. Para tanto, alguns proprietários ofereceram liberdade, dinheiro e roupas a alguns de seus escravos. Outros deixaram em testamento esta determinação, e às vezes com indicação para aqueles que quisessem ir para a Libéria. O personagem Arthur afirma que os escravistas já estavam estimulando o fim da instituição, com medidas práticas e diretas para emancipação gradual. Acreditava que a escravidão seria logo abolida na costa da África. E nos Estados Unidos, proprietários ofereciam a liberdade a seus escravos, além de dinheiro e roupas para que pudessem investir em uma nova vida. Outros deixaram em testamento esta determinação, e às vezes com indicação para aqueles que quisessem pudessem ir para a Libéria. Ao ser perguntado sobre a continuidade da escravidão no país, Arthur afirma:

A escravidão está diminuindo em todo o mundo [...] e os nossos plantadores estão definindo uma série deles como livres, e enviando-os para a África. Conheço um senhor na Geórgia que libertou um número, e deu-lhes os meios para começarem a vida na Libéria, como agentes e homens livres. [...] ^{lxv}

Portanto, a defesa fundamental que funcionou como pano de fundo de todas as afirmações, argumentos e justificativas era que a escravidão no Sul era um sistema que, embora muitos afirmassem ser cruel, funcionava muito bem e era muito benéfico para ambos os lados. Pois os brancos cuidavam dos negros, oferecendo-lhes todos os bens necessários para sua felicidade. Assim sendo, a instituição acabaria quando o sul percebesse que era o seu momento. Alguns concordaram com os abolicionistas de que fosse uma instituição ruim, mas defenderam que ainda era a melhor condição de vida dos negros em sua contemporaneidade. Enquanto outros defenderam que era uma instituição maravilhosa e que os negros e

⁴⁴³ DRESCHER, *Op. Cit.*, p. 421.

os brancos estabeleceram laços muito fortes, comum entre amigos. E que, portanto, assim deveria permanecer para toda a eternidade.

VII. Uma disputa pela verdade: a resposta de Eastman

O livro de Eastman foi um dos primeiros romances lançados como uma resposta a Stowe e foi o que conseguiu o maior número de vendas entre os demais do gênero. Muitos argumentos usados pela autora foram também utilizados por ficções posteriores que pretendiam responder à religiosa. Por estes motivos acreditamos que seja interessante focarmos neste documento em especial para compreendermos os alicerces do discurso pró-escravista que foi usado contra as ideias antiescravistas de Stowe.

Eastman criou um diálogo direto com Harriet Beecher Stowe, citando-a diretamente nos paratextos da obra, através dos quais indicava para o leitor a forma como esperava ser lida e também a forma como o sucesso da nortista deveria ser percebido. Assim, a análise da introdução e considerações finais é de suma importância porque estes oferecem importante orientação para a leitura. Segundo Gérard Genette, os paratextos colocam:

O leitor – definitivamente suposto – de posse de informações que o autor julga necessárias a essa boa leitura. E os próprios conselhos têm todo o interesse de apresentar-se sob o aspecto de informações: informações, por exemplo – no caso em que isso lhe possa interessar – sobre a maneira pela qual o autor quer ser lido.⁴⁴⁴

O título do livro de Eastman é *Aunt Phillis Cabin or Southern Life as it is* (*A Cabana da Tia Phillis ou a vida sulista como ela é*), que indica uma pretensão da autora de retratar a realidade sulista como ela é de fato, assim apontando que o romance se comprometia a demonstração de uma verdade, promessa a qual retorna nos paratextos. Esta seria construída em oposição à imagem construída por Stowe, que teria deturpado a moral sulista, e assim contrapôs, ora direta e ora indiretamente, os personagens, o enredo e o conteúdo de *A Cabana do Pai Tomás*.

⁴⁴⁴ GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 186.

Não pretendemos analisar a ideia de “realidade” destas autoras, mas os usos que Eastman fez deste conceito para justificar seus respectivos posicionamentos em relação à escravidão.

Stowe afirmou no romance e em *A Key to Uncle Tom's Cabin* que se baseava em fatos reais. Eastman aceitava esta ideia, porém acreditava que a imaginação da escritora teria se desdobrado sobre as verdades realmente testemunhadas, não totalmente por intenção, mas por influências externas que teriam direcionado a visão de Stowe e por falta de reflexão sobre estes preconceitos. Assim, a “realidade sulista” teria somente oferecido cenários para o desenvolvimento das histórias, e os personagens teriam vivido tramas inventadas para o romance. Essas imaginações teriam sido estimuladas por preconceitos da nortista e pelas informações provenientes da imprensa abolicionista.

Por exemplo, Eastman apontou que um medo profundo de cães poderia ter estimulado ideias na mente de Stowe, que ao ver cães em alguma plantação do Sul, imaginou que estes seriam usados para caçar negros fugidos. Da mesma forma que poderia ter visto cinzas nos pés de uma árvore e pensado que um escravo desobediente foi queimado vivo naquele lugar. Em contrapartida, Eastman aponta que um incidente natural poderia ter produzido a cena, como um raio que poderia ter caído no local e provocado o fogo.⁴⁴⁵ Assim, Stowe dramatizou, aumentou e inventou. Esta explicação foi admirada por Martha Haines Butt, no prefácio de *Antifanaticism*⁴⁴⁶.

Portanto, Stowe teria inventado histórias fantásticas, com “refinamento de crueldade” – termos de Eastman⁴⁴⁷ – as quais eram de grande agrado do público, mas que não eram verdadeiras. Isto fez com que se invertesse a lógica de Stowe, a crueldade passou dos plantadores do sul para a própria antiescravista. Logo, seria a visão de uma nortista provida de uma mente predisposta a ver barbaridades nas plantações do sul que construiu as representações dos escravistas que tantos passaram a odiar e não necessariamente que houvesse sulistas tão desumanos. A religiosa, assim, criava imagens terríveis dos estados escravistas a partir de vestígios, os quais realmente existiam e, como esse mosaico de invenções teve grande reper-

⁴⁴⁵ EASTMAN, Mary Henderson. *Aunt Phillis's Cabin; or, Southern Life As It Is*. Philadelphia: Lippincott, Grambo & Co, 1852, p. 269 e 271-272

⁴⁴⁶ BUTT, Martha Haines. *Antifanaticism: A Tale of the South*. Philadelphia: Lippincott, Grambo, and Co., 1853.

⁴⁴⁷ EASTMAN, *Op. Cit.*, p. 269.

cussão e aceitação do público, se tornava necessária a escrita de Eastman para demonstrar que aquela imagem era um engodo.

A pró-escravista declarou, nas considerações finais, acreditar que o bom senso poderia servir como primeiro filtro de leitura crítica do *best-seller*. Já que qualquer indivíduo poderia se valer dessa ferramenta, qualquer um poderia perceber a impossibilidade do romance ser um texto “verdadeiro”. O sentido de “bom senso” que Eastman indicou nesse momento se aproximaria, de acordo com o que a autora abordou no decorrer do texto, à coerência entre os sentimentos desenvolvidos nas relações entre senhores e escravos e as reais ações dos primeiros sobre os segundos. Tal coerência se aproximaria da auto-evidência, porque qualquer indivíduo poderia notar o contrassenso expresso na obra de Stowe e a impossibilidade da veracidade de suas histórias. Exemplo disso foi a história de Tomás, na qual um mestre vendeu o escravo que cuidou dele e de seus filhos, que amava tão fortemente, que era fiel a seu dono, enfim, sua melhor propriedade mesmo tendo outros recursos para pagar sua dívida.⁴⁴⁸ Se isto em si já era algo inverossímil, a existência das testemunhas dos fatos narrados por Stowe também seriam, consequentemente, uma invenção.

Outro elemento que incomodava Eastman era que Tom possuía uma quantidade de qualidades religiosas extraordinárias, que provocaram o comentário irônico: o próprio São Paulo não era nada perto do escravo que dava nome ao romance de Stowe. Em nenhum momento, Tomás se sentiu corrompido ou tocado pelo pecado, esteve sempre disposto a carregar o fardo de todos, sem nunca reagir violentamente ou de qualquer forma contrária aos preceitos divinos. Até mesmo o apóstolo Paulo, depois de sua conversão milagrosa, era tentado pelo pecado a fazer o que não queria. Contudo, Tomás era mais forte. Ele tinha, nas palavras de Eastman, “a própria perfeição de um santo”, embora superasse qualquer história de santo que já ouvira.⁴⁴⁹

A sulista ainda destacou que o personagem era uma espécie de missionário para os negros, ou assim se considerava, e que seus sofrimentos também lhe serviam para fortalecer esta imagem. Até mesmo sua morte foi uma escolha própria, que visava transformá-lo em um mártir. Destaca também a impossibilidade do número de conversões que o escravo conseguiu realizar. Não havia limites sufici-

⁴⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 267.

⁴⁴⁹ EASTMAN, *Op. Cit.*, p. 267.

entes para impedir o sucesso das intervenções religiosas do escravo, pois elas não eram afetadas pelo tempo que dispunha com os indivíduos ou o caráter inicial destes (se os personagens eram carrascos desumanos ou bons escravos). Assim, o personagem só poderia ter mantido suas crenças e religiosidade acima de todas as situações violentas e brutais que vivenciou se fosse mais do que um simples homem.

Desta forma percebemos como a verdade se tornou uma disputa entre pró-escravistas e antiescravistas, cada qual lutando por sua versão. Esse debate se assemelha a complexidade do discurso da qual o filósofo Michel Foucault chamou atenção, onde o discurso descodifica as lutas ou os princípios de dominação existentes na sociedade.⁴⁵⁰ Logo, pretendemos destacar que o diálogo de Eastman com o texto de Stowe aponta para a tensão da defesa de uma verdade que sustentasse o seu espaço de poder.

Assim, evidenciamos que a verdade, como signo, é uma construção plenamente manipulada pelas autoras. Ela é um artifício que legitima a defesa ou a crítica da escravidão. Não que as escritoras busquem usar a ideia de verdade para convencer os leitores de uma série de mentiras, mas elas produzem essas verdades a partir de suas perspectivas, que estão diretamente relacionadas com suas experiências de vida e seus contatos ou desconhecimentos dos eventos. Isto é importante para a justificação de determinados estilos de vida e costumes. Nesse sentido, os indivíduos selecionam construções válidas e as distinguem de construções inválidas. Segundo Foucault:

[...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros [...].⁴⁵¹

Muitos estadunidenses e estrangeiros decidiram adotar *A cabana do pai Tomás* como um tipo de discurso que transmitia verdades, e, em contrapartida, Eastman, e toda a linha de *anti-tom's*, se propôs a desconstruir esse regime de

⁴⁵⁰ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1998, Idem, ibidem, p. 10.

⁴⁵¹ FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2008, p. 10.

verdade. Por isso, a escritora foi levantando incoerências e inconsistências nas narrativas de Stowe, estabelecendo uma série de enunciados falsos. Para dissolver a argumentação da nortista, pensou a forma como o sul foi representado e os alicerces de seu discurso antiescravista.

Eastman não era contra a ideia de que o romance era capaz de representar o real, ou seja, o romance conseguiria transmitir uma parte da realidade sulista, mas a obra de Stowe, em particular, não conseguiu fazer isso. Por outro lado, a pró-escravista se aproximaria da leitura platônica em um ponto: ao defender que a nortista transmitiu uma imagem deturpada daquilo que dizia ser o real, criando algo diferente, negativo, enganando os leitores.

A concepção de literatura de Stowe estava mais próxima do que Jacques Rancière acredita ser o papel da ficção. O filósofo defendia o rompimento com a visão aristotélica de que a ficção precisa ser imitação ou reprodução exata do real. Isso não significa uma irreabilidade, mas somente que “um rearranjo material dos signos e das imagens”⁴⁵². Como Stowe defendeu em *A Key to Uncle Tom's Cabin*, o romance rearranjava acontecimentos, ações e expressões a fim de construir um mosaico de fatos⁴⁵³. E para unir todas essas fontes e para amenizar as imagens brutas da escravidão procurou refúgio na imaginação, não buscando mentir sobre o que acontecia no sul, mas tentando demonstrar o que poderia acontecer nas fazendas de senhores bons e maus, mesmo que engrandecendo a benevolência destes proprietários. Assim, distanciando-se da realidade.

⁴⁵² RANCIÈRE, *Op. Cit.*, p 59.

⁴⁵³ Nas palavras de Stowe: [...] foi uma coleção e arranjo de incidentes reais, das ações realmente realizadas, de palavras e expressões muito pronunciadas, agrupados com referência a um resultado geral, da mesma forma que os grupos de artistas de mosaico montam seus fragmentos de várias pedras em uma imagem geral. Os deles são mosaicos de pedras preciosas - este é um mosaico de fatos. (STOWE, Harriet Beecher. *A Key to Uncle Tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett & CO.; Cleveland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington; London: Low and Company, 1853, p. 05).

Considerações finais

Buscamos demonstrar que a família de Harriet Beecher Stowe já se envolvia nas discussões acaloradas sobre a abolição da escravidão nos Estados Unidos. As produções dos Beecher e seu sucesso no meio público fez Lyman Beecher ser conhecido como o “o pai de mais cérebros que qualquer um na América” (“father of more brains than anyone in America”)⁴⁵⁴. As discussões que já eram levantadas pelos familiares e pelos habitantes das cidades onde viveram na primeira metade do século XIX estimularam em Stowe um posicionamento crítico frente à escravidão. Ao mesmo tempo em que os Beecher ficavam famosos no meio editorial.

Quando Stowe pensa na escrita de *A cabana do pai Tomás*, ela o faz para um jornal de fama abolicionista. Gamaliel Bailey era ativo na luta contra a escravidão no oeste e, posteriormente, no leste. A autora encontrou resistência ao tentar publicar o romance na forma de livro, principalmente por este caráter da escrita. Mas foi o mesmo que atraiu os olhos de John Jewett, também envolvido no movimento abolicionista. Com a obra, fortaleceu a luta mais do qualquer publicação antiescravista, fossem as narrativas de escravos fugidos ou os jornais. Tornando-se um sucesso nacional e internacional, alimentando um mercado de respostas (em forma de editoriais de jornais, cartas e livros), a favor e contra a obra de Stowe.

Acreditamos que tudo isso só foi possível porque existiam desacordos em relação à identidade nacional nos Estados Unidos, no século XIX. Stowe mobilizou questões que dialogava intrinsecamente com seu período e estimulava seu leitor a se posicionar. A ausência da escravidão nos estados livres mobilizava um tipo organização social que se diferenciava dos estados escravistas. A gravidade dessas mudanças era tão forte que a convivência com a instituição era intolerável para os mais radicais e desconfortável para os moderados. Sendo que esse desconforto entre os estados não era novo; mas remontava ao período da elaboração dos documentos fundadores da nação – Declaração de Independência (1776) e Constituição (1787) –, ou seja, ainda havia feridas na nação que não foram cicatrizadas

⁴⁵⁴ APPLGATE, Debby. *The Most Famous Man in America: The Biography of Henry Ward Beecher*. Ebook Kindle, editora Image, 2007, p. 295.

depois da Independência. A legalização da escravidão foi definida no século XVIII como decisão dos estados, sem intervenção da federação.

Os “pais fundadores” (George Washington, Thomas Jefferson, Thomas Paine, entre outros) não concordavam unanimemente sobre a decisão. Segundo David Armitage, Thomas Jefferson tentou se referir aos escravos na elaboração da Declaração, expandindo o sentido de igualdade para todos os homens, unindo-os na expressão “povo”, legalizando a investida de qualquer grupo social contra a subordinação. Porém, sua proposta foi negada e recorreu-se a termos na escrita do documento que evitassem leituras abolicionistas futuras. Assim, buscaram fazer com que o termo “povo” no documento permitisse abarcar somente americanos (brancos) e ingleses.⁴⁵⁵

Deste modo, tentaram finalizar os debates entre antiescravistas e pró-escravistas. Mas os debates continuaram nas ruas, na imprensa e no Parlamento. A questão causou inúmeros conflitos sangrentos, deixando mortos e feridos. A imprensa trazia reflexões sobre o assunto e também as notícias sobre o que ocorria nos estados livres e escravistas, estimulando o aumento da produção de textos, de modo a abrir ainda mais essa ferida, exigindo uma decisão que abrangesse todo o país. E a falta de unidade na decisão da legitimidade da instituição a nível nacional prorrogou a deliberação final, que ocorreria somente depois da Guerra Civil (1861-1865).

Na Declaração, Jefferson passava a responsabilidade da existência da escravidão na América ao rei inglês.⁴⁵⁶ E esse sentimento teve repercussão entre os ingleses até meados do século XIX. Milhares de mulheres inglesas demonstraram seu sentimento de pesar pela implantação da escravidão na América por seus ancestrais na carta enviada para Harriet Beecher Stowe: *The Affectionate and Christian Address of Many Thousands of Women of Great Britain and Ireland to Their Sisters, the Women of the United States of America* (Uma carta Carinhosa e Cristã de muitos milhares de mulheres da Grã-Bretanha e Irlanda para suas irmãs, as mulheres dos Estados Unidos da América). Elas admitiam a culpa pela participação na instalação e perpetuação da escravidão como um crime compartilhado entre os ingleses oitocentistas e os estadunidenses. Nas palavras do documento:

⁴⁵⁵ ARMITAGE, David. O mundo da Declaração de Independência. In: *Declaração da Independência: uma história global*. Tradução: Angela Pessoa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 27-56, p. 54.

⁴⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 52-53.

Reconhecemos com tristeza e vergonha a nossa participação nesse grande pecado. Reconhecemos que os nossos antepassados introduziram e compeliram a adoção da escravidão nessas colônias poderosas. Nós humildemente confessamos diante de Deus Todo-Poderoso e é porque nós sentimos tão profundamente e por isso sinceramente confessamos nossa cumplicidade que agora nos aventuramos a implorar a sua ajuda para limpar o nosso crime comum e nossa desonra comum. ^{lxvi} 457

Para o documento, as mulheres tinham papel fundamental na absolvição desse crime e pediam a ajuda de Stowe. A escravidão ameaçava a santidade do casamento, separando famílias e restringindo a educação cristã dos escravos. Segundo Wendy Hamand Venet, 562.848 mulheres assinaram o documento, representando todas as classes sociais da Grã-Bretanha. Foi enviado para Stowe em 26 volumes com capa de couro. A carta, também conhecida como Stafford House Address, foi atacada por pró-escravistas nos Estados Unidos e na Inglaterra, fomentando ainda mais a imprensa. ⁴⁵⁸

As inúmeras publicações que circundam *A Cabana do Pai Tomás* apontavam, portanto, para uma questão maior do que a existência ou fim da escravidão, ela dizia respeito à identidade nacional. Na década de 1850, muitos autores de *anti-tom's* declararam que os antiescravistas – como Stowe – prejudicavam a imagem dos plantadores sulistas e ameaçavam a unidade da nação ao alimentar a imprensa abolicionista. Robert Criswell, autor do *anti-tom Uncle Tom's Cabin Contrasted with Buckingham Hall* (1852), afirmava em seu prefácio que seu único motivo de escrita era contribuir para acalmar as agitações geradas pelos debates que questionavam a legitimidade da escravidão. Afirmava que a publicação de *Uncle Tom's Cabin* aumentou tais tensões. Assim, com seu romance, tentaria contribuir para a manutenção da União, buscando representar as relações entre plantadores e escravos de uma forma mais adequada. ⁴⁵⁹ Caroline Rush também inten-

⁴⁵⁷ An Affectionate and Christian Address of Many Thousands of Women of Great Britain and Ireland to Their Sisters, the Women of the United States of America, 1852. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe reader*. Ed. Oxford University Press, 1999, p. 452.

⁴⁵⁸ VENET, Wendy Hamand. *Neither Ballots Nor Bullets: Women Abolitionists and the Civil War*. University of Virginia Press, 1991, p. 69.

⁴⁵⁹ CRISWELL, Robert. Prefatorial. *"Uncle Tom's Cabin" Contrasted with Buckingham Hall, the Planter's Home; or, A Fair View of Both Sides of the Slavery Question*. New York: D. Fanshaw, 1852.

tava que seu livro conseguisse estabelecer laços afetivos entre as regiões, em prol da União.⁴⁶⁰

Tal pretensão dos autores indica que os estadunidenses já sentiam a possibilidade de uma separação e, até mesmo, de uma guerra para estabelecer uma unidade frente a legitimidade/ilegitimidade da escravidão. Viam as diferenças e as tensões se estabelecendo entre as duas seções do país, mas, acreditavam que poderiam chegar a uma conciliação, e que seus textos poderiam contribuir para fazer a Nação refletir sobre o assunto.

Tanto os *anti-tom's* quanto Stowe acreditavam que o romance tinha um papel didático, podendo auxiliar na formação moral dos leitores. No caso de Stowe, ela esperava que auxiliasse a criação de um país que fosse menos excludente, ou seja, que não admitisse o preconceito racial. Assim, o romance ofereceria modelos de conduta e de moral.

Essa discussão apontada contradiz o que o pesquisador E. Emery afirma sobre a escravidão já estar condenada a desaparecer. Para ele, a instituição não seria a responsável pela Guerra Civil, pois a opinião mundial era contra, e “já estava provado ser ela antieconômica nos estados escravocratas mais ao norte”. Emery sustenta que os estados nortistas teriam demonstrado que “era mais barato pagar um homem só enquanto ele fosse útil do que mantê-lo como escravo pelos anos improdutivos de sua vida.”⁴⁶¹ E percebemos que nenhum pró-escravista citado (os romancistas e editores de jornais) sustentaram as proposta de Emery, ou seja, eles acreditavam que a instituição era mais do que um sistema econômico, pois ela envolvia um aspecto moral. E que somente os antiescravistas, como Lyman Beecher, afirmavam que a escravidão não era lucrativa.

Com a dissertação desenvolvida, não defendemos que a escravidão foi unicamente a causa da guerra civil, mas que definitivamente gerava conflitos físicos e intelectuais, ameaçando a unidade da nação. Assim, acreditamos que havia outras questões importantes para o desdobramento do conflito, como a disputa de poder sobre os territórios do oeste, que significava aumento de poder para aquele que conseguisse expandir seu controle sobre tais áreas.

Por outro lado, a guerra foi vista de muitas formas diferentes, de acordo com o grupo que se analisa, portanto, haveria várias formas de explicar seus moti-

⁴⁶⁰ RUSH, *Op. Cit.*, p. vi.

⁴⁶¹ EMERY, *Op. Cit.*, p. 286.

vos. Por exemplo, a Guerra foi vista pelos religiosos do Norte como uma luta moral e religiosa contra os males sociais, podendo ser considerado como o apelo popular religioso mais forte da modernidade.⁴⁶² E entre eles, os perfeccionistas cristãos a destacavam como o estágio final de um movimento revolucionário que poderia concretizar a perfeição individual e social.⁴⁶³ Stowe compartilhou esta ideia de uma guerra santa contra a escravidão, depois que a guerra começou. E ficou assustada quando descobriu que parte dos representantes políticos, editores de jornais e até mesmo da população britânica era contra os ataques ao escravismo. Ela escreveu em 1861:

"Esta guerra é uma grande Guerra Antiescravista, não na forma, mas de fato, não na proclamação, mas na convicção intensa e no propósito de cada uma das partes em conflito, e ainda mais nas indicações anulando inevitáveis da Providência divina".⁴⁶⁴

Enfim, em 1861 a Guerra Civil teve início e se estendeu até 1865, terminando com a emancipação de todos os escravos do país. Segundo Luiz Estevam Fernandes e Marcus Vinicius Moraes, a emancipação dos escravos serviu como uma justificativa moral para as perdas da guerra, legitimando o alto número de soldados e civis mortos em nome de uma grande causa; alimentou uma imagem do presidente Abraham Lincoln como ícone da liberdade; além de abrir espaço para os estados vencedores da guerra forjarem uma identidade nacional, a partir do uso da violência e da legislação no período da Reconstrução.⁴⁶⁵

⁴⁶² Idem, *ibidem*, p. 546.

⁴⁶³ HOVET, Theodore R.. Christian Revolution: Harriet Beecher Stowe's Response to Slavery and the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 47, No. 4 (Dec., 1974), IN: <http://www.jstor.org/stable/364449>. Acessado em: 03/02/2011, p. 536.

⁴⁶⁴ "this war is a great Anti-Slavery War, not in form, but in fact; not in proclamation, but in the intense conviction and purpose of each of the contending parties, and still more in the inevitable overruling indications of divine Providence." (Stowe's letter, "Andover, July 21, 1861." *Independent*, 1 August 1861 *apud* HAMAND, Wendy F. "No Voice from England": Mrs. Stowe, Mr. Lincoln, and the British in the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 61, No. 1 (Mar., 1988).IN: <http://www.jstor.org/stable/365218>. Acessado em: 10/11/2010, p. 08).

⁴⁶⁵ FERNANDES, Luiz Estevam de O; MORAIS, Marcos Vinicius de. Os Estados Unidos no século XIX. In: KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam de & MORAIS, Marcus Vinicius. *Estados Unidos; a formação da nação*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 136.

Referências bibliográficas

Fontes

"Manhattan". LETTER FROM NEW YORK. NEW YORK, April 17, 1852. In: *The National Era*. Washington, D.C.: 22 April 1852. IN: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar01ut.html>. Acesso em: 28-08-2013.

[William Garrison]. "Declaration of sentiment". In: *The Liberator*, vol. 5, n. 20 (may 16, 1835). Disponível em: <http://fair-use.org/the-liberator/>. Acesso em: 18-03-2014.

BAILEY, Gamaliel. *The National Era*. Washington, D.C.: 29 April 1852. IN: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar01vt.html>. Acesso em: 28-08-2013.

BEECHER, C[atharine] & BEECHER, H[arriet]. *Primary Geography for Children, On an Improved Plan*. Cincinnati: Published by Corey & Fairbank, 1833.

BEECHER, Catharine E. *Letters on the Difficulties of Religion*. Hartford: BELKNA & Hamersley, 1836.

_____. Preface. In: *An Essay on Slavery and abolitionism*. Second edition. Boston: Perkins & Marvin, 1837.

BEECHER, Edward. *Narrative of riots at Alton*. Alton: G. Holton, 1837.

BRIMBLECOMB, Nicholas. *Uncle Tom's Cabin in ruins: Triumphant defense of Slavery! In Series of letters to Harriet Beecher Stowe*. Boston: Charles Waite, 1853.

Carta a Gamaliel Bailey. March 9, 1851.

"Declaration of sentiment". In: *The Liberator*, vol. 5, n. 20 (maio 16, 1835). Disponível em: <http://fair-use.org/the-liberator/>. Acesso em: 10-04-2014.

EASTMAN, Mary Henderson. *Aunt Phillis's Cabin; or, Southern Life As It Is*. Philadelphia: Lippincott, Grambo & Co, 1852.

_____. *Dahcotah, or, Life and legends of the Sioux around Fort Snelling*. New York: John Wiley, 1849.

FORMAN, William Henry. *The Manhattan*. New York: January 1883. IN: <http://utc.iath.virginia.edu/articles/n2ar37at.html>

FRANKLIN [Harriet Beecher Stowe]. To the editor of the *Cincinnati Journal and Luminary*. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe reader*. New York. Oxford: Oxford University Press 1999.

FUGITIVE SLAVE ACT, 1850. Disponível em: <http://www.nationalcenter.org/FugitiveSlaveAct.html>. Acesso em: 19-09-2013.

G.. UNCLE TOM'S CABIN. In: *The National Era* . Washington, D.C.: 15 April 1852. IN: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar01aat.html>. Acesso em: 28-08-2013.

GRIMKÉ, Angelina. Appeal to the Christian Women of the South. In: *The Anti-slavery Examiner*. Vol. 1, n. 2, 1836.

_____. *An Appeal to the Women of the Nominally Free States, Issued by an Anti-Slavery Convention of American Women*. Nova York: William S. Dorr, Printer, 1837.

_____. *Letters to Catharine E. Beecher in reply to An Essay on Slavery and Abolitionism*. Boston: printed by Izaac Knapp, 1838.

HALE, Sara J.. *Liberia; or, Mr. Peyton's Experiments*. New York: Harper & Brothers, 1853.

HINKLEY, C.T.. *Godey's Lady'S Book*. Philadelphia, November, 1852. Illustrated with pen and graver. Disponivel em: <http://bookbinding.com/lippincott-grambo/forwarding.html>. Acesso em 10-04-2014.

McINTOSH, Maria J. (Maria Jane). *Praise and principle; or, For what shall I live?*. New York, Harper & Brothers, 1845.

_____. *Conquest and self-conquest, or Which makes the hero?*. New York, Harper & Brothers, 1855.

SMITH, W. L. G.. *Life at the South; or, "Uncle Tom's Cabin" As It Is*. Buffalo: Geo. H. Derby and Co., 1852.

STOWE, Charles Edward (ed.). Chapter IV. *Life of Harriet Beecher Stowe*. Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1890.

STOWE, H. B. NOV. 1853. *The Oxford Harriet Beecher Stowe Reader*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999.

STOWE, Harriet Beecher. To Gamaliel Bailey, March 9, 1851. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe Reader*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999.

_____. *A key to Uncle Tom's cabin*. Boston: John P. Jewett & CO. Cleveland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington. London: Low and Company, 1853.

_____. *A reply to " the affectionate and Christian address of many thousands of women of great britain and Ireland, to their sisters, the women of the united states of America*. London: Sampson Low, Son, And Co., 1863

_____. The Freeman's Dream: A Parable. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe Reader*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999.

_____. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 2, 1852.

_____. *Uncle tom's Cabin*. Boston: John P. Jewett, vol. 1, 1852

The Mercury Unsigned Article, Charleston: 21 January 1853. In: <http://utc.iath.virginia.edu/proslav/prar126it.html>. Acesso em: 12/04/2013.

Unsigned (Gamaliel Bailey). Uncle Tom's Cabin. In: *The National Era*. Washington, D.C.: 1 April 1852. <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar01et.html>. Acesso em: 28-08-2013.

Unsigned Gamaliel Bailey. *The National Era*. Washington, D.C.: 8 May 1851. In: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar01at.html>. Acesso em: 21-08-2013.

Unsigned Notice. *The Independent*. New York: 13 May 1852. Disponível em: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar12dt.html>. Acesso em: 26-10-2013.

Unsigned Notice. Uncle Tom in England. *The New York Times*. 18 September 1852. Disponível em: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar05kt.html>. Acesso em: 27-10-2013.

Unsigned. "Uncle Tom's Cabin". *The Independent*, 19 August 1852. Disponível em: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar12aft.html>. Acesso em: 26-10-2013

Unsigned. Extraordinary Demand for 'Uncle Tom's Cabin.' IN: *The Liberator*. Boston: 9 April 1852. In: <http://utc.iath.virginia.edu/notices/noar02adt.html>. Acesso em: 21-08-2013.

WELD, Theodore. *Slavery as it is; testimony of a Thousand Witnesses*. New York: The American Anti-Slavery Society, 1839.

Referências bibliográficas

ADILETTA, Dawn C. A "Tomitude" Hog River Journal Winter 2003. In: www.hogriver.org. Acesso em: 10-10-2013.

APPLEGATE, Debby. *The Most Famous Man in America: The Biography of Henry Ward Beecher*. Ebook Kindle, editora Image, 2007.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil: uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003.

BANGURA, Abdul Karim. *Historical Political Economy of Washington*, Part 3. University Press of America, 2000.

BELLAH, Robert. Civil religion in America. In: McLOUGHLIN, W.; BELLAH, R. (eds.) *Religion in America*. Boston: Beacon Press, 1968.

BELLAH, Robert. *The Broke covenant*. Disponível em: <http://www.religion-online.org/showchapter.asp?title=3042&C=2611>. Acesso em: 1-11-2012.

- BERLIN, Ira. *Gerações de cativo: Uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- BERRY, Faith (ed.). *From Bondage to Liberation: Writings by and about Afro-Americans*. Continuum, 2006.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.
- BLACKBURN, Robin. *A queda do escravismo colonial: 1776-1848*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BORDEWICH, Fergus. *Bound for Canaan*. HarperCollins Publishers, 2009.
- BURLINGAME, Michael. *Abraham Lincoln: A Life*. JHU Press, 2013.
- BUTLER, Mary G. *Sojourner Truth: From Slave to Activist for Freedom*. The Rosen Publishing Group, 2003.
- CASPER, Scott E. (ed.). *The Industrial Book, 1840-1880*. Univ of North Carolina Press, 2007.
- CHARTIER, Roger. A nova história cultural existe? In: LOPES, Antônio Herculano; VELLOSO, Mônica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: FCRB/7 Letras, 2006.
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- Chronology. *The Oxford Harriet Beecher Stowe reader*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999.
- COPELAND, David. *The Media's Role in Defining the Nation: The Active Voice*. Peter Lang Publishing, 2009.
- COSNER, Jennifer & SCANLON, Shaaron. Mary Henderson Eastman. *American Women Historians, 1700s-1990s: A Biographical Dictionary*. Greenwood Publishing Group, 1996.
- CURTIS, Nancy C.. *Black Heritage Sites: An African American Odyssey and Finder's Guide*. American Library Association, 1996.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DAVIS, David Brion. *The problem of slavery in western culture*. Oxford University Press, 1988
- DE CERTEAU, Michel. A operação histórica. In: LE GOFF, J e NORA, P. *História: Novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- DRESCHER, Seymour. *A contração. Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo*. São Paulo: editora Unesp, 2011.

DUNPHY, John J.. *Abolitionism and the Civil War in Southwestern Illinois*. The History Press, 2011.

EISENMANN, Linda. *Historical Dictionary of Women's Education in the United States*. Greenwood Publishing Group, 1998.

EMERY, Edwin & EMERY, Michael. *História da Imprensa nos Estados Unidos*. Trad: E. Alkimin Cunha. Rio de Janeiro: Editora Lidador Ltda., 1965.

EMERY, Edwin & EMERY, Michael. *The press and America: an interpretative History of the mass media*. New Jersey, 1984.

FERNANDES, Luiz Estevam & MORAIS, Marcus Vinícius. Os EUA no século XIX. IN: KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam de & MORAIS, Marcus Vinícius. *Estados Unidos; a formação da nação*. São Paulo: Contexto, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRANCHOT, Jenny. *Roads to Rome: The Antebellum Protestant Encounter with Catholicism*. University of California Press, 1994.

FRANKLIN, John Hope; MOSS, Alfred A. Jr. *Da Escravidão à Liberdade: A História do Negro Americano*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda., 1989.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOULD, Stepen. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GRAHAM, Thomas. Harriet Beecher Stowe and the Question of Race. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 46, No. 4 (Dec., 1973), pp. 614-622. IN: <http://www.jstor.org/stable/364818>. Acesso em: 03/02/2011.

GRILZ, Andrew. *Faces of Andover. Andover*. Arcadia Publishing, 2008

HALL, Timothy L.. *American Religious Leaders*. Infobase Publishing, 2003.

HALLORAN, Fiona Deans. *Thomas Nast: The Father of Modern Political Cartoons*. Univ of North Carolina Press, 2013.

HAMAND, Wendy F. "No Voice from England": Mrs. Stowe, Mr. Lincoln, and the British in the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 61, No. 1 (Mar., 1988).IN: <http://www.jstor.org/stable/365218>. Acesso em: 10/11/2010.

HAMAND, Wendy F. "No Voice from England": Mrs. Stowe, Mr. Lincoln, and the British in the Civil War. *The New England Quarterly*. Published by: The New

England Quarterly, Inc. Vol. 61, No. 1 (Mar., 1988).IN:
<http://www.jstor.org/stable/365218>. Acessado em: 10/11/2010.

HANSEN, Marcus. *Old fort Snelling 1819-1858*. Edição Kindle, 2012. [1918]

HARROLD, Stanley. *American abolitionists*. Harlow, England; New York: Longman, 2001.

HART, John S. *The Female Prose Writers of America*. Philadelphia: Published by E. H. Butler & CO. 1852. Disponível em:
[http://en.wikisource.org/wiki/The Female Prose Writers of America: With Portraits, Biographical Notices, and Specimens of their Writings](http://en.wikisource.org/wiki/The_Female_Prose_Writers_of_America:_With_Portraits,_Biographical_Notices,_and_Specimens_of_their_Writings). Acessado em: 20/04/2013.

HART, John S.. Maria J. McIntosh. *The female prose writers of America: with portraits, biographical notices, and specimens of their writings*. Philadelphia: Published by E. H. Butler & Co., 1852.

HEDRICK, Joan. Introduction. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe reader*. Ed. Oxford University Press, 1999.

HEDRICK, Joan. *Harriet Beecher Stowe: a life*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1994.

HOCHMAN, Barbara. *Uncle Tom's Cabin and the Reading Revolution: Race, Literacy, Childhood, and Fiction, 1851-1911*. Univ. of Massachusetts Press, 2011.

HORSMAN, Reginald. *Race and Manifest Destiny*. Harvard University Press , 1981

HOVET, Theodore R.. Christian Revolution: Harriet Beecher Stowe's Response to Slavery and the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 47, No. 4 (Dec., 1974), IN:
<http://www.jstor.org/stable/364449>. Acessado em: 03/02/2011.

HRUSCHKA, John. *How Books Came to America: The Rise of the American Book Trade*. Penn State Press, 2012.

IZECKSOHN, Vitor. Escravidão, federalismo e democracia: a luta pelo controle do Estado. In: *Topoi*. Rio de Janeiro, 2003.

KELLER, Kristin Thoennes. *Malcolm X: Force for Change*. Capstone , 2005.

KERBER, Linda. The republican Mother: women and the Enlightenment-An American Perspective. In: *American Quaterly*, vol. 28, pp. 187-205, 1976.

KLEINBERG, S. J.. *Women in the United States, 1830-1945*. Ed. Rutgers University Press, 1999.

KNETSCH, Joe. *Florida's Seminole Wars, 1817-1858*. Arcadia Publishing, 2003.

- MAHON, John. *History of the Second Seminole War, 1835-1842*. University Presses of Florida, University of Florida Press, 1991
- KOPP, Laura Elizabeth. *Teaching the Confederacy: Textbooks in the Civil War South*. ProQuest, 2009.
- LAURI, Bruce. Labor and Labor Organization. In: CASPER, Scott E. (ed.). *The Industrial Book, 1840-1880*. Univ. of North Carolina Press, 2007.
- LE BEAUS, Bryan F. Review: She told the story, and the whole Word wept. In: *American Quarterly*. Published by: The Johns Hopkins University Press. Vol. 38, No. 4, 1986. Acessado em: 03/02/2011.
- LEBEDUN, Jean. Harriet Beecher Stowe's Interest in Sojourner Truth, Black Feminist. In: *American Literature*. Published by: Duke University Press. Vol. 46, No. 3 (Nov., 1974), pp. 359-363. IN: <http://www.jstor.org/stable/2924416>. Acessado em: 10/11/2010.
- LEHMAN, Christopher P.. Hoteliers and Local Slaveholders. In: *Slavery in the Upper Mississippi Valley, 1787-1865: A History of Human Bondage in Illinois, Iowa, Minnesota and Wisconsin*. McFarland, 2011.
- LERNER, Gerda. The Grimke Sisters and the Struggle Against Race Prejudice. In: *The Journal of Negro History*, Vol. 48, No. 4 (Oct., 1963), pp. 277-291. Published by: Association for the Study of African American Life and History, Inc. IN: <http://www.jstor.org/stable/2716330>. Acessado em: 26/02/2014
- LEVINE, Robert. Introduction. In: STOWE, Harriet Beecher. *Dred: A Tale of the Great Dismal Swamp*. Univ. of North Carolina Press, 2009
- MACHOR, James L. *Reading Fiction in Antebellum America: Informed Response and Reception Histories, 1820-1865*. JHU Press, 2011.
- MALHEIROS, José Victor. O livro que levou ao fim da escravatura americana, de Harriet Beecher Stowe. In: *Colecção Geração: Livros que ajudam a crescer*. 2005. IN: <http://static.publico.clix.pt/sites/colecaojuvenil/livros/33.cabanapaitomas/texto3.htm>. Acessado em: 30-04-2010.
- MARQUESE, Rafael. *Feitores do corpo, Missionários da Mente: Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660- 1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MATTOSO, Kátia. A miragem da liberdade. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- MEER, Sarah. Copycat Critics: the Anti-Tom Novel and the Fugitive Slave. In: *Uncle Tom Mania: Slavery, minstrelsy & Transatlantic Culture in the 1850's*. University of Georgia Press, 2005.
- MITCHELL, Thomas G.. *Antislavery Politics in Antebellum and Civil War America*. Greenwood Publishing Group, 2007.

- MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público leitor: Ensaios sobre História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MOORE, Robert Laurence. *Selling God: American Religion in the Marketplace of Culture*. Oxford University Press, 1995.
- MORGAN, Jo-Ann. *Mamy the Huckster: selling the old south for the new century*. American Art, Vol. 9, No. 1.. Published by: The University of Chicago Press on behalf of the Smithsonian American Art Museum Stable, 1995. In: <http://www.jstor.org/stable/3109197>. Acesso em: 10/11/2010.
- MOUNTJOY, Shane. *Manifest Destiny: Westward Expansion*. Infobase Publishing, 2009.
- NOUGUÉ, Carlos & SÁNCHEZ, José Luis. Nota dos tradutores. In: CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha*. São Paulo: Abril, 2010.
- OATES, Stephen B.. *The Fires of Jubilee: Nat Turner's Fierce Rebellion*. Harper Collins , 2009.
- PALMQUIST, Peter E.. *Pioneer Photographers from the Mississippi to the Continental Divide: A Biographical Dictionary, 1839-1865*. Stanford University Press, 2005.
- PARFAIT, Claire. *The Publishing history of Uncle Tom's Cabin: 1852-2002*. Ashgate Publishing limited, 2007.
- PATTERSON, Orlando. *Escravidão como processo institucional. Escravidão e morte social*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- PERRY Carolyn; WEAKS, Mary Louise & WEAKS-BAXTER, Mary (editores). *The history of southern women's literature*. LSU Press, 2002.
- PIERSON, Michael D.. *Free Hearts and Free Homes: Gender and American Antislavery Politics*. Univ of North Carolina Press, 2003.
- PORTNOY, Alisse. *Their Right to Speak: Women's Activism in the Indian and Slave Debates*. Harvard University Press. Cambridge, London, 2005.
- RAABE, Wesley Neil. *Harriet Beecher Stowe's Uncle Tom's Cabin: an electronic edition of the National Era Version*. Dissertation presented for the Degree of Doctor of Philosophy. (Department of English). University of Virginia, 2006.
- RANCIÈRE , Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- RANGEL, Marcelo. *Poesia, história e economia política nos Suspiros Poéticos e Saudades e na Revista Niterói: Os primeiros Românticos e a civilização do Império do Brasil*. Tese de doutorado. Centro de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2011.

RIPLEY, C. Peter (ed.); FINKENBINE, Roy E. (ed. Associado); HEMBREE, Michael F. (Ed. Assistente); YACOVONE, Donald (Ed. Assistente). *The Black abolitionist papers: The United States, 1830–1846*, vol III. The University of North Carolina Press, Chapel Hill and London, 1991.

RODRIGUEZ, Junius P. (ed.). Education. In: *Slavery in the United States: a social, political and Historical encyclopedia*. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data, 2007.

ROPPOLO, Joseph. Harriet Beecher Stowe and New Orleans: A study in hate. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 30, No. 3 (Sep., 1957), pp. 346-362. IN: <http://www.jstor.org/stable/362991>. Acessado em: 10/11/2010.

ROWLAND, R. Práticas de nomeação em Portugal durante a Época Moderna: ensaio de aproximação. *Etnográfica*, maio 2008.

SCHMIDT, Alvin J.. *How Christianity Changed the World*. Zondervan, 2009.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: editora UNESP, 2011.

SELLERS, Charles. MAY, Henry. McMILLEN, Neil. *Uma Reavaliação da história dos Estados Unidos: De Colônia a Potência Imperial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

SIZER, Lyde Cullen. *The Political Work of Northern Women Writers and the Civil War, 1850-1872*. Univ of North Carolina Press, 2000.

SONNEBORN, Liz_. *Harriet Beecher Stowe*. New York: Infobase Publishing, 2009.

STROHM, Robert F. JW Randolph. In: BRYSON William Hamilton. *Virginia Law Books: Essays and Bibliographies*, Volume 239. American Philosophical Society, 2000.

The Encyclopedia of the Novel. John Wiley & Sons, 2011.

The New American Encyclopaedia: A Popular Dictionary of General Knowledge. Vol 2. D. Appleton, 1865.

THOMPSON JUNIOR, J. Earl. Lyman Beecher's Long Road to Conservative Abolitionism. In: *Church History*, Vol. 42, No. 1 (Mar., 1973), pp. 89-109. Published by: Cambridge University Press on behalf of the American Society of Church History. IN: <http://www.jstor.org/stable/3165048>. Acesso em: 03/09/2013.

TOMICICH, Dale. A segunda escravidão. In: *Pelo Prisma da Escravidão. Trabalho, capital e economia mundial*. São Paulo: Edusp, 2004.

VENET, Wendy Hamand. *Neither Ballots Nor Bullets: Women Abolitionists and the Civil War*. University of Virginia Press, 1991.

WAIT, Eugene M.. Opposition to Jackson. In: *The Second Jackson Administration*. Nova Publishers, 2002.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

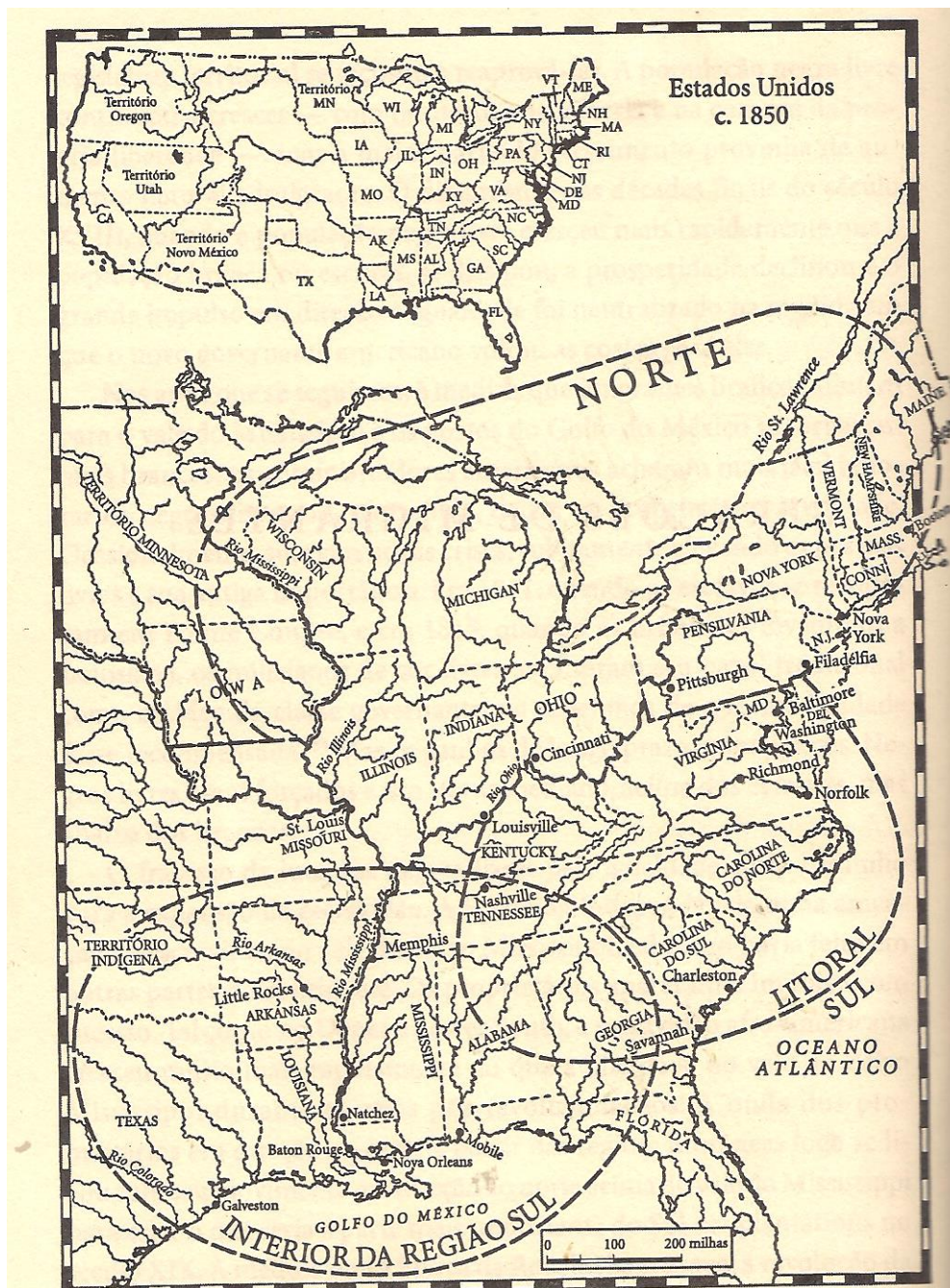
WILLIAMS, Susan S.. Publishing an Emergent “American Literature”. In: CASPER, Scott E.; CHAISON, Joanne; GROVES, D., Jeffrey D. (ed.) *Perspectives on American Book History: Artifacts and Commentary*. Univ. of Massachusetts Press, 2002.

WINSHIP, Michael. *Uncle Tom's Cabin: History of the Book in the 19th-Century United States*. 2007. In: <http://utc.iath.virginia.edu/interpret/exhibits/winship/winship.html>. Acesso em: 10-10-2013.

YAREMA, Allan E.. Preface and Acknowledgements. In: *American Colonization Society: An Avenue to Freedom?* University Press of America, 2006.

ANEXO 1

Mapa dos Estados Unidos (1850)



Fonte: BERLIN, Ira. *Gerações de cativo: Uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 190.

ANEXO 2

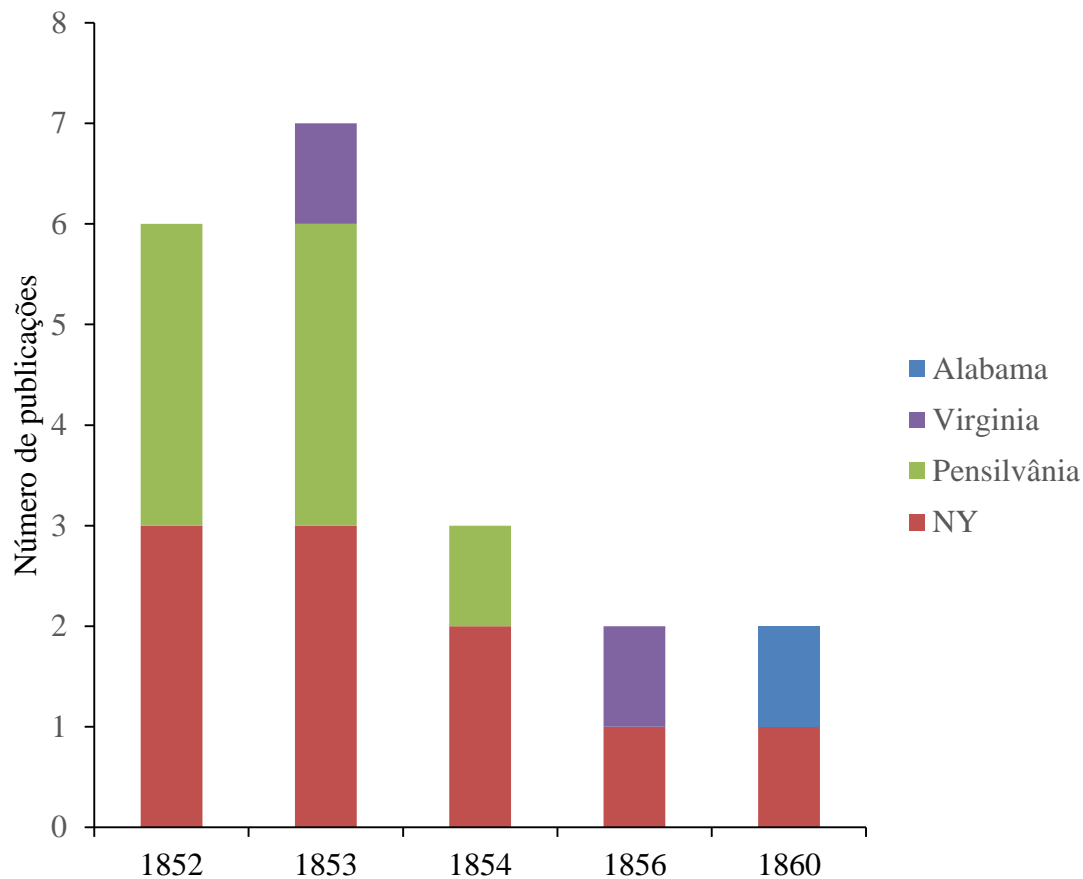
Romances anti-tom's

Ano	Título	Autor	Estado	Cidade	Editora
1852	"Uncle Tom's Cabin" Contrasted With Buckingham Hall, The Planter's Home	Robert Criswell	NY	Nova York	D. Fanshaw
1852	Uncle Tom's Cabin As It Is (full title Life at the South; or, "Uncle Tom's Cabin" As It Is)	W. L. G. Smith	NY	Buffalo	Geo. H. Derby and Co.
1852	The North and the South; or, Slavery and Its Contrasts	Caroline E. Rush	Pensilvânia	Filadélfia	Crissy & Markley,
1852	The Cabin and Parlor; or, Slaves and Masters	J. Thornton Randolph	Pensilvânia	Filadélfia	T. B. Peterson
1852	1. Frank Freeman's Barber Shop: A Tale	Rev. Baynard R. Hall	NY	Nova York	Charles Scribner
1852	Aunt Phillis's Cabin	Mary Henderson Eastman	Pensilvânia	Filadélfia	Lippincott, Grambo & Co
1853	Uncle Robin in His Cabin in Virginia, and Tom Without One in Boston	J. W. Page	Virgínia	Richmond	J. W. Randolph
1853	The Sword and the Distaff	William Gilmore Simms	Pensilvânia	Filadélfia	Lippincott, Grambo & Co
1853	The Lofty and the Lowly; or, Good in All and None All-Good	Maria J. McIntosh	NY	Nova York	D. Appleton & Co.
1853	Mr. Frank, The Underground Mail-Agent b	Vidi	Pensilvânia	Filadélfia	Lippincott, Grambo & Co
1853	Little Eva: The Flower of the South		NY	Nova York	Phil. J. Cozans
1853	Liberia; or, Mr. Peyton's Experiments	Sarah Josepha Hale	NY	Nova York	Harper & Brothers
1853	Antifanaticism: A Tale of the South	Martha Haines Butt	Pensilvânia	Filadélfia	Lippincott, Grambo & Co
1854	The Planter's Northern Bride	Caroline Lee Hentz	Pensilvânia	Filadélfia	T. D. Peterson
1854	The Master's House; A Tale of Southern Life	Logan (Thomas Bangs Thorpe)	NY	Nova York	T. L. McElrath
1854	English Serfdom and American Slavery; or, Ourselves as Others See Us	Lucien B. Chase	NY	Nova York	H. Long. & Brother

1856	White Acre vs. Black Acre	n/ consta	Virgínia	Richmond	J. W. Randolph
1856	Tit For Tat	n/consta	NY	Nova York	Garret & Co
1860	The Ebony Idol	Mrs. G. M. Flanders	NY	Nova York	D. Appleton & Company
1860	The Black Gauntlet: A Tale of Plantation Life in South Carolina	Mrs henry R. Schoolcraft	Pensilvânia	Filadélfia	J. B. Lippincott & Co.
1860	Ellen; or The Fanatic's Daughter	V. G. Cowdin	Alabama	Mobile	S. H. Goetzel & Company

ANEXO 3

Gráfico 1



Neste gráfico podemos perceber que Nova York foi o estado que publicou maior número de romances *anti-tom's* e também conseguiu manter sua produção ao longo dos anos. Seguido pela Pensilvânia que publicou somente em 1852, 1853 e 1854.

ⁱ [...] new plantations are every day established in the great south-west [...]. And this vast slave area, it is hoped, will continue still to increase—embracing not only all Texas, but also all of New Mexico, the immense territory of Utah, together with the southern half of the present free state of California. Nor is it at all unlikely that much, if not all, of the republic of Mexico, where slavery is now absurdly prohibited, —also all the other southern countries of North America, together with Cuba, and the other West India Islands,—will, at no distant day, be annexed to our glorious republic; such annexation having as its grand and sublime purpose the propagation and perpetuation of that felicitous institution [...]

ⁱⁱ has been a collection and arrangement of real incidents, of actions really performed, of words and expressions really uttered, grouped together with reference to a general result, in the same manner that the mosaic artist groups his fragments of various stones into one general picture. His is a mosaic of gems—this is a mosaic of facts.

ⁱⁱⁱ We believe slavery to be a sin – always, every where, and only, sin – sin, in itself, [...] sin, in the nature of the act which creates it, and in the elements which constitute it [...].

^{iv} No original: “to themselves, to the suffering slave, to the slaveholder, to the church, to their country, and to the world at large, and, above all to their God”.

^v A man is a *man*, and *as* a man he has *inalienable* rights, among which is the right to personal *liberty*. Now if every man has an *inalienable* right to personal liberty, it follows, that he cannot rightfully be reduced to slavery. But I find in these United States, 2,250,000 men, women and children, robbed of that to which they have an *inalienable* right.

^{vi} Our principle is, that *no circumstances can ever justify a man in holding his fellow man as property*; it matters not what *motive* he may give for such a monstrous violation of the laws of God. The claim to him as *property* is an annihilation of his right to himself, which is the foundation upon which all his other rights are built.

^{vii} I have ever written, embracing a series of sketches which give the lights and shadows of the “patriarchal institution”, written either from observation, incidents, which have occurred in the sphere of my personal knowledge, or in the knowledge of my friends. I shall show the *best side* of the thing, and something *faintly approaching the worst*.

^{viii} “What I fear is that it will take from poor Uncle Tom his bible & give him nothing in its place.”

^{ix} “The reason of its full-grown popularity at its birth is, that the book was brought to the notice of from fifteen to twenty thousand people every week through the columns of the journal, and thus had actually received, and without any expense, more advertising before it was printed, than any book ever receives when published in the ordinary way. This fortunate circumstance has created a market in the United States for anything this lady may write, [...]”.

^x I offered to pay ten per cent on the retail price of every copy sold by me, the book to appear in two volumes at \$1.50 for the two.

^{xi} “I was a little fellow then [...]. I was found in the cabins and among the field-hands [...] all sorts of complaints and grievances [...]; and I told them to mother, and we, between us, formed a sort of committee for a redress of grievances. We hindered and repressed a great deal of cruelty, and congratulated ourselves on doing a vast deal of good [...].

^{xii} “I think you slaveholders have an awful responsibility upon you,” [...]”You ought to educate your slaves, and treat them like reasonable creatures,—like immortal creatures [...]

^{xiii} [...] after all you say about training, children will grow up substantially what they are by nature, and only that. From the cradle, Alfred was an aristocrat; and as he grew up, instinctively, all his sympathies and all his reasonings were in that line, and all mother's exhortations went to the winds. As to me, they sunk deep into me.

^{xiv} What poor, mean trash this whole business of human virtue is! A mere matter, for the most part, of latitude and longitude, and geographical position, acting with natural tem-

perament. The greater part is nothing but an accident! Your father, for example, [...] is [...] a duplicate of my father.

[...] One fell into a condition where everything acted against the natural tendency, and the other where everything acted for it; [...]. If both had owned plantations in Louisiana, they would have been as like as two old bullets cast in the same mould.

^{xv} These two colored men were the two principal hands on the plantation. Legree had trained them in savageness and brutality as systematically as he had his bull-dogs; and, by long practice in hardness and cruelty, [...]. It is a common remark, [...] that the negro overseer is always more tyrannical and cruel than the white one. This is simply saying that the negro mind has been more crushed and debased than the white.

^{xvi} "This is God's curse on slavery! [...] a curse to the master and a curse to the slave! I was a fool to think I could make anything good out of such a deadly evil. It is a sin to hold a slave under laws like ours, [...] I thought so still more after I joined the church; [...] I thought, by kindness, and care, and instruction, I could make the condition of mine better than freedom — fool that I was!"

^{xvii} We believe slavery to be a sin — always, every where, and only, sin — sin in itself, [...]sin, in the nature of the act which creates it, and in the elements which constitute it, sin, because converts persons into things, makes men property, God's image merchandize [...]

^{xviii} "Ministers can't help the evil, perhaps, — can't cure it, any more than we can, — but defend it! — it always went against my common sense. [...]"

^{xix} [...] to *put them down*, and keep them down. It was always natural to me, from a child. [...]. I hold to being *kind* to servants -- I always am; but you must make 'em *know their place*. [...]."

^{xx} "Well, I mean all my views about society, and such things," said Marie. "The text was, 'He hath made everything beautiful in its season; and he showed how all the orders and distinctions in society came from God; and that it was so appropriate, you know, and beautiful, that some should be high and some low, and that some were born to rule and some to serve, and all that, you know; and he applied it so well to all this ridiculous fuss that is made about slavery, and he proved distinctly that the Bible was on our side, and supported all our institutions so convincingly. I only wish you'd heard him.'"

^{xxi} "Don't you believe that the Lord made them of one blood with us?" said Miss Ophelia, shortly.

"No, indeed not I! A pretty story, truly! They are a degraded race."

"Don't you think they've got immortal souls?" said Miss Ophelia, with increasing indignation.

"O, well," said Marie, yawning, "that, of course -- nobody doubts that. But as to putting them on any sort of equality with us, you know, as if we could be compared, why, it's impossible!"

^{xxii} THIS country is the most degraded and uncivilized of any of the four quarters of the globe.

There are no republican governments here. There are no countries possessed of the Bible. What I told you about the countries where the Bible is unknown, is true of all these. Vice and cruelty, and ignorance and laziness are in all these lands.

^{xxiii} "I wouldn't hear to Missis' givin lessons nor nothin. Mas'r's quite right in dat ar [...]. I hope none our family ever be brought to dat ar, while I 's got hands."

^{xxiv} "fed you, clothed you, indulged you, and taught you, so that you have a good education; that is some reason why they should claim you."

^{xxv} "Don't you know a slave can't be married? There is no law in this country for that; I can't hold you for my wife, if he chooses to part us. [...]."

^{xxvi} Planters, who have money to make by it, — clergymen, who have planters to please,— politicians, who want to rule by it, — may warp and bend language and ethics to a degree that shall astonish the world at their ingenuity; they can press nature and the

Bible, and nobody knows what else, into the service; but, after all, neither they nor the world believe in it one particle the more. [...]"

^{xxvii} So long as the law considers all these human beings, with beating hearts and living affections, only as so many *things* belonging to a master, -- so long as the failure, or misfortune, or imprudence, or death of the kindest owner, may cause them any day to exchange a life of kind protection and indulgence for one of hopeless misery and toil, -- so long it is impossible to make anything beautiful or desirable in the best regulated administration of slavery.

^{xxviii} I must feed the hungry, clothe the naked, and comfort the desolate; and that Bible I mean to follow.

^{xxix} A day of grace is yet held out to us. Both North and South have been guilty before God; and the *Christian church* has a heavy account to answer. Not by combining together, to protect injustice and cruelty, and making a common capital of sin, is this Union to be saved,—but by repentance, justice and mercy; for, not surer [...] that stronger law, by which injustice and cruelty shall bring on nations the wrath of Almighty God!

^{xxx} "Don't you know a slave can't be married? There is no law in this country for that; I can't hold you for my wife, if he chooses to part us.

^{xxxi} Whoever visits some estates there, and witnesses the good-humored indulgence of some masters and mistresses, and the affectionate loyalty of some slaves, might be tempted to dream the oft-fabled poetic legend of a patriarchal institution, and all that; but over and above the scene there broods a portentous shadow—the shadow of law.

^{xxxii} What [...] is freedom to George Harris? [...] To him, it is the right of a man to be a man, and not a brute; the right to call the wife of his bosom his wife, and to protect her from lawless violence; the right to protect and educate his child; the right to have a home of his own, a religion of his own, a character of his own, unsubject to the will of another. [...]

^{xxxiii} [...] "there'll be no need for you to leave me. The place wants as many hands to work it as it did before. We need the same about the house that we did before. But, you are now free men and free women. I shall pay you wages for your work, such as we shall agree on. The advantage is, that in case of my getting in debt, or dying, -- things that might happen, -- you cannot now be taken up and sold. I expect [...] to teach you [...] how to use the rights I give you as free men and women [...]"

^{xxxiv} Scenes of blood and cruelty are shocking to our ear and heart. What man has nerve to do, man has not nerve to hear. What brother-man and brother-Christian must suffer, cannot be told us, even in our secret chamber, it so harrows the soul! And yet, oh my country! these things are done under the shadow of thy laws! O, Christ! thy church sees them, almost in silence!

^{xxxv} [...] As a Christian patriot, as a teacher of Christianity, I go to *my country*, -- my chosen, my glorious Africa! [...] I go to *Liberia*, [...] I expect to work [...] *hard*; to work against all sorts of difficulties and discouragements; and to work till I die. This is what I go for; and in this I am quite sure I shall not be disappointed.

^{xxxvi} Not in Hayti; for in Hayti they had nothing to start with. A stream cannot rise above its fountain. The race that formed the character of the Haytiens was a worn-out, effeminate one; and, of course, the subject race will be centuries in rising to anything. Referênciâ.

^{xxxvii} If ever Africa shall show an elevated and cultivated race, -- and come it must, some time, her turn to figure in the great drama of human improvement. -- life will awake there with a gorgeousness and splendor of which our cold western tribes faintly have conceived. In that far-off mystic land of gold, and gems, and spices, and waving palms, and wondrous flowers, and miraculous fertility, will awake new forms of art, new styles of splendor; and the negro race, no longer despised and trodden down, will, perhaps, show forth some of the latest and most magnificent revelations of human life. Certainly they will, in their gentleness, their lowly docility of heart, their aptitude to repose on a superior mind and rest on a higher power, their childlike simplicity of affection, and facility of

forgiveness. In all these they will exhibit the highest form of the peculiarly *Christian life*, and, perhaps, as God chasteneth whom he loveth, he hath chosen poor Africa in the furnace of affliction, to make her the highest and noblest in that kingdom which he will set up, when every other kingdom has been tried, and failed; for the first shall be last, and the last first.

^{xxxviii} I confess, I am feeble for this, - [...] but I have an eloquent preacher of the Gospel ever by my side, in the person of my beautiful wife. When I wander, her gentler spirit ever restores me, and keeps before my eyes the Christian calling and mission of our race.

^{xxxix} that stronger law, by which injustice and cruelty shall bring on nations the wrath of Almighty God!.

^{xl} The separate incidents that compose the narrative are, to a very great extent, authentic, occurring, many of them, either under her own observation, or that of her personal friends. [...] and many of the sayings are word for word as heard herself, or reported to her.

^{xli} more, perhaps, than any other work of fiction that ever was written, has been a collection and arrangement of real incidents, of actions really performed, of words and expressions really uttered, grouped together with reference to a general result, in the same manner that the mosaic artist groups his fragments of various stones into one general picture. His is a mosaic of gems -- this is a mosaic of facts.

^{xlii} To fill up Liberia with an ignorant, inexperienced, half-barbarized race, just escaped from the chains of slavery, would be only to prolong, for ages, the period of struggle and conflict which attends the inception of new enterprises. Let the church of the north receive these poor sufferers in the spirit of Christ; receive them to the educating advantages of Christian republican society and schools, until they have attained to somewhat of a moral and intellectual maturity, and then assist them in their passage to those shores, where they may put in practice the lessons they have learned in America.

^{xliii} "In fictitious writing, it is possible to find refuge from the hard and the terrible, by inventing scenes and characters of a more pleasing nature."

^{xliv} [...] dear children who have followed [...], you will soon be men and women, and I hope that you will learn from this story always to remember and pity the poor and oppressed. When you grow up, show your pity by doing all you can for them. Never, if you can help it, let a colored child be shut out from school or treated with neglect and contempt on account of his color. Remember the sweet example of little Eva, and try to feel the same regard for all that she did. Then, when you grow up, I hope the foolish and unchristian prejudice against people merely on account of their complexion will be done away with.

^{xlv} It is deplorable [...] that a woman should be the principal agent in this labor of mischief. We know nothing of Mrs. Harriet Beecher Stowe except from her book; but there is enough in that to give her an odious notoriety. [...] She has degraded to her unseemly and mischievous labors powers which might have been usefully and gracefully devoted to delicate and womanly compositions [...] she dipped her pen in the bitterest gall of malevolence, and has written one of the most abominable libels which the age has produced, full of all manner of calumnies [...]. Such a desecration of woman's nature is a sorry and a rare sight, even in this age of feminine aspirations to rivalry with man [...].

^{xlvi} They have interdicted my book in [most] many of the southern [store] book stores & why? Because they saw it touched the conscience - Three cases have come to my knowledge where it caused the immediate emancipation of slaves - this is the reason why it is forbidden - why there is no end to the bitter abuse of it. Many hate me, [poor souls,] ignorantly, who if they only were permitted quietly & dispassionately to read would perfectly agree with me, & many think as I do, & secretly patronise the book who dare not say so.

^{xlvii} Stowe could scarcely believe that the English people, who had welcomed her so graciously in their country and who had sent her an antislavery petition signed by more than half a million women, could now side with the South. "We are sending

our very heart's blood out of our homes... to do battle against this slaveholding Babylon," she wrote in the Independent. "Where are the voices of our former friends in England?"

^{xlviii} It was after an act of a child dishonoring an aged father, that the prophecy entailing slavery as a curse on a portion of the human race was uttered.

^{xlix} God has permitted slavery to exist in every age and in almost every nation of the earth.

¹ This primitive, radical inauguration of strength over weakness, has continued from that day to this, and will continue as long as this world lasts, for God had willed it so. Infinite wisdom;—not our impertinent speculations, governs the universe, and determines what is Right and Wrong per se. Our whole duty then is to bow to His revelation.

^{li} "Christ had come, had died, had ascended to heaven, and slavery still existed".

^{lii} 'And ye shall take them for an inheritance, for your children after you, to inherit them for a possession; they shall be your bondmen forever'.

^{liii} "He loves all who love him," said Miss Janet, "whether they are black or white. Be a good child, and he will surely love you. Be kind and obliging to everybody; be industrious and diligent in all you have to do; obey your mother and father, and your master. Be truthful and honest. God hates a liar, and a deceitful person. He will not take care of you and love you, unless you speak the truth. Sometimes you try to deceive me. God will not be your friend if you deceive any one(...)."

^{liv} If it be His will that men should be born free and equal, that will is not revealed in the Bible from the time of the patriarchs to the present day. [...] When the period of emancipation advances, other signs of the times will herald it [...].

^{lv} There she stood, her eyes fixed upon the sky, her soul engaged in solving this mysterious question. Her little hands hung listlessly by her side; there was no beauty in her face; the black skin, the projecting lips, the heavy features, designated her as belonging to a degraded race.

^{lvi} "He loves all who love him," said Miss Janet, "whether they are black or white. Be a good child, and he will surely love you. Be kind and obliging to everybody; be industrious and diligent in all you have to do; obey your mother and father, and your master. Be truthful and honest. God hates a liar, and a deceitful person. He will not take care of you and love you, unless you speak the truth. Sometimes you try to deceive me. God will not be your friend if you deceive any one. And now go to your mother, she will put you to bed."

^{lvii} Thou art a slave, Lydia; yet God has called thee to the freedom of the children that he loves; thou art black, yet will thy soul be washed white in the blood of the Lamb; thou art poor, yet shalt thou be made rich through Him [...].

^{lviii} In the North, slavery was useless; nay, more, it was a drawback to the prosperity of that section of the Union [...]. In other sections, gradually, our people have seen their condition would be more prosperous without slaves—they have emancipated them. In the South, they are necessary: though an evil, it is one that cannot be dispensed with; and here they have been retained, and will be retained, unless God should manifest his will (which never yet has been done) to the contrary.

^{lix} Knowing that the people of the South still have the views of their revolutionary forefathers, we see plainly that many of the North have rejected the opinions of theirs. [...] The whole nation sanctioned slavery by adopting the Constitution which provides for them, and for their restoration (when fugitive) to their owners. [...]

^{lx} I met one [free black] the other day, who had a most lamentable state of things to report. He had rheumatism, and a cough, and he spit blood, and he had no tobacco, and he was hungry, and he had the toothache. I gave him twenty-five cents as a sort of panacea, and advised him to travel South and get a good master. He took the money, but not the advice.

^{lxi} And if [...] the traveler should stop to inquire into the reason of this servitude, [...] he probably would not fail to discover, [...] an unexpected ligament existing between master and slave — one, indeed, most difficult to sever, even if the statutes of the Common-

wealth were annulled — namely, the strong cord of affection; [...], of the strands of uniform kindness and sincere attachment compactly and firmly twisted together.

^{lxii} "No, *sir*," said Arthur, "God's blessing is, and always has been on my father, who is a slaveholder; on his father, who was one; and on a good many more I could mention. In fact, I could bring forward quite a respectable list who have died in their beds, in spite of their egregious sin in this respect. There are Washington, Jefferson, Madison, Marshall, Calhoun, Henry Clay, and not a few others. In this case, the North, as has been said, says to her sister South, 'Stand aside, for I am holier than thou!' that is, you didn't need them, and got rid of them." (Idem, *ibidem*, p. 75 -76).

^{lxiii} How many cases of destitution, poverty, misery, and death, caused directly or indirectly, by the neglect, cruelty, and avarice of Northern capitalists, are daily occurring in our large cities! (Vidi, *Op. Cit.*, p. 130)

^{lxiv} "Did it ever occur to her [Stowe], that Northerners might go South, and buy a great many of these slaves, and manumit them?"

^{lxv} "Well, I am only a man, and cannot prophesy [...] and our planters are setting a number of theirs free, and sending them to Africa. I know a gentleman in Georgia who liberated a number, and gave them the means to start in Liberia as free agents and men. [...]. (Idem, *ibidem*, p. 78).

^{lxvi} We acknowledge with grief and shame our have share in this great sin. We acknowledge that our forefathers introduced nay compelled the adoption of slavery in those mighty colonies. We humbly confess it before Almighty God and it is because we so deeply feel and so unfeignedly avow our own complicity that we now venture to implore your aid to wipe away our common crime and our common dishonor.